

The background of the cover features a woman with long, flowing red hair and striking green eyes. She is wearing a dark, sleeveless, form-fitting dress with a wide, textured gold-colored band across the chest and a black belt at the waist. She is also wearing a black lace-up gauntlet on her right arm. The setting appears to be a misty, forested area with a large, fallen tree trunk in the foreground. The overall color palette is dark and moody, with green and brown tones dominating the background and the woman's hair providing a strong contrast.

NEW YORK TIMES BESTSELLING
AUTHOR OF *THE SIGHT*

CHLOE NEILL

A DEVIL'S
ISLE NOVEL

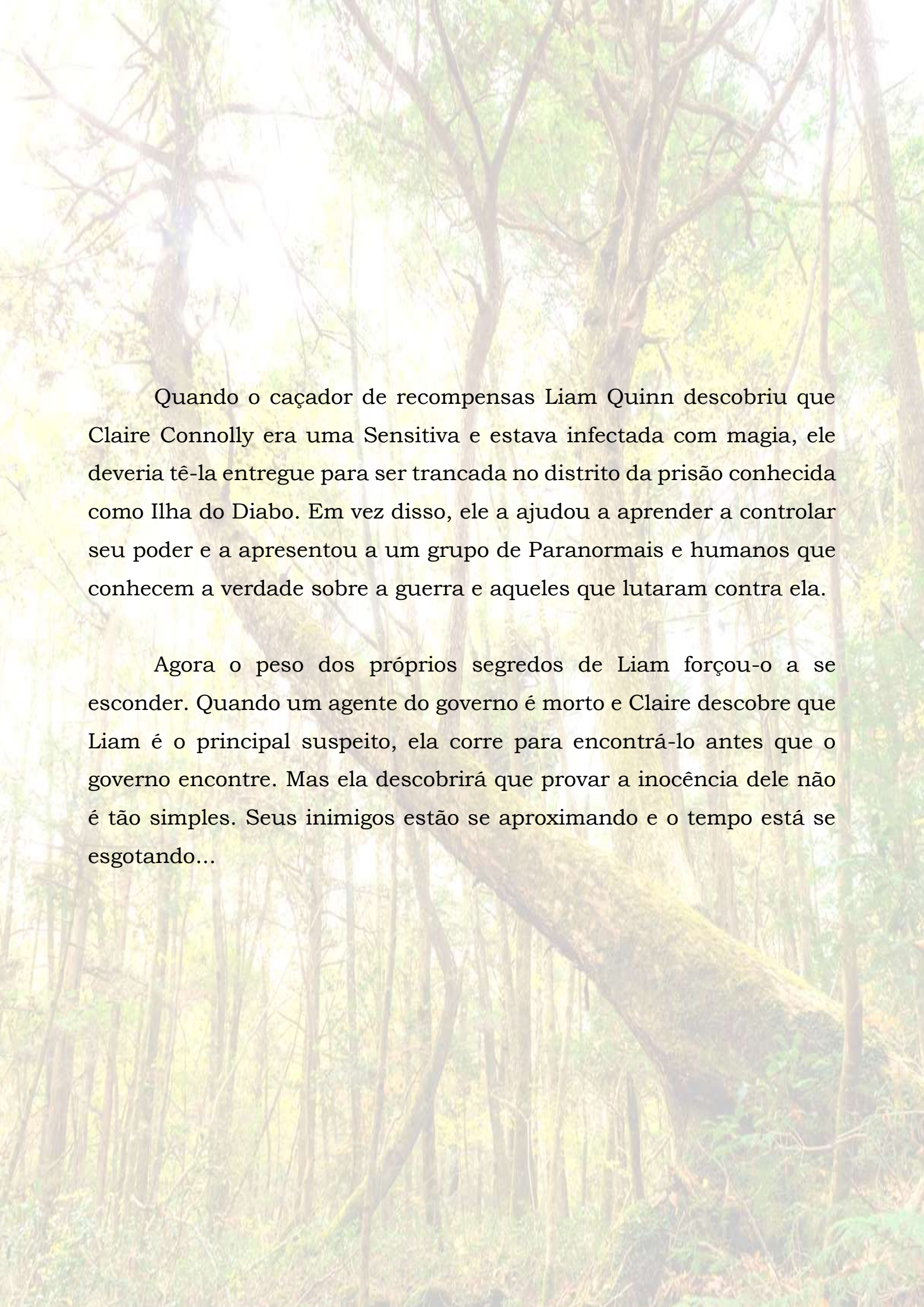
THE HUNT



THE HUNT

A DEVIL'S ISLE NOVEL

CHLOE NEILL



Quando o caçador de recompensas Liam Quinn descobriu que Claire Connolly era uma Sensitiva e estava infectada com magia, ele deveria tê-la entregue para ser trancada no distrito da prisão conhecida como Ilha do Diabo. Em vez disso, ele a ajudou a aprender a controlar seu poder e a apresentou a um grupo de Paranormais e humanos que conhecem a verdade sobre a guerra e aqueles que lutaram contra ela.

Agora o peso dos próprios segredos de Liam forçou-o a se esconder. Quando um agente do governo é morto e Claire descobre que Liam é o principal suspeito, ela corre para encontrá-lo antes que o governo encontre. Mas ela descobrirá que provar a inocência dele não é tão simples. Seus inimigos estão se aproximando e o tempo está se esgotando...



Capítulo 01

Início de janeiro

Nova Orleans

Antigamente era vez uma cozinha adorável, com madeira clara e granito, uma bonita vista de um jardim de pátio, e uma geladeira enorme ainda pontilhada com fotografias do que parecia ser uma família grande e feliz. Pai, mãe, filha, filhos e um enorme cachorro preto, grande o suficiente para as crianças andarem em cima dele.

Mas eles estavam muito longe agora, removidos como quase todo mundo em Nova Orleans quando Paranormais inundaram nosso mundo, deixando a maior parte da nossa cidade e grande parte do Sul em ruínas.

Eu estava procurando pelo que eles deixaram para trás, procurando por um diamante bruto.

— *Há uma casa em Nova Orleans...*

Estremeci com o grasnar gutural que ecoou do outro lado da cozinha. — Como um sapo sendo estrangulado — murmurei.

— *Eles chamam o Sol Nascente!*

Eu me inclinei em torno da porta do armário. — Moses!

Dentro da despensa, algo caiu, rolou. — O quê? Estou trabalhando aqui.

— O canto.

Uma cabeça, pequena e pálida, com brilhantes chifres pretos e irritantes olhos verdes, espiou pela porta da despensa. — E o que sobre isso?

— Não é bom.

Ele bufou, a dúvida escrita em seu rosto. — Diz você.

— Sim, eu digo.

Moses saiu da despensa, um metro de atitude Paranormal. E, pelas cinco semanas que estivemos nos escondendo por Nova Orleans, meu melhor amigo.

— Alguém pode ouvir você — lembrei a ele.

Ele resmungou uma maldição, atravessou a cozinha sombria em minha direção. Ele segurava uma lata de prata inchada, suas costuras explodindo de idade, calor e podridão. Pelo tamanho, imaginei que era um atum. Atum muito velho.

— Jackpot — disse Moses.

— Você não vai comer isso — disse eu. — Está estragado.

— Não seja tão trivial. — Ele cheirou o metal, fechou os olhos em prazer óbvio. — Mais sabor desta forma. — Ele o estendeu. — Quer dar uma fungada?

Meu estômago revirou. — Não posso. Provavelmente me mataria.

Ele acenou afastando a preocupação. — Fiz isso várias vezes. Talvez eu apenas tenha uma constituição mais forte do que você, Claire.

— Hmm — disse eu sem compromisso. Era melhor evitar ir muito longe naquele buraco de coelho.

Moses deveria estar trancado na Ilha do Diabo, a prisão de Paras e qualquer outra pessoa tocada pela magia. Alguns Paras invadiram o nosso mundo por conta própria; outros, como Moses, foram forçados a lutar por recrutamento mágico. Infelizmente, o Comando Paranormal Combatente, a agência federal encarregada dos Paras, não se importava muito com esse detalhe.

Eu era uma Sensitiva, um humano afetado pela magia que se infiltrava do Outro mundo. Essa magia me deu telecinese, mas a um custo: muita magia destruiria minha mente e meu corpo. Manter esse equilíbrio era um truque que eu estava tentando dominar.

Mantive meu poder em segredo até que um culto chamado Reveillon – pessoas que acreditavam que qualquer forma de magia, os Paranormais remanescentes da cidade, deveria ser erradicada – havia atacado a Ilha do Diabo. Precisei usar minha magia para derrubar o fundador de Reveillon. O PCC agora me considerava sua inimiga – e não pegou a ironia.

Havia sinais de que o PCC poderia cair em si, reconhecer que a magia não era tão ruim e nem todos os Paranormais eram nossos inimigos de propósito. Ele autorizara uma licença temporária para alguns paranormais que lutaram na Batalha da Ilha do Diabo.

Sensitivos como eu não receberam a mesma consideração. Não éramos Paras e nem humanos. Nós éramos diferentes. Paras não podiam se transformar em espectros – os pálidos e esqueléticos monstros em que os Sensitivos se transformavam caso não conseguissem controlar a magia, equilibrar aquele poder inebriante. Se não fôssemos cuidadosos, a magia nos corromperia, nos transformaria em seres imprevisíveis, obcecados em absorver mais e mais poder.

Então, apesar dos meus esforços na batalha, não haveria liberdade para mim. Eu era muito imprevisível, muito perigosa, muito indigna de confiança.

Moses, tendo já escapado da Ilha do Diabo e entrado novamente durante a batalha, não precisou de um passe. Ele já estava no time.

Nós tentamos jogar o jogo, ajudando a Contenção, a unidade do PCC responsável pela Ilha do Diabo, a rastrear Reveillon e lutar do lado deles. E com exceção dos poucos passes simbólicos, nada havia mudado.

Então, estávamos nos esgueirando por Nova Orleans, tentando evitar a Contenção. E como eles estavam nos tratando como criminosos, achamos que poderíamos agir como criminosos. Decidimos que nosso trabalho era desafiar o PCC e sua recusa em reconhecer a verdade sobre a magia, sobre Paranormais, sobre sensitivos.

Juntamente com os outros membros da nossa equipe, que chamamos de Delta, estávamos cobrindo os cartazes anti-magia de Reveillon com nossas próprias mensagens, usando contatos fora da zona para reunir o resto do mundo ao nosso lado e juntar suprimentos para a clínica da Ilha do Diabo.

A instalação – e os espectros lá guardados – não constava na lista de prioridades da Contenção. Os ataques de Reveillon colocaram um grande obstáculo na cadeia de fornecimentos da PCC, por isso, mesmo que a clínica estivesse nessa lista, os itens básicos estavam ficando cada vez mais difíceis de encontrar. Estávamos nesta casa para pegar o que pudéssemos para entregar a Lizzie, que administrava a clínica.

Moses caminhou em direção à ilha da cozinha com o andar ligeiramente para o lado, depois colocou um saco de latas igualmente inchadas na bancada de granito e acrescentou seu mais novo achado. — Você encontrou alguma coisa?

Levei um momento para me reorientar. Fechei o armário, levantei uma caixa de sal e um saco de chá. — A caixa de sal está quase cheia, e os saquinhos de chá ainda cheiram quase como chá.

— Não é pouca coisa, dado que eles estavam fervendo em calor e umidade.

— Ainda assim — disse eu —, pensava que houvesse mais aqui.

— É uma boa casa — disse ele, olhando ao redor da sala. — Teria sido uma das primeiras a serem saqueadas depois da guerra... Ou durante a batalha.

— Sim — disse eu.

Reveillon saqueara a Ilha do Diabo – e todos os bairros pelos quais os membros passaram pelo caminho. Eles foram como um furacão vasculhando Nova Orleans. Não era a primeira tempestade que a Big Easy¹ enfrentara. Mas com o tempo, o inferno e a água alta cobraram seu preço.

Os membros do Reveillon feriram a cidade e aqueles que moravam aqui – e alguns, incluindo Liam Quinn, não moravam mais aqui. O caçador de recompensas por quem eu me apaixonei foi atingido pela magia e deixou Nova Orleans para lutar contra seus demônios resultantes.

Eu não tinha notícias dele desde então.

Eu sabia que Liam estava com sua avó Eleanor no que Malachi chamava de *Southern reach*, os rios pantanosos e pântanos do sul da Louisiana, onde pequenas comunidades de Paras tentavam ficar longe da mira da Contenção – e da Ilha do Diabo.

Malachi, outro dos meus amigos Paranormais, nos disse isso quando voltou após levar Liam até Eleanor.

Mas isso era tudo que eu sabia sobre a localização de Liam ou os efeitos do golpe mágico que ele levou. Foi motivo de orgulho que eu não tenha pedido mais detalhes a Malachi das atualizações enquanto passava uma semana após a outra. Tentei afastar os pensamentos sobre Liam para a parte de trás da minha mente, dando-lhe o tempo e espaço que ele aparentemente precisava. Enquanto isso, eu me concentrei em Delta, em nosso novo trabalho para Nova Orleans, em controlar minha magia. Porque, mesmo sabendo por que ele havia partido, ainda doía ficar para trás.

Coloquei minhas mãos em meus quadris e suspirei enquanto olhava para nossa pequena colheita. — Oh, bem. Você adiciona isto à água engarrafada, a aspirina, o rádio. Isso é algo.

— É algo — disse ele. — Você sabe que eles não tomam coisas como garantidas.

¹ Apelido da cidade de Nova Orleans.

Eles não faziam. Se qualquer coisa, eles eram muito gratos, e isso não me fez sentir melhor sobre a Contenção ou a nossa situação.

— Oh, encontrei mais uma coisa — disse Moses, puxando algo do bolso do seu macacão jeans. Ele encontrou o macacão durante uma caçada anterior. Eles eram muito grandes para ele – as calças tiveram que ser enroladas nas barras – mas ele amava o bolso da frente.

Ele se aproximou de mim, estendendo sua mão. Em sua pequena palma, estava um robô prateado com um corpo quadrado empoleirado em pés grandes. Provavelmente, sete centímetros de comprimento, com uma cabeça em forma de caixa conectada por uma pequena antena. Uma corda de metal emergia de suas costas.

— Estava presa atrás de uma gaveta — disse Moses.

— É velho — disse eu, pegando cautelosamente e olhando – como meu pai havia me ensinado – pela marca ou data de fabricação, mas não encontrei nada. — Provavelmente dos anos cinquenta ou sessenta. — Isso era muito mais antigo do que os armários e as bancadas sofisticadas dali. — Devem tê-lo perdido quando renovaram a casa. Vamos ver se funciona. — Com cuidado, torci a corda, ouvi as engrenagens se conectarem, depois eu coloquei o brinquedo na bancada.

As engrenagens zumbiam como vespas enquanto ele se movia para frente, os pés girando em sequência, a pequena antena balançando. Observamos em silêncio enquanto ele marchava até o final da bancada. Moses o pegou antes que chegasse ao fim, virou-o e mandou-o de volta na minha direção.

— Huh — disse ele, monitorando seu progresso com afeto surpreendente em seus olhos.

— Sim — disse eu —, eu também.

Nós demos corda novamente e deixamos o brinquedo repetir seu desfile em todo o granito.

— É uma pena que tenham perdido isso quando partiram — disse ele.

— O que eles perderam?

Nós dois viramos bruscamente e encontramos um homem atrás de nós.

Malachi era alto, com mais de um metro e oitenta, com os ombros largos de um soldado. Ele parecia um anjo: cachos loiros desgrenhados que alcançavam seus ombros, uma mandíbula quadrada, asas de marfim brilhantes que dobravam e magicamente desapareciam enquanto nós assistíamos, e cintilantes olhos

dourados. Aquele olhar dourado era uma assinatura de alguns Paranormais – e era a cor que eu vi nos olhos de Liam após ele ter sido atingido e antes de fugir.

Malachi foi um general no exército do Consularis – a classe de Paras que governou o Outro Mundo antes da guerra, os mesmos Paras que foram magicamente obrigados a lutar contra nós junto com seus inimigos, a Corte do Amanhecer.

Não ouvimos o bater habitual de asas que sinalizava que Malachi havia pousado – e aparentemente andou pela porta da frente. Ele usava jeans, botas e uma camisa Loyola desbotada.

Malachi sorriu para Moses, depois deixou que seu olhar se demorasse em mim. Meu coração encontrou esse olhar, entregue por um homem bonito o suficiente para ser esculpido em mármore e preservado para a eternidade, com um baque de resposta. Foi uma resposta instintiva, desencadeada pelo poder absoluto de seu olhar.

Paras tinham concepções muito diferentes de romance e atração. Nós éramos apenas amigos – talvez até mesmo tenhamos nos tornado melhores amigos nas últimas semanas – mas isso não tornava seu poder menos potente.

— Eles perderam o nosso novo brinquedo — disse eu, respondendo a pergunta dele. Dei corda de novo e ele voltou a funcionar.

— Ah — disse ele, depois o pegou para estudá-lo. — Um autômato.

— Ou a ideia de um homem de sessenta anos de idade. Como você nos encontrou?

— Nós seguimos o som parecido com gatos acasalando — disse Malachi, dando um sorriso malicioso para Moses.

Moses ergueu o dedo médio. — Eu tenho seus gatos acasalando aqui mesmo.

Eu acho que o gesto dizia tudo. Bom saber. — Nós? — perguntei.

— Alguém queria conversar. — Ele olhou para trás enquanto passos ecoavam nos pisos de madeira no outro extremo da casa de campo.

Um homem entrou pela porta, sua figura era apenas uma sombra sob a luz do sol atrás dele.

Por um momento, eu estava perdida na memória, de volta ao Royal Mercantile, minha loja no French Quarter. Ou era, antes de ser forçada a abandoná-la. Em minha mente, eu estava em uma cama antiquada em um piso de

tábuas rústicas, uma brisa vinda das janelas e um homem dormindo ao meu lado. Cabelo escuro. Olhos azuis. Corpo magro e afiado como uma arma.

O homem com quem eu lutei ao lado.

O homem que fugiu.

Então ele deu um passo à frente. A memória desapareceu, colocando outro homem na porta. Semelhante a quem havia partido, mas não o mesmo.

— Gavin — disse Moses.

Este não era Liam, mas o irmão dele. Mas ainda era surpreendente que ele estivesse aqui junto com Malachi. Eu não o via desde a batalha.

— Claire. Mos.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

Gavin não perdeu tempo. — Jack Broussard está morto.

Broussard era um agente da Contenção, e um humano realmente desprezível.

— Nenhuma perda lá — disse Moses.

— Talvez não — respondeu Gavin —, mas eles estão dizendo que Liam o matou.

A decorative border at the top of the page featuring a repeating pattern of stylized green leaves and vines. The leaves are dark green with lighter green veins, and the vines are a slightly different shade of green, creating a lush, organic feel.

Capítulo 02

— Liam não está em Nova Orleans — disse Malachi simplesmente. — Ele não poderia ter feito isso.

— Há provas supostamente físicas de que ele fez — disse Gavin. — E Liam e Broussard tinham uma história ruim. Isso parece ser suficiente.

Liam era um caçador de recompensas, ou havia sido, e Broussard foi seu superior antes do relacionamento deles ter azedado. Porque Liam entendeu que os Paranormais não eram nossos inimigos, Broussard acreditava que Liam era um traidor da humanidade. Esse era o tipo de atitude contra a qual a Delta estava lutando.

— Diga-nos o que aconteceu — disse Moses, cruzando os braços.

— Broussard não apareceu para um turno no Cabildo — disse Gavin. A Contenção era sediada no edifício histórico na Jackson Square. — A Contenção enviou alguém para dar uma olhada e o encontraram na casa dele. Foi sangrento. A garganta foi cortada. — Ele fez uma pausa para se recompor. — A faca era uma das de Liam... Uma faca de caça que eu dei a ele. Tinha uma gravação na lâmina. E *Por Gracie* estava rabiscado na parede... com o sangue de Broussard.

O silêncio era pesado, misturado com vórtices de horror e fúria. Gracie era a falecida irmã de Gavin e Liam, uma jovem morta por espectros. Sua morte os assombrava, e esse era um dos obstáculos que se interpuseram entre Liam e eu.

Moses estreitou os olhos. — Alguém está incriminando seu irmão.

— É o que parece para mim.

— Bastardos — cuspiu Moses. — Bastardos sugadores de escória por usar sua irmã assim.

— Sim — disse Gavin, passando a mão pelo cabelo. — Não posso discutir com isso.

— Por que incriminar Liam? — perguntei. — A Contenção não tem nada contra ele... Ou não tinha. Eles sabem que ele tem magia?

— Não que eu esteja ciente disso — disse Gavin.

— Talvez a Contenção não tenha providenciado a incriminação — disse Malachi. — Talvez o assassino tenha feito isso. Ele ou ela pode ter uma vingança contra Liam, ou pode não se importar com quem é culpado, desde que a investigação seja direcionada para longe dele ou dela.

— Sim — disse Gavin com um forte suspiro. Ele parecia cansado, percebi, sua pele um pouco mais pálida do que de costume, seus olhos sombreados pela fadiga. — Eu me inclino para isso. A Contenção emitiu uma recompensa por ele.

— Gunnar não faria isso. — Gunnar Landreau era o segundo em comando na Contenção, e um dos meus melhores amigos.

— Ele não teria escolha — disse Gavin. — Um agente foi assassinado e as evidências apontam para Liam. As mãos de Gunnar estão amarradas. A Contenção já está procurando por ele. Agora que a recompensa foi emitida, a busca ficará mais intensa. A Contenção também está procurando por Eleanor.

— Para influenciar — disse eu, a náusea se instalando na minha barriga.

— Provavelmente — disse Gavin. — Ouvi dizer que eles passaram pela casa dela na Ilha do Diabo, destruíram o que não estava destruído depois da batalha. Eu não fui até a casa de Liam, mas imagino que não se saiu melhor.

— Como você sabe tudo isso? — perguntou Moses. — Você falou com Gunnar?

Ele balançou a cabeça. — Acabei de voltar para a cidade, tomei uma bebida com uma fonte no Cabildo. Foi lá que consegui os detalhes.

— Você está aqui para nos avisar — disse eu. — Porque agora eles vão nos procurar por outro motivo... Para encontrar Liam.

Gavin assentiu. — A Contenção está procurando por você, mas não estão tentando muito. Eles sabem que você ajudou na batalha; Gunnar sabe que você ajudou. Mas com isso, eles dobrarão seus esforços para encontrar você.

Moses bufou. — Eles podem tentar.

— Teremos cuidado — disse eu. — O que você fará com Liam?

— Vamos avisá-lo — disse Gavin. — Eu e Malachi. Essa é a outra coisa que eu queria te dizer. Nós estaremos fora por, pelo menos, dois dias, provavelmente três.

— Você sabe onde Liam está? — perguntou Moses. — Quero dizer, especificamente?

Os pântanos do sul da Louisiana cobriam milhares de quilômetros quadrados. Eles também eram isolados e difíceis de atravessar. — Nós sabemos onde eles estão — disse Malachi. — Erida verifica quando pode. — Erida era uma deusa da guerra e uma das pessoas de Malachi. Ela acompanhou Eleanor para o pântano. Mas para tornar mais difícil para a Contenção encontrá-los, Erida, Eleanor e os outros Paras se moviam com frequência. — Recebi uma mensagem há três dias. Quando chegarmos a esse local, ela terá se mudado novamente.

— É um lugar para começar — disse Gavin com um aceno de cabeça. — Isso é tudo que precisamos.

— Eles poderiam segui-lo até ele — disse eu. — Esse pode ser o plano deles... Mandar você atrás dele, até Eleanor. E se o encontrarem, eles podem encontrar os outros.

Eu não sabia quantos Paras viviam no bayou, mas sabia que a existência deles precisava ser um segredo. Dado o sorriso no rosto de Gavin, ele não estava muito preocupado com isso.

— Eles podem pensar que vamos levá-los para Liam e os outros. Mas andei pelos campos de reconhecimento do PCC sem ser visto. Se eu não quiser ser visto, não serei visto. E estou bastante confiante de que Malachi tem as mesmas habilidades.

— Eu tenho — confirmou Malachi. — Não é sem risco. Mas não podemos avisá-los do que pode estar chegando. Da tempestade que eles podem enfrentar. E não podemos esperar até que Erida volte.

Tive uma imagem repentina de Liam de joelhos na frente da casa de ciprestes, mãos ligadas atrás da cabeça, arma nas costas. Seja por medo ou premonição, um suor frio serpenteou pela minha espinha. Porque Liam Quinn ainda era meu.

— Eu vou com você.

— Não — disse Gavin automaticamente —, é muito perigoso.

Dei a ele o meu melhor olhar. — Você quer que eu te lembre do que enfrentamos cinco semanas atrás? O que eu enfrentei?

— Não falo de perigo físico; eu sei que você pode se defender, não que eu esteja ansioso para te envolver em uma briga. — Ele se moveu em minha direção. — Como eu disse, a Contenção quer você ainda mais agora. Exibir você ao redor não é a melhor ideia.

— Eu não estaria desfilando — disse eu categoricamente. — E eles esperam que eu esteja em Nova Orleans. Perto da loja, perto dos meus amigos. Eles não estarão olhando lá fora.

— Claire pode ajudar Liam — disse Malachi. — Poderia ser bom para ele.

— E ele me matará caso alguma coisa aconteça com ela — disse Gavin, dando-lhe um olhar. — Você quer tomar esse castigo por mim?

— Se Liam quisesse manter um olho em mim — disse eu —, ele poderia ter ficado em Nova Orleans.

Gavin abriu a boca e fechou de novo. — Eu realmente não posso discutir com isso.

Moses bufou. — Isso é uma maldita mentira. Você argumentaria com uma placa só para se divertir.

— Isso é o irlandês em mim — admitiu Gavin.

— Essa é a mula em você — corrigiu Moses. — De qualquer forma, acho que é uma boa ideia. — Ele estreitou seus olhos para mim. — Fico sem ela nas minhas costas por um tempo.

Eu apenas revirei os olhos. Fiquei um dia sem visitá-lo desde a batalha – durante uma tempestade tropical – e ele me perseguiu por uma semana.

Gavin bateu os dedos na bancada enquanto considerava. *Toque-toque-toque. Toque-toque-toque.* — Dê-nos um minuto — disse ele, olhando para Moses e Malachi.

Não aceitando receber ordens de Gavin, Malachi olhou para mim. Quando acenei com a cabeça, ele gesticulou para Moses, e eles entraram na sala ao lado, deixando-nos sozinhos.

— Não quero que você se machuque — disse Gavin, em seguida, levantou a mão quando comecei a discutir. — Eu não estou falando sobre a Contenção.

Ele suavizou seu tom. — Ele não partiu a tempo suficiente, não realmente. E se ele está tentando aceitar sua magia, ele pode não estar pronto para

companhia. — Ele fez uma pausa, e meu estômago se apertou com o que eu sabia que viria em seguida. — Ele pode não estar pronto para você.

Esse era o outro lado da moeda. A possibilidade de que o tempo o fizesse mudar de ideia, ou o coração dele, e estava me atormentando. E os dentes ficavam mais afiados a cada dia que passavam sem uma mensagem.

Mas era um risco que eu precisava correr. Dei tempo e espaço para ele lidar. Agora era hora de agir. De virar a moeda.

Gavin deve ter visto a mágoa em meus olhos. — Liam não se sentiria bem em fugir. Sobre deixar você, Nova Orleans, a mim, a vida que ele finalmente começava a construir aqui. Mas isso não significa que ele esteja pronto para voltar.

Balancei a cabeça. — Eu sei.

— E você ainda quer ir?

Eu me virei para me inclinar contra o balcão e cruzei os braços. — Eu não gosto dele ter partido. Eu sei por que ele fez isso, mas não gosto disso. E não me sinto bem em ficar para trás, provavelmente mais do que você não gosta.

Gavin não respondeu com palavras, mas não havia dúvidas sobre o rápido recuo. Liam havia machucado a nós dois. Ele poderia ter suas razões, mas a dor ainda estava lá, as feridas ainda frescas.

— Mas ele está em perigo — continuei. — Eleanor está em perigo. Eu não vou sentar minha bunda em Nova Orleans enquanto vocês fazem o trabalho duro. — Eu olhei para ele. — Se fosse eu, ele me procuraria. Mesmo que achasse que meus sentimentos haviam mudado.

Ele parecia querer argumentar, mas percebeu que não havia nada para discutir. — E a Contenção?

— Você de repente é um covarde? — perguntei com um sorriso.

Ele estufou seu peito. — Não tenho medo da contenção. Ou qualquer outra coisa. Mas ainda assim. — Ele fez um gesto vago na direção do meu cabelo. — Seu cabelo... É perceptível.

Revirando os olhos, puxei meu longo cabelo vermelho em um coque e coloquei o boné do Saints que estava na parte de trás do meu jeans. Então enfiei meu cabelo nele, e ajustei-o.

— Boom — disse eu, e abaixei a aba do boné. — Disfarce instantâneo. Eu não serei pega.

— Você está disposta a apostar sua vida nisso?

Levantei minhas sobrancelhas. — Tenho apostado minha vida nisso desde que eu descobri que tinha magia. E desde a batalha. Você acha que passei esse tempo no subterrâneo?

— Não de acordo com o que Malachi me disse. — Ele olhou para mim. — Eu vi o outdoor no Magazine. *Liberte os Consularis. Busquem a verdade*. E um lindo pequeno triângulo no canto inferior. O símbolo grego para Delta.

— É incrível o que você pode fazer com a tinta para casa de sete anos atrás.

— Era um dos de Reveillon?

— Era. Agora é um dos nossos.

Gavin balançou a cabeça, mas havia orgulho em seus olhos. — Ele já te disse que você é persistente?

— Connolly — disse eu, sorrindo e lembrando-o do meu sobrenome. — Também sou irlandesa. E você sabe que eu posso me cuidar.

Para provar meu ponto de vista, levantei a mão, recolhi os tentáculos de poder que permaneciam no ar e os usei para levantar o robô do balcão e colocá-lo na minha mão. Quando estava em meu aperto, limpei um pouco da sujeira de seu corpo.

— Você está melhorando — disse Gavin. — Mais suave.

Eu estava melhor, tanto em controlar quanto em expelir a magia restante para impedir que ela me destruísse.

— Tenho praticado. — Com o robô ainda seguro em minha palma, eu olhei para ele. — Nós vamos, falamos com eles, voltamos. Dois dias fáceis — disse eu, repetindo sua promessa. — Três, no máximo.

— Rude, usando minhas palavras contra mim.

— Prático, dando-me palavras para usar.

Gavin se apoiou na bancada, murmurou alguma coisa no francês cajun que ele e Liam usavam quando suas emoções aumentavam. Mas minha flecha havia encontrado sua marca. — Bem. Nós nos encontramos na casa de Moses ao amanhecer. — Sua expressão mudou. — Nesse meio tempo, Malachi disse que você tem um lugar para ficar. Um lugar seguro.

— Ele está certo. — Quanto menos pessoas souberem sobre o antigo posto de gasolina Apollo que meu pai havia organizado, o prédio onde eu morava agora, mais seguro ele permaneceria. Tinha que ficar em segurança porque era o último

esconderijo de um tesouro de objetos mágicos que meu pai salvara da destruição. Então eu não daria mais detalhes a Gavin.

Gavin assentiu. — Eu acho que você, como Liam, tinha razões para as escolhas que você fez.

Estreitei meu olhar. — Agora quem está usando palavras contra quem?

* * *

Gavin foi embora. — Nós vamos conversar — disse Malachi, e então ele também se foi.

— Ele falou com você ou comigo? — perguntei a Moses.

— Poderia ser qualquer um — disse Moses. — Mas tenho certeza que ele se referia a você.

Moses e eu arrumamos as coisas que encontramos, depois fechamos a casa de novo. Nós caminhamos em silêncio através do beco que dividia o bloco.

— Você conheceu bem Broussard? — perguntei enquanto nos movíamos através das sombras fornecidas pelo sol da tarde. Não era exatamente discreto andar pela cidade em plena luz do dia, mas havia tão poucas pessoas na vizinhança – e o som de alguém era tão facilmente ouvido no silêncio da cidade – que geralmente nos arriscávamos.

— Não muito bem — disse ele, parando para chutar uma peça brilhante de metal no cascalho. — Conhecia o suficiente para ficar longe dele. Via o mundo como bom ou ruim. Você estava do lado dele ou do lado errado. — Aparentemente, não impressionado com o que quer que tenha encontrado no chão, ele começou a andar de novo.

— É. Liam disse algo parecido. Você conhece alguém que o quisesse morto? Talvez alguns Paras na Ilha do Diabo?

Moses bufou. — Quem não o queria morto? Mas o odiava o suficiente para matá-lo? Não. — Ele parou e se abaixou, puxou um pedaço de arame de um pedaço de grama e o olhou com um aceno de cabeça, enfiando-o na bolsa. Moses nunca conheceu um componente eletrônico que ele não gostasse; ele tinha uma loja de rádios descartados, computadores, televisões e todos os outros dispositivos disponíveis na Ilha do Diabo antes de ser destruída.

Como uma mulher afastada de sua loja, eu podia simpatizar.

— Humanos — disse ele quando estávamos nos movendo de novo. — Aham que são as únicas coisas em que pensamos. Estivemos por sete anos na Ilha do Diabo. Temos vidas e preocupações, provavelmente o mesmo tipo de porcaria que os humanos se preocupam.

Malachi me avisara uma vez para não fazer suposições sobre Paras. Ele estava certo, assim como Moses estava agora.

— Então, quem fez isso? Ele tinha inimigos?

— Você quer dizer diferente de Liam? Eles querem enquadrá-lo para isso, não poderiam ter escolhido um melhor caçador.

— Sim. Nenhum amor perdido lá. — Olhei para ele. — Talvez você pudesse falar com seus amigos Paras? Descobrir o que eles sabem?

— Como eu faria isso? Eles estão na Ilha do Diabo, e eu estou aqui fora, na terra devastada. — Mas ele respirou fundo e segurou-o por um momento, como se saboreando a sensação.

— Eu sei que você e Solomon se comunicam — disse eu. Solomon era o chefe Paranormal da Ilha do Diabo. Ele também era primo de Moses.

— Isso seria ilegal. E arriscado.

Parei, dando-lhe um olhar seco. Demorou um minuto, mas eventualmente ele se intimidou um pouco, e encolheu os ombros. — Eu vou descobrir o que posso.

— Bom garoto. E eu acho que estou indo para o bayou.

— É uma boa decisão.

Olhei para ele. — Eu pensei que você se opunha a isso.

— O perigo, sim. — Ele levantou um ombro. — Mas não a ideia. É Liam, e você é Claire. Posso não ser humano, mas tenho uma noção de como isso funciona.

— Ele pode não querer me ver.

Moses revirou os olhos.

— Ele fugiu — apontei.

— Você sabe por que ele fugiu. — Sua voz era baixa, calma e um pouco triste. — Ele vai querer ver você. Ele precisará ver você.

Eu esperava que sim. Porque eu realmente não tinha um plano de backup.

— Olha — disse ele —, vamos colocar isso para fora. Ele foi embora, e mesmo que tenha suas razões, é muito difícil não levar isso para o lado pessoal. Mas você não tem choramingado e deprimido. Você se recompôs, e você sai comigo.

— Ele apontou um dedo curto para mim. — Agora você vá encontrar esse garoto, e chuta a bunda dele.

Pensei no aviso de Gavin. — E se ele não falar comigo? — As palavras saíram, e com elas o medo.

— Bem, foda-se isso — disse Moses, e começou a andar novamente. — Ele falará com você, nem que seja porque ele tem que enfrentar esta situação de Broussard. Ele pode ter os problemas dele, mas não é covarde. — Ele me olhou especulativamente, chifres de ônix brilhando a luz do sol. — Eu imagino que ele dará uma boa olhada em você, e provavelmente se lembrará de como era bom.

Isso me fez sentir melhor. — E o que você fará enquanto eu estiver fora?

— Tentar fazer meu maldito computador funcionar. Consegui encontrar uma fonte de alimentação em funcionamento, mas ainda não consigo fazer o sistema funcionar.

Chegamos ao final do beco, preparados para virar à direita pela calçada, e paramos abruptamente. Do outro lado da rua, um homem de uniforme estava sentado dentro de um jipe com a marca da Contenção. Outro homem andou até ele, abriu a porta do passageiro e entrou. RECUPERAÇÃO estava impresso em letras grandes na lateral.

Moses e eu éramos quem eles queriam recuperar: Paras e Sensitivos que não estavam na Ilha do Diabo, onde nós pertencíamos.

— Merda — disse Moses, voltando para as sombras. — Nós esperamos aqui ou corremos?

Não havia como saber se eles estavam aqui atrás de nós – se nos seguiram pelo bairro – ou se havia outros na lista de fugitivos hoje. — Espere — disse eu. Observe. Descubra o que eles faziam ali, e qual caminho precisaríamos correr.

Os sons vieram primeiro, estridentes e cusbindo de raiva. — Um espectro? — disse Moses.

Mas quando dois agentes arrastaram o homem para fora, percebemos que não éramos tão sortudos.

O homem que encontraram não era um espectro ou um Sensitivo. Ele era um Para, baixo e esbelto, com feições de elfish, orelhas pontudas. O nome dele era Pike. Ele era um amigo de Liam que ajudou a proteger Eleanor quando ela morava na Ilha do Diabo.

— Eu não sabia que ele conseguiu sair — disse Moses, voz firme com preocupação.

— Eu também. — Não vi Pike durante a batalha, ou no breve tempo depois em que estive no Quarter, e não estive dentro da Ilha do Diabo desde então. Se ele estivesse na rua o tempo todo, eu não o vi lá também.

Eu não conhecia bem o Pike. Se Liam confiava nele, Pike era esperto o suficiente para ter cuidado. Mas a Contenção tinha maneiras de encontrar pessoas. Eu olhei para cima e ao redor, procurando pelo monitor mágico, encontrei-o pendurado em um poste de luz do outro lado da rua. A luz piscou verde. A energia estava ligada neste setor da cidade, e Pike fizera algo mágico, que despertou o alarme.

Comecei a avançar, mas os dedos de Moses apertaram meu braço. Tentei afastá-lo, mas ele se manteve firme. Ele podia ser pequeno, mas tinha muita força.

— Solte — disse eu. — Preciso ajudá-lo.

— Você não pode simplesmente correr para lá. Estamos em menor número.

— Posso usar magia. — Eu poderia abrir caminho até Pike, tirar os agentes do caminho dele e colocá-lo em algum lugar seguro – contanto que eu pudesse fazer isso rapidamente. Eu poderia usar certa quantidade de magia sem ter que gerenciar seus efeitos colaterais.

— Ok — sussurrou Moses —, vamos supor que você vá lá e chute um pouco com sua magia, e eles não te levarão para a Ilha do Diabo. Gavin já lhe disse que eles mudaram a lista de mais procurados. Você faz isso, você definitivamente não pode se arriscar a entrar no bayou.

E essa não era uma escolha de merda? Eu me sentia zangada, culpada, desamparada. — Nós não podemos simplesmente deixar que eles o levem.

— Ele voltará para dentro — disse Moses. Sua voz estava tranquila. — Há lugares piores para ele.

— Mesmo que a liberdade seja a outra opção?

— Há uma hora e um lugar — disse ele. — E aqui na rua, em plena luz do dia, na frente de monitores mágicos funcionando, não é nenhum desses.

Pike não parou de se debater, então os agentes forçaram uma jaqueta nele – uma ferramenta especial usada para controlar espectros – e colocaram-no na parte de trás do veículo.

Um momento depois, eles entraram e foram embora. Quando o bairro ficou quieto de novo, os pássaros começaram a cantarolar:

— Vamos conversar com Lizzie — disse Moses. — Certificaremos de que ela esteja de olho nele.

Agora, isso não parecia muito consolo.

* * *

Era um posto de gasolina – um negócio de canto com arquitetura da era atômica e um par de garagens. Agora era um bunker e um arquivo secreto de objetos mágicos proibidos. E meu lar doce lar.

Dentro, havia longas mesas e prateleiras de madeira ao longo das paredes, cada uma contendo armas, livros, máscaras e outros itens inestimáveis e completamente ilegais. Meu pai os escondeu aqui para mantê-los longe das fogueiras da Contenção.

Por enquanto, eu estava fora e protegida pela magia. Deitei-me em um cobertor no telhado, onde as paredes baixas me davam cobertura das patrulhas da Contenção.

Amanhã seria a primeira noite que eu passaria longe de Nova Orleans em anos. Meu pai havia se recusado a evacuar, mesmo quando a cidade foi bombardeada. Nós moramos juntos em uma casa até ele morrer, e então me mudei para o Royal Mercantile. Depois da batalha da Ilha do diabo, eu andei até o posto de gasolina e passei a primeira de muitas noites aqui. Ele se tornou meu lar, meu novo pedaço de Nova Orleans.

Hoje eu vi o sol afundar no oeste, enviando faixas de laranja e roxo brilhantes pelo céu. A visão era bonita o suficiente para que eu pudesse fingir que o mundo estava inteiro de novo. Mas quase não foi suficiente. Nada – e ninguém – na Zona era mais.

O posto de gasolina ficava no que havia sido uma rua movimentada. Mas nas semanas em que estive aqui, vi menos de uma dúzia de pessoas por perto. Um casal mais velho morava na rua em uma casa dupla. Um homem morava dois quarteirões no reino que ele fez de um ex-Piggly Wiggly. Todos os outros estavam se movendo: transeuntes, nômades, oficiais da Contenção.

— Entendo que perdi alguma emoção.

Pulei ao som da voz de Malachi, e sentei para encontrá-lo atrás de mim, sua silhueta escura contra o céu brilhante. — Você tem que parar de fazer isso.

Suas asas se retraíram, mudando sua forma de Paranormal para humano. — Você tem que ouvir mais.

Eu não deveria ter ficado surpresa; Malachi tinha o hábito de me visitar à noite. As trevas reduziam a chance de ser visto, e acho que ele gostava da companhia e do silêncio. Eu não o deixei entrar no prédio – muitos segredos lá, mas lhe dei o endereço. Eu sabia que podia confiar nele para manter a localização em segredo, e eu não precisava me preocupar de que a Contenção de alguma forma encontrasse isso.

— Agentes da Contenção encontraram Pike — disse eu. — Eles o levaram.

Ele caminhou em minha direção e sentou na beira do cobertor. Seu corpo era grande e quente, e ele cheirava levemente a fumaça de madeira. — Moses me disse.

Encarei o horizonte, a culpa socando meu peito. — Eu deveria tê-lo ajudado.

— Há um tempo e um lugar.

— Foi o que Moses disse.

— Nós temos que escolher nossas batalhas. Nem todas são possíveis de ganhar.

Olhei para ele. Seu rosto era inescrutável, seus olhos dourados cintilavam na luz fraca enquanto ele observava o horizonte, como se estivesse em busca de saqueadores. — Essa é uma lição que você aprendeu aqui, ou no Outro Mundo?

— Aqui — disse ele, pensativo. — No Outro Mundo, nós estávamos no poder e dávamos tudo como certo. — Ele olhou para mim. — Eu te disse que era uma sociedade organizada. Rigidamente assim. Se não fosse tão rígida – se tivéssemos conseguido evoluir, mudar – talvez tivéssemos sido capazes de impedir a guerra.

— Talvez — disse eu. — Ou talvez a Corte estivesse insatisfeita com tudo que vocês oferecessem. Às vezes, aqueles que clamam mais alto pela guerra não querem realmente mudar. Eles só querem a luta e o poder.

Ele assentiu. — Humanos e Paras são muito semelhantes a esse respeito.

Sentei-me e cruzei as pernas. — Você não se opôs ao pedido de Gavin... De deixar Nova Orleans e viajar para o deserto. Isso é uma batalha vencedora?

— Não sei. Mas já estive nesse deserto antes. Há muito para recomendá-lo.

— Eu não gosto de cobras.

Malachi sorriu, passou a mão pelos cachos despenteados. — Então o bayou pode não ser o melhor lugar para você.

— O que é? — perguntei. Eu não me encaixava em lugar algum agora. — Qual é a verdadeira história sobre Broussard?

— Não sei nada além do que Gavin disse. Mas seja o que for, Liam parece estar com a chave.

— A chave para o quê?

— Não sei. Algo importante o suficiente para matar um agente da Contenção. Ou algo importante o suficiente para enquadrar Liam. Ou ambos.

Olhei para as estrelas que começaram a penetrar na escuridão. — A vida é inusitada.

— A morte é mais simples. — Ele sorriu um pouco. — Mas muito simples para a maioria.

— Pelo menos, todo mundo tem uma chance.

Ele se deitou e olhou para as estrelas. — Essa é uma coisa que certamente todos temos em comum.



Capítulo 03

Eu sentei no chão. Era de manhã, e a luz do sol teria se filtrado através das janelas se elas não tivessem sido pintadas para proteger os objetos mágicos dentro dos olhos curiosos. Eu ainda usava pijama – uma camiseta com decote em V e shorts. Ainda não havia começado a fazer as malas para a viagem.

Eu me comprometi a ir. E ia. Mas nesse meio tempo, eu estava realmente ansiosa.

Eu sabia por que Liam havia partido. Entendia bem o medo e as dúvidas que ele tinha sobre a magia. Eu tinha dúvidas também, e não tinha uma irmã que foi morta por espectros, por magia que deu errado. Tendo ganhado magia, ele teria que lidar com esses sentimentos complicados.

E provavelmente era pior para ele, porque ele não se encaixava claramente na escala humano-Sensitivo-Paranormal. Diferentemente de mim, ele e Eleanor não absorviam magia; eles a obtiveram por causa de ataques de armas mágicas.

Mas cinco semanas ainda pareciam muito tempo. Um longo tempo sem mensagens, sem verificação, sem ter certeza de que estava bem. Talvez fosse egoísta da minha parte, talvez não. Mas o silêncio me feria. Talvez, como Gavin me avisara, os sentimentos de Liam tivessem mudado.

Se eles tivessem, o que eu ia dizer a ele? Como eu ia encarar isso?

Sacudi a cabeça. Pelo menos eu descobriria, de um jeito ou de outro, eu me lembrei, e ignorei o vazio no meu peito. Eu não teria que esperar, e não teria que me perguntar mais. Além disso, eu sairia de Nova Orleans por um tempo. Passaria

tempo com Malachi e Gavin, que geralmente eram divertidos, e veria partes da Louisiana que não vi antes. Se os encontrássemos, veria Eleanor novamente.

Ainda não havíamos saído e eu estava fazendo listas de prêmios de consolação.

— Maneira de ser corajosa, Connolly — murmurei para mim mesma, mas me levantei, depois desci a pequena escada dos fundos até o porão.

Fui até a parede oposta, peguei uma das mochilas penduradas que já estavam abastecidas com suprimentos de emergência que meu pai havia decidido que precisávamos e comecei a acrescentar algumas coisas.

Hoje, eu iria para o bayou. Eu veria Liam. E a imagem do meu futuro ficaria clara.

* * *

O céu estava cinzento, cheio de nuvens e umidade, e até a brisa era intensa e úmida, carregando os aromas da terra e da água. Os aromas de Nova Orleans.

A temperatura continuaria subindo e a umidade provavelmente não diminuiria, mas também estaríamos enfrentando insetos de todas as variedades, e só Deus sabia que outros horrores que a Louisiana rural teria para oferecer, então eu optei por calças de caminhada e uma camisa de mangas curtas, e dobrei uma fina jaqueta impermeável na mochila em caso de dilúvio.

Em Louisiana, sempre havia uma chance de dilúvio.

Meus companheiros de viagem estavam juntos no beco atrás da casa de Moses – um humano e dois Paranormais. Moses, com uma camisa vermelha gritante que o fazia parecer mais um demônio diabólico do que me deixava à vontade. Gavin, de jeans e camisa xadrez, e Malachi de gola V e jeans. Gavin tinha a alça de uma mochila do exército em uma mão, uma espingarda de cano duplo na outra.

Ele olhou para mim e sorriu. Havia tanto de Quinn naquele sorriso. — Parece que estamos todos aqui. Vocês querem primeiro as boas notícias ou as más notícias?

— Prefiro que não haja más notícias — disse eu, ajustando minha mochila. — Isso é uma opção?

— Não — disse Gavin —, eu conversei com Gunnar hoje de manhã. Ele não acha que Liam é culpado, mas a teoria tem pernas dentro da Contenção. Há pessoas que acham que Liam era muito liberal com os Paras e recebia tratamento especial por causa de sua família.

Eleanor era uma Arsenault, uma antiga e rica família crioula ligada a pessoas muito poderosas do lado de fora da Zona – pessoas com quem estivemos em contato em nossos esforços para revelar a verdade sobre a magia.

— Eles soam como aliados de Broussard — disse eu.

— Eles não têm dificuldade em acreditar que isso é o que Liam está fazendo. E aumentaram a quantidade da recompensa.

— Faz apenas um dia — disse eu, preocupação por Liam apertou meu intestino. — Eles nunca aumentam tão rápido. — Trabalhei um pouco como caçadora de recompensas com Liam; foi um bom disfarce sob a vigilância da Contenção. Os aumentos nas recompensas eram raros e só aconteciam quando o tempo passava sem a captura da presa em questão.

— E quais são as boas notícias? — perguntou Malachi.

— Não está chovendo. Ainda.

Nós apenas olhamos para ele.

Sem vergonha, Gavin deu de ombros. — Como líder dessa missão em particular, imaginei que vocês precisavam de motivação. Exceto que eu não tinha boas notícias. Então eu fui com o tempo.

Moses sacudiu a cabeça, lábios franzidos. — Você é bom assim em todas as suas missões?

— Há uma razão pela qual eu costumo trabalhar sozinho — disse Gavin, levantando a mochila.

— Onde, exatamente, estamos indo? — perguntei. Não havia mais ninguém por perto, mas deixei cair minha voz de qualquer maneira. Este não era o momento para atrair atenção.

— Houma — disse Malachi. — Próximo do último local de Erida.

Houma ficava a cerca de uma hora de carro de Nova Orleans.

— Lá — continuou ele —, vamos encontrar alguns amigos, ver se conseguimos ter uma noção de onde ela estava.

— Amigos?

— Paranormais com passes.

Levantei minhas sobrancelhas. — Eu estava começando a pensar que isso era um mito. Desde que Moses não conseguiu um, quero dizer. Ou você.

— Eu não vou pedir a liberdade que já possuo — disse Malachi. — E a Contenção não está em posição de nos dar passes da Ilha do Diabo, uma vez que já estamos fora.

Eu não podia realmente discutir com isso.

Gavin fez um gesto para o jipe surrado no meio-fio. — As rodas nos levarão a Houma. Então nós deixaremos o veículo e viajaremos a pé.

— Se chegarmos ao Golfo, nós fomos longe demais? — perguntei.

— Algo assim. — Gavin olhou para mim, ele viu as calças, camisa, sapatos e deu um aceno de aprovação. — O que há na sacola?

— Água, poncho, faca, spray de repelente atômico. — Eu poderia não ter saído de Nova Orleans durante um tempo, mas estive nisso por tempo suficiente. Eu tinha uma boa ideia de como sobreviver em um ambiente molhado e no calor.

— Bom — disse Gavin com um sorriso.

— Vou encontrá-lo em Houma — disse Malachi.

— Espere — disse eu, deslizando-lhe um olhar estreito. — O que você quer dizer com você vai nos *encontrar* lá? Você não vai com a gente?

Ele sorriu. — Quero dizer que não preciso de uma carona. — Ele desdobrou suas asas, e três metros de penas marfim se estenderam atrás dele, plumas brilhando ao sol.

— Você voará o caminho todo?

— Rapaz seus braços ficarão cansados! — disse Moses, acenando com um charuto falso.

Os olhos de Gavin se estreitaram para mim. — Ouvi dizer que ele conseguiu um livro de piadas.

— Ele o encontrou em uma casa abandonada, o que tornou o jogo justo. Eu não podia exatamente impedir que ele o pegasse.

Ele balançou a cabeça. — Vamos pegar a estrada. Cada milha em direção a Houma é outra milha de distância de piadas que começam com *dois Paranormais* entraram em um bar.

— Eu preciso de um minuto — disse Moses para mim, em seguida, se moveu a poucos metros de distância.

— Acredito que você está sendo convocada — disse Malachi.

— Evidentemente — disse eu, e juntei-me a Moses. — O que você precisa?

— Eu quero que você se lembre de algo — disse ele, apontando um dedo curto para mim. — Você trabalhou duro nas últimas semanas, fez algo de bom por aqui. O que quer que aconteça, ninguém pode tirar isso de você.

Levantei minhas sobrancelhas, surpresa com a emoção em seus olhos. — Você tem a impressão de que eu posso ter um colapso no pântano?

— Só estou dizendo que, o que quer que ele diga ou faça... — ele fez uma pausa, parecendo procurar as palavras corretas —... Há mais no mundo do que damas.

Olhei para ele por um minuto, apreciando o pensamento, mas confusa com a mensagem. E então eu percebi. — Você não pegou apenas os livros de piadas. Você pegou os romances de detetives, também, não é?

— Eles são bons — disse ele com um envergonhado encolher de ombros que achei quase absurdamente agradável. — Eu gosto desse personagem de Sam Spade. Atirador direto. De qualquer forma. — Ele limpou a garganta. — Você precisa ter cuidado lá fora.

— Eu ficarei bem — disse a ele. — Mas não gosto de deixar você aqui sozinho.

— Você acha que não posso cuidar de mim? — Ele apontou um polegar para o seu peito, que estava um pouco estufado. — Sou eu quem está cuidando de você, não o contrário. — Mas havia algo suave e doce em seus olhos.

— Você está certo. Você dirá a Lizzie por que eu parti?

— Que você está tendo um relaxante fim de semana no spa? Claro que sim.

— Hilário, como sempre. — Eu o abracei. — Tenha cuidado.

— Não há necessidade de ficar emotiva — disse ele, mas seus braços eram como barras de aço ao meu redor. — Você só se ausentará por alguns dias.

Assumindo que o encontramos e conseguimos voltar vivos.

— Nós ficaremos bem — disse eu, tentando garantir a nós dois.

— Droga, com certeza nós ficaremos. Agora entre naquele jipe, comece sua caçada e reivindique sua recompensa.

* * *

As nuvens desapareceram quando alcançamos a orla de Nova Orleans, e o sol batia na estrada 90 como um tambor, enviando ondas cintilantes de calor. Era muito cedo para estar tão quente, mas a magia não afetava apenas a eletricidade; isso fazia com que o nosso tempo fosse menos previsível.

Ficamos na estrada o máximo que pudemos, depois seguimos para a Velha Trilha Espanhola, onde Gavin avistou um comboio da Contenção – jipes e caminhões que se dirigiam a Nova Orleans com mercadorias e artigos para serem distribuídos nas lojas da cidade.

A Royal Mercantile provavelmente receberia parte do comboio. Água engarrafada, sabão, talvez alguns pedaços de manteiga embalados em gelo seco para a viagem. Mas essa era a responsabilidade de Tadjí agora. Ela era minha linda e brilhante melhor amiga, a mulher em quem eu confiei para administrar a loja ou fechá-la até que eu voltasse para casa.

Ela decidiu entrar no excitante mundo do varejo do pós-guerra e estava fazendo um ótimo trabalho. Com base no que eu vi algumas vezes, quando consegui entrar no Quarter. Ela aparentemente reuniu todos os voluntários que ficaram na vizinhança para consertar os vidros quebrados na batalha, reorganizar a mobília virada e o estoque espalhado. Pelo que pude perceber, os negócios estavam crescendo. Tadjí poderia ter sido treinada como linguista, mas era muito boa em merchandising. Mesmo no bairro quase deserto, as pessoas andavam de um lado ao outro, olhando as mercadorias e fazendo compras.

Fiquei imaginando se o comboio havia evitado essa estrada para não destruir os veículos e a carga. Precisei segurar a alça do jipe enquanto pulávamos sobre o asfalto irregular.

— Você está atingindo os buracos de propósito?

— Um homem tem que ter um hobby — disse Gavin.

A estrada estreita corria entre trilhos de trem de um lado e os restos de lojas, pequenas casas e grandes do outro. As partes rurais do estado não foram castigadas pelos ataques dos Paras tão duramente quanto as áreas urbanas, mas havia menos serviços em outros locais, e muitas pessoas não ficaram depois da guerra. Muita solidão, se é isso que você preferia, mas a vida era difícil.

Passamos por uma loja sobre palafitas, uma peixaria com *fresco* pintada em rústicas letras pretas ao longo de uma parede externa. As janelas estavam fechadas

e um carro enferrujado estava estacionado na frente. Mais uma vez, minha mente tropeçou de volta para a minha loja, para o Quarter.

Retirei minha garrafa de água, tomei um gole, tentando me concentrar em outra coisa.

— Tadjji está lidando com a Royal Mercantile — disse Gavin.

Eu acho que a mente dele tomou o mesmo turno. — Sim — disse eu, enroscando a tampa na garrafa.

— Você falou com ela?

Neguei com a cabeça. — Verifico a loja de vez em quando. Mas não quero arriscar. Quanto menos ela souber de mim, melhor. — No que me dizia respeito, a negação plausível era a melhor opção da minha amiga. — Você falou com ela?

Ele balançou a cabeça. — Não estive por perto. — O veículo estremeceu, e ele bateu uma mão no painel, o que pareceu resolver o problema. — Eu fui embora após a batalha.

Minhas sobrancelhas levantaram. Ontem, ele disse que havia voltado para a cidade, mas eu não sabia que ele havia ido embora por todo esse tempo. Presumi que ele estivesse aqui, mas fazendo o que fazia – ou ele estava me evitando. Que ele esteve fora da cidade me fez sentir um pouco melhor e mais curiosa.

— Onde você estava?

— Contrato de reconhecimento — disse Gavin.

— Para a Contenção?

— Para a Contenção. Eles foram surpreendidos por Reveillon. Não querem ser surpreendidos novamente.

— Eles acham que há mais membros do Reveillon por aí?

Gavin fez um som sarcástico. — Ninguém duvida que haja mais membros do Reveillon lá fora. Ou pelo menos simpatizantes. Muitas pessoas odeiam magia, culpam a magia pelo que a Zona se tornou. A Contenção está procurando por organização, ação coletiva. Qualquer sinal de que as pessoas estão se agrupando novamente, planejando violência, representando uma ameaça.

— Achou alguma coisa?

— Muita conversa, nenhuma ação. — Ele me deu um olhar de lado. — Você achou que eu estava em Nova Orleans e apenas evitando você? — perguntou ele, o que fez minhas bochechas queimarem.

— Mais ou menos, sim.

Ele balançou a cabeça e olhou para a estrada. — Somos uma família, Claire. É verdade que somos uma espécie de família estranha, disfuncional, mas da mesma forma uma família.

— Sim — disse eu, e toquei um noisemaker² imaginário. Mas família era família. E não era tão ruim ter esta aqui.

* * *

Antes de chegarmos a Houma, a chuva começou, o tipo de aguaceiro forte e constante que durava o dia inteiro.

Vinte minutos depois, Gavin tirou o carro da estrada para uma longa estrada de cascalho.

No final, imponente como uma rainha, estava uma casa de fazenda. Branca, com dois andares, ambos com varandas, colunas estriadas e janelas do chão ao teto. O jardim da frente tinha uma cobertura de treliça num padrão bonito, e o caminho era marcado por enormes árvores de carvalho cujos galhos se curvavam em graciosos arcos em direção ao chão, com musgos espanhóis envolvidos como lençóis nos galhos.

Não havia muitas casas de fazenda na Louisiana. Já existiram dezenas delas ao longo do rio Mississippi, fora de Nova Orleans. A Guerra Civil havia derrubado algumas delas. Tempo e história derrubaram outras. A guerra com os Paras afetara o resto, especialmente depois que os Paras miraram as instalações de petróleo que compartilhavam os terrenos ao longo do rio.

Essa casa sobreviveu, e parecia ter sido bem cuidada. Mas essa não era a única coisa que chamava a atenção. Fileira após fileira de talos verdes e magros encheu os campos por toda a estrutura. Era cana-de-açúcar, acres e acres se estendendo até o horizonte. Uma dúzia de Paras – pelo menos é o que imaginei, dados os matizes do arco-íris de seus tons de pele – arrancavam ervas daninhas entre os talos.

Gavin dirigiu devagar pelo caminho e parou à sombra de um carvalho. Uma placa de madeira balançando na chuva dizia: VACHERIE PLANTATION.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntei depois que saímos do carro.

— Um, deixando o carro, então pegue sua mochila.

Fiz como ele sugeriu, e perguntei. — E dois?

Ele encontrou meu olhar sobre o capô do carro. — Os amigos de Malachi trabalham aqui. Os Paranormais com passes.

— Correto — disse Malachi.

Desta vez eu ouvi o suave bater de asas.

— De volta — disse eu. — Paranormais que não estão na Ilha do Diabo estão trabalhando em campos de cana-de-açúcar?

Malachi olhou para mim, seus olhos dourados aguçados. — O que você acha que eles fariam fora da Ilha do Diabo?

— Eu achava que eles estavam lá fora... — fiz um gesto vago —... aproveitando a liberdade. — Não retirando ervas daninhas em uma casa de fazenda.

— Eles têm direito de trabalhar — disse Malachi. — E alimentar a Zona é uma grande indústria.

— Não estou argumentando que eles não têm o direito de trabalhar. Mas, quero dizer, trabalhando em canaviais? Isso deixa qualquer outra pessoa desconfortável?

— Você fala sobre os tons de servidão contratada? — perguntou Gavin.

— Sim, vamos começar por aí. — E pular direto para a escravidão. — Como é essa liberdade?

— Porque eles são pagos — disse Malachi, e havia tensão em sua voz agora. — Porque podem ser produtivos depois de sete anos sentindo-se vítimas. Porque eles podem dormir fora da Ilha do Diabo pela primeira vez em anos. E porque foi a única opção dada.

Então passes não era realmente o gesto magnânimo que a Contenção fez com que parecesse.

— Sinto muito — disse eu. — Isso é muito conivente na parte da Contenção. E não é realmente confortável, dado, bem, a história dos EUA.

Malachi assentiu. — Paras têm sua própria história e paralelos desconfortáveis. Os proprietários de terras são aliados e os Paras querem seus salários e sua liberdade. Eles sabem que esse é o melhor caminho para isso... Pelo menos por agora.

Pelo menos, ele quis dizer, até que a Contenção provasse que não estava disposta a ir mais longe. A Contenção agiu de boa fé dando os passes, então os Paras agiriam de boa fé também. Por enquanto.

— Vamos — disse Malachi.

Gavin e eu o seguimos para a casa, depois passamos por vários celeiros e construções. A grama era baixa, as áreas entre edifícios estavam cheias de chaleiras enormes usadas para preparar xarope de cana.

— Eles dormem na casa principal — disse Malachi. — Enquanto se preparam para a colheita, eles consertam o celeiro e a casa, trabalham nas lavouras subsidiárias. Quando a cana estiver pronta, eles cortarão e processarão.

O detalhamento me fez sorrir. — Você é um agricultor agora?

Ele olhou para mim, um cacho caindo sobre um olho. — Interesse-me pelos interesses dos meus amigos.

— Isso significa que somos amigos?

— Perto o suficiente.

— É seguro para você estar aqui? — perguntei a ele.

— Os humanos aqui me conhecem como um amigo dos Paras. — Ele sorriu um pouco. — Acreditam que estou conectado com uma organização de caridade, e não me incomodei em corrigi-los.

— É seguro para Claire estar aqui? — Gavin ergueu o olhar para os monitores mágicos que marcavam o terreno.

— Os monitores estão inoperantes — disse Malachi. — Embora a Contenção não esteja ciente disso.

Um assobio cortou o ar, estridente o suficiente para quebrar todos os cálices de vinho em um raio de oito quilômetros. Coloquei minhas mãos sobre meus ouvidos um pouco tarde demais.

— Droga — disse Gavin, estremeecendo. — Por favor, destrua o apito imediatamente.

— Não é um apito — disse Malachi. — Uma habilidade.

Um homem surgiu de trás de uma das dependências, sua pele pálida, seu cabelo longo, branco e reto. Ele era quase baixo, o corpo magro e compacto por baixo de roupas de cores vivas. A cor, eu imaginei, era para visibilidade, se ele ou qualquer outro Para tentasse escapar.

— E a linha entre liberdade e aprisionamento fica mais fina ainda — murmurei.

— Desconfortável — concordou Gavin calmamente.

— Djosa — disse Malachi. — Estes são Gavin e Claire, humano e Sensitiva. Nós acenamos um para o outro.

— O que o traz aqui, General? — perguntou Djosa, sua voz profunda, sua dicção precisa.

Malachi era um general no exército dos Consularis.

— Estamos procurando por Erida e dois viajantes com ela — disse ele. — Nenhum deles Sensitivos. Ambos mudaram pelo poder dos outros. Um sem visão. Um com olhos dourados.

Suas sobranceiras levantaram. — Você não sabe onde seu subordinado está se escondendo?

— Nós sabemos onde ela *estava*. Não sabemos onde ela *está*.

Djosa nos lançou um olhar desconfiado. — Imagino que é para a segurança dela e a sua.

— É — concordou Malachi. — Mas as circunstâncias exigem que a encontremos.

— Por quê?

— Porque os humanos estão sendo caçados — respondeu Malachi. — E nós trazemos um aviso.

— Ou você leva os soldados diretamente para eles.

— Estamos sendo cuidadosos — disse Malachi, impaciência aumentando em sua voz. — Nós reconhecemos o risco, mas não podemos evitar. Eles devem ser informados.

— Não sabemos nada sobre onde eles estão ou podem estar. — Ele olhou de volta para os campos. — E precisamos voltar ao trabalho.

— Você gosta do trabalho? — perguntei a ele.

— Você gostaria?

— Provavelmente não — admiti.

Ele pareceu apreciar a resposta honesta. — Isso não é para sempre — disse ele com determinação. — É por agora, e é liberdade. Talvez não a liberdade que queremos para sempre, mas a liberdade que podemos obter agora.

Ele ergueu as mãos, a pele marmorizada de sujeira e manchada de verde das ervas daninhas. — Você sabe quanto tempo passou desde que eu tinha terra embaixo dos meus dedos? Desde que senti o coração dela batendo? Senti que ela se mexia embaixo de mim?

Tendo em vista a luxúria em sua voz, ele poderia estar falando de uma mulher. Isso gerou algumas imagens mentais desconfortáveis.

— Muito tempo — respondeu Djosa, me salvando de preencher o silêncio. — Esta é uma chance para nós. Pode não ser a melhor chance, mas é a que recebemos. E quando você tem uma vida como a nossa por sete anos, você aceita a liberdade como ela vem.

Bom o suficiente para mim. Era a vida dele, não a minha, e todos nós precisávamos encontrar o nosso caminho.

Um grito tirou nossa atenção de Djosa. Uma mulher que parecia ser humana – esbelta, com pele bronzeada, cabelos lisos e escuros e olhos escuros cheios de preocupação – saiu correndo do celeiro.

— Djosa! — gritou ela, acenando para ele. — Socorro!

Djosa não perdeu tempo, e saiu correndo em sua direção. Deixamos Malachi tomar a dianteira e então o seguimos.

O celeiro era enorme, um retângulo alto de madeira com um teto de zinco bem inclinado. As duas portas duplas estavam abertas. Estávamos prestes a seguir Djosa para dentro quando três homens saíram da porta e bloquearam nosso caminho.

Eles tinham pele bronzeada, olhos encapuzados, cabelos escuros como corvos e uma cascata de penas escuras que pareciam correr da crista de suas cabeças até a ponta dos pés. *Parecia* porque eles usavam o mesmo uniforme laranja brilhante de Djosa.

O trio se separou e se moveu ao nosso redor, a luz inconstante iluminando tons roxos e pretos em suas penas reluzentes.

As penas ao longo de suas espinhas ergueram-se como pelos arrepiados de um cão raivoso, e os homens se agitaram, rompendo os barulhos enquanto circulavam, levantando as mãos que revelavam garras reluzentes entre as penas mais finas.

Eles se preparavam para atacar, e eu também. Estendi a mão e senti a magia no ar, para o caso de precisar.

— Estes são os Tengu — disse Malachi, estendendo as mãos para me proteger de um ataque – ou para nos impedir de atacar primeiro. — Eles não nos conhecem. Dê-lhes um momento para se ajustar.

Eles não pareciam interessados em se ajustar. Magia sinistra coloriu o ar, manchando-o de preto. Eu podia sentir a magia circulando em torno de nós agora, girando como um furacão e dobrando o ar ao nosso redor enquanto estávamos no olho da tempestade. O Tengu gritou, as pontas afiadas como unhas em um quadro negro.

— Eu não acho que eles estão se ajustando — murmurou Gavin, preparando seu corpo para um contra-ataque.

— *Kahsut*.

A palavra simples, falada por Malachi, aparentemente em um idioma do Outro Mundo, ecoou ao nosso redor. Era mais que uma palavra; era uma ordem profunda, cheia de poder.

Eu não sabia se o Tengu reconheceu a palavra ou entendeu a demanda, mas pararam de se mexer e abaixaram os braços. Então cada um deles se ajoelhou na frente de Malachi e deu outro grito assobiando.

— Eles são seus... Subordinados? — perguntou Gavin calmamente, claramente procurando a palavra certa.

— Não precisamente — disse Malachi, então repetiu a palavra. O Tengu levantou e se afastou de nós, dando-nos espaço para andar.

Subordinados ou não, obteve resultados.

Com o caminho agora limpo, entramos no celeiro. Um chão de terra batida, com feno em pilhas e utensílios de terra encostados nas paredes. Um pedaço de maquinaria agrícola verde brilhante estava parado perto do extremo oposto, raiado por raios de luz solar.

No meio do espaço, uma mulher jazia no chão, sua pele e cabelo da mesma cor pálida que os de Djosa, suas pernas dobradas como se tivesse simplesmente caído no lugar. Mesmo a vários metros de distância, ficou claro que a pele dela estava pálida, o corpo tremendo de calafrios, febre ou ambos. Havia pontos vermelhos em seus braços, e sua respiração ofegava dentro e fora.

Djosa se ajoelhou ao seu lado esquerdo e pegou a mão dela.

— Anh — disse Malachi para a mulher que gritou para nós e que agora estava atrás de Djosa, olhando preocupada para a mulher no chão. — O que aconteceu?

— Ela estava doente — disse Anh. Eu não percebi quão pequena ela era — pouco mais de um metro e meio, e de estrutura delicada. — Mas ela se recusou a parar de trabalhar. Ela teve arrepios e desmaiou de repente. Agora ela está queimando e sua respiração é superficial. Seu coração está batendo muito rápido.

Eu poderia ter imaginado que era apenas uma diferença na biologia, exceto pela preocupação óbvia de todos. — Qual é o nome dela? — perguntei.

— Cinda — disse Djosa, sem olhar para cima. — O nome dela é Cinda.

Um dos Tengu se aproximou, começou a tagarelar com Malachi no que eu presumi que era a mesma linguagem que Malachi usou para acalmá-los.

— Eles acreditam que ela foi exposta a alguma coisa aqui — traduziu Malachi, depois Tengu falou novamente. — Algo que ela não foi exposta na Ilha do Diabo.

Outra pausa, e as sobrancelhas de Malachi levantaram enquanto ouvia. — A Contenção alertou que isso poderia acontecer, deu-lhes reforços de imunidade antes de saírem da Ilha do Diabo... Para fortalecê-los contra os inimigos aqui.

— Os inimigos? — perguntei enquanto mais pessoas entravam no celeiro, humanos e Paras cheios de terra e suor, que provavelmente deixaram o trabalho para vir investigar.

— Vida selvagem — disse Gavin. — Animais e insetos, humanos de fora da Ilha do Diabo. Novos vetores.

— A liberdade lhe fez mal — disse eu calmamente.

— Sim. — Havia arrependimento na voz de Gavin.

— Precisamos levá-la para um hospital — disse Malachi. — Suponho que o mais próximo está em Nova Orleans?

Djosa balançou a cabeça. — Eles não vão tratá-la. Eles vão mandá-la de volta para a Ilha do Diabo. Nossos passes duram uma semana — explicou ele. — Nós dormimos aqui, na casa grande, porque eles não querem nos transportar todos os dias. Isso é muito problema se a energia acabar. E se a Contenção decidir que ela está machucada — continuou ele, a raiva aumentando em suas palavras —, eles não a deixarão sair novamente.

A raiva queimou no meu peito, mas era inútil contra a maré do poder da Contenção.

— Não podemos simplesmente deixá-la assim — disse Anh. — Essa não pode ser a única opção.

— Tem certeza que ela trocaria sua liberdade por sua vida? — perguntou Malachi a Djosa, seu tom de voz calmo e composto mesmo em meio ao pânico.

— Sim — disse Djosa, seu olhar claro. — Ela trocaria. Mas isso é apenas uma doença. Ela vai descansar e ficará bem. Ela gostaria de ter a chance.

— Então nós a trataremos — disse Malachi e olhou para Anh. — Prepare uma cama dentro da casa, longe dos outros. Só ela vai dormir lá. Você tem gelo?

Anh assentiu.

— Consiga gelo, um ventilador se você tiver um gerador. Precisamos abaixar a temperatura. Ela precisará de líquidos, sal. Vá — disse ele. Anh correu.

Eu gostaria de ter trazido o sal que encontrei ontem; nem me ocorreu que isso poderia ser útil.

— Não posso curá-la — disse Malachi, agachado ao lado de Djosa. — Mas eu posso talvez acalmá-la. Isso pode ajudar.

— Faça isso — disse Djosa, enxugando a testa. O celeiro estava na sombra, mas não havia brisa, e o ar estava sufocante.

— Talvez devêssemos afastar as pessoas — disse eu, já que não tínhamos outra maneira de ajudar. Gavin assentiu e virou para a multidão.

— Tudo bem, todo mundo — disse ele —, vamos dar a eles algum espaço para ajudá-la.

Os Paras e os humanos, unidos pelo trabalho duro e preocupação com sua colega, se moveram e recuaram enquanto Malachi afastava o cabelo úmido do rosto de Cinda. Ele fechou seus olhos, seus cílios crescentes contra sua pele dourada, e colocou as mãos, palma para baixo, acima do coração dela.

Ela choramingou, e ele sorriu para ela com bondade calorosa e confiante. Exatamente o tipo de expressão que você esperaria ver em um anjo. Se você não os tivesse visto lutar na guerra.

— Não precisa ter medo — disse Malachi. — Consularis são fortes. Djosa é forte, e você herdou sua força dele.

Então Djosa era o pai de Cinda, eu percebi.

— A doença faz parte da vida — disse Malachi —, assim como a dor é parte da cura. É uma reação natural. Não posso interromper esse processo, mas eu posso te deixar mais confortável enquanto seu corpo se cura.

Malachi não tocou em Cinda, mas moveu as mãos acima de seu corpo, para frente e para trás, como se manipulando ar – ou talvez energia.

Eu senti a magia de Malachi antes, quando tiramos Moses da Ilha do Diabo e quando ele começou a me treinar para melhorar o uso da minha magia. Nós conseguimos mais algumas lições nas últimas semanas, e senti isso também.

Aqui, neste celeiro quente e empoeirado, enquanto sua magia se desenrolava ao nosso redor, percebi que eles eram meros vislumbres da amplitude dela. Era como olhar para uma estufa e ver formas de pétalas através de um vidro embaçado.

Era como se estivesse em um campo de papoulas vermelhas brilhantes.

Malachi era um mestre do controle, e muitas vezes ele parecia distante por causa disso. Mas sua magia era selvagem como os lobos, indomável como o pico de uma montanha coberta de neve e seca. E era forte – a magia mais forte que eu já senti em um Paranormal. Era como a torrente de um rio furioso. Esta era uma verdadeira magia, não a geada pálida que eu podia acessar.

Após alguns minutos de movimento constante, Cinda pareceu relaxar, e sua respiração acelerou novamente. Malachi ergueu devagar as mãos e afastou-se quando Anh voltou correndo.

— Estamos prontos — disse ela.

Ao aceno de Malachi, Djosa levantou Cinda, ajeitou-a nos braços e levou-a para fora do celeiro.

Esperei por um momento no silêncio enquanto os outros trabalhadores voltavam às suas tarefas. Malachi levou Gavin e eu para fora, depois apontou para um monte de árvores a uns cem metros de distância. — A trilha começa lá e está acesa. Siga para a floresta.

— Você quer que a gente vá embora? — perguntei.

— Eu quero ter certeza que ela está confortável, e ela não precisa de uma audiência para isso. Também não queremos nos atrasar, já que ainda não recebemos informações sobre Liam e os outros.

— Sigam por lá — continuou ele. — A trilha bifurca um quarto de milha na floresta. Vão para a esquerda quando chegarem à bifurcação. Vocês encontrarão

um riacho a cerca de vinte metros abaixo. A água é potável e há sombra. Podem encher as garrafas e esperar lá. Eu vou encontrá-los quando terminar aqui.

— Tudo bem — disse Gavin, olhou para mim, e eu balancei a cabeça.

— Tenham cuidado — disse Malachi, então se virou e caminhou em direção a casa.

— Você está bem? — perguntou Gavin quando estávamos sozinhos. — Suas pupilas ainda estão dilatadas.

Minhas bochechas aqueceram. — Ele tem magia poderosa.

— Eu aposto — murmurou Gavin. — Vamos nos mexer.



Capítulo 04

A trilha era de terra batida que ficava entre um campo de cana de um lado e um leito de riacho do outro. Os bosques estavam à nossa frente, uma parede escura lutando contra o sol opressivo. A temperatura caiu dez graus no segundo em que entramos na sombra, mas as árvores e a folhagem rapidamente formaram um dossel sobre o caminho cheio de umidade.

— É como tentar respirar através de um cobertor molhado — disse eu, enxugando a testa.

— Sim — disse Gavin, parando para inspecionar uma árvore ao longo da trilha — e os pequenos símbolos esculpidos nela.

— Esculturas de Paras? — perguntei.

— Sim. Não sei o significado, mas pelo menos sabemos que entramos na trilha.

Caminhamos até as árvores nos rodearem por todos os lados e não podíamos mais ver os campos abertos atrás de nós.

— O riacho está próximo — disse Gavin. O som de água em movimento tornou-se mais barulhento.

Alguns segundos depois, a trilha nos levou a um pequeno penhasco sobre o riacho estreito, que fluía convidativamente entre os bancos cobertos de árvores. *Degraus* foram usados na queda acentuada da água, mantidos no lugar por raízes que surgiram através da terra.

— E aqui estamos nós — disse ele. Tiramos nossas mochilas, pegamos nossas garrafas e descemos o barranco. Gavin foi primeiro, deslizando um pouco

na lama escorregadia, e se virou para me oferecer uma mão quando parou no fundo.

— Você quer ajuda?

— Não direi não à oferta — disse eu, pegando seus dedos fortes e facilitando meu caminho para a água. Eu corri os últimos metros, em seguida, segurei um galho de árvore para evitar entrar no riacho.

— A força cinética é uma cadela — disse Gavin com um sorriso, destampando sua garrafa.

— Sim. — Mas a visão quase valeu a pena. A água não era profunda – apenas uns trinta centímetros – mas era cristalina, movendo-se rapidamente sobre um fundo rochoso. Um galho de árvore mergulhava quase na superfície na margem oposta, e o musgo espanhol pendia como um laço acima da fita de água enquanto este passava.

Com exceção do gorgolejo de água sobre a rocha, o mundo estava completamente silencioso. Se alguma coisa se movesse na floresta, o som era abafado pelo fluxo. Essa foi uma razão para levar um minuto para relaxar – e um lembrete de que precisávamos estar atentos.

— É lindo aqui.

— Sim — disse Gavin, tomando um gole da garrafa que ele já havia enchido. — Há uma razão pela qual não passo muito tempo na cidade. Aqui é fácil fingir que a guerra nunca aconteceu. Que tudo está de novo em paz e você está sozinho no paraíso.

Olhei para ele. — Você gosta de ficar sozinho.

— Estou acostumado com isso — disse ele, mas não elaborou. Um ponto sensível, eu imaginei.

Mergulhei minha garrafa no riacho até que ficasse cheia novamente e tomei um longo gole. A água era doce e fria, provavelmente intocada pelos humanos desde a guerra.

Esse foi um dos poucos benefícios das batalhas que assolaram a Louisiana. A maioria dos humanos e da indústria há muito se foi, e a natureza havia recuperado a terra na sua ausência. Há alguns anos, os pesticidas provavelmente tornariam a água do riacho imprestável. O mundo havia, em alguns aspectos, se curado.

Fechei a tampa da garrafa novamente, espirrei água no meu rosto e a enxuguei com a parte inferior da minha camiseta.

De volta ao penhasco, que era mais fácil de subir do que descer, eu procurei por inimigos – cobras, aranhas, formigas – e sentei-me.

— Vou demorar um momento — disse Gavin, apontando para a floresta. — Preciso de um momento privado.

— Não preciso dos detalhes — disse eu, levantando a mão. — Faça o que você precisa fazer. Eu ficarei bem aqui.

— Fique aí — disse ele com um olhar de advertência. — Não sabemos quem ou o que está vagando por esses bosques à procura de Liam ou de você.

— Não é um problema — disse eu, batendo no tronco. — Eu e o Sr. Árvore ficaremos bem aqui.

Com um aceno de cabeça, ele vagou de volta pela trilha.

Ele saíra a menos de um minuto quando ouvi passos atrás de mim. — Já encontrou o quarto dos meninos? — perguntei.

Levei um momento para perceber que aqueles não eram passos de Gavin.

E isso foi um pouco tarde demais.

* * *

A mão que cobriu a minha boca era grossa, calosa e cheirava a sujeira e gasolina.

— Mantenha a boca fechada e você ficará bem. — Sua voz estava acima da minha cabeça e à minha direita. Ele era alto, e a propagação do calor que irradiava nas minhas costas indicava que ele também era largo. Sua outra mão segurava o meu ombro.

— Você a pegou? — O segundo homem saiu de trás de uma árvore. Altura média, peso médio, aparência média, cabelos escuros, pele clara. Ele usava uma camiseta, jeans e botas. Nenhum uniforme, o que significa que ele não era um agente da Contenção. Ou não estava de plantão como um de qualquer forma.

— Eu a peguei — disse o homem atrás de mim.

Meu coração estava batendo tão ferozmente que poderia ter saído através do meu peito. Mas o pânico não me ajudava, então eu me mantive calma e esperei que eles abajassem a guarda.

— Solte-me — disse eu quando ele afastou a mão da minha boca. Mas ele manteve seu aperto no meu ombro.

— Oh, nós não podemos fazer isso. — A voz do segundo homem tinha uma borda áspera, como se tivesse arrastado cada palavra sobre uma lâmina serrilhada. — Você parece ser Claire Connolly, e conheço muitos agentes da Contenção que gostariam de questionar você. E mais, minha pesquisa diz que você conhece um Liam Quinn. Ele está bem no topo da minha lista, e sei que ele foi visto nessas partes.

— Nós não vamos machucar você — disse o homem atrás de mim. — Apenas a levaremos para Nova Orleans.

Não era uma viagem que eu queria fazer hoje, e certamente não com esses dois. Mas antes que eu pudesse fazer uma objeção, Gavin entrou na trilha, com os olhos arregalados, uma maçã a meio caminho da boca. Se ele estava alarmado em me ver na minha posição atual, ele se escondeu bem.

— Bem, olá — disse ele, mastigando a maçã enquanto olhava de um homem para o outro e depois para mim. — Não sei o que eu vi aqui, mas não quero nenhum problema.

— É verdade, amigo — disse o segundo homem. — Este é o negócio da Contenção, então apenas siga o seu caminho.

— Negócio da Contenção? — Gavin parecia animado. — Isso é realmente ótimo. Suponho que vocês senhores não tenham alguns fósforos para negociar? O meu ficou encharcado, e tenho procurado por alguém na trilha por duas horas.

— Seu nome? — perguntou o segundo.

— Você pode me chamar de Lafitte — disse Gavin, nomeando o pirata mais famoso da história de Nova Orleans. — Não tenho o objetivo de fazer amigos. — Ele levantou as mãos. — Você não tem o que eu preciso, eu seguirei o meu caminho.

O homem atrás de mim me soltou, me deixando dar uma olhada em seu rosto. Ele era mais velho, facilmente perto dos sessenta anos, com longos cabelos grisalhos e um bigode da mesma cor, o qual caía bem abaixo do queixo. Ele usava jeans e uma camiseta com um colete de couro coberto de remendos.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma lata velha de Altoids. E dela ele extraiu três fósforos grossos.

— Graças a Deus — disse Gavin, alívio claro em seu rosto. — Eu tenho MREs, uma faca extra, alguns fios e corda que encontrei pelo caminho. Algo interessa a você?

— Tudo isso — disse o homem mais jovem —, se você quiser os fósforos.

O olhar de Gavin estreitou, o queixo trabalhando enquanto considerava. — O preço não vale a pena para mim. Dois MREs, arame e corda.

— Você não está exatamente em posição de barganhar.

As sobrelanceiras de Gavin se levantaram. — Não estou?

— Você não parece saber quem nós somos.

— Não posso dizer que sim.

— Caçadores — disse o homem mais velho. — E muitas pessoas querem falar com ela.

Gavin olhou para mim duvidosamente. — Sobre o quê? Ela não parece ser uma grande ameaça.

— Ela fez algo que irritou a Contenção — disse o homem mais velho. — Os detalhes não são da minha conta.

— Acho que não posso discutir com isso. — Gavin deu outra mordida na maçã. — Recompensas é um bom trabalho? Ainda não segui esse caminho, prefiro ficar fora de Nova Orleans – o que é Gomorra, se você me perguntar – mas estou sempre procurando emprego viável.

— É viável — disse o mais novo —, se você é habilidoso.

— Claro — disse Gavin, a ânsia em seu aceno.

— A maior recompensa é para Liam Quinn — disse o mais novo, com emoção colorindo suas palavras. — A maior recompensa emitida em três anos.

Houve um forte nó no meu estômago. Os olhos de Gavin se moveram rapidamente para os meus, um aviso em seu olhar me dizendo para manter minha boca fechada.

— Jimmy — disse ao mais novo —, cale-se.

Jimmy franziu os lábios. — Desculpe, Crowley.

Crowley era o mais velho. Ele assentiu, olhou para Gavin novamente. — Nós temos negócios agora. Se você quer fazer o negócio, vamos continuar com isso.

— Claro. — Gavin deu uma última mordida na maçã e jogou o resto na floresta. Então limpou a mão na calça, tirou a mochila do ombro, e colocou-a no

chão. — Merda — disse ele, estremecendo quando puxou o zíper. — Esta maldita coisa está presa mais uma vez.

— Vamos — disse Crowley, após Gavin ter lutado com ela por mais um sólido minuto.

Gavin olhou para cima e estendeu a mochila. — Quer tentar uma vez?

Crowley se adiantou, e Gavin aproveitou a chance. Ele usou a mochila como um bastão de baseball, batendo na direção de Crowley. Mas Crowley se esquivou no último momento, então a mochila apenas bateu em seu ombro.

— Filho da puta! — gritou Crowley. Ele pegou uma faca do coldre de couro em seu cinto e cortou, apontando para o peito de Gavin. Gavin, que ainda segurava a mochila em uma das mãos, girou-a outra vez, desta vez derrubando a faca de modo que ela desaparecesse na folhagem. Crowley grunhiu e atacou, empurrando os dois para o chão.

Com a mão ainda ao redor do meu braço, Jimmy me puxou pela trilha em direção a Vacherie. Tentei me afastar, mas ele me superava em mais de quarenta e cinco quilos e não se importou de me arrastar.

— Nós temos que viver, também — murmurou ele, suas unhas irregulares cavando na pele do meu braço.

— Todo mundo tem — disse eu, neutra, meu olhar correndo ao redor da trilha estreita, procurando por algo que eu pudesse usar.

Como ele não sabia o motivo pelo qual a Contenção queria falar comigo, eu não achava que era uma boa ideia chamar magia e mostrar isso para ele. Então, a menos que Gavin me encontrasse primeiro, eu teria que lidar sozinha com o Jimmy.

E quando vi o que eu precisava, eu fiz o meu movimento.

— Ow! — gemi. Inclinei-me, tocando meu tornozelo com cuidado, depois pulei um pouco em um pé. — Eu pisei em algo. Acho que eu poderia ter torcido isso, talvez? — Deixei minha voz fazer um pequeno gemido.

— Fodidas mulheres na floresta — murmurou Jimmy. Ele me arrastou até um pedaço de cipreste caído e me empurrou para baixo. — O que diabos há de errado com você?

Quando ele se inclinou para olhar o meu pé, eu levantei meu joelho contra o seu queixo.

A rótula bateu no queixo dele e enviou dor ricocheteando na minha perna. Jimmy uivou e cambaleou para trás, seu ímpeto parado por uma árvore do outro lado da trilha.

— Filha da puta! — disse ele, suas palavras abafadas pela mão que levava até a boca.

Enquanto eu me levantava e pegava um galho grosso que estava ao lado do tronco, ele afastou seus dedos e seus olhos ficaram quentes de raiva ao ver o sangue neles.

Ele rugiu e levantou novamente. Esperei até que ele estivesse perto, depois me esquivei para o lado, levantei o galho e acertei-o em suas costas. Ele cambaleou para frente, bateu no tronco e depois rolou para o chão. Ele estava em pé em um segundo, roupas listradas com lama e musgo e bastante vingança em seu olhar intenso.

Levantei o galho novamente, mas ele estava em mim antes que eu pudesse balançá-lo. Ele agarrou-o e tentou puxá-lo, mas coloquei meu peso nele, e seus dedos enlameados perderam o agarre. Ele amaldiçoou e tropecei, caindo no chão. O galho sumiu.

Jimmy limpou o sangue do rosto. — Você não pode simplesmente ir em silêncio? — Ele avançou e eu me arrastei para trás, tentando dar espaço suficiente para eu ficar de pé. — Você tem problemas com a Contenção, a culpa é sua. Um homem tem o direito de ganhar a vida, porra.

Como Liam e Gavin também eram caçadores, eu não me opus ao princípio. Mas eu me opunha a ser prisioneira. — Não tenho nada a dizer para a Contenção.

— Não é isso que Contenção diz.

Finalmente consegui me levantar, suando nas minhas costas pelo calor, a umidade e a luta. Meu coração ainda estava batendo, minha adrenalina alta. — Acho que isso nos torna inimigos. Por que nós dois não vamos embora?

— Acho que não. — Jimmy estendeu a mão e me bateu, mas consegui evitá-lo. O problema era que o caminho era estreito, cercado por bosques pantanosos dos dois lados. Saltar naquela bagunça não me ajudaria a ficar longe dele. — Por que não ser uma boa menina e vir comigo?

— Porque não sou uma boa menina. — Eu o chutei nas bolas. E quando ele caiu no chão, gemendo e se contorcendo de dor, eu agarrei o galho do chão e bati na parte de trás da cabeça dele.

— Fodidas mulheres na floresta — disse eu, peito arfando. Então joguei o galho longe.

Houve aplausos atrás de mim. Eu olhei para trás, encontrando Gavin encostado em uma árvore e me aplaudindo gentilmente.

— Obrigada pela ajuda — murmurei, enxugando as mãos na minha calça.

— Não precisava da minha ajuda — disse ele. — Você pode se cuidar sozinha.

— Obrigada — disse eu secamente. — Você tem o seu cara?

— Ele está fora. — Inclinei minha cabeça em direção ao homem na trilha. — Eu acho que nós precisamos fazer algo com ele.

— Você quer matá-lo? — perguntou ele. Uma vez, essa pergunta teria me horrorizado muito mais do que agora.

Ainda. — Não, eu não quero matá-lo. Eu realmente gostaria de sair desta viagem sem ninguém morrer — disse eu. A luta confirmou que esta viagem foi uma boa ideia; Liam e Eleanor precisavam de um aviso. E eles precisavam disso rápido.

— Lafitte? — perguntei.

— Beau Q. Lafitte — falou Gavin devagar. — Uma das identidades que uso nas operações.

— E ninguém imaginou que *Lafitte* foi emprestado de *Jean Lafitte*?

— É Louisiana — disse ele com um sorriso. — Qualquer um que reconheça quer ouvir a história.

— Qual é?

— Ele é o avô de Beau, uma dúzia de gerações atrás. E no meio, você tem suas testemunhas, corsários, o filho ilegítimo de um senador dos EUA.

— São muitas mentiras.

— Passo muito tempo sozinho — disse Gavin. — Fiz um gráfico.

Desta vez, ouvi a agitação, vi a silhueta das asas contra o céu enquanto Malachi manobrava entre as árvores e pousava na trilha com graça impressionante.

Ele olhou para Jimmy. — Caçador de recompensas?

— Sim — falei, gesticulando pela trilha. — Há outro lá desse jeito.

— Eles vão acordar logo — disse Gavin.

— Eles não nos seguirão até os outros. — A afirmação de Malachi era tanto advertência quanto uma promessa.

Gavin sorriu. — Tenho uma ideia sobre isso. Você conhece Montagne Désespérée?

Malachi não sorriu, mas definitivamente havia diversão em seus olhos. — Conheço.

— O que isso significa? *Montanha Desesperada*? — traduzi.

— Montanha sem esperança — corrigiu Gavin. — Bem na Bayou Black. E não é um lugar que você quer ficar encalhado. O que é lamentável para eles.

* * *

Montagne Désespérée não poderia ter sequer representado uma montanha, exceto pelas terras baixas do sul da Louisiana. Era uma lombada de terra com cerca de vinte metros de diâmetro, como a cúpula careca de um homem coberta de vegetação rala e cercada por árvores de cipreste e água escura. E seria o lar temporário de Jimmy e Crowley, que Malachi e Gavin arrastaram pela trilha.

— Esta não é uma colina natural — disse Malachi, examinando-a.

— Não — disse Gavin —, construída pelos nativos americanos há cinco ou seis mil anos. Costumava ser mais alta. Mas, novamente, a água está subindo.

— Como chegamos lá? — perguntei, olhando duvidosamente para o pântano que lambia os nossos pés, insetos aquáticos deslizando como patinadores de gelo em sua superfície.

— Em um esquife — disse Gavin. — Eu só tenho que lembrar onde posso encontrá-lo. — Ele pegou uma vara e começou a cutucar as folhas, frondes³ e musgo que cobriam o chão, e provavelmente escondiam mais do que algumas aranhas e cobras.

Fiquei bem longe da busca. E com certeza, depois de alguns minutos, Gavin bateu em algo de madeira e oco, depois usou o galho para empurrar os detritos para fora de um barco de cabeça para baixo, bem escondido dos transeuntes. Mas não, aparentemente, das pessoas que sabiam sobre ele.

— Como você sabia que estaria lá? — perguntei.

— Porque não é a minha primeira vez em Hopeless Mountain — resmungou Gavin, e eu sabia que precisaria tirar a história dele depois.

3 Em botânica, chamam-se frondes às folhas verdes e geralmente compostas das samambaias e das palmeiras.

— Vamos virá-lo — disse ele, e nos posicionamos ao longo do barco, empurrando-o para o outro lado, e encontramos os remos encravados sob os assentos. Nós o levamos para a água e colocamos a ponta na lama na borda para que ele não flutuasse. Gavin ficou observando por um minuto, com as mãos nos quadris, esperando para ter certeza que o fundo não vazaria e encheria com água.

— Quem te deixou aqui? — perguntou Malachi.

— Essa é uma história que não precisa ser contada. Basta dizer que acordei em uma manhã na montanha com uma dor de cabeça e nenhum esquiife.

— Você nadou através dele?

— Depois de reunir coragem. O lugar está repleto de jacarés. Mas consegui sair de novo. O ponto é, se você está do lado certo da baía — disse Gavin —, o esquiife está aqui para o empréstimo. Se não, você se arrisca com a água.

— O barco está bom — pronunciou, depois olhou para os caçadores, agora no chão e ainda inconscientes. Então ele olhou para mim. — Três no barco de cada vez. Você quer ajudar ou assistir?

— A terra firme está bem para mim.

Nós movemos Crowley primeiro. Gavin e Malachi remaram a curta distância até a colina enquanto eu observava Jimmy. Então eles descarregaram Crowley, fizeram a viagem de volta e repetiram o processo.

— O que você acha? — perguntou Gavin, com os braços cruzados enquanto examinava o trabalho deles. Ele e Malachi colocaram os dois homens um ao lado do outro contra uma árvore, os braços colocados sobre os ombros um do outro, como companheiros dormindo depois de uma bebedeira.

— Eu acho que eles ficarão chateados quando acordarem. — Dei um tapa no meu cotovelo, esperando por pelo menos duas razões que eu não estivesse nas proximidades quando isso acontecesse. — Quanto tempo eles ficarão aqui?

— Provavelmente menos de vinte e quatro horas — disse Gavin. — Se não quiserem nadar até a costa, os camaroeiros⁴ irão encontrá-los.

— Estou surpresa que haja camaroeiros tão longe — eu disse.

Ele encolheu os ombros. — A vida já era difícil nessa área, então a guerra não foi uma grande mudança. De qualquer forma, esses dois *couillons*⁵ só terão que esperar os mosquitos. — Na hora certa, ele deu um tapa em seu pescoço.

4 Pescador de camarões

5 Babacas

Malachi e eu ajudamos Gavin virar o barco de cabeça para baixo e cobri-lo novamente. Então Gavin pegou sua mochila e atirou-a sobre um ombro. — Vamos nos mexer. Apenas no caso deles terem amigos.

* * *

A conversa de Malachi com os Paras o manteve fora da visão dos caçadores de recompensa. Como ele voltou com um lanche, poderíamos perdoar a falta dele na briga.

— Bolos de arroz doce — disse ele, oferecendo um pacote de papel encerado contendo dois pequenos lanches em lindas cores pastel. — É uma das receitas da família de Anh.

Gavin pegou um e deu uma mordida. — Bom.

Peguei o outro e mordisquei na borda. Era doce e macio, e texturizado no interior como um favo de mel.

— Acredito que os pais dela eram do Vietnã — disse Malachi. — Eles estavam aqui antes da guerra e ficaram quando acabou.

— Eles te deram alguma informação? — perguntou Gavin, colocando o resto do bolo na boca e lambendo o açúcar dos dedos.

— Djosa diz que viu Erida — disse Malachi. — Mas não Liam ou Eleanor, e eles não sabem onde Erida estava indo.

— Ele está dizendo a verdade? — perguntou Gavin.

Malachi assentiu. — Ele pode ser evasivo, mas não acho que ele mentiria sobre os detalhes. Mas há uma sugestão... Que visitemos a Bayou Black Marina e falemos com uma mulher chamada Cherie.

— Ei — disse Gavin, animando —, eu a conheço. Na verdade, ela é uma amiga minha.

Quando nós dois olhamos para ele, ele encolheu os ombros. — O quê? Eu tenho amigos.

As sobrancelhas de Malachi se levantaram. — Sério?

Gavin olhou para Malachi, depois para mim.

— Ele tem trabalhado com sarcasmo — expliquei. — Eu acho que ele está ficando muito bom nisso.

— Você deixa Moses ter um livro de piadas, e está ensinando a Malachi sobre o sarcasmo. De todas as coisas que você poderia esclarecer sobre a experiência humana, você optou por isso?

— Um homem tem que ter um hobby — disse eu com um sorriso. — Você não disse isso uma vez?

Gavin resmungou e abriu caminho pela trilha novamente.

* * *

Era o prédio mais feio que eu já vi, e ficava como uma sentinela na beira do Bayou Black. Talvez menos uma construção do que a imitação de um prédio – os destroços e os materiais abandonados se reuniram em um cubo rústico empoleirado em cima de pilhas de madeira para mantê-lo fora da água.

Mas deixar a água pegá-lo poderia ter sido uma pequena misericórdia. As paredes eram fragmentos de outros prédios – a madeira vermelha, o cipreste desgastado pelo tempo e revestimento de alumínio – e as janelas eram de tamanhos estranhos e desencontrados, provavelmente recuperados dos mesmos prédios. Ela era cercada por uma doca frágil que ligava a terra e o mar e abrigava uma única bomba de gasolina...

— Isto é... Interessante — disse Malachi finalmente do nosso lugar na costa.

— É feio como pecado — disse Gavin. — E o proprietário é uma dor no rabo. Mas ela conhece as coisas.

— E é sombrio — disse eu, desejando que tivéssemos decidido caçar os Arsenault em um dia menos nublado.

— Vamos — disse Gavin, e atravessamos a doca bamba até a porta.

O interior não parecia melhor do que o exterior. Mesas desencontradas e cadeiras mescladas sobre um piso de linóleo que se enrolava nas bordas. Havia um bar no outro extremo feito de um velho balcão de loja com a frente de vidro, o estojo agora cheio de boias desbotadas e emaranhados de redes de pesca.

Apenas uma cadeira estava ocupada – por um homem cuja pele bronzeada tinha a textura de uma lixa. Ele tinha grosseiramente a forma de um urso, usava uma camiseta, jeans e botas emborrachadas, e comia de um prato com determinação. Ele olhou para cima quando entramos, aparentemente não achando nada digno de comentar, voltou para o almoço.

Talvez não houvesse muito que olhar, mas havia muito que sentir. Um ar-condicionado rugia em uma pequena janela do outro lado da sala, e o bar estava pelo menos 20 graus mais frio que o ar lá fora. A diferença marcante fez minha cabeça girar, e não me importei nem um pouco.

— Feche a porra da porta. — A voz veio de trás do bar. A mulher – alta, de ombros largos e pele escura – contornou-o. Seus cabelos eram curtos e escuros, os olhos se estreitaram com irritação. — Você acha que a eletricidade vem com a maré?

— Acho que se você tem ar-condicionado aqui — disse Gavin, caminhando para o bar enquanto Malachi fechava a porta —, a eletricidade não é um problema.

— Isso é sempre um maldito problema. — Ela olhou para ele. — O que não é um problema é esse doce, doce rosto. Você é um belo exemplo de homem.

Os olhos de Gavin se estreitaram. — É bom ver você também, Cherie. Podemos roubar alguns minutos do seu tempo?

Ela olhou para nós, analisando Malachi e eu. — Seis ouvidos são três vezes o preço.

— Eu posso pagar — assegurou Gavin a ela. Tirou as notas do bolso e colocou o maço no balcão. Ela colocou o pacote em um bolso de jeans apertados e gastou em um movimento praticado que mostrava claramente que não era o seu primeiro suborno.

— Seus amigos? — perguntou ela, olhando para nós.

— Chame-os de Tom e Jerry.

Ela parecia duvidosa, mas gesticulou para uma mesa. — Sente-se — disse ela. Ela abriu o refrigerador atrás do balcão e a condensação subiu no ar como vapor. Ela tirou uma garrafa sem rótulo do que imaginei ser uma cerveja artesanal, abriu a tampa e voltou para a nossa mesa.

Eu acho que o pagamento não incluiu bebidas.

Cherie puxou uma cadeira e praticamente desabou nela. O movimento abalou toda a estrutura, e tive que engolir o impulso de segurar as bordas da mesa em busca de apoio. Pelo menos, se o prédio desmoronasse embaixo de nós, nós cairíamos na água.

— Grande manhã — disse ela, e tomou um longo gole da garrafa. — Patrulha PCC rolou aqui algumas horas atrás.

Meu coração tropeçou com a possibilidade de que eles já restringiram a localização de Liam – e fizeram isso mais longe e mais rápido do que nós.

— Patrulha PCC? — perguntou Gavin. — Procurando por alguém?

— Não sei. Eles passaram pela estrada de barragem, não pararam. — Se olhar se estreitou, encarando Gavin. — Você está aqui por causa da Contenção?

Gavin lançou um olhar questionador para o solitário na mesa.

— Não se preocupe com ele — disse ela. — Esse é Lon. Um solitário. Mora em seu trailer a meio caminho da água. Ele não confia na Contenção.

— Nesse caso, eu estou aqui por causa do meu irmão.

Ela removeu aquilo por uns bons quinze segundos. — A palavra é que o seu irmão é procurado por matar um agente de Contenção.

— Incorreto — disse Gavin. — Ele não estava em Nova Orleans quando aconteceu.

— Ouvi isso também.

— É por isso que estamos aqui. Precisamos encontrá-lo. Você sabe onde ele está?

Ela balançou a cabeça e girou a garrafa sobre a mesa. — Eu não o vi, não conheço ninguém que tenha visto. Pode ser que eu possa especular. Pelo preço certo.

A paciência de Gavin estava obviamente se esgotando. — Eu já te paguei.

— Pelo tempo — disse ela, e tomou um gole. — Não pelas respostas.

Por um longo momento, ela e Gavin apenas olharam um para o outro, jogadores de pôquer avaliando as mãos de outras pessoas. — O que você quer?

— Bebida. Não podemos conseguir merda, além de cerveja barata aqui. — Ainda assim, ela deu outro puxão na garrafa. — Cerveja barata é melhor que nada, mas não ajuda muito os negócios.

Ela não parece entender a ironia de *melhor do que nada* dado que ela estava exigindo mais de nós. Mas não havia sentido em reclamar. Não quando precisávamos de informações, e não quando eu podia fazer algo sobre isso.

— Feito — disse eu. Conseguir mercadorias da Contenção era minha habilidade particular, afinal. E, mesmo que eu não estivesse no comando da Royal Mercantile, eu ainda tinha contatos.

Gavin me chutou embaixo da mesa, mas eu o ignorei.

Ela estreitou os olhos para mim. — Você respondeu rápido. Talvez eu não tenha pedido o suficiente.

— Você não me deixou terminar. — Eu me inclinei. — Feito, se você nos der a informação certa.

Ela me observou por um momento, calculando. — Que tipo de bebida?

— Depende do que eles estão trazendo naquela semana. Mas se estiver no caminhão, eu posso pegá-la.

Ela molhou os lábios sedentos. — Posso saber onde você pode encontrar um amigo dele. Dizem que há uma mulher morando em uma cabana perto de Dulac, só estive lá alguns dias. A palavra é que ela não vê este mundo, mas vê os outros.

Essa era Eleanor, quase certamente. Mas mantive minha expressão neutra e não deixei que ela visse a vitória em meus olhos.

— Essa é uma condição incomum — disse Gavin com cuidado.

— É — concordou ela. — O tipo de coisa que interessaria a Contenção. Ou talvez já tenha.

— A patrulha do PCC? — perguntou Gavin.

— Não sei, mas isso certamente parece possível. — Nosso tempo aparentemente acabou – ou porque ela não gostou da conversa sobre a Contenção – Cherie se levantou e empurrou a cadeira para trás fazendo o metal ranger. — Palavra sobre recompensas se espalha rápido por aqui. Faça uma pausa se precisar, mas não fique muito tempo. — Ela pegou a garrafa pelo gargalho e voltou para o bar.

— Obrigado, Cherie.

Ela levantou a garrafa enquanto se afastava, de costas para nós. — Traga-me uma bebida decente, estamos quites.

— Vamos acabar devendo a muita gente nesta viagem — murmurou Gavin quando nós saímos de novo. — Vamos sair daqui. Estar tão exposto está me deixando nervoso.

— Além disso — disse Malachi —, você pode precisar de novos amigos.



Capítulo 05

Fizemos um bom tempo em direção a Dulac, mas, mesmo assim, estava indo devagar. Quanto mais longe nos movemos, maiores são os mosquitos e mais forte é a umidade. Bebemos mais água, mas eu suava tão rapidamente quanto eu estava tomando.

Caminhamos por duas horas, até que os bosques deram lugar a pradarias e campos, estrada de terra e algumas casas sobre palafitas se tornaram deslizamentos ocasionais de terra entre pântano. E essa água estava subindo. Do meio de uma estrada, pudemos ver os restos de três túmulos a céu aberto escorregando no avanço da água.

— Era um cemitério cheio — disse Gavin. — Mas a terra no sul da Louisiana está afundando. O Mississippi é controlado para evitar a inundação, mas a inundação é o que deposita o lodo que faz a terra no pântano. Sem o lodo, o Golfo se aproxima; a água fica mais elevada. As tumbas estão entrando no bayou, como quase todo o resto por aqui.

— E não há ninguém para cavá-las novamente — disse eu calmamente. Gavin assentiu.

O pensamento dos entes queridos deslizando na água era perturbador e inacreditavelmente triste – e isso me deixou ansiosa para encontrar um lugar alto.

— Qual é o plano para esta noite? — perguntei.

— Depende de Dulac — disse Gavin, quebrando uma barra de granola ao meio e oferecendo um pedaço para mim. Eu peguei. — E se encontramos alguém lá.

— Eles não estarão na cidade propriamente dita — disse Malachi. — Seria muito fácil rastreá-los, como fizemos. Há uma cabana na área que usamos antes. Mas se eles não estiverem lá, ainda poderemos procurá-los quando a noite cair. — Ele olhou para mim. — De qualquer forma, nós vamos encontrar um lugar para dormir.

— Longe da água — disse eu enquanto um pedaço de argamassa de um dos túmulos flutuava no pântano. — Alto e seco.

— Nenhum argumento — disse Gavin.

Atravessamos a estrada e entramos em uma área mais seca de grama alta que provavelmente cresceu sem restrições desde o início da guerra.

— Vamos fazer uma pausa — disse Gavin, apontando para uma bomba de água operada manualmente na sombra de um celeiro com velhos letreiros de gasolina e óleo pregados aos lados.

Nós entramos na sombra e tiramos nossas mochilas.

— Vou verificar o celeiro — disse Gavin. — Ver se há algum sinal deles, ou qualquer coisa que valha a pena ser verificada.

Não passamos por nenhuma evidência de pessoas por alguns quilômetros; até as casas de palafitas pareciam vazias. Então, provavelmente não havia muito a encontrar. No lado positivo, as chances também eram baixas de que estaríamos entrando na propriedade de outra pessoa.

Gavin desapareceu na esquina... E então seu corpo voou em nossa direção, curvou-se no meio como se tivesse levado um chute no estômago. Ele bateu no chão com um audível *Ooof*.

E antes que pudéssemos nos mover em direção a ele, Erida saiu da sombra do celeiro com um sorriso satisfeito.

Eu me aproximei de Gavin, ajoelhei-me ao lado dele e bati em suas bochechas. — Ei, você está bem?

— Não — disse ele, os olhos ainda fechados, estremecendo ao esfregar a mão sobre o abdômen. — Ela ainda está parada lá?

— Sim.

— Ela parece incomodada com o meu soco?

Erida era alta, com cabelos escuros encaracolados que se derramaram sobre um top de exército-verde, leggings e botas até o joelho. Sua pele era

bronzeadas, suas feições exuberantes e seus olhos estreitos. Esta não foi a primeira vez que ela e Gavin chegaram a brigar – e não foi a primeira vez que ela ganhou.

— Não — disse eu baixinho —, mas tenho certeza que ela está sofrendo por dentro.

Na verdade, ela parecia perfeitamente serena.

Mas enquanto Erida não parecia perturbada por Gavin, ela parecia muito impassível em me ver. Eu vi aquele olhar em seu rosto antes. Uma espécie de desdém simples, na primeira vez que a encontrei na igreja de Nova Orleans que usávamos como ponto de encontro antes da batalha.

— Ai — disse Gavin, endireitando-se. — Isso era realmente necessário?

— Eu lhe devia pela última vez — disse ela, colocando uma mão no quadril. Sua voz era delicadamente acentuada e bastante arrogante. Não era surpreendente para uma deusa da guerra.

Xingando sob sua respiração e segurando suas costelas com uma mão, Gavin voltou a se aproximar dela. — Vamos fazer uma trégua por enquanto.

Ela apenas ergueu o olhar para Malachi, a pergunta em seus olhos. — A paz é mais rápida — disse ele com um aceno de cabeça. — Estamos procurando Eleanor e Liam.

— O que aconteceu?

— Estão sendo procurados — disse Gavin.

As grossas sobrancelhas escuras de Erida se ergueram. Então ela desviou o olhar para a floresta. — Ele está na cabana subindo a estrada. Verificando armadilhas. Ele voltará logo.

Liam estava por perto.

Nós conhecemos Djosa, Anh, Cinda, o Tengu, depois Cherie. Nós nos mudamos de Houma para Vacherie, de Bayou Black para Dulac. Uma pessoa de cada vez, um lugar de cada vez, estávamos nos aproximando dele. E agora estávamos quase lá.

Por semanas, eu me perguntava como seria ficar bem aqui, estar à beira de vê-lo novamente. Todos os músculos do meu corpo pareciam tensos em antecipação; com esperança, com medo. Tantas emoções, todas guerreando dentro de mim.

— Eleanor? — perguntou Gavin. — Ela está bem?

— Sim. Ela está na casa principal. — Erida pareceu surpresa com a pergunta, mas depois seu rosto foi todo negócio. — Vocês não foram seguidos? — perguntou ela ao seu chefe.

— Não. — A resposta de Malachi foi plana.

— Muito bem, então — disse ela e virou. — Sigam-me.

* * *

O campo onde o celeiro estava localizado deu lugar a outra borda de árvores. E aquela fronteira deu passagem à baía.

Árvores ciprestes, água escura e musgo espanhol cobriram a terra em ambos os lados do caminho. Erida nos levou para baixo. Os sons do vento que sopravam a grama davam lugar aos grilos e coaxar dos sapos, aos sons de pássaros enormes, e quando chegamos a um pedaço de água aberta, a investida de um pelicano.

A casa ficava perto da costa, de madeira e sem pintura; as tábuas provavelmente feitas de cipreste – madeira que duraria no calor e na umidade. Era uma casinha de dois andares com telhado inclinado e um alpendre profundo, e ficava sobre palafitas de três metros que mantinham a água longe da sala de estar.

Eleanor Arsenault estava em uma das duas cadeiras de balanço de madeira branca que ladeavam a porta da frente. Ela era uma mulher adorável. Esbelta, com pele clara, cabelos grisalhos cortados, e feição régia. Ela usava um vestido simples e tênis branco, e uma delicada echarpe envolvendo os ombros, mesmo no calor e umidade. Havia mais cor em seu rosto do que eu lembrava; talvez estar aqui fora a tenha curado de alguma maneira importante.

— Eu trouxe convidados — disse Erida quando nos aproximamos da casa.

— Bem, eu acredito que seja Claire — disse Eleanor com um sorriso, inclinando-se, olhos brilhantes. Um ataque mágico levou sua visão, mas a deixou com a habilidade de ver magia, os tons e cores únicas que coloriam o poder do Outro mundo.

— E Malachi — acrescentou ela, seus olhos brilhando de prazer. Ela não precisava ver Gavin para ficar feliz com a chegada dele. — E meu neto. Vocês percorreram um longo caminho.

Gavin subiu os degraus, pegou a mão dela e deu um beijo na sua bochecha.
— Você parece bem, Eleanor.

— Eu me sinto bem, embora esteja surpresa em ver você. — Ela olhou em minha direção. — Claire, sua cor é linda. Profunda e rica... Mais do que a última vez que te vi. — Sua voz suavizou. — Já faz um tempo, não é?

— É bom te ver novamente, Eleanor. Fico feliz que você esteja segura.

— Eu estou. — Mas seu sorriso desapareceu. — Eu tenho que perguntar o que te traz aqui... E longe de Nova Orleans.

— Vamos conversar lá dentro — disse Malachi para Erida. — Dar-lhes alguns momentos a sós.

Quando eles cruzaram as tábuas rangentes da varanda e desapareceram na casa, Gavin deu a Eleanor os detalhes, contou a ela sobre o assassinato, as acusações, a recompensa.

Sua mão, pequena e elegante, voou para o peito. — Mas Liam não esteve lá. Alguém está culpando-o por algo que ele não fez... De propósito.

— Esse seria o meu palpite — disse Gavin.

— Eles estão procurando por ele — continuou ela —, e se estão procurando por ele, eles estão provavelmente procurando por mim. — Eleanor não incomodou com lágrimas; ela apenas estreitou seu olhar, apertou suas feições no que imaginei ser profunda teimosia Crioula em DNA. — Não gosto de falsas acusações. Suponho que vocês estão aqui para nos avisar?

— Nós estamos — disse Gavin. — Erida disse que ele está checando armadilhas?

Ela assentiu. — Ele está na cabana.

— Onde fica? — perguntou Gavin.

— Não muito longe — disse Eleanor, e as palavras enviaram outra onda de nervos através da minha barriga.

Ela olhou em direção a Gavin. — Há lenha no galpão atrás da casa. Você seria faria um favor de pegar alguns pedaços para depois? A fumaça ajuda com os mosquitos.

Sua expressão dizia que ele sabia que estava sendo dispensado, mas não discutiu. — Claro — disse ele, enviando um olhar na minha direção.

Se ela estava dispensando Gavin, eu assumi que ela queria falar comigo. Eu não estava certa de como me sentia sobre isso.

— Venha — disse Eleanor, acariciando o braço da segunda cadeira de balanço. — Sente-se.

Eu fiz isso, a cadeira rangendo debaixo de mim, e deixei meu olhar se deslocar para a baía na nossa frente, o terreno pantanoso se agitando na brisa leve.

— Como você está, Claire?

— Estou lidando. Como você está?

Ela fechou os olhos e levantou o rosto para a luz do sol que se filtrava através das árvores. — Estou bem. É pacífico aqui. Não é fácil viver aqui, mas é pacífico.

O silêncio caiu, quebrado apenas pelos sons de pássaros e insetos. Olhei para a água, observei o sol começar a mergulhar no pântano, observei a luz ficar dourada. Uma garça voou; longa, branca e elegante como uma dançarina, e desdobrou suas pernas para cair em um cipreste.

— Ele sentiu sua falta.

As palavras eram como uma lança, e elas encontraram sua marca.

— Não sei se ele ainda é capaz de lhe dizer isso, mas não duvide que ele sentiu sua falta. Eu acho que você sabe que ele tinha motivos para partir – bons motivos. Mas nunca é bom ficar para trás. — Eleanor olhou para mim. — Ou, eu acho, para procurar aquele que deixou você.

— Não é fácil — concordei. — Meio aterrorizante. — Fiz uma pausa, reunindo minhas palavras como flores cuidadosamente escolhidas. — Eu senti falta dele. Preocupação por ele. E às vezes, eu fico com raiva. Malachi e Gavin não queriam que eu viesse — disse eu depois de um momento. — Ainda não tenho certeza se a minha vinda foi uma boa ideia ou não, se estou interrompendo-o ou quebrando algum pedido não dito de espaço e tempo. Mas eu precisava vir. É hora de encarar a situação, de ambas as partes.

Eleanor sorriu enquanto se balançava. — Eu tinha a sensação de que você seria boa para ele. Fico feliz em saber que eu estava certa.

Apreciei o sentimento, mas ela pensar que eu era boa para ele não significava que ele sentisse o mesmo.

— A magia dele? — perguntei, mas ela balançou a cabeça.

— Isso é para ele contar.

— Tem uma cor? — Eu não sabia o que isso iria me dizer – a cor da magia dele. Mas era uma característica que ela saberia, e que pensei que ela poderia confessar.

— Não tem cor — disse ela depois de um momento. — Tem *todas* as cores.

Eu não sabia o que ela queria dizer, então esperei em silêncio para ela elaborar. E quando não o fez, eu percebi que ela não diria mais nada. Eu teria que esperar – assim como eu estava esperando – para ver o que a magia fizera com ele.

— Eu não vou te dizer o que fazer — disse Eleanor. — Você tem seus próprios sentimentos, suas próprias razões e tem direito a eles. Tenho certeza que o último mês não foi fácil para você. Não foi fácil para ele também. Ainda que ele acredite que fez a coisa certa, ele também sabe que foi a coisa errada para vocês.

— O que você tem feito nas últimas semanas? — perguntou ela, e levei um momento para acompanhar a mudança da conversa.

— Passei um tempo com Moses. Tentando fazer o que podíamos para ajudar os Paranormais. E para mudar a mente da Contenção.

Ela sorriu com cansaço. — Bom. É bom ter um companheiro em Moses. E é bom dar um pouco de energia aos que estão no poder de vez em quando. Isso lembra a eles para quem eles trabalham.

Ela estendeu a mão e acariciou a minha. — Obrigada por me ouvir, Claire. Liam e Gavin são meus meninos, e eu os amo mais do que o bom senso deveria permitir. E quero que eles sejam felizes. Imagino que você poderia precisar um pouco disso também.

— Há felicidade lá fora — disse eu, pensando em latas inchadas e robôs minúsculos. — Às vezes é mais fácil encontrar do que outros.

Gavin dobrou a esquina, braços cheios de pedaços de madeira, suor em sua testa. Eu pulei e abri a porta, então ele podia levar a carga para dentro, onde uma enorme lareira de pedra dominava uma pequena sala de estar. Um único corredor levava ao resto da casa, provavelmente para a cozinha, quarto e banheiro.

— Droga — disse Gavin quando adicionou a madeira à pilha na lareira e limpou as mãos nas calças. — É difícil acreditar que um fogo é necessário quando está tão quente.

— Qualquer coisa que mantenha os insetos longe — disse eu.

— Eu acho.

Erida e Malachi entraram com Eleanor. — Hora de encontrar Liam? — perguntou Malachi.

— Sim — disse Gavin, usando a bainha da camisa para limpar a testa. — Deixe-me pegar uma bebida.

— Água fria na geladeira — disse Erida. Ele acenou com a cabeça e seguiu nessa direção.

— O que vamos encontrar? — perguntou Gavin por cima do ombro.

— Ele está com raiva — disse Eleanor. — Acostumando-se a sua nova realidade.

— Escolheu uma maneira incrível de fazer isso — murmurou Gavin. Ele voltou com um frasco de Mason e continuou: — No meio do bayou, PCC perambulando por aí. Mas esse é o meu *frère*⁶. Deus o proíba de fazer qualquer coisa do modo fácil. — Ele bebeu o recipiente inteiro de água, então olhou para Erida. — Cabana na estrada, você disse?

Ela assentiu. — Ande até a estrada terminar, então pegue a trilha para a direita. Talvez meia milha de lá.

Gavin assentiu. — Claire e eu vamos. — Ele olhou para mim. — A menos que você prefira ficar aqui.

Ele estava me dando a chance de recuar, e eu sabia disso. Dando-me a oportunidade de fingir que eu estava apenas para o passeio – ou dando a si mesmo uma oportunidade de preparar Liam para o fato de que eu estava aqui.

Por um momento, eu considerei isso. Considerei jogar de covarde, sentar na cadeira de balanço e deixar o mundo girar ao meu redor, deixando o destino cair onde quisesse. Mas não gostei da ideia de ser covarde. Não quando cheguei tão longe.

E egoísta ou não, eu não queria dar a Liam a chance de se ajustar, de se preparar, de estudar, se o arrependimento fosse se manifestar ali. Eu queria conhecer o coração dele. Então eu o via e ele podia me ver. E nós dois veríamos.

— Eu vou — disse eu. E vi a aprovação em seus olhos.

Nós saímos, e Eleanor me deu um forte aceno de cabeça.

— Eu diria que estamos todos do seu lado — murmurou Gavin com uma risada enquanto voltávamos para a estrada.

Enquanto eu apreciava o sentimento, eu precisava apenas de uma pessoa do meu lado agora. E havia chegado a hora de encarar aquele incêndio particular.

* * *

— Não é uma estrada — disse Gavin enquanto ele e eu andávamos pela trilha. — Apenas sujeira entre árvores.

Já que meus sapatos estavam cobertos, eu não pude discutir.

Nós abrimos caminho através da lama, depois pela trilha estreita que levava a um terreno ainda mais baixo. A essa altura, estávamos chapinhando entre os joelhos de cipreste.

O bayou era lindo – a água, as árvores, a quietude assustadora. Havia algo indiscutivelmente selvagem e vital aqui. Mas isso também fez parecer inegavelmente assustador. Eu estava convencida de que cada mecha de musgo espanhol roçando meu ombro era cobra com uma atitude. Duas tartarugas mordiscando nos observaram com cautela de um tronco que atravessou a água turva, e ouvi ao longe salpicos que eu estava certa de ser um verdadeiro jacaré na caça.

— Se um jacaré come um homem — perguntei, afastando um emaranhado de musgo —, também come mulher? — Eu estava fazendo piadas porque estava nervosa, porque meu corpo estava agitado como um fio elétrico. E não apenas por causa das coisas selvagens na floresta.

— Uma pergunta oportuna — disse Gavin. — Se alguém me atacar, eu vou te empurrar na frente.

— Isso é muito atencioso.

Chegamos ao final da trilha, onde a sujeira deu lugar a moitas de grama e arbustos que quase esconderam a cabana a alguns metros de distância. Era uma versão menor da casa principal, com tábuas não pintadas, um telhado de estanho e uma pequena varanda na frente.

— Eu vou ver se ele está lá dentro — disse Gavin.

— Vou esperar aqui — disse eu. Mas só porque a cabana era pequena e parecia vazia. Não porque meu coração estava batendo tão forte que eu podia ouvi-lo em meus ouvidos.

Eu podia ver uma faixa de água vítrea através das árvores, então fui em direção a ela, passando por uma pilha de boias e armadilhas antigas e apodrecidas, e cheguei a uma doca curta e desgastada.

E lá estava ele.

Liam Quinn estava no final do cais, de jeans e botas de borracha verde-escuro, camisa de mangas curtas ensopada de suor.

Ele parecia completamente diferente e exatamente igual. O mesmo corpo magro e musculoso, o mesmo cabelo preto, o mesmo queixo forte e quadrado e a boca larga que tendia a se curvar em um canto quando estava satisfeito. Ombros largos, pernas longas, mãos fortes. Mas seus ossos grandes, já afiados, pareciam mais afiados, e cada músculo era mais distinto, como se o escultor genial que o criou tivesse voltado para refinar seu trabalho.

Os músculos se agruparam, acrescentaram isca a uma armadilha de lagostim, e então a deixou cair na água. Ele puxou uma segunda armadilha do pântano, esvaziou o conteúdo que se contorcia em um balde à sua esquerda, iscou-o com restos de um balde à sua direita e jogou-o na água. Outra armadilha e depois outra e outra. Eles se deleitariam com lagostas esta noite.

Liam parecia natural aqui, completamente em casa, cercado por bosques e água. Eu me perguntei se ele aprendeu essa habilidade – alisou as arestas ásperas dos movimentos – na cabana de sua família perto de Bayou Teche. Havia algo tão praticado no movimento, tão hipnótico na dança dele, que eu me esqueci de mim. Apenas o observei, o *admirei*, enquanto as emoções voltavam à superfície.

Um estalo tão alto quanto um tiro cortou o ar – e me tirou do meu devaneio.

Sua cabeça subiu como uma presa sentindo o cheiro de um lobo, olhos arregalados enquanto olhava para a árvore – mais de 30 centímetros de diâmetro e quase 3 metros de comprimento – caindo em direção a ele de uma área que se estendia acima da baía.

Instintivamente, ele levantou os braços, mas isso não o salvaria. E eu não o deixaria ser ferido.

Movendo-me com a mesma rapidez, peguei um pouco de magia, envolvi os filamentos invisíveis por todo o galho, e parei-o cinquenta centímetros acima da cabeça dele.

Ainda olhando, ele baixou os braços e olhou ao redor. E, pela primeira vez em semanas, olhamos um para o outro.

O mundo ficou quieto, sua respiração desacelerou enquanto seus olhos se fixavam nos meus como uma arma sobre um alvo. O azul vívido ainda estava vivo em seus olhos, mas agora eles estavam tingidos com pontos dourados, um efeito residual da magia que o atingiu.

Liam Quinn sempre foi bonito. Agora havia algo devastador sobre ele.

Eu me concentrei apenas um pouco na magia, gastei o resto para procurar o rosto dele, seus sentimentos. Vi surpresa absoluta, como se eu fosse a última pessoa que ele esperava encontrar de pé barranco atrás dele.

Alguma outra coisa também estava lá. Algo mais sombrio que eu não entendia.

— Claire.

A palavra estava cheia de emoção, mas ele não deu nem um único passo em minha direção. Em vez disso, seu corpo estava rígido, como se estivesse se segurando.

Eu não confiava em mim mesma para esmiuçar por que isso poderia ter acontecido. E não disse nada, com medo de que expressar seu nome daria muito sobre meus próprios sentimentos e o fato de que vê-lo aqui, hoje, apenas os solidificou.

A folhagem estalou e Gavin pisou no cais. Ele olhou para mim, para Liam, e para o galho que pairava acima da cabeça de Liam. — Você está ameaçando matá-lo ou impedir que isso aconteça?

— Impedindo isso — disse Liam em voz baixa.

Gavin assentiu. — Então não há nenhum ponto em se extenuar. — Ele tocou a mão que eu ainda mantinha estendida, a mão que ainda segurava as rédeas emaranhadas de magia.

Sacudi meus dedos e enviei o galho voando na água, onde aterrissou com um *splash*, balançou uma vez, então duas, e em seguida afundou.

Liam pareceu tão surpreso com a rápida liberação quanto por eu estar lá em primeiro lugar. Bom. Gostei da ideia de tê-lo assustado.

— Eu acho que nós encontramos você — disse Gavin.

Essa afirmação quebrou o feitiço, Liam puxou a si mesmo. A surpresa em seu rosto desapareceu e suas outras expressões se fecharam.

— Eu acho que sim. — Seu tom era tão uniforme quanto seu olhar. — Por que vocês estão aqui?

— Porque você se tornou repentinamente popular — disse Gavin, olhando ao redor. — Vamos sair do calor e sentar. Precisamos conversar.

* * *

Esperamos Liam terminar de arrumar as armadilhas e pegamos o balde de lagostins. Então voltamos para a cabana.

Eu não teria pensado que meu coração poderia bater mais rápido do que quando olhei em seus olhos pela primeira vez. Mas agora corria com um tipo diferente de nervos e desafiava o vazio que fazia meu peito doer.

Nós nos vimos, e não houve nenhum aperto de mãos, nenhum abraço, nem mesmo um olhar de excitação, gratidão ou alívio. Não havia nada. Essa insipidez enviou um arrepio pela minha espinha e preocupação em meu interior. Os sentimentos dele mudaram? Teria sido essa a razão óbvia e simples de não ouvir falar dele?

Talvez isso tenha sido um erro.

— Vã em frente — disse Liam, sem olhar na minha direção enquanto lidava com o lagostim em uma pequena mesa na varanda.

— Você está bem? — sussurrou Gavin enquanto caminhávamos pela porta de tela. A pergunta adicionando constrangimento nas minhas emoções agitadas.

— Não sei. — Como a casa principal, a cabana de pesca tinha paredes e um piso feito de tábuas de madeira, com o que pareciam velhos jornais enfiados nas aberturas. Havia um banco de madeira com um cobertor escuro e uma cozinha com fogão a gás e forno. Uma mesinha de madeira ficava no canto oposto, a parte superior de uma fatia de cipreste com ondulados. Duas cadeiras de madeira estavam debaixo. Através da porta aberta, nós poderíamos ver o pé de uma pequena cama de metal coberta por uma colcha feita à mão.

— Esta é a casa do vovô — disse Gavin quando Liam veio atrás de nós.

— Sim. — Liam gesticulou para as cadeiras. Quando nos sentamos, ele caminhou até a pia, virando uma torneira de água que provavelmente estava ligada a uma cisterna de água da chuva. Ele lavou as mãos e secou-as em uma toalha de chá. Então abriu um cooler de plástico no pequeno balcão, tirou três garrafas de água, passando duas delas para nós.

Ele não fez contato visual quando me entregou a garrafa, teve o cuidado de evitar me tocar. Gavin deve ter notado também, porque suas sobrancelhas se levantaram de surpresa.

Liam foi até o banco coberto de pele e sentou. Seu corpo parecia maior nesta pequena sala, como se sua força esticasse contra as paredes.

— Qual é o problema? — perguntou ele. Ele olhou para mim, pareceu se convencer de que eu estava inteira, depois olhou para Gavin. — Eleanor?

— Ela está bem. Com Erida na casa principal. É sobre Broussard.

As sobrancelhas de Liam se levantaram. Ele não esperava ouvir isso. — E quanto a ele?

— Nós viemos longe demais para dar voltas — disse Gavin —, então eu vou direto ao ponto. Ele está morto e você é o principal suspeito.

Por um momento, Liam apenas olhou para ele. — O quê?

— Broussard foi assassinado, morto na casa dele. Eles acham que você fez isso porque *Por Gracie* estava rabiscado na parede acima do corpo.

Não havia como esconder a emoção no olhar de Liam agora, não suprimindo a raiva que fervia lá. — Alguém está usando a morte de nossa irmã para me acusar de assassinato de um agente da Contenção. — Sua voz era baixa, perigosa. Uma pantera medindo seus passos.

— Essa é uma parte — disse Gavin. — Sua faca foi usada para cortar a garganta dele.

Com a sobrancelha franzida, Liam sentiu a pequena faca no coldre no cinto. — Que faca?

— Bem, não essa, obviamente. A lâmina montada no cabo do chifre. Aquela que eu te dei... O que foi, dois anos atrás? Três? A que eu encontrei em Mobile.

A confusão nos olhos de Liam se desvaneceu para o que eu achava que era especulação. — Não vejo essa faca há meses. Eu nem sequer a possuo mais.

— Você deu a minha faca?

— Você deu a faca para mim. Era minha para manter ou doar.

Gavin revirou os olhos, fazendo um som frustrado. — Para quem você a daria?

— Não para qualquer um que mataria Broussard.

— Todas as provas dizem o contrário — cutucou Gavin. — Quero um nome.

— Eu não vou te dar um.

— Bastardo teimoso — murmurou Gavin. — Quem tem a faca?

Liam balançou a cabeça, o que fez Gavin xingar em francês Cajun.

— Isso não está ajudando — disse eu bruscamente, cortando a maldição.

Ambos olharam para mim, em seguida, arrastaram as mãos sobre suas mandíbulas. Eu me perguntei se o movimento estava enterrado no DNA deles.

— Não sei quem a tem — disse Liam. — Essa é a verdade. Eu poderia descobrir. Mas isso precisa ser... Cuidadoso. — Houve um zumbido silencioso por um momento.

— Certo — disse Gavin. — Pense nisso. Então você me deve nomes. Há uma recompensa por sua cabeça, e não vou desistir de você tão fácil.

Liam terminou sua água, começou a tirar o rótulo da garrafa. Ele fazia isso quando estava agitado. — Alguém está ansioso para me levar de volta à Nova Orleans ou apenas para achar o culpado?

— Difícil dizer. — Gavin terminou sua água também e abaixou a garrafa. — Poderia ser qualquer um. Ambos.

— Se a Contenção quer fechar o caso sobre o assassinato — continuou Liam —, eles dizem que Broussard está morto, Liam Quinn fez isso, então não precisam procurar mais?

— Esse é o meu palpite, e o de Gunnar. Há pessoas na Contenção que acreditam nisso. Você tem alguns inimigos. Talvez não tantos quanto Broussard, mas o suficiente para causar problemas.

Liam colocou a etiqueta amassada no bolso e começou a girar a garrafa à toa na mão. Depois de um momento, ele olhou para cima. — Quem Broussard chatearia?

— Não sabemos — disse Gavin. — Não sabemos de nenhum inimigo específico, ou pelo menos não de novos inimigos. Muitas pessoas não gostaram dele. Não conhecemos ninguém que o odiasse o suficiente para matá-lo.

— Quem eu chatearia? — Liam se perguntou. — Quero dizer, por que eu particularmente?

— Talvez alguém — disse Gavin. — Talvez ninguém. Poderia ser tão simples como uma oportunidade: alguém sabe que você teve uma desavença com Broussard, acha que você é um alvo conveniente.

— Só se eles não pensarem muito bem sobre o fato de que não tive a oportunidade de matá-lo.

— Sua inocência não parece importar — disse Gavin.

— Você falou com Gunnar? — Liam olhou para mim. Essa foi a primeira pergunta que ele me fez diretamente.

— Não desde a batalha.

— Ele não foi a Royal Mercantile?

— Não posso dizer. Tadjí está administrando a loja agora. Não estive lá desde a batalha.

O que quer que ele estivesse sentindo, seu rosto não mostrava nada. — Entendo.

— A Contenção ofereceu passes para alguns dos Paras — disse Gavin. — Mas eles não mudaram a posição deles em relação aos Sensitivos. Claire usou magia durante a batalha. Portanto...

— Portanto — concordou Liam calmamente. Ele desviou o olhar para longe, sua expressão ainda ilegível. E novamente, eu vacilei entre me sentir magoada, me preocupando com ele e estando completamente confusa.

— Falando nisso, você precisa ter cuidado aqui. Nós conversamos com Cherie; ela disse que uma patrulha da PCC estava na marina. E encontramos dois caçadores a caminho. Eles queriam a recompensa por você, levar Claire também.

Liam olhou para mim. — Você está bem?

— Estou bem. Foi um incidente menor, considerando todas as coisas.

Emoção flamejou dourada em seus olhos. — Um ataque a você não é pouco. Não quero que você se machuque por minha causa. — Ele não disse mais nada. Não me alcançou, não tentou consolar ou acalmar. Mas se seus sentimentos por mim tivessem diminuído ou desaparecido, por que a emoção?

Quando Gavin limpou a garganta, Liam mudou seu olhar para ele. — Suponho que eles não os seguiram até aqui?

Gavin deu-lhe um olhar de irritação fraternal. — Não é meu primeiro dia no trabalho. Nós os deixamos em Montagne Désespérée.

Pela primeira vez, um canto da boca de Liam se levantou. Mesmo depois de muitas noites e milhas, e independentemente de seus sentimentos, aquele sorriso perverso teve um efeito poderoso. — Não é uma ideia ruim.

Gavin grunhiu. — Fácil para você dizer. — Ele olhou para mim, apontando para Liam. — Ele é o bastardo que me deixou lá.

Arrisquei um olhar para Liam. — E por que você fez isso?

— Ele precisava de um tempo sozinho. — Ele me observou por um momento, e encontrei o seu olhar por um momento. — Sua magia está melhor.

— Tenho praticado. Como está a sua?

Para seu crédito, ele não desviou o olhar. — Bem.

— A magia foi o suficiente para fazer você partir — disse eu —, mas não o suficiente para você falar?

— Não é tão simples assim. — Liam se levantou, obviamente inquieto, e colocou a garrafa em um balde. Ele voltou e olhou para nós, seu olhar se fixando em mim novamente. — Você está aqui para me avisar?

Se a pergunta era um teste, eu não sabia a resposta certa. Foi Gavin quem falou.

— Sim — disse ele. — Eles também mencionaram procurar por Eleanor. Se eles estão dispostos a descobrir evidências e enviar caçadores, eles estão dispostos a fazer o pior. Queremos ter certeza de que vocês estão seguros.

Liam reconheceu isso com um aceno de cabeça. — Então obrigado por me avisar.

Gavin assentiu, e Liam se dirigiu para a porta. — Está ficando escuro. Vamos voltar para a casa.



Capítulo 06

Quando chegamos, a escuridão havia caído.

— Vocês ficarão aqui esta noite — disse Eleanor. — Nós faremos uma fogueira.

Desde que eu estava profundamente cansada até os ossos – fisicamente e emocionalmente – isso soou bem para mim.

Os meninos Quinn prepararam a fogueira, troncos e galhos em uma fogueira de tijolos, e jogaram cadeiras ao redor dela. Eleanor e eu sentamos em cadeiras vizinhas, observando as chamas crepitar. Além do alcance do fogo, o mundo estava escuro, mas o pântano estava cheio de sapos, insetos e outros animais.

Liam saiu e sentou no outro lado de Eleanor, a cadeira inclinada o suficiente para que seu olhar caísse sobre mim.

E isso aconteceu. Intenso e observador. Mas ele ainda não dera voz a qualquer coisa que estivesse sentindo, o que quer que isso pudesse ser.

— Jantar — disse Malachi, e desviei meu olhar do fogo para a caneca de esmalte que ele ofereceu. O metal estava quente, e o vapor que subia cheirava a carne, cebola, e algo verde-claro que reconheci como filé.

Sentou-se ao meu lado, seus ombros largos e corpo musculoso quase comicamente grande na poltrona delgada.

— Nada para você — perguntei. Ele trouxe apenas uma xícara.

Ele balançou a cabeça e cruzou os braços, observando Liam cautelosamente por baixo dos cílios. Presumi que Malachi e Liam tinham discutido a magia de

Liam, mas talvez eu estivesse errada. Talvez Gavin e eu não tenhamos sido os únicos que não viram, que não sabiam que tipo de poder ele carregava. Ou como isso o afetou.

— Estou bem — disse ele.

— Colher — disse Gavin atrás dele, puxando duas do bolso, oferecendo uma para mim. — Não estou completamente certo de que variedade de gumbo é isso.

— Provavelmente lagosta — disse eu. — Ou não reconheceu as armadilhas?

— Eu não pesco — disse Gavin, abanando um bocado de caldo ainda fumegante. — Quente — confirmou, e engoliu com um estremecimento.

Peguei uma colherada, mas deixei esfriar antes de dar uma mordida. Era grosso o suficiente para colocar a colher em cima, escuro como café, e absolutamente delicioso.

— Não é uma maneira ruim de passar uma noite — disse Gavin, lançando um olhar para Liam. Inclinou-se como se estivesse estudando o fogo, com as mãos entrelaçadas à frente.

— O fogo está bom — falei. — O bayou é... Intimidante.

Gavin sorriu. — Não passou muito tempo fora da cidade, não é?

— Acampeei no City Park uma vez para uma viagem de campo. Mas, do contrário, não. — Até mesmo o posto de gasolina, que deveria ser um bunker de emergência, estava cheio de tecnologia, incluindo o ar-condicionado, o desumidificador e o gerador solar que mantinha a coleção segura do meu pai.

Uma batida suave começou a encher ar, e levei um momento para perceber o que eu estava ouvindo. — É isso... Isso é o Go-Go? — O pop dos anos 80 não encontrava seu caminho para a Zona muitas vezes.

— É — disse Erida, puxando uma cadeira para o fogo. Como Malachi, ela não carregava uma tigela. Mas bebia uma cerveja, o que aumentou minha opinião sobre ela. Ou pelo menos a fez parecer um pouco mais humana. — Nosso estimado General tem um grande amor pela música dos anos oitenta.

Eu olhei para Malachi, tentando imaginá-lo – alto e de ombros largos, um jovem divino de cachos ondulados – dançando para Bananarama ou Michael Jackson, ou fingindo tocar uma guitarra, como Journey. A imagem não funcionou.

— Por favor, forneça detalhes — disse eu.

Malachi sorriu. — Isto é... Esperançoso. — Ele levantou um ombro e pareceu levemente envergonhado por toda a discussão. — E muito diferente da música do Outro mundo.

Ele disse que o Outro mundo era organizado e disciplinado. — Então o que vocês têm? — Eu sorri de alegria. — Música clássica barroca? Talvez liras? Harpas douradas?

— Consularis Paranormais não se importam com instrumentos — disse Erida.

— Não tocam instrumentos? — perguntou Gavin, puxando um camarão de sua cauda com os dentes e jogando a cauda na escuridão por cima do ombro.

— Instrumentos são desnecessários quando a voz está preparada — disse Malachi, seu olhar em Erida. — Essa é a tradição em nossa sociedade.

— Então, como a cappella? — perguntei.

— Sim — disse Erida. — Embora com complexidades não reconhecidas na forma humana.

— Dezenas de vozes em camadas cuidadosas e precisas — disse Malachi. — Bem ordenado, como as coisas mais importantes no Outro mundo. Construídos de forma intrincada, cada canção é preparada e executada por uma circunstância muito particular.

Não admira que ele gostasse da música dos anos oitenta. Não era *intrincadamente construída*, e era certamente mais emocional e espontânea do que a música que ele descrevia.

— Dê-nos um gosto — disse Gavin.

— Por favor — acrescentou Eleanor. — Eu realmente apreciaria isso.

Malachi olhou para Erida, que assentiu.

Eu não poderia ter dito quando a música começou, apenas que ela lentamente nos cercou. Sem palavras, apenas a suave ascensão e queda de suas vozes, que dançavam juntas, depois se afastavam em notas mais altas e mais baixas, depois voltavam a se juntar novamente. A melodia era complexa, mesmo com apenas duas vozes tocando as partes, e isso arrepiou meus braços.

Quando pararam, minha cabeça estava nadando. Magia residual, eu imaginei.

— Droga — disse Gavin, passando a mão sobre a cabeça. — Coisas poderosas.

— Sobre o que foi? — perguntei.

— É uma história de batalha e bravura — disse Erida. — E a honra da perda.

— Não há nada honroso na perda — disse Liam.

— No seu mundo isso pode ser verdade — disse Erida. — No nosso mundo era diferente.

O mundo deles parecia frio e constrangedor. Isso não justificava a tentativa da Corte de levar a revolução deles à nossa porta, mas eu podia entender como eles teriam se enfrentado.

— Nós agora lhe falamos sobre um dos nossos rituais — disse Malachi, olhando para mim. — Conte-nos um dos seus.

— Um dos nossos? Você viveu entre humanos por anos.

— Eu vivi perto de humanos por anos — disse ele —, mas fora de suas comunidades, e em um lugar quase desnudado pela guerra.

Não havia pensado nisso dessa maneira, de quanto ele teria perdido vivendo na Zona em vez de fora dela. Sem mencionar o fato de que quase todos os humanos o considerariam um inimigo se eles soubessem o que ele realmente era.

— Tudo bem — disse eu, e deixei minha mente vagar para o lugar onde guardava minhas memórias de vida antes da guerra. — As crianças faziam festas de pijama, onde você ia dormir na casa de outra pessoa por diversão.

Malachi piscou. — Por que seria divertido dormir na casa de outra pessoa?

— Porque haveria comida — disse Gavin. Ele terminou sua gumbo e se esticou, os tornozelos cruzados e as mãos cruzadas sobre o abdômen plano. — E música. Bebida alcoólica, se você já fosse suficientemente velho — sorriu. — Meninas, se os pais estivessem fora da cidade.

— Então era um ritual de acasalamento? — perguntou Malachi.

— Não — disse Gavin com uma risada —, as crianças em festas de pijama não costumavam ter idade suficiente para isso. E se elas tivessem, não haveria muito dormir.

— Nós tínhamos jogos de futebol — disse eu. — Um jogo envolvendo uma bola e uma corrida por um campo. Você teria gostado — disse a Malachi. — É organizado e ordenado, como dois exércitos se enfrentando em uma linha de batalha. É assim que muitas pessoas em Louisiana passavam seus fins de semana.

— Marchando por um campo ou enfrentando uma linha de batalha?

Eu sabia que ele estava me provocando. — Assistindo futebol na televisão. E bebendo cerveja.

— Isso não soa muito rigoroso — disse Erida. Eu não acho que ela estava brincando.

— Não diga isso aos membros da minha liga imaginária — disse Gavin. Na sobancelha erguida de Erida, ele balançou a cabeça. — Não importa.

— Então humanos — começou Malachi —, para entretenimento, dormiam na casa de um estranho e se enfrentavam em batalha?

— É um pouco mais complexo que isso — disse Gavin, e ergueu o olhar para seu irmão silencioso. — E você, Liam? Que rituais você lembra que gostaria de contar aos nossos amigos?

— O encanamento e a eletricidade contam?

— Sim — disse Eleanor com um sorriso. — Muito mesmo. Eu amo um bom ventilador de teto no verão.

Olhei para Liam, esperando ver pelo menos um meio sorriso em seu rosto, mas seu corpo estava rígido. Olhei para cima, observei o silencioso clarão de aviso nos rostos de Erida e Malachi e segui a direção de seus olhares. Nas árvores, onde os galhos de cipreste emergiam da água escura, pairava uma luz clara. Era da cor das folhas da primavera e flutuava como uma nuvem a poucos metros acima do solo. Mas não havia bulbo ou caule. Apenas um nevoeiro que se aproximava, transformando ramos escuros em garras ameaçadoras.

— *Feu follet* — sussurrou Gavin. — Fogo-fátuo.

O cabelo ergueu na parte de trás do meu pescoço. Mas Liam e Malachi se levantaram. Erida e Gavin se aproximaram mais de Eleanor.

Instinto me disse para pegar uma tocha do fogo, correr para a casa e me trancar dentro dela. Mas eu não ia correr – e certamente não na frente desta multidão – então eu lentamente bloqueei meus joelhos e me movi para trás de Liam e Malachi.

Sem tirar os olhos da luz, Gavin estendeu a mão, pegou a mão de Eleanor e sussurrou algo para ela. Ela assentiu, olhando casualmente na direção da luz... E sorriu.

— Amigos — disse ela baixinho, tomando outro gole da xícara de chá, tão suave quanto uma mulher tomando chá. Confiei em seu instinto e relaxei um

pouco, mas manteve meu olhar na luz. Aproximou-se, a única nuvem se separando em uma dúzia de pontas menores.

Malachi riu. — Não é fogo-fátuo — disse ele.

— Não — concordou Erida —, apenas Peskies comuns.

Peskies eram minúsculos Paras com asas de libélula, corpos curvos, e nenhum um pedaço de roupa.

Eles tinham cerca do dobro do tamanho de beija-flores e quatro vezes mais desagradáveis. Eles não gostaram de ser chamado de *comuns*. Eles soltaram gritos agudos quando uma picareta de gelo começou a mergulhar e nos bombardear. Um zumbiu ao redor do meu rosto, suas asas se movendo tão rapidamente que eram uma névoa atrás dela.

Então ela me deu um olhar feio e me dispensou.

O gesto *definitivamente* traduzido.

— De volta para você, querida — disse eu, e peguei um aceno em resposta.

— Não antagonize os Peskies — disse Liam, ainda olhando para as árvores.

— Ela me dispensou primeiro — resmunguei, e afastei-a quando ela tentou me bater novamente. Isso desencadeou um fluxo de maldições estrangeiras. Mas eu não precisava entender as palavras para entender a essência.

Eles saíram da floresta em sequência, liderados por um homem alto com um peito barril e pernas finas de jeans, camiseta e botas de borracha. Ele carregava um balde em uma mão e uma espingarda na outra. Embora uma arma na mão de um estranho devesse ter me deixado desconfiada, os três garotos – todos com as pernas magras de seu pai – apareceram atrás dele, todos sorridentes.

Todos tinham pele bronzeada, maçãs do rosto salientes e cabelos escuros que pareciam ser afiados.

— Boa noite — disse o homem na frente. — Parece um bom fogo.

— Roy — disse Liam, caminhando para ele e oferecendo uma mão, que Roy apertou cordialmente. — *Comment ça va*⁷?

— *Comme ci, comme ça*⁸. — Ele encolheu os ombros. — *C'est la vie*⁹.

— Parece que você tem uma infestação Peskie — disse Liam.

7 Como você está?

8 Assim, assim.

9 É a vida.

Roy sorriu. — Encontrei-os em uma das minhas armadilhas de rato selvagem. Libertei-os, por todo o bem que havia feito. Eles estão me seguindo desde então.

— Eles gostam de você — disse Malachi. — Eles são gratos pelo resgate. E estão gostando da lagosta.

— Quem não gosta? — disse Roy. — Você fala a língua deles?

— Mais ou menos.

— Roy Gravois — disse Liam —, Malachi, general do exército Consularis. Meu irmão, Gavin Quinn. Claire Connolly. E você conhece Erida e Eleanor.

Roy acenou para nós por sua vez, seu olhar parou quando ele chegou até mim. — É bom colocar um rosto em um nome.

Balancei a cabeça, e não pude deixar de me perguntar qual deles havia me mencionado. — Prazer em conhecê-lo.

— Roy vive acima no bayou — disse Liam. — Leva a lagosta antes que elas cheguem até mim.

— O problema é que você não isca suas armadilhas que valem a pena. — Roy olhou para trás, estendendo a mão para aqueles que vieram com ele. — Minha família: Adelaide, Claude e Iris. — Ele apontou para cada uma das crianças, por sua vez.

— Todos os membros da United Houma Nation — disse Liam.

— Nascido e criado — concordou Roy com um aceno de cabeça.

— Roy — disse Eleanor. — Você gostaria de algum gumbo? Fizemos muito.

Roy sorriu para Eleanor. — Estou bem. Acabamos de voltar para devolver essas ferramentas. — Ele ofereceu o balde para Liam. — Aprecie o empréstimo.

Liam o pegou. — Você consertou o gerador?

— Eu disse a você o que eu estava fazendo com isso?

Liam balançou a cabeça.

— Peguei o motor do limpador de parabrisa do velho Plymouth no lugar de Fortner. Conectei-o em um poste, então liguei no gerador, fiz o meu pequeno cuspir. Assei o resto do javali na noite passada.

— Engenhosidade Cajun — disse Liam com um sorriso. — O javali estava bom?

— *Mais ya* — disse Roy, beijando as pontas dos dedos. A conversa continuou assim por mais alguns minutos – comida, armadilha, vida no bayou.

Como no cais, ele parecia confortável aqui. Talvez isso fosse algo positivo, que apesar de tudo o que lhe acontecera durante a batalha; ele conseguiu se sentir em casa, pelo menos de alguma forma.

Eu me perguntei se isso também significava que ele deveria ficar aqui. Viver aqui. O que fez meu coração doer.

— Escute — disse Liam —, desde que você está aqui, você deve saber... Há possivelmente problemas no horizonte.

— Que tipo de problema?

Quando Liam olhou para as crianças com cautela, Roy assentiu.

— Tudo bem se eles ouvirem. Se houver problemas, quero que eles estejam preparados. Eles podem lidar com isso.

Liam assentiu. — Um agente da Contenção em Nova Orleans foi morto há alguns dias. Eu sou o principal suspeito.

As sobrancelhas de Roy se levantaram. — Interessante que você matou um homem na cidade enquanto estava na água comigo.

— Não é, no entanto?

— Eles emitiram uma recompensa?

— Sim.

A curiosidade inicial no rosto de Roy desapareceu, e seu olhar se estreitou. — Eles erraram acidentalmente, ou de propósito?

— Nós temos a mesma pergunta. Dado que eu não estava nem na paróquia na época, achamos que é de propósito. Mas não sabemos ao certo por que ele foi morto, e não sabemos ao certo por que eles me escolheram, a não ser porque Broussard e eu não nos dávamos muito bem.

Roy fez um som bufando. — Se nós matássemos todos com quem não nos demos bem o mundo seria um lugar muito menor.

Liam sorriu.

— Você viu alguém olhando ao redor? — perguntou Gavin, levantando-se do seu lugar ao lado de Eleanor e dando um passo adiante.

— Não vi um agente ou caçador tão longe no sul em anos. Excluindo a companhia atual — sorriu Roy. — Eles sabem melhor do que chegar ao sul sem um guia. Terminar perdido e encalhado em um bom dia, carne de jacaré em um mau.

— Esteja atento — aconselhou Liam.

— Para tempestades, para jacarés, para caçadores, e para agentes — disse Roy. — Seremos cuidadosos. — Ele olhou para Claude. — Certo?

Quando Claude acenou com a cabeça, Roy bagunçou seu cabelo, puxando-o para perto. — Devo chegar em casa, levar os pequenos para a cama e verificar Cosette e o bebê. Ele olhou para Liam. — O que você pode fazer sobre essas acusações?

— Ainda não sei.

Roy assentiu, pensativo. — Você precisa de uma testemunha, você liga para mim. Você precisa de alguém para falar sobre sua perícia na água, você terá que ligar para outra pessoa.

Com outra piscadela alegre, Roy e sua família desapareceram nas árvores novamente, peskies iluminando seu caminho.

* * *

Nós nos revezamos adicionando galhos ao fogo, atizando-o para manter as chamas dançando na umidade e, ocasionalmente, batendo nos mosquitos que não foram dissuadidos pela inalação de fumaça.

Fiquei mais confortável à medida que a noite prosseguia. Não que estivesse me acostumando com o bayou, mas estava me acostumando com os sons – as rãs, farfalhares, salpicos que indicavam coisas movendo-se no escuro. E eu estava me acostumando com Liam sentado perto de mim, com a gravidade de seu corpo a poucos metros da minha.

Ao redor da meia noite, Gavin se espreguiçou e bocejou. — Devemos encerrar a noite. Temos um dia cedo amanhã.

— Vou dormir na cabana — disse Liam, levantando-se.

Gavin assentiu. — Vou me juntar a você.

— Claire pode dormir na casa com a gente — disse Eleanor

Eu olhei para Malachi. — E aonde você vai?

— Prefiro estar do lado de fora.

Sim, passamos mais tempo juntos nas últimas semanas, e eu conheci mais de seus pensamentos e humores. Mas ele ainda era um mistério para mim de muitas maneiras. — Sempre dorme do lado de fora?

— Sempre parece melhor — disse Malachi. — Verei todos vocês de manhã. — E ele andou na escuridão, desaparecendo além da borda da luz do fogo.

— Vamos acomodar você — disse Erida, levantando-se. Eu fiz o mesmo e segui-a até a casa sem outro olhar para trás. Liam não fez nenhum movimento para falar comigo, pelo menos ainda não. E enquanto eu tinha certeza que precisávamos ter algum tipo de conversa, eu não estava nem fisicamente nem mentalmente preparada para fazer isso hoje à noite.

Os degraus rangeram embaixo de nós, e a varanda e o assoalho fizeram o mesmo. Erida puxou um saco de dormir verde enrolado de uma prateleira alta, então apontou para um pequeno quarto vazio do lado de fora da cozinha. — Você pode dormir lá. Há um catre no quarto dos fundos. Está dobrado, mas você pode pegá-lo, trazê-lo se não quiser dormir no chão.

Ela disse como um desafio, como se esperasse que eu recusasse e exigisse uma cama de pluma e lençóis de seda.

— De qualquer maneira, isto está bem — disse eu.

— Você pode não pensar isso depois de ver o catre. Mas as aranhas provavelmente já se foram.

Tentei não pensar na possibilidade de dezenas de pernas rastejando em cima de mim enquanto eu dormia. — O chão está bom. Eu dormi em lugar pior. — Estendi a mão e ela me ofereceu o saco de dormir.

— Eu conheci seu pai.

Isso me tirou do meu pesadelo aracnoide. Eu olhei para ela. — O quê?

— Havia muitos de nós em Nova Orleans. Escondidos lá, pelo menos até nós fugirmos. Inicialmente, estávamos convencidos de que os humanos entenderiam a diferença entre Corte e Consularis e libertariam da prisão aqueles que não tivessem escolhido lutar. Eles não o fizeram.

As palavras foram ditas como um julgamento, uma declaração de culpa. Não haveria absolvição para os humanos por Erida.

— Como você o conheceu? — perguntei.

— Ele nos ajudou. Quando tomou conhecimento de seu poder, de outros humanos na posição dele, ele se tornou mais compreensivo. Ele era um bom homem. Ele...

Ela se conteve, ficou em silêncio e imóvel por uns sólidos quinze segundos. Então, ainda assim ela poderia ter sido uma estátua de alguma antiga deusa humana. E como ela parecia lutar por palavras, eu a esperei dizer.

— Ele foi gentil — disse ela por fim. — Ele era bom e gentil. Ele ajudou os que estavam em Nova Orleans quando ele podia nos fornecer suprimentos. Ele nos deu confiança e amizade.

Mas quando ela disse *amizade* havia algo além da amizade em seus olhos. Saudade, se eu tivesse que apostar nisso.

Eu vi meu pai com mulheres, um encontro ou dois aqui e lá com a mãe divorciada de uma amiga do ensino médio, a mulher que assou croissants na padaria europeia na Magazine. Mas não o vi com Erida. Não vi Erida antes do momento em que ela entrou na igreja de Delta.

— Amizade — disse eu calmamente.

Ela olhou para mim, encontrou meu olhar e não disse uma palavra. Muito parecido com Malachi, ela segurava seus cartões perto do peito.

— Você viu a magia dele? — perguntei.

Ela me deu um olhar questionador.

— Eu não sabia que ele era um Sensitivo — disse eu. — Eu não sabia nada sobre sua magia, sobre o que ele fez para ajudar até... — até Broussard ter derramado o feijão. E agora Broussard e meu pai estavam mortos. — Ele me amava, mas não me disse tanto quanto deveria.

— Ele era um portador de luz — disse ela calmamente.

Assenti. — Isso é o que eu ouvi.

— Ele não sabia sobre você, também?

Balancei a cabeça. — Entendo — disse ela, mas sua voz disse que na verdade ela não entendia, mas talvez estivesse tentando reconciliar o homem que ela conheceu com quem eu acabei de descrever.

Ela não era a única.

— Eu também conheci sua mãe. — Seu olhar permaneceu no meu, mas sua expressão havia ficado muito fria.

Tentei manter o controle da minha própria expressão, para manter o medo longe de minhas veias, de mostrar no meu rosto.

Meu pai me contou que minha mãe havia morrido quando eu era criança, muitos anos antes da guerra, antes de os Paranormais entrarem em nosso mundo. Eu não me lembrava dela; deveria ter sido impossível para Erida conhecê-la.

Mas a guerra expandira o que era possível. Esticara e contorcera. Eu vi uma mulher de cabelo vermelho, uma mulher que parecia comigo, tentando forçar a abertura do Véu em Talisheek. A mesma mulher cuja fotografia descansara em um baú no porão do posto de gasolina.

Eu tinha bons amigos, mas não tinha família e ansiava por essa conexão, algo que saíra a muito tempo da minha vida. Mas eu estava com medo do que poderia descobrir. Porque se havia alguma conexão entre eu e aquela mulher, significava que meu pai havia mentido para mim toda a minha vida.

E isso significava que a mulher que tentou abrir o Véu, que quase nos destruiu, era minha mãe. Então as perguntas que eu poderia ter perguntado – ela está viva? Ela é nossa inimiga? – permaneceu estrangulada e não falada.

Eu não estava pronta para aceitar qualquer possibilidade, então balancei a cabeça. — Minha mãe morreu há muito tempo.

Erida me observou atentamente por um momento. — Entendo — disse ela finalmente. — Então, talvez eu tenha me confundido.

O gelo se transformou em calor que queimava no meu peito, apertou minha garganta. Balancei a cabeça para ela. — Claro.

— Bem — disse ela depois de um longo silêncio —, você terá que madrugar. Deveria dormir um pouco.

E então ela se foi, deixando-me com mais perguntas do que respostas.



Capítulo 07

Café de Chicória estava perfumando a casa quando acordei. Gavin me ofereceu uma xícara de louça que combinava com a que tinha na mão quando pisquei acordada no saco de dormir.

Sentei-me sonolenta e peguei a caneca, o esmalte ainda quente. O primeiro gole foi tão doce que fez meus dentes doerem.

— Eleanor aparentemente não tinha açúcar suficiente na Ilha do Diabo — disse Gavin com um sorriso. Os ombros de sua camiseta estavam escuros com a umidade de seu cabelo ainda úmido.

— E aparentemente ela está compensando o tempo perdido — aponte para a camisa dele. — Você foi nadar a esta hora da manhã?

— Eu e os jacarés — disse ele com uma piscadela. — A água é ótima se você quiser dar uma volta.

Demorou menos de um segundo para eu recusar a oferta. — Não há dinheiro suficiente no mundo para me levar para tomar um banho com um jacaré.

Ele sorriu. — Você pisa no bayou, você pode achar só isso, cher. Pegue esse café e se vista. Há omelete na cozinha, com lagostins retirados das armadilhas nessa manhã. Estamos saindo em vinte minutos.

Eu não tinha apetite, mas me dei tempo para alguns goles encorajadores de café. Então despejei água em uma bacia no pequeno banheiro e limpei o melhor que pude. Eu dormi em minhas roupas, no caso de precisarmos fazer uma fuga rápida, então mudei o que precisava, escovei os dentes e preendi meu cabelo em

uma trança que o manteria fora do meu rosto para a viagem de volta para casa. Então enfiei tudo na sacola e fechei o zíper.

Saí, larguei a sacola no alpendre e segui para o cais novamente. Naquela hora, estava vazio, então andei alguns metros sobre a água.

Um nevoeiro baixo cobria o bayou, denso como uma nuvem. Ela foi atingida pela luz do sol, que se refletiu no nevoeiro e lançou uma luz estranha sobre tudo. Tudo estava parado, como se eu tivesse visto uma foto de um bayou congelado no tempo.

Uma mancha branca dividia a quietude – uma garça voando de um banco a outro. Ela desapareceu entre as árvores e as rãs começaram a resmungar no vácuo do som.

Era lindo aqui. Desolado e vazio em alguns pontos, repleto de vida em outros. Este era um mundo que existia antes dos humanos e conseguira sobreviver a eles.

Hoje, nós nos afastaríamos do bayou e das pessoas que viviam lá. Eu não estava pronta para enfrentar a perda que significaria de novo – ou me afastar de Liam ou observá-lo me deixar ir embora. Mas eu precisava me preparar, emocional e fisicamente. E necessitava estar pronta para a jornada e o que quer que pudéssemos enfrentar. Com os caçadores à caça, havia uma boa chance de precisar usar minha magia antes de voltarmos para Nova Orleans. Eu precisava estar preparada para isso também.

Os sensitivos absorviam a magia diariamente, o que nos apodrecia de dentro para fora. Uma vez que o sensitivo se tornasse um espectro não havia caminho de volta. Simplesmente usar magia não ajudava, pois os corpos dos Sensitivos tentavam absorver mais para preencher o vazio que usar a magia criava. A única maneira de se livrar disso era soltá-la conscientemente, enviá-la de volta para o universo.

Fazia alguns dias desde que eu fiz isso, o que era perigoso. Parecia uma coisa dentro de mim, algo que se contorcia, queimava e doía para me virar do avesso. Algo que queria mais.

Então eu tive que seguir os passos.

Quando voltei à margem, vi um banquinho na varanda. Como a mesa na cabana, o topo fora cortado de um tronco de cipreste. Agarrei-o, encontrei um local tranquilo com uma vista para a água e os ciprestes, e sentei-me.

Eu não trouxe a caixa que normalmente usava para guardar o excesso de magia. Eu não queria o peso dela na minha mochila, e não queria que ela abrisse acidentalmente ao longo do caminho e jogasse a magia de volta ao mundo, onde continuaria criando o mesmo problema. Eu precisava de um suporte alternativo. Encontrei um coto de cipreste bem cortado a alguns metros de distância. Provavelmente a mesma árvore sacrificada pela mesa e pelo banco.

— Desculpas antecipadas — falei, depois fechei os olhos, deixei minha mente descer ao local onde imaginei que a magia afundou, recolheu e encheu. Seus filamentos brilhantes tremulavam de poder, como se antecipassem mais. A magia sempre queria mais. Que eu soubesse isso agora – que estávamos tão conectados que eu podia sentir seus desejos – era desconcertante. Mas aqui estava eu. Removê-la era o único controle que eu tinha, de modo que era o que eu faria.

Reuni o máximo de fios que consegui e retirei do centro oculto. Lutei contra eles por um momento, contra o aperto tentacular no meu corpo, mas exigi que eles se movessem, e eles fizeram. Movimento, afinal de contas, era meu dom particular. E maldição.

Eu os direcionei para longe do meu corpo, deixei-os derramarem na madeira até que me senti mais leve, até que o pulso de energia era mais suave, um zumbido em vez de uma batida.

Então soltei um suspiro e abri um olho para dar uma olhada no coto. Eu não o explodi.

Eu não o havia incendiado, e ele não estava brilhando com radiação de outro mundo. Ficou ali, como os tocos costumavam fazer, e continuou os seus negócios.

— Sucesso — resmunguei, dando a mim mesma uma nota mental cinco. Então me levantei, estiquei os músculos que pareciam soltos e relaxados, e olhei para a água que se movia lentamente.

Como um deus ágil e veloz, Liam se levantou do pântano, corpo molhado, escorregadio e nu até a calça cargo agora úmida. A água escorria de seu torso, descendo pelas curvas de seus quadris.

Levou um momento para eu entender que ele era real, e não alguma miragem conjurada pela minha imaginação traidora. De olhos fechados, ele passou as mãos pelos cabelos, movendo todo o cordão de músculos.

E então seus olhos se abriram e seu olhar encontrou o meu... E nós olhamos um para o outro até que o ar parecia chiar com eletricidade, com calor.

Neste momento, ele não pareceu surpreso em me ver.

— Desculpe — disse eu, virando nos calcanhares antes que a imagem de seu corpo se fixasse ainda mais no meu cérebro. — Eu estava apenas dando uma olhada antes de sairmos. No bayou — acrescentei rapidamente.

— Tudo bem — disse Liam, mas a tensão em sua voz dizia exatamente o oposto. Ele puxou uma toalha pendurada em um galho próximo, pendurando-a em volta do pescoço. — Estou feliz que você esteja aqui.

Eu me virei lentamente, procurando por um sinal do que ele poderia estar sentindo. Ele estava feliz por eu estar aqui porque queria me ver? Ou porque apreciava o aviso?

Mas, mais uma vez, seu rosto não mostrava nada. E isso me fez perguntar, mais uma vez, o que ele tentava esconder. Ou se esconder.

— Você está bem? — perguntei a ele.

— Estou bem.

Mas havia uma tensão em sua voz, algo por trás das palavras, algo que ele não estava pronto para falar. Um conflito que não entendi.

— Realmente? — perguntei. — Você não parece bem.

O ouro brilhou em seus olhos. — Como eu pareço, Claire?

— Não sei. Você me diz. Ou me mostre — murmurei, e dei um passo mais perto. Pela primeira vez eu estava perto o suficiente para sentir a magia que girava em torno dele.

Instintivamente, eu levantei a mão para tocar os fios dela, para deixá-los roçar meus dedos – e Liam deu um passo atrás, colocando espaço entre nós.

— Você não quer fazer isso.

Antes que eu pudesse perguntar o que ele queria dizer, Gavin entrou na clareira.

— Desculpe interromper, mas precisamos ir. Estamos começando mais tarde do que eu queria.

Meu peito ficou apertado, cheio de palavras que precisavam ser ditas antes que houvesse milhas e milhas entre nós novamente. Antes que eu o perdesse de novo.

Liam balançou a cabeça, manteve os olhos em mim, mas falou com Gavin.
— Eu vou com vocês.

— Oh, não, você não vai, irmão. — Gavin deu um passo mais perto, uma briga se formando em seus olhos. — Eu não trouxe minha bunda até aqui no bayou para que você pudesse entregar-se a Contenção. Eu vim até aqui para te manter longe de problemas. Você e Eleanor, ambos.

— Sou eu quem está sendo acusado de assassinato — disse Liam, deslizando o olhar para seu irmão. — Você acha que eu ficarei aqui, me esconderei aqui enquanto alguém me incrimina? Condena-me à revelia?

— Você pareceu bem em vir para cá depois da batalha.

— Isso foi diferente — disse Liam, cada palavra cuidadosamente falada. — Havia razões... — ele balançou a cabeça. — Não posso entrar nisso agora. Se alguém está disposto a me incriminar, eles estão dispostos a fazer o pior. Se eu não voltar, se não desafiar isso, quem mais vai pará-los?

— Nós vamos — disse Gavin. — É por isso que estamos aqui, afinal de contas. Você volta, arrisca a todos.

— Ficando aqui eu coloco todos em risco. Incluindo Eleanor, Erida, Roy e a família dele. Muitos caçadores não se preocupam com quem machucam para conseguir sua presa. Se eu estiver aqui, eles podem usá-lo – ou as crianças – para me encontrar. Se eu for embora, ele pode ser honesto, dizer para onde eu fui, talvez até ganhar um pouco de dinheiro com isso.

— E eles voltarão para Nova Orleans — disse Gavin. — Onde a Contenção está esperando para te levar. Se algo acontecer com você, porque eu fiz a questão e vir até aqui, eu não conseguirei viver com isso.

Liam deu um passo em direção a Gavin. Eu já os vi chegarem a se golpear antes, e não tinha certeza se íamos para lá agora. — Alguém assassinou Broussard em meu nome. Não posso viver com isso.

Gavin não respondeu. Os sons do bayou se arrastaram para o silêncio de espera.

— Eu vou com vocês — disse Liam —, e você pode estar lá para me ajudar, ou eu volto sozinho. Qual você prefere?

Gavin xingou, então se virou e voltou para a casa, furioso a cada passo. Eu o segui, e Liam me seguiu, perto o suficiente para que eu pudesse sentir a onda de calor de seu corpo.

Malachi e Erida esperavam na varanda.

Liam enxugou o cabelo com a toalha, depois a jogou sobre um corrimão, tirou uma camiseta da mochila, e puxou-a sobre a cabeça.

— Indo para algum lugar? — perguntou Malachi.

— Vou com vocês — disse ele.

Malachi olhou para Gavin, que olhou para trás. — O idiota teimoso está voltando, quer gostemos ou não. Ele pode muito bem ir com a gente.

Eu acho que estava decidido isso. E decidi que seria melhor não pensar muito no que isso significava para mim. Eu teria que esperar por Liam ou decidir que ele não valeria a pena. E eu não estava pronta para tomar essa decisão.

Erida se mexeu levemente, chamando nossa atenção para ela. — Eu posso ficar com Eleanor, mas acho que precisaríamos nos mudar novamente. Talvez fazer parecer que a casa ficou deserta por um bom tempo.

— Acho que é uma boa ideia — disse Gavin. — Pelo menos até que esta situação de Broussard tenha sido resolvida.

Erida assentiu.

— E agora que vocês fizeram os planos, posso falar em defesa própria?

Nós olhamos para trás. Eleanor havia entrado na varanda. Gavin adiantou-se para ajudar, mas Erida estendeu a mão, balançando a cabeça.

Eleanor se moveu lentamente para a cadeira de balanço, usando as mãos como guias, depois sentou. — Estou contente em ficar aqui fora — disse ela. — O bayou está crescendo em mim. Mas Liam deveria voltar para Nova Orleans. Sua casa está lá, não aqui. Este é o local de nascimento dele. E não estou dizendo que ele não deveria vir visitar de vez em quando. — Ela desviou o olhar, deslocando-o para perto de Liam. — Adorei passar esse tempo com você. Mas é hora de você ir embora. Como se você não estivesse planejando isso o tempo todo.

Seu olhar deslizou em minha direção, e senti meu corpo tremer, mas me recusei a ceder à tentação de brincar com essas palavras, de deixá-las rolar em minha mente tão cheia de possibilidade. Ele planejava voltar? Quando? Como?

E, mais importante, por quê?

— Os planos dão errados — disse Liam, e isso cortou o início da esperança. — Não quero deixá-la sozinha.

Eleanor sorriu como um gato que fez um bom trabalho de capturar o canário. — Meu menino, eu vivi nesta terra por décadas antes de você brilhar nos

olhos irlandeses do seu pai. Você tem negócios para resolver. É hora de você cuidar disso.

Ela balançou uma vez, madeira rangendo contra o assoalho. — Agora, siga seu caminho, e faça o negócio.

E como a rainha crioula do bayou, Eleanor examinou as árvores e a água e esperou que suas ordens fossem acatadas.

* * *

Liam não teve contra-argumento para sua formidável avó – e quem teria? – então ajudamos Erida a embalar alguns pertences de Eleanor, incluindo o livro no qual ela catalogara as cores da magia que vira ao longo dos anos. Malachi encontrou Roy, que guiou um barco até o cais. Era grande e verde-claro, uma traineira¹⁰ com as redes removidas.

Ajudamos Eleanor a entrar no barco, e depois eles partiram, prontos para avançar ainda mais rio abaixo, para o fundo dos pântanos de água salgada e para o Golfo do México.

Quando o motor se afastou, Gavin colocou a mão no ombro de Liam. — Para tudo há uma razão.

A mão caiu quando Liam resmungou.

— Você pode não ter tomado café suficiente — murmurou Gavin. — Mas agora é tarde demais. Vamos pegar a estrada.

* * *

Nós andamos em fila indiana: Gavin, eu, Liam, e quando ele não estava fazendo uma varredura acima do solo, Malachi. Eu podia sentir o peso do olhar de Liam nas minhas costas, como se seu olhar fosse algo tangível. Seu silêncio era quase tão opressivo quanto o calor e a umidade, mas nós estávamos focados em fazer progressos.

Não ajudou que eu não sabia o que dizer a ele e ele não estava pronto para dizer nada para mim. Cada milímetro pegajoso me deixou mais irritada com isso.

¹⁰ Traineira é uma pequena embarcação de pesca, com a popa reta, destinada a utilização de redes como instrumento para capturar peixes.

— Alguém precisa de uma pausa? — perguntou Gavin. A trilha se afastou do dique à nossa esquerda, que continha o Mississippi, e na direção dos trilhos da ferrovia à nossa direita.

Gavin caminhou até uma pequena fileira de árvores, tirou uma laranja e cheirou. — Madura — disse ele. Ele arrancou mais algumas, começou a passá-las ao redor. Até Malachi pegou uma, e subimos o dique para comê-las. O caminho para cima era íngreme, mas o topo era arredondado. Abaixo de nós, o rio estava marrom quando correu para o sul.

— Eu sempre achei que parecia café com leite — disse Gavin, jogando no chão sua mochila e se sentando.

— O que explica como você acabou a cem metros rio abaixo em uma fatídica tarde de sábado.

Gavin sorriu para Liam. — Me tirou da escola dominical, o que foi bom para mim.

Larguei minha mochila, sentei-me e comecei a descascar minha laranja. Só então percebi que não passamos por uma laranjeira a caminho de Dulac. Nós estávamos pegando um caminho diferente de volta.

— Nós contornamos a marina — disse eu.

Gavin mastigou, assentindo. — Não queria empurrar a nossa sorte.

— Você não confia em Cherie? — perguntei.

Liam fez um som de dúvida e começou a descascar a laranja em uma única espiral longa, assim como ele havia descascado o rótulo de sua garrafa no dia anterior.

— Cherie se preocupa consigo mesma — disse Gavin. — E ninguém mais. Não posso culpá-la por isso neste dia e época. Mas tenho que ser cauteloso.

— Ela provavelmente já enviou as pessoas atrás de nós — disse Liam.

— Ela poderia ter feito — disse Gavin. — Mas precisávamos de informação. Esse é o risco que assumimos.

Se ela contasse sobre a Contenção sobre nós, eu não me apressaria em enviar as bebidas em seu caminho.

— Então, para onde vamos? — perguntou Liam. — Este não é um caminho reto para Nova Orleans.

— O Jipe está em Houma — disse Gavin. — Vacherie Plantation.

Malachi assentiu. — Eu quero checar Cinda.

— Quem é Cinda? — perguntou Liam

— Um dos meus — disse Malachi, mordendo um pedaço de fruta. — Ela estava doente quando passamos pela primeira vez. Eu gostaria de ver como ela está.

— E talvez Anh tenha mais daqueles bolinhos de arroz.

Malachi deu a Gavin um olhar severo.

— Mas, obviamente, verificaremos a Cinda primeiro — emendou Gavin. — Porque o cuidado de nossos amigos Paranormal é mais importante do que o meu estômago. — Ele olhou especulativamente para Liam. — Isso atrapalha sua agenda, *frère*?

— Tudo bem por mim.

— Você já pensou onde você ficará na cidade? Não posso levá-lo de volta à sua casa na Ilha do Diabo.

— Vou pedir uma casa emprestada. — Ele dormiria em uma casa abandonada, ele quis dizer. — Isso é mais seguro para todos. E quero ver a casa de Broussard... A cena.

— Espere até conversarmos com Gunnar — disse Gavin. — Talvez ele possa fazer arranjos para mim, e eu posso te levar.

— Não posso fazer nenhuma promessa. — A laranja descascada, Liam puxou um gomo e deu uma mordida, em seguida, olhou por cima da água.

— Não fará bem a Eleanor se formos pegos — disse Malachi.

Liam olhou para ele. — Eu sou um bom juiz do que eu deveria e não deveria estar fazendo.

Malachi deslizou seu olhar para mim. — Não sei se isso é verdade.

Gavin bufou, em seguida, cobriu com uma tosse bastante pouco convincente.

— Se eu quiser a sua opinião, eu pedirei por isso.

— Não é uma opinião — disse Malachi. — É um fato.

O olhar de Liam esquentou. — Você tem algo que queira dizer para mim?

— Não. — A expressão de Malachi era totalmente plana. — Eu deveria?

Liam jogou fora o resto de sua laranja e se levantou, com o brilho dourado em seus olhos.

— Senhoras — disse Gavin —, isso não está ajudando. Malachi, por favor, pare de antagonizá-lo. Você é velho demais para agir como idiota. Bem, eu presumo. — Ele olhou para Malachi. — Eu não sei quantos anos você tem.

— Acho que precisamos discutir algumas coisas — disse Liam, seus olhos ainda estreitos nos de Malachi. — Sintam-se livre para dar um passeio.

— Estou disponível para uma conversa — disse Malachi.

Revirei os olhos, depois me levantei e puxei minha mochila. — Vamos caminhar — disse a Gavin. — Temos milhas a percorrer antes de chegarmos a Vacherie.

— A voz da razão — disse Gavin, seguindo-me pelo dique. Eu olhei para trás uma vez, vi Malachi e Liam – loiro e moreno – encarando um ao outro como guerreiros se preparando para uma batalha.

— Ele não está ajudando em nada — disse eu.

— Ele não está tentando ajudar. Ele está tentando ser uma dor na bunda de Liam, e está funcionando.

— E que bem ele acha que fará?

Gavin olhou para mim. — Você não pode ser tão ingênua. Ele está tentando fazer com que Liam puxe o fio que está bem enfiado na bunda dele e fale com você. Ele obviamente ainda está apaixonado por você, Claire.

Eu bufei. — Tanto faz. Ele mal teve duas palavras para dizer para mim.

— Empurrando, o idiota — lembrou Gavin com um sorriso. — Ele é tão teimoso, e eu sei, vendo como nós temos a mesma genética. Meu palpite é que a magia está consumindo-o. Talvez também a culpa por Gracie, raiva por estar preso aqui enquanto você está em Nova Orleans. Se você não consegue ver isso na cara dele, não está procurando. Ou talvez seja esse o problema... Você não está procurando. Ele olha para você como se você fosse a primeira água que ele viu em meses. Eu sei que você pelo menos viu aqueles olhares que ele está dando a Malachi.

— Não há nada entre Malachi e eu. Somos apenas amigos, e Malachi está antagonizando-o.

— Sim, mas você não pode antagonizar alguém que não dá a mínima. Confie em mim, ele se importa. Ele só terá que trabalhar o caminho dele para descobrir isso, ou notar isso.

E quanto tempo eu deveria esperar?

* * *

Levou vinte minutos antes de Malachi e Liam nos encontrarem de novo, e passava do meio-dia quando chegamos a Vacherie. Nós pegamos algumas laranjas para a viagem, mas ainda estávamos com fome.

— Bolos de arroz — disse Gavin novamente. — Só para confirmar, esse é o item número dois na agenda. Verificar a Cinda como o item número um.

— Você é tão magnânimo — disse Liam. As primeiras palavras que ele falou em milhas.

— Diplomacia é a minha arte em particular — disse Gavin. No que ninguém realmente acreditava.

Chegamos à beira da floresta e vimos a casa empoleirada como uma coroa em meio aos campos. E de algum lugar da plantação, o som de lamento e choro foi levado até nós pela brisa.

— *Não* — disse Malachi, andando na nossa frente, seu corpo curvado e tenso. — Não, não, não. — Ele correu e suas asas se abriram com um estalo agudo, então o impulsionou no ar.

Cinda foi meu primeiro pensamento. Ela havia piorado. Corri pela trilha e em direção à plantação, ignorando o chamado de Gavin atrás de mim. Eu corri pelo canavial na altura do joelho e saí na frente do celeiro para ficar ao lado Malachi.

Vi o Tengu primeiro, de pé em um semicírculo, mãos unidas, penas arrepiadas. Paranormais seguiam-no, chorando e lamentando, em seguida, dois homens com uma prancha coberta de linho sobre os ombros, um corpo cuidadosamente colocado sobre ele.

Ele usava branco, e as mãos estavam cruzadas sobre o tórax, o cabelo branco caindo ao redor dos ombros dos homens que o carregava. Não era Cinda; era Djosa.

— Não — disse Malachi novamente, uma exalação e um gemido. Então ele entrou em linha com o resto dos enlutados enquanto eles caminhavam.

— Oh, merda — murmurou Gavin quando ele e Liam se juntaram a mim.

Mais Paranormais se juntaram à procissão, e observamos silenciosamente enquanto Djosa era carregado do celeiro para um caminho de grama entre canaviais.

Eu olhei para Gavin, insegura da etiqueta.

— Está tudo bem em seguir — disse ele. — Mas vamos manter a nossa distância.

O Tengu começou a cantar, um grito agudo de tristeza e perda enquanto o grupo se movia através dos campos sob o sol ofuscante. Os Paras que carregavam Djosa deviam estar cansados, mas nenhum parecia reclamar. Dado o pouco que eu sabia sobre os Consularis, eles viam a tarefa como um privilégio, uma maneira de honrar seu amigo caído.

Os campos semeados deram lugar a madeiras emaranhadas e retorcidas, onde a natureza estava ganhando sua batalha contra as forças da agricultura humana. Umidade se fechou em torno de nós novamente, e até mesmo os odores mudaram, ficaram mais úmidos e mais verdes.

Nós serpenteamos através dos bosques até uma pequena clareira onde eu podia apenas distinguir pedras quebradas que cobriam o chão. Este era um cemitério, um muito antigo, que provavelmente foi usado pela plantação desde a sua criação. Não havia túmulos elaborados aqui e quase nenhuma marcação. Apenas um pequeno pedaço de terra onde o morto poderia descansar para viver sob carvalhos e musgo.

Mas eles não colocariam Djosa no chão. Eles construíram uma pequena plataforma de dois por quatro de madeira e colocaram cuidadosamente a prancha que segurava seu corpo sobre ela. O Tengu aproximou-se, pegou o cabelo e as roupas para recolocá-los. Para organizá-los.

Um Para que eu não vi antes se adiantou e começou a falar com a multidão em sua linguagem particular. E era uma multidão, eu percebi tardiamente, que não incluía Cinda. Eu me perguntei se ela estava doente demais para ir ao funeral de seu pai.

Gavin tirou o boné. Eu fiz a mesma coisa, então minha trança caiu sobre meus ombros.

Atraídos pelo movimento, os Tengu olharam em nossa direção, nos viram. Eles enlouqueceram novamente – penas erguidas como o pelo de um animal, vozes se tornando agora gritantes. Com medo ou fúria, eu não sabia, mas eles não nos queriam lá. Não queria que a gente assistisse. Os outros Paras se viraram, atiraram olhares desagradáveis em nossa direção, deixaram claro que não aceitavam nem a interrupção nem a nossa presença.

Sem discutir, nós os deixamos sozinhos com a dor deles.



Capítulo 08

Estávamos suando quando nos sentamos ao lado do jipe e sob o carvalho na frente da casa principal. Nós esperamos quase uma hora até Malachi caminhar pela colina. Enquanto isso, eu fiquei quieta, conforme Gavin e Liam conversavam sobre o pessoal da Contenção, tentando identificar a pessoa que poderia ter tido algo contra Liam.

— Foi uma doença — confirmou Malachi quando se juntou a nós. — Djosa estava se sentindo fraco, cansado. Ficou pior antes de chegarmos ontem, mas não queria parecer fraco na minha frente. — Ele desviou o olhar, balançou a cabeça enquanto olhava para a casa da fazenda.

Eu não sabia como consolá-lo, então fui para a coisa óbvia, que ainda parecia sem sentido. — Sinto muito pela sua perda.

Malachi assentiu. Mas havia algo duro em seus olhos – algo que dizia que ele não esqueceria a morte de Djosa tão cedo.

Os sulistas, em Nova Orleans ou fora dela, gostavam de falar sobre lições. O que você aprendeu até mesmo das más experiências. O que elas deveriam te ensinar. Como faziam parte de um plano maior. Mas eu estava tendo problemas para ver como a morte deste homem poderia ter sido parte do plano de alguém.

Gavin se levantou do chão e enxugou as mãos no jeans. — Ele não deveria ter ficado doente.

— Não — concordou Malachi —, ele não deveria ter ficado.

— Correndo o risco de soar incrivelmente insensível — disse Gavin —, devemos nos mover. Presumindo que é contagioso, você não precisa de mais

exposição. Nós não queremos que você fique doente, e não queremos levar nada para casa conosco, espalhar ainda mais.

— Eu vou do meu jeito — disse Malachi, então olhou para mim. — Você gostaria de uma carona para Nova Orleans? — Ele estendeu as asas, as penas de marfim refletindo a luz do sol que atravessava pelos galhos das árvores.

Embora o pensamento de ter uma visão panorâmica de Nova Orleans fosse interessante, o pensamento de voar por todo o caminho nos braços de um cara Paranormal não era.

— Quem sabe da próxima vez — disse eu.

— Veremos você lá — disse Gavin. — Nós provavelmente deveríamos nos encontrar hoje à noite, discutir o plano de ataque, por assim dizer. — Ele deslizou seu olhar para o irmão. — Já que isso não é mais apenas uma advertência, mas uma investigação.

Liam assentiu. — Precisamos descobrir o que podemos sobre a morte de Broussard. O porquê, o como, o quando. Isso nos levará ao culpado.

— Eu falarei com Moses — disse Malachi, e deu a Liam o endereço. — Nós nos encontraremos lá, a menos que não seja seguro. — Ele acenou para mim.

— Eu conheço o sistema — assegurei a ele. Um colar de miçangas do Mardi Gras – amarelo, com enormes macacos de plástico segurando enormes bananas de plástico – pendurado na porta da frente significava que o caminho estava limpo. Se o colar tivesse desaparecido, não era seguro, e nós deveríamos manter a caminhada.

— Então é um encontro — disse Malachi, e subiu para o céu.

Mantive a mão sobre os olhos, observei o corpo dele se levantar, asas suaves e poderosas contra o ar espesso, até que ele se tornou uma fina lasca de branco contra o céu brilhante e então desapareceu.

Quando olhei para trás novamente, Gavin estava dando um tapinha nas costas de Liam, em seguida, andando em direção ao jipe, cantando enquanto caminhava: *o que significa perder Nova Orleans...*

Pelo menos ele era melhor do que Moses.

Liam não estava mais comunicativo no jipe do que esteve durante a caminhada.

— Se nós jogarmos *eu sou espião* ou o jogo do alfabeto — disse Gavin, pegando o olhar dele pelo retrovisor —, você contribuirá para a discussão?

— Duvidoso.

— Rabugento — murmurou Gavin.

Ele voltou a cantar, batendo com os dedos no volante – até que de repente ficou calado.

— Esqueceu as palavras? — murmurei, meus olhos fechados enquanto tentava tirar uma soneca no banco do passageiro.

— Não — disse ele, e não havia humor em sua voz. — Veja. Bloqueio na estrada.

Meus olhos se abriram e pisquei sob a luz do sol, vislumbrando quatro veículos, dois de cada lado da estrada dividida. Do lado indo para Nova Orleans, os veículos estavam estacionados cara a cara, apenas espaço suficiente entre eles para permitir que um passasse de cada vez.

Gavin manobrou o jipe em uma estrada de cascalho, lançando um jato de terra e cascalho no ar.

— Tenho certeza que eles não perceberão isso e acharão suspeito — murmurou Liam.

— Manobras de defesa — disse Gavin.

— Por que há uma barreira em torno de Nova Orleans? — perguntei. Alguma coisa aconteceu nos dois dias em que estivemos fora? — Houve outro ataque à Ilha do Diabo?

— Duvidoso — disse Gavin. — Alguém teria falado para Malachi.

— Isso é por causa de Broussard? — perguntou Liam.

— Não pode ser — disse Gavin, batendo no topo do câmbio de marchas. — Fechar o acesso a Nova Orleans para encontrar um suspeito de assassinato? Não para diminuir o que aconteceu com Broussard, mas esse não é um procedimento. Isso é exagero.

— A coisa toda é exagerada — disse Liam. — O assassinato, a escrita literal na parede, o trabalho para me incriminar. Talvez seja maior que Broussard.

— Talvez — disse Gavin, mas não parecia convencido. Ele olhou para trás e olhou para o irmão. — Qual é o plano?

— Eu posso nadar — disse Liam.

— Nadar? — perguntei, encontrando seu olhar no espelho retrovisor. — Você vai nadar para Nova Orleans?

— Pelo rio — disse Liam. — A Contenção não patrulha os canais. Você fica abaixo ao longo da parede e pode entrar e sair da cidade facilmente.

— Você quer nos encontrar na estrada? — perguntou Gavin.

Liam negou. — Vou pegar a balsa quando chegar ao rio. Encontro vocês na casa de Moses.

— Essa é uma viagem longa — disse eu.

O olhar de Liam em mim era intenso. — É mais seguro para todos nós se nos separarmos.

— E por falar em segurança — disse Gavin, olhando para mim —, o obstáculo não seria para você, mas isso não significa que eles não aceitarão o que conseguirem. Você sabe nadar?

— Eu sei nadar, mas não sou forte o suficiente para percorrer quilômetros de canais. — E isso sem levar em consideração os jacarés, cobras, ratos e lontras, entre outras coisas. — Então, não.

— Então você finge ser outra pessoa — disse Gavin, voltando-se em seu assento para olhar para mim. — Abaixei esse boné, por favor.

— Farei um pouco melhor — disse eu, e remexi através da mochila aos meus pés para encontrar a peruca que eu havia colocado lá. Ela foi cortada em um estilo curto e escuro, não muito diferente do de Darby. Ela era uma funcionária de pesquisa da PCC e membro da Delta.

Tirei o boné, torci minha trança, depois me inclinei e coloquei a peruca. Demorou um pouco para endireitá-la, mas eu não parecia mais com uma ruiva. Coloquei o boné sobre ela, então me virei para Gavin e ergui uma sobrancelha.

— Nada mal. — Seu olhar avaliador se transformou em um apreciativo. — Nada mau mesmo. — Ele mexeu as sobrancelhas sugestivamente.

— Foco — disse Liam, acotovelando a parte de trás do assento de Gavin.

— Um homem pode se concentrar em várias coisas ao mesmo tempo.

— *Foco*. — Desta vez eu disse isso. Chequei o retrovisor do carro de novo, já que eu esperava que um veículo da Contenção descesse a estrada de cascalho a qualquer minuto.

— Tenha cuidado — disse Gavin.

Liam assentiu. — Eu sei como ficar abaixo do radar.

— Então vamos fazer isso — disse Gavin, religando o carro.

Liam saiu, fechou a porta e olhou através da minha janela aberta. — Tenha cuidado — disse ele, e me deu um longo olhar antes de ir embora.

— Ele é corajoso ou estúpido? — perguntei.

— Ambos, obviamente. — O rosto de Gavin mudou, ficou sério enquanto movia o carro, voltando para a estrada.

* * *

— Eu estou com a Contenção — lembrou-me Gavin —, ou perto o suficiente. Um caçador a caminho da cidade para uma reunião. E você é?

— Sua namorada, junto para o passeio. Meu nome é... Mignon.

— Excelente escolha — disse ele. — Eu sempre quis namorar uma Mignon.

Sentei-me, cruzei os braços e tentei ignorar as borboletas na minha barriga. Eu vinha propositadamente evitando não apenas a Contenção, mas todos e tudo da minha vida anterior que a Contenção poderia ter usado para chegar até mim. Agora estávamos correndo para o problema, e não havia como voltar.

Gavin acenou para fora da janela quando paramos. Dois agentes em uniformes escuros, com armas na cintura, se aproximaram de nós.

— Senhor — disse o do lado de Gavin. — Senhora. — Ele era grande e corpulento, com a pele clara, cabelo tosado, uma mandíbula quadrada e um nariz torto.

— Agente — disse Gavin. — Eu não sou senhor, e ela não é senhora. — Ele puxou uma identificação presa à sua viseira e ofereceu ao agente. — Eu sou da Operações Especiais.

O agente olhou para o distintivo, depois para Gavin novamente. — Razão para visitar Nova Orleans?

— Eu moro lá, como diz no meu distintivo. — Ele verificou o relógio. — E, em particular, eu tenho uma reunião com Gunnar Landreau em meia hora.

— E o seu negócio fora de Nova Orleans? — perguntou o agente.

— Não posso revelar a ninguém sem autorização do sigma. A Contenção pode confirmar.

O agente ergueu os olhos para mim. — E você?

— Viagem de campo — disse eu, soando mais entediada possível. — Embora isso não seja exatamente o que eu tinha em mente.

O agente deu ao emblema outro estudo cuidadoso, depois olhou para mim e fez o mesmo. — Saia do carro, por favor.

— Claro — disse Gavin. — Mas posso perguntar por quê?

— Você está na lista.

Merda, eu pensei.

— Que lista é essa?

— Você pode ter informações sobre pessoas de interesse.

— Eu tenho certeza que sim, tendo status sigma. Mas, como observei, não estou autorizado a divulgar essas informações.

— Estamos procurando por Liam Quinn. Seu irmão.

A mandíbula de Gavin apertou em uma imitação muito boa de alguém muito, muito zangado com Liam.

— *Merde* — murmurou ele, realmente forçando o sotaque de Cajun. — Que inferno ele fez no meio do caminho?

— Matou um agente da Contenção, chamado Broussard.

Gavin se endireitou visivelmente, em seguida, puxou seus óculos de sol muito lentamente. — O que você disse?

— Ele matou Broussard em sua própria casa. Uma recompensa foi emitida. Ele é um homem procurado, e a Contenção quer capturá-lo mais cedo ou mais tarde.

— Entendo... Você tem um bloqueio na estrada. Mas não vi esse *couillon* em semanas. Tivemos o que você pode chamar de um pouco de desentendimento depois da batalha.

Ele gesticulou para o bloqueio na estrada. — A Contenção acha que ele está fora da NOLA?

Essa era uma boa lição de estratégia: a Contenção bate à sua porta, aproveite a oportunidade para obter as informações que você pode. — Não sei. Apenas seguindo ordens.

— Claro que você está. — Ele xingou e sacudiu a cabeça. — Ele acha que eu vou salvar a pele dele, ele está muito enganado. *Tête dur*¹¹. — Gavin molhou os lábios e olhou para o agente conspiratoriamente. — Quanto é a recompensa?

11 Cabeça dura

O agente falou um número que teria mantido o Royal Mercantile no verde por meses. A Contenção era séria sobre conseguir Liam.

Gavin assobiou. — Eu não fiz esta pergunta, mas só assim eu tenho certeza... Membros da família recebem a recompensa se eles se depararem com ele?

— Acredito que sim. — Ele se afastou por um momento e conversou com o outro agente, falando em seu comunicador. Gavin, que parecia completamente frio do pescoço para cima, apertou minha mão.

Os agentes voltaram.

Vamos, murmurei. Apenas nos deixe ir.

— Senhor, por favor, saia do carro — disse o agente novamente. — Precisamos dar uma olhada dentro.

Gavin assentiu. — Claro, agente. Estou sendo um babaca, e você está apenas fazendo o seu trabalho. Eu estou saindo — disse ele, em seguida, abriu a porta e saiu. — Mas se eu me atrasar para meu encontro... — acrescentou com um sorriso —, você poderia escrever uma nota para mim?

Saí sob o olhar do outro agente.

— Mãos no capô, por favor. — Nós fomos deixados em lados opostos do capô e colocamos as palmas das mãos no carro. Depois de assar ao sol, o capô estava quente o suficiente para fritar um ovo. Mas pelo menos impediu que minhas mãos tremessem visivelmente.

Gavin piscou para mim, o que ajudou um pouco. Mas eu sabia que algo disso era bravata que não sentia. Se alguém estivesse disposto a enquadrar Liam e colocar a Contenção na trilha dele, não seria difícil acreditar que eles também fariam isso com o irmão dele.

Eles abriram as portase começaram a examinar o conteúdo do Jeep. A mochila de Gavin, minha mochila. Fiz um rápido inventário mental do que havia jogado ali e se havia algo prejudicial.

— Bem — disse um dos agentes.

Eu congelei, engoli uma bola de medo e olhei ao redor do veículo.

O agente, cujas bochechas estavam coradas de rosa, segurou em dois dedos o pedaço mais minúsculo de lingerie preta que já vi. Rendas pretas baratas com laços e cordões, e recortes estratégicos que pareciam acabar com o ponto de usar lingerie em primeiro lugar.

Eu olhei para Gavin.

Ele conseguiu criar um rubor e tossiu delicadamente. — Então, eu posso não ter limpado muito bem essa bolsa após seu último uso.

Desde que eu estava jogando um papel, eu percebi que poderia muito bem ir para o ouro. — Seu idiota! — Eu me lancei para ele através do capô do carro, conseguindo dar um par de tapas nos braços dele antes que o agente me afastasse dele e puxasse meus braços para trás. — Que diabos é isso? Por que diabos há lingerie... *Lingerie* na sua bolsa?

Ele ergueu as mãos, todo inocente. — Mignon, baby, não é nada. Eu juro.

— Seu *idiota*! Foi Lucinda? Você me prometeu que não a veria novamente! Você *prometeu*!

Ele olhou para o agente que segurava meus braços. — Você poderia nos dar um minuto aqui?

— Senhora — disse o agente —, você vai se controlar?

Eu curvei meu lábio para Gavin. — Você quer dizer como ele se controla? Não pode manter seu zíper fechado. Não pode manter as malditas mãos para ele.

— Senhora.

— Sim — disse eu. — Sim, *tudo bem*. Eu posso me controlar.

Ele me soltou e ajustei minha camisa, então passei a mão sobre a peruca para alisá-la.

Quando voltei para Gavin, olhando para ele por cima do capô, o agente afastou-se cuidadosamente e se juntou ao outro agente na parte de trás do jipe.

— Você é violenta — murmurou Gavin.

— Você é um pervertido.

— Não é *minha* roupa íntima.

— Sim, esse era o meu ponto. Eu quero saber por que você tem isso?

— Você não quer — disse ele com naturalidade. — Lucinda?

— Garota malvada do sexto ano. Odiava ela. — Eu não podia deixar passar. — Você esperava encontrar uma pequena companhia nesta viagem?

— Tipo, eu não estou dizendo que não posso apreciar um bom momento quando o encontro, mas não. Eu realmente esqueci que estava lá.

Provavelmente é melhor não cavar muito fundo no resto disso.

Cinco minutos depois, o agente voltou e evitou todo contato visual comigo.

— Você está livre para ir — disse ele. — Agradecemos a sua cooperação e sentimos muito pelos problemas domésticos.

— Não é sua culpa se ele é um idiota — disse eu, dando uma última olhada em Gavin.

O agente assentiu desajeitadamente e olhou para Gavin. — Se você ver seu irmão, ligue para a Contenção. Ele precisa ser parado antes que machuque outra pessoa.

— Não posso concordar mais — disse Gavin, e nós entramos no carro. — Nós apreciamos o seu serviço.

Nós nos afastamos, nós dois ainda verificando os retrovisores, esperando para ser seguido. Mas os caminhões ficaram estacionados onde estavam.

— Isso foi fácil — disse eu.

— Muito fácil — disse Gavin, seu olhar ainda oscilando entre a estrada e o espelho retrovisor — E... Aí está.

Eu verifiquei o retrovisor. Cerca de um quarto de milha atrás de nós, um sedan prateado entrou na estrada.

— Quem é?

— Um ramo da Contenção seria meu palpite. Eles provavelmente supõem que eu esteja mentindo sobre Liam – ou esperam que eu esteja – e imaginam que eu vou levá-los diretamente para ele ou vou levá-los para um local improvisado, e eles podem ficar à espera.

— Você realmente não tem um desses, não é? Um ponto de entrega?

Ele sorriu. — Não um, não. Mais como... — ele fez uma pausa, os lábios se movendo silenciosamente —, onze, pela última contagem. Doze? Não. Onze.

— Por quê?

— É uma cidade grande. Você nunca sabe onde vai acordar.

Eu bufei. — Isso soa como um problema pessoal.

Gavin sorriu. — Pessoal, mas nunca um problema. Uma cauda, no entanto, seria um problema. E confirma que a Contenção está falando sério sobre encontrar Liam. O que diabos ele fez para obter tanto interesse?

— Lugar errado, hora errada?

— Não sei. Eu realmente não sei.

Nós assistimos o sedan se aproximar.

— Como, exatamente, eles planejam seguir você? É óbvio que estão lá atrás.

— Vários carros — disse ele. — Eles farão uma troca a cada uma milha ou duas na estrada. Assista — disse ele. E, com certeza, o sedan se aproximou, depois entrou na outra pista e passou, como se estivesse totalmente alheio ao nosso carro.

— Este carro sairá da estrada à frente. Outro carro entrará atrás de mim, seguirá até que eles se encontrem novamente, e assim por diante. É um bom truque.

— E você tem um plano para lidar com isso?

— Claro que eu tenho um plano. O que, infelizmente, vai significar abandonar esse jipe. O que é uma chatice, porque eu realmente gosto dele. Encontrei-o no Garden District atrás de uma velha livraria. Cheio de garrafas de Jack Daniel's. — Ele sorriu, acariciando o painel amorosamente. — Ela é boa desde o começo. Infelizmente vou deixar as chaves para a próxima pessoa que possa precisar. E talvez eu encontre um Range Rover. — Ele olhou para mim. — Você está afivelada?

— Estou — disse eu, e puxei o cinto de segurança para verificar a tensão, apenas no caso.

— Então, sente-se e aproveite o passeio.

Com um sorriso no rosto, ele acelerou.

* * *

Entre os dois, eu imaginei Gavin como o tomador de risco, Liam como o planejador. Se a direção de Gavin era algum sinal, eu estava exatamente certa.

Gavin sabia como lidar com um perseguidor. Ele jogou de distraído, passando por Carrollton – subindo e descendo as ruas laterais, ocasionalmente parando para conversar com alguma pessoa aleatória que ele via na rua e forçando os carros a pararem e se esconderem. Eu mantive a peruca no lugar enquanto prosseguimos. Não havia sentido em incitá-los com a ideia de mais capturas.

Depois de meia hora viajando pela cidade e sem perda de interesse dos agentes que nos vigiavam, Gavin esperou até a próxima entrada, depois se arriscou e puxou o jipe para dentro de um beco, passando por ele até encontrar uma garagem vazia. Ele parou e desligou o motor enquanto eu saía e fechava a porta da garagem.

O truque funcionou. Eles passaram direto por nós. Nós esperamos e os ouvimos circularem, e quando a barra estava limpa, nós saímos e fomos em direção a Mid-City.

Eu já havia dado a Gavin meu local de desembarque, um beco a poucos quarteirões do posto de gasolina que não era perto o suficiente para levá-lo ao meu esconderijo secreto. Eu queria um banho e comida antes de ir para a casa de Moses para a segunda rodada.

— Suponho que você não me deixará deixá-la na frente, então eu saberei onde você está para poder ficar de olho em você?

— Eu não deixarei. — Saí do carro e peguei minha mochila. — Obrigada pela carona. Se você me seguir, eu vou ficar chateada.

— Você tem direito a sua privacidade — disse Gavin. Ele parou por um momento, parecia pensar no que dizer em seguida. — Olha, Claire. Você e Liam não são da minha conta.

— Mas você não pode resistir?

— Eu acho que você deveria considerar uma coisa.

Apoiando um braço acima do jipe, eu suspirei e olhei para dentro. — O quê?

— Você está cocooning¹².

— Estou o quê?

— Cocooning. — Ele enfiou os polegares sob os braços e fingiu bater as asas. — Como uma borboleta.

Eu apenas continuei olhando para ele.

— Jesus, vocês estão sendo intencionalmente obtusos. Você está se escondendo neste seu covil secreto para não machucar ninguém. Gunnar ou Tadjì ou a loja.

— Eu não tenho um covil secreto. — Mas eu totalmente tinha. E mesmo se eu estivesse fazendo isso, não era a coisa certa a fazer?

— Você não acha que Liam estava fazendo exatamente a mesma coisa?

— Talvez — disse eu. — Mas ele está de volta agora. De que lado você está?

— Ele é meu irmão mais velho, e você é minha amiga. Então estou do meu lado, naturalmente. Eu verei você na casa de Moses.

Fechei a porta. — Se eu não aparecer em algumas horas, você pode voltar aqui e começar sua busca.

¹² Na tradução seria fazer um casulo. A expressão pode significar se acomodar com a solidão.

— É justo — disse ele. — E Liam?

Coloquei a mochila nas costas. — Isso não foi uma pergunta.

— Eu o trouxe de volta para Nova Orleans. O resto é com você. Portanto, vá direto ao ponto.



Capítulo 09

Em uma zona de guerra, um longo banho era um milagre. Isso era especialmente verdadeiro depois de um dia movendo entre os moradores de bayou, trilhas errantes, testemunhando um funeral Paranormal, e sendo parada por um bloqueio da Contenção.

Eu estava cansada, minhas pernas doíam, e estava morrendo de fome. Eu não teria me importado de passar a noite na estação, brincando com um dos projetos que comecei para me manter ocupada. O desumidificador de backup que não queria virar, ou os poucos artefatos Paranormais que precisavam ser reparados. Mas isso não estava nos cartões. A Contenção estava à caça, e nós estávamos com o relógio correndo.

Terminei meu banho, então comi uma lata de pêssegos com um garfo. Estava ensolarado quando cheguei ao posto de gasolina, e chovendo quando saí. Puxei meu casaco impermeável e comecei minha segunda caminhada do dia.

Quando cheguei à casa de Moses, o crepúsculo quase caíra. Um enorme Range Rover branco estava estacionado do lado de fora e, como eu não conhecia ninguém que dirigisse um desses, achei que Gavin havia feito um rápido trabalho de encontrar um carro novo.

Ainda havia muitos veículos na cidade, mas não muitos carros de luxo ou SUVs que não fora despojado ou destruído, ou transformado em cascos enferrujados depois de sete anos abandonado. E, de alguma forma, ele conseguira encontrar um em questão de horas – presumivelmente um que funcionava. Eu esperava que esse tipo de sorte fosse contagiosa.

As miçangas estavam na porta, então eu subi os degraus para a casa crioula de Moses, mas parei por um momento na varanda para me preparar para a segunda rodada com Liam. Seja o que for que isso possa implicar.

Encontrei Gavin e Malachi na pequena sala da frente da casa. Tinha o que os locatários chamariam de *autêntico charme de Nova Orleans*. Paredes de tijolos, pisos antigos de madeira, janelas do chão ao teto.

Ao lado de cômodos estreitos, encanamentos antigos e o constante risco de inundação.

Antes de sua casa no Quarter ser incendiada, Moses havia acumulado uma enorme coleção de eletrônicos. Ele estava fazendo um bom trabalho em transformar este espaço em sua estação de trabalho – um banquinho acolchoado e uma mesa de metal. Havia um sofá para os visitantes, mas, a não ser que ele tivesse entrado em um clima de decoração enquanto estávamos fora, a cama de carros de corrida no quarto dos fundos era a única outra peça de mobília da casa.

Porque ele era de estatura pequena, isso encaixava perfeitamente para Moses.

— Você trouxe alguma coisa para mim? — perguntou ele de seu banquinho, girando para olhar para mim.

— Eu trouxe alguma coisa para você? — perguntei, fechando a porta.

Moses gesticulou para Gavin e Malachi. — Esses dois fazem uma viagem de campo, me deixam para guardar toda a cidade, nem trazem uma lembrança para mim.

Reconhecendo uma oportunidade quando eu tinha uma, abri minha mochila, tirei duas das laranjas que conseguimos perto do dique. — Eu acho que eles não são tão legais como eu.

— Eu sabia que você traria — disse ele, saltando do banco, pegando as laranjas e colocando-as orgulhosamente em um canto da mesa.

Gavin se inclinou para mim. — Você não conseguiu isso para ele.

— Sem comentários.

— Agora que estamos todos reunidos — disse Moses —, vamos começar a fazer negócios?

— Na verdade, ainda estamos sentindo falta de um — disse Gavin.

Bem quando ouvimos uma batida perfeitamente cronometrada na porta. Ele abriu-a e deixou Liam entrar.

Liam se limpou e vestiu uma camiseta justa DEFENDA NOVA ORLEANS, que destacou todos os cantos e recantos de músculos fortes e pele firme.

Ele deu a Malachi e Gavin olhares rápidos. Deu-me um também com uma mecha de cabelos negros caindo sobre o rosto. Ele escovou para trás, em seguida, olhou para Moses, que pulou em seu banquinho e dava a Liam um olhar cauteloso. — Bem, bem. Olha o que temos aqui.

— Mos — disse Liam com um aceno de cabeça.

Moses ergueu as sobrancelhas. — É tudo o que você tem a dizer?

— É bom ver você — disse Liam. — Foi apenas um longo dia.

— Mais como longas cinco semanas — murmurou Moses, enviando-me um olhar que definitivamente ignorei. — Onde diabos você esteve?

— Onde está úmido — disse Liam.

— Eleanor?

— Ela está bem.

Eles olharam um para o outro por um momento, e sorriram, e foi isso. Semanas se evaporando como neblina sobre o bayou.

— Bem — disse Moses —, eu estou feliz em ver sua cara feia novamente. Como foi a viagem para casa?

— Malachi perdeu um amigo — disse Gavin.

— Um amigo? — perguntou Moses, e Malachi disse a ele sobre a nossa visita a Vacherie e a morte do Paranormal.

— Droga — disse Moses. — Não posso ficar na Ilha do Diabo, não posso sair também.

— Bloqueio no caminho de volta para a cidade — disse Gavin. — Quase fui barrado. Eles queriam Liam, não nos davam detalhes. Também encontramos um par de caçadores de recompensa no caminho até lá. Eles disseram que a Contenção tinha uma recompensa por Liam, e queriam falar com Claire.

— Falar, minha bunda — disse Moses. — Eles querem levá-la. — Ele apontou o dedo para mim. — Eu não enfrentei todo esse problema para você ser arrastada para lá.

Não pude deixar de sorrir. — Que problema exatamente você enfrentou? E seja mais específico.

Ele apenas bufou e olhou para Liam. — Parece que eles também não perderam tempo atrás de você.

— Evidentemente não.

— E já que é por isso que estamos todos aqui — disse eu —, você descobriu alguma coisa sobre Broussard enquanto estávamos fora?

— Lizzie não sabe nada — disse Moses. — Muita gente tem muitas coisas para dizer sobre ele, nada disso é amigável, mas nada disso é específico. Reclamações habituais, até onde posso dizer.

— Ele era um idiota — disse Liam. — Pretensioso. Sem imaginação. Mas isso não é incomum entre humanos, muito menos agentes. Eu darei crédito, dizem que ele geralmente achava que estava fazendo a coisa certa. Ele e eu só discordamos sobre o que era certo.

Inclusive, pensei, sobre eu abrigar fugitivos usuários de magia.

— Mas essa não é nossa única fonte de informação. Enquanto você se divertia nos prados, também trabalhei nessa linda garota. — Moses acenou com a mão para os eletrônicos sobre a mesa.

Tinha um formato vagamente parecido com um elefante, mas eu estava certa que era apenas uma coincidência. Grande corpo cinza em uma plataforma com quatro pés, cabos de alimentação que servem como o tronco e a cauda. Um par de monitores espremidos ao lado de caixas cheias de fios pendurados, e o que eu achava que eram alto-falantes e ventiladores.

— Funciona? — perguntou Liam.

— Agora que encontrei uma fonte de energia algumas casas abaixo. Na maldita garagem, se você pode acreditar nisso. As pessoas esconderam toda a sua boa merda antes de partirem.

— Como se atrevem? — perguntei com indignação fingida. Moses ignorou a pergunta e o tom.

— Já que estamos todos aqui e esta máquina está funcionando, acho que é hora de ver o que podemos fazer com ela.

— O que você vai tentar? — perguntei, me aproximando.

— Tentar? Eu não vou *tentar* nada. Vou fazer. Primeiro, vou entrar na Rede da Contenção e descobrir o que puder sobre o Sr. Broussard.

— Devo mencionar que isso é ilegal? — perguntei. Não era a primeira vez que ele invadiria o sistema deles; ele fizera isso na mesma noite em que nós nos encontramos, a fim de apagar evidências de que eu usei magia. Em outras palavras, ele salvou minha bunda.

— Claro que você não deveria. — Ele digitou furiosamente, uma tela substituindo outra enquanto trabalhava através dos sistemas da Contenção. — Acho que deveríamos verificar os arquivos de Broussard, olhar para o que ele estava trabalhando.

— No caso em que estava trabalhando antes de ser morto — concluí.

— É isso — murmurou Moses enquanto digitava. — Adicionaram alguma nova segurança, acham que não posso atravessar isso? Idiotas. Gunnar é o único bom naquele grupo inteiro. Não contando vocês dois — disse ele, olhando para os meninos Quinn.

— Tecnicamente — disse Gavin —, eu sou um contratante independente e Liam... — ele olhou especificamente para seu irmão —... Afastado de seu posto como contratante independente.

Liam grunhiu seu acordo.

— Tudo bem — disse Moses. — Documentos recentes. — Ele clicou em uma pasta com o nome de Broussard, revelando outro conjunto de pastas.

— Coloque os documentos em ordem cronológica inversa — sugeriu Liam. — Vamos ver o que ele estava vendo antes de morrer.

— Sobre isso. — Moses mudou de pasta para pasta, apertou as teclas, depois repetiu o processo. — Aqui vamos nós — disse ele depois de um momento, quando a tela se encheu de um texto verde brilhante.

Se o texto deveria significar algo, eu não entendi. Era uma mistura de cartas, números e símbolos, como se alguém simplesmente tivesse rolado a mão sobre um teclado.

— É criptografado? — perguntou Gavin, movendo-se para frente franzindo a testa e olhando para a tela.

— Acho que não — disse Moses enquanto continuava digitando. Ele fez algo que fez o texto encolher, depois girou, depois expandiu e encolheu novamente. — Huh — disse ele —, não é criptografado. Apenas o arquivo inteiro. É um esboço.

— Um esboço? — perguntei.

— O que resta de um arquivo depois que alguém tenta deletá-lo. — Ele olhou para nós. — A exclusão de um arquivo não o destrói, pelo menos não completamente, e às vezes nenhum pouco. Quase sempre há pelo menos alguma coisa... O esboço.

Ele voltou para a tela. — Parece que alguém tentou fazer um bem completo, despejou muitos bytes, mas não todos eles. Isso é o que restou. — Ele digitou, então apertou a tecla ENTER com força.

Um dos painéis da torre voou, seguido por uma fonte de faíscas alaranjadas e chamas. O painel atingiu a parede de tijolos e caiu no chão, e a máquina começou a assobiar.

— Merda! — disse Moses, golpeando-o com a mão.

Os irmãos se moveram mais rápido do que eu. Enquanto Gavin pegou uma toalha de uma pilha próxima e cobriu as chamas para bloquear o acesso ao oxigênio, Liam arrancou o cabo de força – cheio de plugues – da parede.

Sem energia, as telas ficaram escuras e o zumbido da eletrônica subitamente desapareceu. Gavin abafou com a toalha o gabinete até apagar o incêndio. O quarto cheirava a plástico queimado, e uma névoa de fumaça se reuniu perto do teto.

— Huh — disse Moses depois de um momento, afastando a fumaça do rosto e inclinando-se para dar uma olhada no gabinete.

— Tente não queimar a casa — disse Gavin. — Tende chamar a atenção da Contenção.

— E você acha que o ônibus que você estacionou lá fora não vai? — perguntou Liam.

— É Nova Orleans — disse Gavin com naturalidade. — Qualquer coisa vai no Big Easy.

Moses pulou do banco, deu um baque no monitor com o punho. Quando nada aconteceu, ele espiou dentro e começou a mexer nas partes.

Ele gritou de dor, e todos nós pulamos para ajudar. Mas ele puxou a mão, perfeitamente bem, e mexeu os dedos. — Humanos — disse ele carinhosamente, e balançou a cabeça. — Tão crédulos.

— Este é o problema — disse ele, em seguida, extraiu uma caixa preta – provavelmente quatro por três centímetros – com um canto muito derretido. — Fonte de energia. Esperava que durasse um pouco mais. Se você quiser voltar ao arquivo, eu preciso de outro. Ele olhou para mim e para Liam especulativamente, o que me colocou imediatamente em alerta. — Eu preciso de um favor.

— O quê? — perguntei.

— Isso — disse ele. Ele jogou a caixa em Liam. — A casa na estrada tem um bom estoque de peças, e acho que vi mais uma delas lá. É um Boomer 3600. O número estará escrito ao lado.

— Qual casa?

Ele gesticulou vagamente para a esquerda. — Aquela com as venezianas.

— Mos — disse eu com uma paciência notável —, é Nova Orleans. Todas elas têm persianas. — Quando ele abriu a boca, levantei um dedo. — E não diga aquela com a varanda.

Ele sorriu. — Me pegou lá. É a manteiga.

— A manteiga — repetiu Liam.

— Eu acho que ele quer dizer amarela — perguntei a Moses, com as sobranceiras levantadas.

— É isso, Sherlock. Duas casas na garagem.

— Seja mais específico — disse eu.

— Há uma casa, com uma garagem, e há uma pilha de malditas peças de computador na dita garagem. É exatamente como aquela caixa que Liam está segurando, e estará dentro de um gabinete que parece com o meu. — Ele gesticulou por cima do ombro com o polegar para a pilha de dez ou quinze computadores vazios, o que não ajudou a estreitar as coisas.

— Você saberá quando vir isso. — Ele se virou para a pilha de ferramentas ao lado do seu teclado, tirou uma chave de fenda e jogou-a para mim. — Vão — disse ele enfaticamente.

Com a ordem dada e chave de fenda na mão, nós fomos para a porta.

* * *

Era bastante óbvio que ele armou isso, nos colocando juntos, então nós teríamos que conversar. Eu não discordei que a conversa precisava ser feita, mas foi um dia longo, e eu não me sentia muito bem em ser manipulada. Se Liam quisesse falar, ele poderia muito bem abrir a boca.

Depois de verificar que a barra estava limpa, descemos o quarteirão. Estava quieto lá fora se comparado ao bayou. Talvez a vida selvagem da cidade também estivesse esperando para ouvir o que nós tínhamos a dizer um ao outro.

Mas não dissemos nada. Nós apenas caminhamos, e trabalhei muito duro em fingir que estar aqui com Liam não era grande coisa. Para fingir que eu não podia senti-lo ao meu lado, forte e cruelmente bonito.

— É esta aqui — disse eu, parando. Mesmo no escuro, a cor era claramente amanteigada. Não havia uma garagem anexada, então andamos pela calçada, duas faixas de cascalho agora cobertas por grama – para um pátio atrás. A entrada da garagem ficava do outro lado do pátio, uma caixa estreita grande o suficiente para um carro. Tinha um alpendre com uma fileira de painéis de vidro na parte superior e alças pintadas de branco ao longo do fundo.

Cada um pegou uma alça, ergueu e depois ligamos as lanternas fracas que pegamos emprestado de um esconderijo na sala de estar de Moses.

— Droga — disse eu, olhando para o volume de lixo preenchendo o espaço estreito. Havia caixas, engradados, eletrônicos e pacotes empilhados até o teto.

— Acumulador? Ou colecionador? — perguntou Liam.

— Quem sabe? — disse eu, olhando ao redor. — Não parece ter sido muito usado, exceto por isso — apontei a lanterna para o caminho estreito que atravessava as pilhas. — Provavelmente a trilha de Moses.

Liam assentiu, e entrei no caminho, seguindo em torno de uma pilha de bicicletas e aparelhos de televisão.

— Aposto que ele escolheu esta casa por causa desta garagem — disse Liam, mudando as coisas atrás de mim.

— Provavelmente. Eletrônicos sem corrosão são difíceis de encontrar.

A trilha entrou em espiral no centro da garagem, onde o lixo se transformava em eletrônicos. Gabinetes, fios, conectores, telas. Havia muitos gabinetes parecidos com os de Moses, então comecei a pegar aqueles.

Ele deve ter me ouvido se movimentando. — Você achou alguma coisa?

— Talvez. — Apontei a luz nos gabinetes, um após o outro, até que eu vi uma caixa parecida com a que Moses tinha, com 3600 em letras vermelhas do outro lado.

— Encontrei — disse eu e comecei a desenroscá-lo do estojo. Depois de um momento de trabalho, ele caiu livremente na minha mão. Não vi nenhuma corrosão, mas foi difícil dizer apenas com luz de fundo.

Prêmio ganho. Guardei a chave de fenda e comecei a voltar para a porta da garagem. Parei quando cheguei a uma velha placa de metal. SNOWBALL estava

escrito em uma peça de metal retangular em letras maiúsculas tridimensionais rosa, cada uma delas coberta por um monte de neve. Sabores – morango, arco-íris, praliné – foram perfurados abaixo.

Os Snowballs eram a versão de gelo raspado de Nova Orleans, uma tradição de verão que não sobreviveu à guerra. Eu não vi uma placa como esta antes, e amei a memória que isso me deu.

Meu primeiro instinto foi pegá-la, pendurar na loja ou vender para alguém procurando por lembretes tangíveis da história da cidade.

Mas eu não tinha nenhuma loja para pendurá-la.

— Você está bem?

— Só sentindo nostalgia. — Levantei a fonte de alimentação. — Conseguimos o que precisávamos.

Liam assentiu. Nós voltamos para a porta da garagem, e ambos pegamos a mesma alça. Nossos dedos roçaram, e o choque de fome que arqueou através de mim deixou a respiração ofegante.

A proximidade não deveria ter me tornado repentinamente voraz, fraca com desejo e necessidade. Não deveria ter me feito desejar agarrar o cabelo dele, fundir minha boca com a dele. Eu não deveria querer cair em seus braços, me sentir segura – e completa. Mas eu fiz.

E não fui a única afetada; o gemido de Liam foi um estrondo baixo e profundo. Então ele se afastou, colocando espaço entre nós, e passou a mão pelo cabelo.

— O que está acontecendo? — Eu até parecia sem fôlego. — Diga-me o que aconteceu com você... O que aconteceu na batalha.

Ele balançou a cabeça. — Você não entenderia.

Eu não acho que ele quisesse me machucar. Mas isso não importava muito. — O que não entenderia, Liam? Magia? Como é fugir disso?

— Isso é diferente.

— Como?

Liam balançou a cabeça, a guerra que ele travava em seu rosto.

— Não sei quem você é agora — disse eu. — E não sei o que você quer de mim.

— Eu não quero nada. E tudo. — Ele deu um passo mais perto, o calor bombeando de seu corpo, os músculos contraídos como um homem se preparando

para a batalha. — Eu não parei de querer você. Mas está dentro de mim como um organismo, uma coisa viva cheia de combustível e raiva. Você acha que eu trarei isso à sua porta?

— Eu não preciso de proteção.

— Não? — Ele agarrou minha mão, apertou-a contra o peito. Seu coração batia como tambor de guerra. — Sinta isso, Claire. Isso é porque você está aqui. Porque eu te vejo, e quero reivindicá-la como um maldito lobo.

Eu olhei para ele enquanto o calor pulsava entre as nossas mãos unidas e arrepiava meus braços. E foram longos segundos antes de eu ter a compostura de puxar minha mão. Eu cerrei meus dedos contra meu peito, como se isso esfriasse a queimadura e diminuísse o poder de seu toque.

— Conte-me sobre sua magia.

Minha pergunta foi um sussurro, mas ainda parecia ecoar pela garagem.

Eu assisti ele desligar, fechar suas expressões. Mas havia algo que não podia esconder, um flash de algo em seus olhos. Não apenas raiva, e não apenas teimosia. Havia *medo*. Reconheci um homem enfrentando seus demônios, porque eu havia enfrentado minha própria desgraça. Eu ainda os enfrentava.

— Se não vai me dizer o que você está passando, eu não posso ajudá-lo. E não posso lutar com seus próprios monstros sozinha.

Quando ele ficou em silêncio, embora fizesse meu peito doer, saí e fui para a casa.

* * *

O ar que já estava pesado com a umidade, com o calor. Agora estava pesado com coisas não ditas, coisas que pesavam sobre nós dois.

Quando entramos na casa de Moses, todos se viraram para olhar para nós. Para avaliar o que aconteceu – e o que pode acontecer a seguir.

— Fonte de energia — falei, caminhando até Moses e entregando a caixa para ele. — Você precisa de mais alguma coisa, você pode encontrar sozinho.

Seu olhar se estreitou, mas ele virou para Liam. — Estou tão feliz que a viagem foi produtiva.

— Instale a maldita coisa — disse Liam.

Moses murmurou algo em voz baixa, em seguida, pulou do banquinho e começou a brincar com partes do gabinete. O plástico, agora carbonizado e preto, voou quando abriu espaço para a nova peça. Ele ligou o aparelho, conectou o sistema e olhou para a tela.

Mas só havia silêncio. Nenhum motor zunindo, sem letras brilhantes.

— Hmm — disse Moses.

— Talvez tenha sido corroído — disse Gavin.

— Pode ter um truque — murmurou Moses, em seguida, recuou e bateu no gabinete com a lateral de seu punho.

A torre inteira estremeceu, soltou um arroto de plástico triturador, e então zumbiu para a vida.

— E lá vamos nós — disse ele, e todos nós nos aproximamos para observar a tela. Liam deslizou ao meu lado, colocando seu corpo entre Malachi e eu.

Tudo bem. Ele poderia fazer o que quisesse.

E eu também poderia.

Levou alguns minutos para Moses voltar à Rede de Contenção, e Gavin jogou uma olhada na torre o tempo todo, esperando por mais uma rodada de faíscas. Mas o sistema se uniu, e Moses voltou ao esboço do arquivo que Broussard havia revisado.

— Aqui vamos nós — murmurou ele. — O arquivo foi chamado de... Icarus.

— Isso não é um mito? — perguntou Gavin. — O cara que voou muito perto do sol e suas asas queimaram?

— Sim — disse eu —, esse é o mito.

— Isso significa alguma coisa para alguém neste contexto? — perguntou Gavin. — Em relação a Contenção ou Nova Orleans ou Paranormais?

Quando nós balançamos a cabeça, Gavin olhou para Malachi. — A teoria é que muitos dos nossos mitos vêm do Outro mundo. Que nós antecipamos sua existência, ou fomos visitados antes.

— Eu conheço a teoria — disse Malachi. — E conheço o mito. Mas não há nenhuma comparação no Outro Mundo. Não precisamos de asas feitas de cera.

— Justo o suficiente — disse Gavin, e olhou para Moses.

— Eu também não sei nada do meu canto do mundo — disse Moses, voltando para a tela, pressionado mais algumas chaves. — Supondo que a

Contenção esteja contando a verdade quando ele morreu – e quem sabe se é – Broussard abriu este arquivo menos de uma hora antes de morrer.

— Coincidência? — perguntou Gavin.

— Talvez — disse Liam calmamente. — Mas é a única pista que temos.

— Broussard criou o arquivo? — perguntei.

Ele aparentemente levou um momento para verificar. — Não. O esboço não mostra quem o criou, só que não foi Broussard. É algum tipo de recurso de segurança binária. *Sim* se o criador olhou para ele, *Não* se um estranho ao arquivo está olhando para ele. — Moses traçou um dedo sobre a tela, seguindo uma linha de letras. — Eu posso dizer que ele enviou este arquivo para alguém. Não posso dizer quem, mas com base nos metadados, ele olhou para ele, transmitiu-o. E essa é a última tarefa que ele realizou.

— Podemos ver o esboço novamente? — perguntou Liam. — Ou o que sobrou dele?

— Você entendeu — disse Moses, em seguida, clicou as teclas enfaticamente. Havia um ritmo para suas batidas, como se estivesse construindo músicas com a percussão de dedos grossos nas teclas. — Aqui vamos nós — disse ele, e girou para trás para que pudéssemos ver a tela.

— Sem chamadas — disse Gavin, dando um passo à frente. — Isso é um bom começo.

— Har-dee-har-har — disse Moses franzindo o cenho para a tela

— Não posso tirar cara ou coroa — disse Gavin.

Os números e as letras não significavam nada para mim. Mas quanto mais eu olhava para eles, mais ou menos eu achava que podia distinguir uma forma.

— Parece parte de uma fórmula — disse eu.

— Uma fórmula de quê? — perguntou Gavin.

— Uma molécula, talvez? — Tentando lembrar algo da aula de química da Sra. Beauchamp. — Nós tivemos que fazer uma para a nossa feira de ciências na oitava série com bolas de isopor e canudinhos pintados.

Quando todos eles me deram olhares em branco, eu acenei, então aponte para dois grupos de cartas. — Aqui e aqui — disse eu —, como se fossem bolas de isopor, e vê como estão ligadas por essas coisas? — aponte para as linhas, agora tortas, que eu pensei que era necessário conectá-las. — Mas em vez de bolas e canudos, há números e cartas.

— Uma molécula — disse Gavin. — Então isso é algo científico. — Ele olhou ao redor da sala. — Acho que nenhum de nós tem inclinação científica, além de bolas-e-canudos, mas alguém tem alguma ideia?

— Nenhuma — disse Liam.

— A ciência no Outro mundo é diferente e imaginada — disse Malachi. — Mas, mesmo assim, isso não parece familiar. Precisamos conversar com Darby.

Isso seria certo em sua mente científica.

— Eu acho que posso limpá-lo — disse Moses, os dedos ocupados nas teclas novamente. — Deixe-me fazer isso e te darei uma cópia impressa. Ela pode trabalhar sua magia científica nisso.

Malachi assentiu. — Tudo bem.

— Também é provavelmente hora de ir ver Gunnar — disse Gavin. — Dizer a ele o que sabemos e descobrir o que ele sabe. — Ele olhou para mim. — Suponho que você quer ir?

— Claro. Seria bom vê-lo. — O pensamento me deixou simultaneamente emocionada e nervosa. Eu tinha certeza de que tínhamos o tipo de amizade que poderia sobreviver a uma ausência, mas essa foi a primeira vez que nos separamos por muito tempo.

— Vou cavar um pouco mais aqui — disse Moses. — Talvez eu possa encontrar algo relacionado.

— Como o quê? — perguntei.

— Identidade da pessoa que criou o arquivo, quando, talvez, uma nota sobre documentos relacionados. Verei o que mais ele trabalhou, no caso de ser secreto. Muita informação para procurar. Quem quer que seja que tenha inventado metadados, recebe um sinal de aprovação da minha parte.

— Vamos dizer a ele ou ela — disse Gavin, depois apontou para a porta. — Prontos.



Capítulo 10

Uma vez, a Avenida St. Charles foi uma ode à arquitetura, uma avenida marcada por uma mansão após a outra, e a entrada para uma vizinhança de solidariedade e riqueza do sul.

Os Landreaus possuíam uma daquelas casas, a chamada Palm Tree House, que era tão amarela quanto a cabana perto de Moses, tinha varandas compridas, colunas elegantes e dezenas de palmeiras. A família se recusara a desistir ou abandonar Nova Orleans. Em vez disso, eles repararam o dano que a guerra fizera na casa e ainda moravam lá – Gunnar, seus pais e seus irmãos. Foi um testemunho do amor deles por Nova Orleans – e absoluta teimosia.

Também me ocorreu que todos os meus amigos eram teimosos. Provavelmente em parte, porque eram as pessoas teimosas que ficaram.

Gavin estacionou na rua que estava vazia, e nós pegamos a calçada de paralelepípedos para a porta da frente. A casa estava escura, mas pela sala da frente, brilhava a luz.

Ele deu um olhar interrogativo para a aldraba de porta de latão, depois bateu de leve.

Um pouco depois, a porta foi aberta. E o homem ali de pé – alto e esbelto, com cabelos escuros e ruivos que caíam sobre a testa e olhos castanhos inteligentes e provocantes – abriu os braços.

Passei por Gavin e me envolvi nos braços de Gunnar.

— Já faz muito tempo — disse Gunnar. Ele era alto o suficiente para descansar a cabeça sobre a minha, e seus braços estavam em volta de mim como se eu pudesse voar para longe caso ele não segurasse apertado o suficiente.

— Sim, faz. — Estendi a mão para afastar a única lágrima que deixei cair. — É bom te ver.

Ele afastou meu cabelo e deu um beijo na minha testa. — É bom ver você também. — Ele olhou para cima, ofereceu acenos para Gavin e Malachi, então olhou para Liam.

— Bem. Olha quem está aqui. — Se qualquer coisa, o abraço de Gunnar se apertou. — Deixe-me adivinhar... Você irritou todo mundo fora de Nova Orleans, então você voltou para casa?

— Landreau — disse Gavin, cortando a discussão. — Nós precisamos conversar. Podemos entrar?

— Apenas dizendo como é — disse Gunnar. Ele olhou para mim, preocupação em seus olhos. — Mas vamos entrar. Eu realmente tenho algo para você — disse ele, em seguida, liberou-me para abrir a porta totalmente.

Ela estava sentada no sofá, uma perna dobrada debaixo da outra, uma pasta no colo. Seu cabelo escuro estava enrolado agora em cachos definidos que roçavam seus ombros.

— O que vai... — começou Tadj, então olhou para cima. Seus olhos castanhos se arregalaram com surpresa. Então ela soltou um gritinho antes de pular, jogando a pasta no chão e correndo em minha direção, a blusa que ela combinara com leggings e botas brilhando no ar como asas enquanto se movia.

Ela me puxou para dentro da casa, então me envolveu em um abraço feroz que quase quebrou as costelas que Gunnar não conseguiu quebrar. Ela gritou enquanto nós balançamos para frente e para trás – pelo menos até que ela me soltou e deu um tapa no meu braço. Forte.

— Ow! — exclamei, esfregando-o. — O que foi isso?

— Por se mostrar — disse ela, com os olhos cheios de lágrimas. — Você não deveria estar correndo ao redor do Garden District. — Mas ela me puxou para um abraço novamente. — E eu senti muita falta de você.

Então ela se afastou novamente e bateu no meu outro braço. — Por que você está aqui?

— Pare o ciclo de violência — disse Gunnar, estendendo a mão entre nós.
— Claire, Tadjji estava ansiosa para vê-la e preocupada em vê-la. — Ele sorriu para ela. — Isso resume tudo?

— Sim. — Mas os olhos dela se estreitaram. — Por enquanto.

— Bom — disse ele. — Há água na geladeira, e o bar está aberto — disse ele enquanto os outros entravam. Mas ninguém se mexeu em direção à bebida. Não quando havia trabalho a ser feito primeiro.

Ele fechou a porta, depois se virou para mim e acariciou os meus braços.
— E como está você? — perguntou ele baixinho.

— Tem sido um longo par de dias.

O olhar de Gunnar encontrou Liam. — Acho que pelo tempo que ele está no universo de novo.

Eu assenti, muito feliz por estar de volta entre os meus aliados. — Muito.

— Ele disse alguma coisa sobre o que aconteceu? Por que foi embora? Talvez tenha rastejado por misericórdia por deixar você para trás?

— Ainda não.

Gunnar assentiu, olhando para Liam. — Não tema, Claire-belle. Se a maneira como ele olha para você é qualquer indicação, ele está a caminho.

— Onde estão seus pais? — perguntei, pensando que a casa parecia estranhamente quieta. — Seu irmão e irmã?

— Eles foram embora depois da batalha — ele disse. — Não podiam mais ficar na Zona. — Ele olhou para o cômodo, a decoração do sul, como se ele pudesse estar imaginando-os lá, cozinhando, conversando ou rindo.

— Sinto muito — disse eu, e apertei sua mão.

Ele assentiu. — Estou gerenciando. Suponho que você quer falar sobre Broussard? — perguntou ele enquanto nos movíamos para ficar perto dos outros.

— Entre outras coisas — disse Gavin. — Vamos nos sentar.

Gunnar não parecia entusiasmado em receber ordens em sua própria casa. Mas quando Gavin se sentou em um sofá de algodão amarelo, Gunnar foi até as janelas e começou a abaixar as cortinas.

— Tudo bem — disse ele, quando assegurou nossa privacidade. — Vamos conversar.

Nós nos juntamos a Gavin nos sofás da sala de estar. Ou todos, menos Liam. Ele ficou de pé junto à janela, longe do resto de nós.

Gavin falou, contando a Gunnar as partes da história que ainda não ouvira – de nossa viagem ao bayou, os caçadores de recompensas, o bloqueio na estrada.

Gunnar não falou até que ele olhou para mim. — Você entrou no bayou?

— Sim.

— Com jacarés e cobras?

— Sim.

— Eu deveria estar chateado que você caminhou ao redor do sul da Louisiana quando a procura da Contenção foi aumentada? Ou deveria estar orgulhoso por você ter andado entre jacarés e ninhos de cobras?

— Tecnicamente — disse Gavin, antes que eu pudesse responder —, nós dirigimos por parte disso.

Gunnar deslizou o olhar para Gavin. — Essa ideia foi sua?

— Com todo o respeito, já que ela era uma participante, Claire realmente não é o foco desta conversa em particular — disse Gavin. — Estamos mais preocupados com Broussard e este trabalho de incriminação óbvia. E Icarus.

— O que é Icarus?

A expressão de Gunnar estava vazia, e ele parecia genuinamente confuso. Provavelmente o que Gavin estava testando.

— O último arquivo que Broussard viu antes de ser morto. Assumindo que a Contenção tenha revelado a verdade sobre sua hora de morte.

— Não vou perguntar como você sabe quais arquivos Broussard estava olhando. Mas não sei o que é Icarus, e não tenho mais detalhes sobre o assassinato do que na última vez que conversamos. — Gunnar olhou para Liam. — Eu não estou envolvido na investigação.

— Você é o segundo no comando da Ilha do Diabo — disse eu. — Como você não está envolvido?

— Porque você foi excluído — adivinhou Malachi, e Gunnar assentiu.

— Ele foi morto do lado de fora da Ilha do Diabo, então seu assassinato está tecnicamente fora de nossa jurisdição. Qualquer dia normal, isso não importaria. Mas isso parece importar agora e há pessoas com salários mais altos do que o meu.

Investigadores foram designados. Não tenho acesso a arquivos, relatórios ou qualquer outra coisa. Estou completamente de fora.

— E o comandante está sabendo? — perguntou Gavin.

— Acima de sua nota salarial, também. Não sei quem está puxando as cordas, mas é alguém no PCC, alguém que está alto o suficiente para calar o Comandante. — Ele olhou para Liam. — Sendo que sou do tipo curioso, conversei com um desses investigadores, perguntei por que ele acredita que você fugiu... Porque você atacou Broussard quando Gracie se foi a mais um ano. Ele não teve uma resposta satisfatória; ele está apenas supondo que você fez isso.

— Isso é uma investigação de merda — disse Gavin.

— É. Percebo que a Contenção não é perfeita. Mas geralmente é minimamente competente. Isso não é o que parece.

— É maior — disse eu.

— Sim. Vamos voltar para Icarus. O que é isso?

— Não sabemos — disse Gavin. — Encontramos um esboço de um arquivo que alguém tentou muito diligentemente apagar.

— E outra pessoa, provavelmente um Para com habilidades eletrônicas, conseguiu cavar? — perguntou Gunnar.

— Sem comentários — disse Gavin com um sorriso minúsculo.

— Esse indivíduo conseguiu alguma coisa substancial nesse esboço?

— Parece algo científico — disse Gavin, olhando para mim. — Mas não temos informações suficientes para descobrir como ou o que é.

— Você vai falar com Darby?

— Esse é o plano.

Gunnar assentiu. — Que ele olhou para o arquivo passado poderia ser apenas coincidência.

— Pode ser — disse Gavin. — Mas é a pista que temos, então vamos seguir adiante.

— Quem mais sabia que Liam e Broussard não gostavam um do outro? — perguntei. — Isso diminui a lista?

— Não — disse Gunnar, e olhou para Liam. — Suponho que você não discorda?

— Não — disse Liam —, ele não gostava de mim ou confiava em mim, e ele não era tímido em compartilhar isso com os outros.

Gunnar franziu a testa e assentiu. — Eu posso olhar para este negócio de Icarus em silêncio. Assumindo que não é uma bobagem pessoal que ele armazenou em nossa rede, poderia ser um projeto do PCC. Se for, não é um que eu conheço.

— Isso é incomum? — perguntou Liam.

— Não necessariamente. Supervisionamos as operações na Ilha do Diabo, operações de Contenção no quadrante de Nova Orleans. Essa é uma pequena fatia do bolo do PCC. Mas Broussard era um dos nossos colaboradores. Eu sei sobre qualquer coisa que ele estava trabalhando.

— E no que ele estava trabalhando? — perguntou Liam.

— Nada incomum — disse Gunnar, encontrando seu olhar. — Estamos mais de um mês depois da batalha e ainda estamos processando a informação sobre Reveillon, trabalhando com os indivíduos que estão presos. Ele tem estado nisso. Mas Reveillon é notícia velha, de acordo com o relatório de Gavin.

Gavin assentiu. — Discussão esporádica na Zona. Nenhuma ação que eu pudesse encontrar.

— Como eu disse, vou investigar. E deixarei vocês saberem o que eu encontrar.

— Tem mais — disse eu, e olhei para Malachi. — Há Paranormais no Vacherie. Um está doente, e um estava doente, mas faleceu. Ambos eram amigos de Malachi.

— Cara, me desculpe — disse Gunnar.

Malachi assentiu.

— Que tipo de doença?

Descrevi o que vimos. — Isso toca alguma coisa para você? Soa familiar? É incomum e queremos garantir que não se espalhe.

— Não sei de nada — disse Gunnar. — Lizzie saberia melhor do que eu, desde que ela está na clínica, mas ela teria relatado algo incomum, e ela não fez. Ela disse que gostou do seu pacote.

Isso era algo, de qualquer maneira. — Os Paras estão sendo tratados na fazenda, porque eles pensam que se entrarem na clínica não poderão sair de novo.

— Isso é uma possibilidade — concordou Gunnar depois de um momento. — Com base no regulamento.

Assenti. — Se você tiver algum médico extra, talvez você possa enviar alguém para examiná-los?

— Verei o que posso fazer.

— Eu agradeço — disse Malachi, e Gunnar deu-lhe um aceno de cabeça.

— Volte por um minuto — disse Liam. — Que pacote você deu a Lizzie? — Ele me apresentou para ela; ela era amiga dele primeiro.

— Mercadorias para a clínica — disse Gavin. — A Delta tem estado ocupada nas últimas semanas.

— Gunnar organizou a logística — expliquei. — Moses e eu juntamos as coisas. Lizzie buscará tudo o que pudermos encontrar para a clínica, e não seremos apanhados na entrega.

— Como você faz isso? — perguntou Liam.

— Porta de entregas — disse Gunnar.

— A Ilha do Diabo não tem uma porta de entregas.

— Ela tem agora — disse Gunnar com um sorriso. — A batalha causou alguns danos nas paredes. Nós aproveitamos a oportunidade para fazer algumas atualizações.

— Eles vão construir uma academia — disse Malachi. — Para os residentes.

— Uma academia? — perguntou Gavin.

— Recurso de recreação — disse Gunnar —, para as crianças que nasceram na Ilha do Diabo.

— Crianças inocentes — disse eu, e ele assentiu.

— Sim. Crianças que precisam de uma saída.

— Como os contribuintes pagam a conta? — perguntou Liam.

O sorriso de Gunnar se alargou. — Eles não pagam. Será construído graças a uma doação muito grande da Fundação Arsenault.

As sobranceiras de Liam se levantaram em surpresa. Eu acho que Eleanor não havia contado sobre isso, assumindo que ela sabia. A decisão poderia ter sido tomada por suas amigas em Washington.

— Houve muitas mudanças enquanto eu estava fora.

As palavras dele pareceram mudar a temperatura da sala, colocando um calafrio no ar.

— Então talvez você não devesse ter partido — disse Gunnar. — Você está pronto para falar sobre isso? Porque vários de nós temos perguntas.

— *Muitas* perguntas — disse Tadj. — E algumas sentenças declarativas.

Liam olhou para mim, o calor em seus olhos forte o suficiente para queimar.
— Eu fiz o que eu precisava fazer.

— Que era? — solicitou Tadj.

Houve silêncio por um longo tempo. E então ele olhou para mim. — O que era necessário.

A dor em seus olhos era clara o suficiente, e a sala ficou quieta. E assim o mistério das semanas perdidas de Liam ainda pairava no ar.

— Você está comendo?

Eu olhei para Gunnar, e levei um momento para o meu cérebro acompanhar a mudança abrupta. — O quê?

Seu olhar se estreitou. — Você perdeu peso e não precisava perder. Farei um sanduíche de queijo.

— Eu não preciso de um sanduíche de queijo grelhado. — Não importa que o meu peso não fosse da conta de Gunnar. Mas isso não o impediu de bancar o irmão mais velho.

— Eu não preciso de você por conta própria se esquecendo de comer.

— Eu não me esqueço de comer. — Eu não me importava muito com isso ultimamente. Que, quando você coloca dessa forma, faz parecer que ele está certo. Meu jeans parecia um pouco mais solto.

Sem acreditar na minha palavra, Gunnar se levantou para ir até a cozinha.

— Acho que teremos queijo grelhado — disse Tadj, depois se levantou e pegou minha mão. — Vamos, Claire. Vamos te alimentar.

* * *

Eu podia me alimentar. E eu fazia, quando precisava de comida. Mas o queijo grelhado ainda bateu no local. Então, o mesmo aconteceu com o segundo que aceitei depois que todo mundo ficou satisfeito. Gunnar sentiu-se melhor por ter feito isso, e o pão e o queijo criaram uma boa base para o álcool.

Afinal, estávamos tendo uma reunião improvisada. E agora que o negócio terminou, decidimos aproveitar ao máximo.

Gunnar foi para trás do bar embutido do outro lado da sala. — O que todo mundo vai beber?

Ele foi respondido por um coro de pedidos. — Excelente — disse ele. — Você ganha Sazeracs ou não ganha nada.

— Claire faz um Sazerac fantástico — disse Tadjì.

— Oh, eu sei — disse Gunnar com um sorriso conforme acrescentava licor aos copos de uísque. — Quem você acha que a ensinou a fazer?

— Eu presumi que ela te ensinou — disse Tadjì com uma piscadela.

— A memória é um pouco nebulosa — disse Gunnar.

Ela pegou os dois primeiros copos que ele encheu, então gesticulou em direção à porta.

— Claire e eu vamos dar um passeio. Vocês senhores fazem o que quiserem.

— Pôquer? — perguntou Gavin.

— Você trapaceia — disse Liam.

— Você simplesmente não gosta de perder. — Ele olhou para Malachi especulativamente. — Você já jogou o pôquer?

— Eu não joguei.

O sorriso de Gavin disse tudo que precisávamos saber sobre como isso aconteceria.

Tadjì disse para mim. — Vamos para o laranjal.

— Você só gosta de dizer *laranjal*.

— Verdade. Mas principalmente eu gosto de estar em casas que os possuem.

Nesse caso, ela veio ao lugar certo.

* * *

A casa Landreau era enorme – uma mansão dos anos 1920 com muito estilo.

O laranjal era praticamente como descrito: uma península octogonal na parte de trás da casa. Cinco laranjeiras em vasos de terracota desabrochavam na frente das janelas, perfumando o ar com aromas florais e cítricos.

O chão estava coberto de mármore, e o teto era uma gaiola de vidro e aço. Se você precisasse de uma pausa para cheirar flores de laranjeira, havia sofás de vime e cadeiras com grandes almofadas, e mesinhas de pedra e metal com cadeiras iguais.

Nós nos sentamos nos sofás. Tadjí já estava descalça, e colocou os pés para baixo enquanto se sentava.

— Agora que podemos conversar — disse ela, virando para mim —, qual diabinho é a história de Liam?

— Eu não sei exatamente — disse eu finalmente, e contei a ela sobre a nossa conversa na garagem.

— O que você acha que aconteceu?

— Nem ideia. Presumo que tenha algo a ver com a magia dele, e isso não é bom. Mas isso é baseado no olhar dele. Ele não vai falar sobre isso, e eu não vou cair aos pés dele só porque ele está aqui.

— Nem deveria. — Ela pensou por um minuto, rodando o líquido em seu copo, e assentiu. — A bola está no campo dele.

— Concorde. — Tomei uma bebida.

Estava potente, mas em camadas de sabores. Complexo, assim como Nova Orleans. Gunnar fez um bom Sazerac.

— Eu soube sobre Burke — disse eu. — Você já ouviu falar dele?

Tadjí e Burke, um membro da Delta, estavam progredindo no relacionamento deles muito lentamente – a pedido dela. Mas ele foi transferido após a batalha, enviado para a sede da DC e do PCC.

— Ele está bem, até onde eu sei.

— E como você está?

Ela ficou quieta por um momento. — Você acredita que a ausência faz o coração se apaixonar?

— A evidência diz que sim.

— Bem — disse ela —, então vamos deixar por isso mesmo.

Ela estava claramente ansiosa para mudar de assunto, então eu voltei para meu primeiro amor. — A loja parece bem.

Ela olhou para mim, os olhos arregalados de surpresa. E então eles se estreitaram com óbvio perigo. — O que você quer dizer com *A loja parece bem*?

— Qual parte você está insatisfeita?

— Primeiro de tudo, a loja parece fenomenal — disse ela, contando em seus dedos. — Em segundo lugar, você não deveria saber disso. Você não deveria saber nada sobre a loja, porque você deveria ficar longe dela.

Perversamente, a irritação em sua voz me fez sentir melhor. Se ela estava com raiva por eu tê-la visto na loja, isso significava que ela não estava zangada por eu não estar lá. Ela não se sentiu sobrecarregada por assumir o controle, ou pelo menos não o suficiente para ficar com raiva de mim por causa disso. Isso tirou um pouco do peso psíquico que eu estava carregando.

— Eu só queria checar as coisas. Como está a dissertação? — perguntei, tentando mudar o assunto em meu benefício desta vez.

— Mais dois Capítulos terminados.

Olhei para ela. — Enquanto administra a loja sozinha? Como você está fazendo isso?

Tadji sorriu, empurrando o cabelo atrás da orelha. — Querida, eu não estou fazendo isso sozinha. Contratei pessoas. Há dinheiro no orçamento para fazer isso agora.

Touché, eu pensei, com um pouco de vergonha por não ter conseguido obter esse tipo de lucratividade para a loja.

— E, na verdade, gosto muito de estar ocupada. Ter um cronograma me deixa mais produtiva. É mais difícil dar desculpas quando você sabe que tem menos tempo. Então, eu fiz o horário, e trabalho no escritório enquanto Ezell – ele é um dos meus contratados – vigia a loja.

— Não há um escritório nos fundos.

Ela apenas olhou para mim, da mesma maneira que Liam olhara para Gunnar quando ele falou sobre a entrada na Ilha do Diabo.

— Droga, você é boa.

— Eu sei — disse ela com um sorriso atrevido.

— Como estão as coisas no Quarter? — Eu sentia saudades de ver meus clientes habituais, receber entregas da Contenção, observar soldados entrando e saindo do Quarter. Estar em isolamento era, bem, isolado.

— Tem um humor estranho — disse ela, colocando sua bebida na mesa de café.

— Como assim?

Ela franziu a testa, cruzando os braços. — Antes da batalha, nos sentíamos confortáveis. Talvez não muito confortável com a Ilha do Diabo, mas nós nos acostumamos com o jeito que as coisas eram.

Eu assenti. Nós aprendemos a sobreviver durante a guerra. Quando acabou, demorou algum tempo para aceitarmos que estávamos seguros, que um batalhão de Valquírias não estava indo para a cidade, com armas douradas prontas. Mas nós fizemos novas vidas, começando a aceitar o nosso novo mundo.

— Desde a batalha — continuou ela —, é como se estivéssemos esperando o outro sapato cair. Outra batalha começar. As pessoas olham muito mais sobre os ombros, imaginando se há mais membros do Reveillon por aí.

— Mas, ao mesmo tempo — disse ela —, há um novo tipo de camaradagem porque lutamos juntos. Cidadãos, soldados e Paras. Nós fazemos café klatch nas quintas-feiras noites. Alguém traz café, alguém traz um lanche, eu contribuo com o lugar e a eletricidade. E nós conversamos. Somos honestos. Essa é uma grande mudança.

— Isso é bom — concordei. — É muito bom. — Pensei em Broussard e no quadro aparente. Se alguém soubesse a palavra nas ruas de Nova Orleans, era a mulher que dirigia a Royal Mercantile.

E senti um pouco de dor por não ser aquela mulher agora.

— O que você está ouvindo sobre a Contenção?

Ela olhou para a porta, verificando se tínhamos privacidade. — Nada sobre Icarus. Se isso é parte disso. Não ouvi nada sobre isso desde a minha última aula de mitologia.

— Me avise se você ouvir alguma coisa específica.

— Sim. — Ela cruzou as pernas. — O que você tem feito desde a batalha? Outro tipo de entrega de produtos para a clínica e, ocasionalmente, espionando minha loja?

Era praticamente isso. Como todo mundo na Zona, eu estava sobrevivendo. Não havia muito a dizer além disso. Mas eu disse a ela o que havia para contar.

— E como está Moses? — perguntou ela com um sorriso.

— Mal-humorado.

— Então, está o mesmo.

— Bastante.

Ela fez uma pausa. — O que você fará com o Liam?

— Não sei. Eu acho que só ver aonde vai.

Ela deu um tapinha na minha perna. — Você parece exausta e teve um dia infernal. Você dormirá, deixará isso de lado e terá uma visão mais clara.

Eu esperava que ela estivesse certa. Porque agora as coisas eram muito sombrias.



Capítulo 11

Eu estava esperando uma carona de volta ao posto de gasolina. Era mais de quatro milhas da casa de Gunnar, e fiz muitas milhas hoje. Além disso, o Sazerac estava fazendo o seu trabalho. Minhas pernas sentiram-se quentes e suaves. Quando voltamos para a sala de estar – uma boa caminhada de dois minutos a partir do laranjal – eu estava pronta para dormir.

Mas achamos a sala vazia.

— Talvez o pôquer tenha sido ruim, então eles decidiram ir com um duelo?

— Possível — disse eu —, mas acho que Gunnar não permitiria isso.

Vozes vieram da porta do outro lado da sala, então nós andamos até lá. E olhamos fixamente.

Na mesa de jantar muito formal, em uma sala com paredes cobertas de grandes flores, estavam sentados quatro homens atraentes, camisas descartadas, concentrados em combate. Eles se enfrentaram em pares, mãos direitas juntas.

Eles estavam fazendo quedas de braço

— Eu bebi absinto? — perguntou Tadj, inclinando a cabeça para a cena.

— Se assim for, nós duas bebemos.

— Não que eu esteja reclamando — disse Tadj, seu olhar cheio de apreciação.

Gunnar olhou para nós, suor em sua testa, bíceps protuberantes enquanto ele e Gavin lutavam pelo controle. — Disparar. Fogo — murmurou ele através de dentes apertados em concentração.

— E estamos lutando por dinheiro — perguntou Tadjí —, ou apenas para acariciar nossos egos?

— Pela glória — disse Gavin, mas não tirou o olhar do seu adversário.

Malachi e Liam não falaram nada. Eles apenas olharam um para o outro, os dedos brancos se agitaram enquanto lutavam.

— Vá soprar no ouvido dele — sussurrou Tadjí. — Para distraí-lo.

— Qual deles?

— Essa é a minha menina — disse ela com um sorriso. — Senhores, está ficando tarde. Então, se puderem finalizar... Seja lá o que for, alguém precisa dar a minha garota uma carona de volta ao seu santuário.

Houve grunhidos viris, gritos guturais e, finalmente, socos na mesa.

Gunnar venceu Gavin.

Liam bateu em Malachi.

Mais poder para eles.

Gavin esfregou o pulso. — Não tenho um treino como esse há algum tempo.

— Vocês têm o cérebro de um garoto de quatorze anos — disse Tadjí. — Coletivamente.

— Provavelmente. — Ele olhou para Liam. — Irmão mais velho conseguiu uma boa vitória.

Sem comentários, Liam se levantou e vestiu a camiseta. E não se preocupou em tentar desviar o olhar. Ele me encarou enquanto eu o encarava, e não deveria ter tanto poder em um olhar, no simples ato de um homem bonito vestindo uma camisa.

— Oh, você é sortuda — murmurou Gunnar, deslizando atrás de mim para pegar sua própria camisa. — Não que eu possa culpar o seu gosto.

— Fisicamente, não — disse eu —, mas emocionalmente?

— Talvez ele tenha coisas convincentes para dizer.

Talvez. Mas ele precisava estar disposto a conversar. E ele ainda não estava lá. Eu não sabia o que poderia acontecer entre nós, mas sabia que só poderia começar com honestidade.

— Você pode dormir aqui — disse Gunnar para mim. — Há muitos quartos.

A ideia era convidativa – passar a noite em uma cama aconchegante neste castelo em forma de casa, sabendo que eu não estaria sozinha. Mas estar aqui o colocaria em perigo, e isso não valeria o risco.

— Obrigada, mas não posso. Vou para casa.

— Quando eu vou te ver de novo? — perguntou Tadj, preocupação apertando sua feição.

— Não sei. — Tentei me assegurar que a solidão não duraria para sempre. Mas era difícil, a Contenção ainda era a Contenção. — Espero que mais cedo ou mais tarde.

— Se eu descobrir alguma coisa do meu lado — disse Gunnar —, eu deixarei você saber. Preciso olhar isso de forma muito discreta. Então pode não ser amanhã. Mas eu lhe informarei assim que tiver informações.

— Podemos nos encontrar na casa de Moses pela manhã — sugeri. — Talvez ele encontre algo mais sobre o esboço.

Gunnar assentiu. — Tudo bem por mim.

— Desde que estamos fazendo arranjos — disse Liam —, eu quero ver a casa de Broussard.

Gunnar ficou quieto por um momento. — Isso levará tempo para organizar. O prédio está fechado, e não tenho autoridade para deixar você entrar.

— Quanto tempo?

— Alguns dias, talvez. Vou ter que pedir um favor.

Isso não acalmou a óbvia impaciência de Liam. — Estou sendo acusado de matá-lo. Tenho o direito de ver a cena, para ver do que eu sou acusado.

— Você não tem, na verdade — disse Gunnar. Ele estava tão calmo quanto Liam estava agitado. — Você é suspeito em um assassinato particularmente horrível, e você absolutamente não tem permissão para contaminar a cena.

— Ou arriscar a adição de seu DNA para a mistura de evidências — disse eu. — Você se implicaria.

— Claire tem um ponto. — Gunnar ergueu as mãos. — Vou trabalhar o mais rápido que puder. Mas você só vai piorar as coisas para você caso vá sem minha autorização.

— Não farei nenhuma promessa.

— Idiota teimoso — murmurou Gunnar.

— É genético — disse Gavin, em seguida, olhou para mim. — Desde que estamos encerrando aqui, você quer uma carona?

Graças a Deus. — Você pode me levar para o beco. É o mais longe que você pode ir.

— Se eu tivesse um níquel... — disse Gavin.

— Eu vou também, ando o resto do caminho com você — disse Malachi.

— Você sabe onde ela mora?

A pergunta de Gavin foi resmungada, o olhar de Liam era francamente hostil.

— Ele já é o inimigo público número um — disse eu. — Não há muito mal em seu conhecimento. E não há necessidade de adicionar mais alguém à lista.

* * *

Depois de voltar pelas ruas escuras para Mid-City, Gavin estacionou no beco.

— Obrigada pela carona — disse eu enquanto Malachi e eu saíamos.

— Claro que sim — disse Gavin. — Vou te ver amanhã?

— Sim.

Liam olhou para mim através de sua janela aberta, um desafio em seus olhos. — Tenha cuidado — disse ele com firmeza.

O tom de sua voz, a possessividade nela, arrepiou meus braços, enquanto também me irritava.

— Eu sou sempre cuidadosa.

— Claire.

Olhei para ele, observei o brilho dourado em seus olhos. — Eu disse a você o que eu preciso, Liam.

Sua mandíbula apertou, mas depois de um momento a teimosia em sua expressão desvaneceu-se, mudando para arrependimento claro. — *Claire* — disse ele novamente, desta vez uma súplica.

Balancei a cabeça. — Eu tenho tudo de você. Ou nada.

Ele desviou o olhar. Saber que nós dois estávamos sofrendo era a única razão pela qual eu não estava mais zangada com ele.

* * *

— Humanos, às vezes, são apenas os piores — disse eu quando as luzes do Range Rover desapareceram na esquina. Não ajudou que eu estivesse cansada e

me sentindo impotente. E já estava sentindo falta de Tadj, e sentindo um pouco de esperança sobre isso.

— Nenhum argumento lá — disse Malachi.

Nós caminhamos em silêncio até o posto de gasolina. Paramos do outro lado da rua, onde Malachi esperaria e teria certeza que eu estava em segurança.

Talvez fosse hora de fazer um gesto. De ter uma chance de fazer algo grande. Algo certo.

— Vamos — disse eu, apontando para o prédio. — Quero te mostrar uma coisa.

Ele pareceu surpreso, mas intrigado. — Tudo bem — disse ele.

Esperamos para garantir que a barra estava limpa, e então me dirigi para a porta. — Venha comigo — disse eu.

— Você quer que eu entre?

— Nada mais justo — disse eu, e destranquei.

Nós entramos. Fechei e tranquei a porta, depois liguei as luzes do teto.

Malachi olhou para o cômodo, caminhou lentamente até a primeira mesa, olhou para o objeto ali. — *Claire* — disse ele.

— Meu pai salvou-os de incêndios da Contenção — disse eu.

Ele caminhou até a mesa do meio, longa e estreita feita de tábuas grossas, escuras, e ergueu um arco dourado, correu a ponta do dedo na corda.

— Você manteve esse segredo. — Ele colocou de volta, em seguida, olhou para mim, considerando. — Para garantir que a Contenção não descubra sobre isso.

Assenti. — E que ninguém se machuque porque eles conseguiram descobrir.

Malachi assentiu, olhando para a mesa novamente. — Não sei como me sinto sobre isso.

— Bem-vindo ao meu mundo. Eles destruiriam as armas se pudessem. A Contenção, eu quero dizer.

— Ou usariam para seus próprios propósitos. — Ele caminhou ao redor da mesa, examinando os objetos nela. — Eu mal posso absorver tudo isso.

— Eu disse a mesma coisa na primeira vez.

Malachi franziu a testa para alguns objetos, sorriu para os outros. — Há objetos do Consularis e da Corte aqui.

— Existem? Eu não sabia. Não sei nada sobre como meu pai reuniu as coisas, mas imaginei que ele pegasse tudo o que pudesse. Comecei a catalogá-lo, mas não sei os nomes próprios de tudo, e me senti um pouco estúpida ao escrever nomes humanos.

Malachi olhava para o que parecia ser um pandeiro quadrado – uma forma rígida com pequenos címbalos e sinos. — Você sabe o que é isso?

— Pandeiro?

Ele sorriu. — Algo parecido. É chamado de Ilgitska. É usado em uma cerimônia sexual.

— Uma cerimônia sexual? — perguntei, dando-lhe um segundo olhar.

— Nós gostamos de nossas cerimônias — disse ele com um sorriso, provavelmente por causa do rubor em minhas bochechas. Pegou-o e bateu na palma da mão.

O som era complexo, do delicado e bonito som de sinos às profundezas das pequenas esferas de latão. Eu podia admitir que havia algo sensual nisso, como se cada tom fosse cuidadosamente modulado para alimentar o desejo.

Que dia estranho aquele havia sido. E que noite estranha se tornou.

— O som tem poder — disse ele com um sorriso, colocando o instrumento na mesa novamente. — Seu pai fez um ótimo trabalho, salvando essas coisas.

Assenti. — Obrigada. Eu gostaria de pensar assim. Eu só descobri sobre isso um pouco antes da batalha. Ele não me contou quando estava construindo a coleção, e eu não sabia até a pouco tempo atrás. Isso machuca. Mas sei por que ele me manteve longe disso.

— Para mantê-la segura — disse Malachi.

— Sim. Uma das muitas coisas que ele guardou de mim. — Respirei fundo, me preparei e me virei para ele. — Preciso perguntar a você sobre Erida.

— Você pode perguntar, embora eu possa não ser capaz de responder. O que você quer saber?

Eu ainda parei antes de dizer isso. — Erida e meu pai.

Ele não respondeu imediatamente. — Essa é a pergunta?

— Um início — disse eu, sem jeito. — Eles eram amigos?

Ele olhou para mim pelo que pareceu um longo tempo. — Eles eram amigos — disse ele finalmente. — E mais.

Isso confirmou. — Eles eram amantes — disse eu. — Pensei que poderia ter sido o caso, depois do que ela me disse ontem à noite. Mas eu não sabia que ele estava vendo alguém. Eu nunca a vi e ele nunca disse nada.

Malachi assentiu. — Eles eram muito discretos, eu entendo. Por necessidade. Se fossem descobertos, ela seria encarcerada, e ele seria castigado por abrigar um Paranormal.

— Você conheceu minha mãe?

— Eu não a conhecia. Aparentemente, eu a vi.

— O que você quer dizer?

— Eu não sabia que ela era sua mãe na época em que a vi. Erida me disse depois.

Eu disse a ele o que eu acreditava ser verdade.

— Sinto muito que seu pai não lhe disse a verdade.

— Eu também. — Porque é nisso que nós chegamos. Que meu pai estava mentindo para mim. — Erida disse que ela a conheceu, mas eu não a conhecia... Ou qualquer coisa sobre ela.

— Ela era uma mulher adorável, apesar de eu entender que ela era fria.

Assenti. — Venha comigo. — Passamos pela cozinha, depois pela porta estreita que levava ao porão.

O cômodo provavelmente fora uma vez usado pelo posto de gasolina e uma maneira de acessar o primeiro andar através de escotilhas que se abriam abaixo deles. Agora segurava fileiras de prateleiras de metal com água e produtos enlatados, bem como a pequena cama onde eu dormia.

Também escondia o baú que continha apenas um item – a fotografia da mulher com cabelos ruivos.

Liam e eu tiramos a fotografia de lá na noite em que nós descobrimos este lugar; eu peguei depois da batalha e a coloquei no lugar onde encontrei.

Levantei a tampa do baú e tirei a foto. Ofereci a Malachi, sem olhar para a imagem. Eu já vi muitas vezes.

— Encontrei a foto aqui — disse eu. — Não há nada escrito nela. Assumi que meu pai havia deixado, mas eu não sabia o porquê. Ela parece comigo. E depois de falar com Erida...

Malachi assentiu. — Eu entendo que esta é sua mãe. Ela se parece com você. — Sua voz era suave agora.

Eu olhei para ele. — Você poderia estar errado. Isso pode ser um mal-entendido ou uma coincidência. — Mas isso soava estúpido e ingênuo até para mim. E fui eu que acreditei em uma mentira por mais de vinte anos. Que tenho vivido uma mentira há mais de vinte anos.

— Eu entendo que seu pai disse a todos que ela havia morrido. Ele disse a Erida a verdade só depois que ela encontrou uma fotografia dela.

Meu estômago se apertou novamente. — Esta fotografia? — É por isso que estava no baú? Ele trancou aqui para que ela não pudesse ver?

— Não sei. Eu sinto muito.

Assenti. — Erida esteve aqui?

— Eu não sabia nada sobre esse lugar. Se Erida soubesse, eu acredito que ela teria me dito. — Ele olhou ao redor. — Ou talvez fosse mais correto dizer que acredito que ela teria me dito se soubesse o que acontecia. Não sei o quanto seu pai disse a ela.

Balancei a cabeça, me fazendo olhar para a foto. — Esta mulher estava em Talisheek.

Suas sobrancelhas levantaram. — Estava?

— Não do nosso lado. Ela estava com o grupo que tentou reabrir o Véu. Ela trabalha para a Contenção?

— Não sei. Eu não sei nada sobre ela. Não acredito que seu pai tenha falado sobre isso, e não acredito que Erida tenha feito muitas perguntas. Mas Erida pode saber mais do que eu, mais do que ela não me contou. Você deveria falar com ela.

Quando não falei, ele olhou para mim. — Não é culpa dela que seu pai mentiu para você.

Eu também sabia disso. Mas isso não tornou mais fácil.

— Você está certo. — Coloquei a foto de lado e fechei a tampa do baú, desejando poder compartimentar meus sentimentos com a mesma facilidade.

* * *

Eu não dormi. Não realmente.

Meu cérebro estava girando com novas verdades e velhas mentiras. Liam e seus demônios desconhecidos. Minha mãe, meu pai e suas mentiras.

Tentei voltar ao catálogo de lembranças, de todas as vezes que perguntei sobre minha mãe e tudo que ele havia me dito em resposta. Tentei lembrar suas expressões. Ele parecia estar mentindo?

E essa não era a maior questão. A pergunta mais difícil.

Se ela estava viva, onde ela esteve nos últimos vinte e dois anos? Por que ela deixou meu pai e por que ela me deixou? Por que ela de bom grado me deixou? Ela se perguntou como eu era, se eu sobrevivera à guerra, quem eu cresci para ser?

Dada a vida que eu vi meu pai levar, eu ainda acreditava que ele era um bom homem, um homem decente. Nada que Erida ou Malachi me dissessem mudou isso. Mas ele não foi um homem honesto. Não sobre este lugar, não sobre magia, não sobre quem ele era, não sobre Erida, não sobre minha mãe.

Camadas de mentiras, empilhadas uma sobre a outra. E fui deixada para desvendar todas elas.



Capítulo 12

Já estava escaldando no momento em que cheguei à casa de Moses. Não ajudou meu humor quando eu soube que estava faltando um humano magicamente aprimorado.

— Liam deveria ficar aqui — disse eu a Moses. — Ele não deveria estar perambulando sozinho em Nova Orleans.

— Ele deixou uma nota — disse Moses, oferecendo a pequena folha de papel arrancada de um livro, as bordas ainda irregulares.

— *Fui dar uma olhada* — leio em voz alta, depois eu olho para Moses. — Uma olhada em quê?

— Ele está aqui porque Broussard está morto. Meu palpite? Casa de Broussard.

Meus olhos se estreitaram. — Ele deveria ter ficado no maldito bayou. Deveria ter ficado ali onde Eleanor poderia ficar de olho nele. E certamente ele deveria ter ficado aqui até que alguém pudesse vigiar suas costas. Gunnar disse a ele para não ir até lá.

— Se você estivesse na posição dele, você faria alguma coisa diferente?

Resmunguei, então olhei ao redor. — Malachi?

— Enviou um pombo. — Na Zona, eles eram uma das formas mais confiáveis de passar mensagens. — Disse que estava voltando para Vacherie para checar os Paras.

Assenti. Isso significava que eu estava mais perto da casa de Broussard do que Malachi, então eu precisava encontrar Liam. Pelo menos eu daria uma olhada na cena do crime.

— É melhor você se mexer — disse Moses. — Ficarei aqui no caso dele voltar.

— Você conseguiu mais alguma coisa com esse arquivo de Icarus?

— Ainda estou procurando. Pare de apressar minha genialidade.

Todo mundo estava irritado hoje. — Fique aqui, deite-se e continue a genializar.

Ele sorriu mostrando os dentes. — Eu tenho alimentos enlatados e uma compilação de trabalho. Não preciso ir a nenhum outro lugar.

O que quer que o mantivesse seguro.

* * *

Broussard tinha uma boa vida, se sua casa fosse qualquer indicação. Não havia muito dinheiro na Zona, mas ele conseguiu entrar em uma linda casa no Garden District a poucos passos de St. Charles e não muito longe da casa de Gunnar.

A casa de Broussard ficava atrás de um quintal cercado de palmeiras e cercas vivas, e ao longo da entrada de automóveis que deixaria muitos orleansianos invejosos, antes ou depois da guerra.

A casa era uma estrutura marfim com janelas simétricas e venezianas azuis. Escadas duplas se curvavam até uma porta vermelha da frente. E a fita amarela da polícia marcava-a como uma cena de crime.

Parei debaixo de um carvalho na propriedade vizinha, procurando qualquer sinal de Liam. Se ele estava lá, ele estava silencioso.

— Pelo menos ele não enlouqueceu completamente — murmurei. Rastejei pela cerca que dividia as propriedades, procurando uma maneira de entrar. Encontrei uma janela do chão ao teto já aberta. Provavelmente como ele havia entrado.

Corri pelo jardim e deslizei pela janela, que se abria para uma sala de jantar. Chãos de pinho, paredes pintadas, uma enorme mesa incrustada com cadeiras curtas, um tapete antigo. Os tetos eram altos, assim como as portas.

Eu me movi para o corredor, as paredes forradas com pinturas em molduras douradas. Este era o tipo de casa em que meu pai adoraria morar, se tivesse sido capaz de guardar uma antiguidade por mais de alguns dias, em vez de colocá-la à venda na loja.

Através da sala de jantar havia uma sala de estar formal com as mesmas janelas e molduras, uma lareira de tijolos que se estendia até o teto e uma lareira de telhas brilhantes em tons de verde.

O piso acima de mim rangeu. Subi a escada dupla até o segundo andar.

Liam estava no patamar, olhando para a parede.

Eu estava preparada brigar com ele – por deixar a casa de Moses sozinho, por entrar na cena do crime – e então vi o que ele estava encarando.

POR GRACIE estava pintado na parede com o que parecia ser sangue, havia uma mancha com a mesma cor no chão à frente.

O corpo de Liam estava rígido, os olhos ardendo de raiva, como se ele fosse capaz de queimar as palavras na parede apenas pela força da vontade.

— Liam.

Seu corpo estremeceu, mas ele não se virou. Ele não me ouviu entrar, o que provou que ele não deveria estar aqui sozinho. Ele também poderia não ter ouvido caçadores.

— Você está bem?

— Você estaria?

— Não — disse eu —, não, se eu visse o nome de alguém que eu amava se espalhar pela parede, por causa do assassinato de outra pessoa, eu ficaria absolutamente furiosa. Mas ainda assim. Você não deveria ter vindo sem Gunnar ter autorizado. Sem ele ter limpado um caminho.

Ele se virou, olhou para mim pela primeira vez, e ofeguei antes que eu pudesse evitar. Seus olhos brilhavam dourados, fúria e dor lutando em seu rosto.

— Eu não podia esperar mais. Eles estão me usando, minha família, para machucar as pessoas. Eu quero saber por quê.

Assenti. Não pude discutir com isso. E já que estávamos aqui, poderíamos também investigar.

— Tudo bem — disse eu. — O que sabemos?

Ele olhou para mim, a pergunta clara em seus olhos. — Eu vim aqui para encontrar você, e encontrei — disse eu. — Eu não deixarei você aqui sozinho com a Contenção perambulando por aí.

Eu não quis dizer isso como um insulto, como um retorno porque ele fizera exatamente isso comigo depois da batalha – ele me deixou em Nova Orleans, com a Contenção ao redor. Mas soou assim, e o silêncio voltou a cair, espesso e desconfortável.

Calcinha de menina grande, eu disse a mim mesma, e me aproximei da parede. — É sangue?

Eu podia sentir seu olhar em mim por um minuto, avaliando. E então ele mudou sua atenção para a parede. — Sim. Não sei se é de Broussard, mas você pode sentir o cheiro dele.

Eu podia, agora que cheguei mais perto. Eu olhei para ele. — O nome e a faca são apenas fatos que ligam o assassinato a você. Você está pronto para falar sobre a faca?

— Não.

Suspirei. — Então, vamos ignorar as provas contra você no momento. Vamos ver se há algo aqui que nos diz sobre o verdadeiro assassino. Talvez encontremos algo fora do lugar, algo que sugira por que Broussard foi alvo.

Sua expressão não mudou muito, mas ele assentiu. — Tudo bem, então. A escrita. — As palavras foram escritas em grandes e largas estrias, não na maneira como os nomes comerciais e os slogans poderiam ter sido pintados nas vitrines das lojas uma vez.

— As letras não foram escritas com apenas um dedo.

Liam olhou para mim. — O quê?

Eu segurei um dedo na frente da parede. — A linha é muito larga. — Fechei minha mão e estendi contra a parede. — E esse movimento é apenas estranho.

— Talvez eles tenham usado algo que encontraram aqui.

Olhamos em volta. Não havia nada no patamar, nem vasos de flores artificiais ou bugigangas que poderiam ter sido adaptados à tarefa.

— Talvez eles tenham vindo preparados — disse eu. — Matar Broussard e culpar alguém por seu assassinato. Culpar você por isso. Então eles trouxeram um pincel ou algo assim. E talvez tenham sido desleixados sobre isso. Viu alguma impressão digital?

Liam se aproximou, olhando para a parede. Eu fiz a mesma coisa. Mas se houvesse impressões digitais, eu não poderia dizer de uma olhada em um patamar escuro no segundo andar.

— Não posso dizer — disse ele.

— Eu também.

Dei um passo atrás e olhei para a mancha no chão.

— A garganta dele foi cortada. Eficaz, e eu acho meio íntimo, porque você tem que estar de pé. Mas também não há muito calor do momento. Você não corta acidentalmente alguém. Isso não é algo que você constrói em uma briga. Isso é algo que você vem fazer aqui.

— E por quê? — perguntou Liam. — Dinheiro? Amor? Punição?

— Não dinheiro — falei. — Há muitas antiguidades bacanas lá embaixo, e nenhuma delas foi levada.

— Você conhece antiguidades.

— Sim. É verdade que é difícil se livrar de antiguidades em Nova Orleans agora. Mas se a pessoa está disposta a matar por dinheiro, por que não pegar algumas coisas no caminho?

— Você está certa. Não vejo nada obviamente faltando.

— Quanto ao amor, você sabe alguma coisa sobre ele estar em um relacionamento?

Liam balançou a cabeça. — Não, mas eu não acho que estaria.

— E não sabemos nada sobre punição. Talvez Icarus seja importante, talvez não. Não sabemos ainda.

— Isso é um caminho. — Seu olhar se fixou no nome de sua irmã novamente, e decidi que era hora de tirá-lo deste lugar.

— Vamos dar uma olhada — disse eu.

O corredor se dividiu à esquerda e a direita. — Eu vou para a direita.

— Então eu vou para a esquerda.

Nós nos separamos no meio do patamar. O corredor à esquerda tinha várias portas. Banheiro, que parecia bastante normal. O que eu supunha que era um quarto de hóspedes, já que havia uma cama perfeitamente feita, um criado-mudo e uma escrivaninha. Verifiquei algumas gavetas e não encontrei nada. E nada no armário, também.

Um longo armário de roupa enchia o outro lado do corredor. Abri uma porta de correr. A maioria dos cubículos e barras penduradas estava vazia, exceto por uma torre de prateleiras que segurava lençóis e fronhas dobradas. Dei-lhes um tapinha rápido, mas não encontrei nada interessante.

O corredor terminava em uma porta, que estava entreaberta. Escutei, assegurando-me de que nada se movia do outro lado, depois a abri.

E encontrei o escritório de Broussard.

— Aqui vamos nós — murmurei, entrando.

O cômodo era grande, uma enorme mesa curva aninhada em uma janela octogonal. Pisos de madeira, um aparador pesado com estantes de livros do outro lado da sala. Um par de vasos de plantas, um belo tapete no meio da sala.

Os livros eram velhos, com lombadas de couro, e não eram sobre qualquer assunto em particular. Provavelmente colocou-os para encher o espaço.

Eu me movi em torno da mesa. Pasta de couro antiquado. Porta-canetas. Bloco de notas. Tudo isso ornamentado com um *B* igualmente antiquado. Mas não havia papel, e não havia computador. Peguei minha lanterna, apontei para a mesa e encontrei um quadrado bem limpo onde um computador estivera anteriormente.

— Astuto — murmurei, e então me sentei na cadeira – também grande e de couro. Sendo cautelosa em não deixar impressões digitais, usei a bainha da minha camisa para abrir as gavetas da esquerda e direita, encontrando as coisas habituais da gaveta da escrivania. Clipes de papel. Tesouras. Abridor. A gaveta do meio era uma bandeja de teclado. O teclado ainda estava lá, o fio solto na parte de trás.

Olhei pelo resto da sala, não encontrei nada interessante. Se Broussard guardasse informações secretas ou controversas aqui, não estava em seu escritório. Ou, pelo menos, não mais.

* * *

— O computador dele sumiu — disse eu a Liam quando nos encontramos no patamar novamente. — Você pode realmente ver as bordas onde a poeira havia se reunido.

— Então eles pegaram o computador e não se preocuparam em limpar depois disso.

— Esse seria meu palpite. Você percebeu alguma coisa faltando?

— Não... Embora eu nunca tenha estado aqui, então é difícil dizer. Mas não há nada óbvio. Não há espaço em branco na parede onde uma foto foi removida, nenhuma entrada secreta com a porta aberta.

— Teria sido muito útil encontrar uma dessas, talvez com um pedacinho de papel com o nome do bandido.

Liam sorriu. — Conveniente, mas improvável. — Sua expressão escureceu quando seu olhar caiu na parede novamente. — Nada de valor, e nada de óbvio faltando, além do computador. Ele foi morto habilmente e o criminoso parecia estar preparado. Isso confirma nossa teoria... Que Broussard encontrou algo que não deveria, e alguém não queria que ele olhasse para isso.

— Icarus, talvez.

— Talvez. O computador seria uma ajuda. Talvez tenhamos sorte e descubram que ele acessou a Rede da Contenção e, de alguma forma, Moses pode rastrear.

Isso seria sorte e estupidez do criminoso. Mas se isso fosse um assunto da Contenção, certamente seria possível.

— Você limpou as coisas? — perguntou Liam. — Não há impressões digitais?

Balancei a cabeça. — Eu estou bem.

— Então devemos sair daqui — disse ele. — A Contenção pode voltar a qualquer momento.

Infelizmente, nós já passamos da nossa hora.

* * *

Eles rugiram pela porta da frente. Três deles – dois homens e uma mulher – todos vestidos com fardas negras e botas de combate, cabelos curtos à moda militar, insígnia da Contenção em seus braços.

Todas as três armas apontadas para nós.

— Mãos no ar — disse o homem na frente.

— Sem problema — disse Liam, levantando as mãos enquanto descíamos o último lance de escadas para o corredor largo. — Estou feliz por estarem aqui. Temos algumas informações para vocês.

Consegui não piscar, percebi que ele tinha um plano e tentei parecer aliviada.

Os agentes pareceram momentaneamente confusos, mas eles estavam treinados o bastante para permanecerem em posição, armas ainda apontadas. — Que informação?

— Nós vimos alguém saindo correndo daqui com uma caixa. Não sei o que estava nela. — Ele balançou a cabeça em direção à janela aberta. — Eles foram rio abaixo, eu acho.

Os meninos Quinn eram definitivamente astutos. E mentirosos perturbadoramente bons.

— Você é Liam Quinn — disse a agente feminina. Ela olhou para mim, meu cabelo. — E você é Claire Connolly. Nós vimos suas fotos.

Liam franziu a testa. — Eu não sei o que você... Você viu o homem correndo? Com a caixa, ele parecia um ladrão, honestamente. Correram de volta para St. Charles?

Os agentes tinham suas dúvidas, mas a sinceridade na voz dele era convincente, até mesmo para mim. Como pássaros sincronizados em voo, eles simultaneamente olharam pela janela.

Liam aproveitou a oportunidade. Ele correu para frente, derrubando o agente na frente, desequilibrando os outros dois. Eles caíram no chão como pinos de boliche.

— Vá! — gritou Liam para mim, e começou a lutar com o homem no chão.

Eu não tinha uma arma, não que entrar em um tiroteio com a Contenção fosse uma boa ideia. Mas eu também não estava prestes a correr e deixá-lo sozinho com três agentes e o mesmo número de armas. Eu não era tão hipócrita.

Nós dois ainda estaríamos em desvantagem. Mas pelo menos as chances seriam melhores.

A agente feminina era a mais próxima, então fui até ela primeiro, usei o mesmo truque que Liam e tentei levá-la ao chão.

Já desequilibrada, aterrissamos juntas na porta da sala de jantar. Eu bati meu cotovelo, e senti a vibração no nervo em meus dentes. Os dedos da minha mão direita não funcionaram, então segurei a arma com a esquerda e tentei arrancá-la de seu alcance.

— Pare! — gritou ela, e tentou me chutar, mas eu mantive meu controle, e meu foco em sua mão.

Eu a bati contra o chão uma vez, duas, uma terceira vez.

A arma caiu.

Levantei em um momento e a agarrei, estava prestes a apontá-la na direção do agente de Liam quando um ônibus me atingiu.

Eu me esqueci do terceiro agente. E isso não era inteligente.

Ele tinha pelo menos 90 quilos de puro músculo. Eu caí no chão de bruços, seu peso aumentou, com força suficiente para empurrar o ar para fora dos meus pulmões e enviar a arma para o outro lado da sala. Ele se ajoelhou e puxou meus pulsos atrás de mim.

— Eu disse para você colocar suas malditas mãos no maldito ar! — disse ele, quase arrancando meu ombro da junta.

Eu não queria usar magia. Não assim, não na frente de agentes da Contenção que já acreditavam que éramos monstros.

Mas a mulher estava de pé, indo em busca da arma. Liam ainda estava enroscado com o segundo agente, os punhos e o suor voando enquanto lutavam. Se eles nos levassem depois disso, nós estaríamos em apuros. Não apenas um suspeito Sensitivo e um assassino, mas fugitivos que resistiram a prisão e feriram oficiais no processo.

Eu não tinha escolha, e isso só me deixou mais irritada.

Tentei avaliar minhas melhores opções, então peguei filamentos de magia que esperava estar pronta para ser trançada e usada. Para ser manipulada contra humanos.

Sozinhos no ar, os fios evanescentes não eram poderosos o suficiente para acionar um monitor mágico. Mas reunidos, como eu estava fazendo agora, eles eram. Um alarme começou a soar, e o monitor emitiu um aviso sonoro: *A Contenção foi alertada. A Contenção foi alertada. A Contenção foi alertada.*

Não, merda, eu pensei, e estendi mentalmente em direção ao outro lado do corredor, joguei a magia na peça de pôquer ao lado da lareira de tijolos e azulejos na sala de estar, e a enviei até mim tão rápido que o ar cantou com o movimento.

— Cuidado! — O agente saiu de cima de mim. — Ela está usando magia!

Balancei a mão com a peça de pôquer e tirei a arma da mão dele. Ela escorregou pela madeira e para baixo de um sofá. Fora do alcance fácil.

— Bom o suficiente — murmurei, e agarrei a peça de pôquer. — Quem é o próximo?

O ar explodiu, a dor queimando em meus bíceps como o fogo de Deus. Eu olhei para trás e vi a agente feminina literalmente segurando a arma fumegante.

— Você *atirou* em mim.

Ela se acalmou, concentração e ardor de volta em seus olhos. — Você é Claire Connolly, uma Sensitiva. Você está fora da Ilha do Diabo, violando diretamente a Lei da Magia. Você vai abaixar a arma e se entregar à custódia da Contenção.

— *A Contenção foi alertada. A Contenção foi alertada.*

Ignorei o zumbido irritante do alarme, o pulsar violento de dor em meu braço e olhei para ela. A chama da minha raiva estava quente o suficiente para queimar qualquer coisa em seu caminho.

— Eu sou Claire Connolly, uma Sensitiva. Eu ajudei a descobrir sobre Reveillon, e lutei na Batalha da Ilha do Diabo. — Apontei um dedo para o meu peito. — *Eu* acabei com ele. E você quer me prender.

Ela molhou os lábios nervosamente. — Eu tenho ordens para te levar. Você tem magia.

— Não por escolha.

— Eu peço...

— Não dou a mínima para seus pedidos. Um de nós está voltando para o Cabildo hoje, mas não será eu.

Quando senti o outro agente se movendo atrás de mim, decidi que conversamos o suficiente.

Havia mais magia no ar, e esperando ser usada. Ansiando ser usada. Tricotei junto, envolvi os tentáculos em torno de sua arma, e arranquei-a da mão dela. Seja o que for que eu achasse sobre a Contenção, dada a quantidade de problemas que já tínhamos, eu não ia disparar uma arma nela, então a coloquei na minha calça.

Eu vi a mudança de seus olhos, mas não percebi até que era muito tarde que ela estava passando uma mensagem para seu parceiro.

Ele me bateu primeiro, agarrando minhas pernas e me mandando ao chão. Ela empilhou em cima, tirando a arma da minha calça jeans com um arranhão contra a minha pele. E então o peso dela se foi, e ele agarrou meus braços

novamente e colocou um joelho nas minhas costas, esmagando meu rosto e peito no chão duro. Eu não conseguia enxergar, mal conseguia respirar, nem conseguia pensar em magia.

Foi quando o mundo esquentou.

Foi um beijo de raio, um abraço de pura eletricidade. O poder me subjugou, me revestiu e quase me afogou. Eu fui atordoada? Atingida não por uma arma, mas por um dos atordoadores elétricos que alguns agentes da Contenção carregavam?

Levou um momento para perceber que isso não era poder humano.

Era magia. Pura e mal controlada.

Era Liam.

Mudei meu olhar, mal podia vê-lo do outro lado da sala, de pé sobre o corpo inconsciente do outro agente. O agente nas minhas costas não podia vê-lo; ele estava focado em brigar com as algemas que eu podia ouvir atrás de mim. Era melhor que ele não olhasse, que estivesse completamente alheio ao brilho dourado nos olhos de Liam, a fúria em seu rosto.

Sua magia queimava como fogo, com uma crueza que eu não sentia na magia de Malachi. Mas eu ainda não sabia o que poderia fazer. O que ele poderia fazer com isso.

Ele me mostrou rápido o suficiente.

Ele condensou seu poder, sua magia, e envolveu a minha. Da mesma forma que eu reuni filamentos de magia para manipulá-los, ele trançou os elos da nossa magia e então usou. Ele amarrou o agente nas minhas costas com a magia e o ergueu no ar.

Ofegando, virei-me e observei o agente flutuando, os olhos arregalados com o choque.

Liam controlava minha magia. Dirigindo-a e tornando-a mais forte, adicionando a sua própria à mistura, como se tivesse aumentado o volume em minha própria telecinésia.

E então Liam, ou eu, ou nós dois juntos, jogamos o agente do outro lado da sala como brinquedo descartado. Ele voou para a parede oposta, derrubando um retrato de moldura dourada no caminho, depois atingiu o chão, os olhos fechados.

Mas o envelope colado à parede – um envelope que estava escondido atrás da pintura – permaneceu.

Isso teria que esperar.

A agente apontou a arma novamente, disparou duas vezes em rápida sucessão.

Meu braço estava levantado e se movendo antes que eu pudesse registrar o som, e certamente antes que eu pudesse pegar magia no ar. Estendi a mão, diminuí a velocidade das balas e depois as parei. E então eu as soltei. Elas tiniram no chão.

— Eu não pedi isso — disse eu a ela. — Volte para o Cabildo e diga a eles isso.

Lágrimas surgiram em seus olhos, ela se levantou e correu para a porta.

Liam liberou sua magia.

Como se isso estivesse me segurando também, caí de joelhos. Respirei pesadamente quando o silêncio caiu sobre a sala, a luz do sol brilhando através da poeira que levantamos durante a luta.

Eu olhei para os meus dedos, meio esperando ver o poder jorrando como o plasma azul-branco e minha pele carbonizada pelo calor. Mas eles estavam bem. Eu estava cheia de magia, mas meu corpo parecia estar segurando. Pelo menos, por enquanto.

— Você está bem?

Assenti, não olhei para ele. — Estou bem.

— Seu braço?

A adrenalina havia silenciado a dor, mas voltou agora com uma vingança. Eu estremeci, girei meu braço e dei uma olhada. Havia sangue, mas não muito.

— Apenas me arranhou. — Eu olhei para cima. Ele estava suando com o esforço, os nós dos dedos machucados, a bainha em sua camiseta quase arrancada, e havia um corte na bochecha. — Você está bem?

Ele assentiu. Ele ainda não se aproximou, então eu percebi que precisava ser dizer isso.

— Você pode manipular a magia dos outros.

Ele estremeceu em *manipular*, mas não havia como evitar, já que era exatamente o que ele havia feito. — Sim.

— Conveniente. — E potencialmente perigoso, especialmente nas mãos erradas. Mas não achei que fossem as mãos erradas.

— Eu não te machuquei?

Balancei a cabeça, o que fez pulsar com dor. — Só um pouco cansada. Eu ficarei bem. É como um soco poderoso.

— Sim. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Tenho trabalhado nisso. Ainda não está aperfeiçoado.

Ele olhou para o espaço vazio da parede – e o envelope de papel pardo colado ali.

Então ele caminhou até mim e ofereceu uma mão. Ele pareceu surpreso quando não hesitei, quando coloquei minha mão na dele e deixei ele me levantar.

Nós nos aproximamos da parede e Liam puxou o envelope, estava prestes a passar um dedo sob a aba lacrada quando uma nova sirene cortou o silêncio. A Contenção havia chegado novamente.

— Essa é a nossa sugestão para sair — disse Liam. Ele enfiou o envelope na camisa, então prendeu na bainha para mantê-lo seguro. Ele rapidamente virou a pintura, depois olhou para mim. — Você está pronta?

Eu assenti.

Desta vez, nós corremos juntos.



Capítulo 13

Nós seguimos para a casa de Moses, mas paramos na metade do caminho, apenas no caso de que fomos seguido ou da Contenção estar observando. Não queríamos levá-los direto para ele.

Nós encontramos um jardim no pátio quase coberto por mandevilla e jasmim, e tudo mais escondido por causa disso. Era legal aqui, o ar perfumado com flores, e tijolos colocados em padrões intrincados sob os pés. Eu me sentei no chão, minhas costas contra a única parede ainda não coberta com um emaranhado de verde.

Ele estava perto da parede distante, olhando para a rua através de uma janela feita de tijolos cuidadosamente arranjados. Ele era esperto o bastante para me dar espaço. Assim como eu havia dado a ele uma vez.

— Bem-vindo ao clube proscrito — disse eu calmamente, quebrando o gelo que se juntou entre nós, apesar do calor.

— Até agora, é um clube de merda.

— Não fica melhor. — Pensei nos Paranormais em Vacherie, a suspeita nos olhos deles. — Humanos suspeitam de você; Paras desconfiam de você. Mas você tem aquela coisa legal de olho mágico acontecendo.

Ele olhou para mim, dourado ainda brilhando em seus olhos.

— Mas é mais difícil esconder sua magia — disse eu.

Ele olhou para mim. — Você vê agora?

Havia algo grave na voz dele. Algo triste e raivoso.

— Eu vejo o quê?

— Sua magia é neutra. A minha é furiosa.

Suas mãos estavam em punhos em seus quadris, seu corpo esbelto ainda tenso.

— Durante a batalha, ele me acertou com uma explosão de magia. — Ele se virou, os dedos contra o peito como uma gaiola. — Eu podia sentir isso, afundando. Afetando-me. Mudando-me. Não foi apenas magia, Claire. Foi a magia de Ezekiel.

Ezekiel era o líder de Reveillon, um Sensitivo que suprimiu sua própria magia e foi destruído por ela.

Eu apenas olhei para ele, confusa. — Não sei o que você quer dizer.

— Quando ela foi atingida, Eleanor perdeu a visão, mas ganhou sua outra visão. O Para que a atingiu era um vidente, e a arma carregava poder residual. Eu não sabia disso... Nem sabia que era possível que humanos que ganhavam poder diretamente de Paras fossem afetados dessa maneira.

A magia fez o Paranormal, ou o Paranormal coloriu a magia?

— E você acha que a magia de Ezequiel tinha um pouco dele?

Ele se virou para mim, com o dourado agitando em seus olhos como uma tempestade. — Eu sei disso. Demorou alguns segundos antes que eu pudesse me mover novamente, antes que eu pudesse fazer outra coisa além de ficar lá, a magia como agulhas na minha pele.

— Eu me lembro. Eu fui pegar Lizzie. Você foi embora quando voltei.

Ele assentiu. — Eu fiquei de pé e isso me devastou, Claire. Eu não tinha poder sobre isso. Seu olhar ficou distante, como se olhasse para uma lembrança. — Um membro do Reveillon estava ao meu lado, de joelhos. Ele foi atingido por alguma coisa – havia um corte na cabeça dele e ele estava olhando para o chão, totalmente atordoado. E nada disso importava. Porque eu queria matá-lo. Antes que percebesse, minhas mãos estavam em volta do pescoço dele, e eu podia sentir o fogo de Ezekiel em minha pele, sob minhas mãos.

Liam olhou para as mãos. Ele estendeu os dedos, depois cerrou os punhos, como se ele pudesse sentir aquelas chamas e aquele poder de novo.

— Foi uma batalha — disse eu. Minha voz soou baixa, distante. — Ele estava tentando matar você. Todos nós. Não há vergonha em querer que ele morra, ou em matá-lo. Isso é só guerra.

— Não sentado no chão, apenas meio consciente do que estava acontecendo. Mas para a magia isso não importava. — Ele olhou para mim.

Alguma coisa apertou meu estômago ao olhar em seus olhos. Era feroz.

Não, eu percebi. Era *Paranormal*. Eu conhecia apenas alguns dos princípios básicos da biologia Paranormal, mas eu já vi essa fome primitiva – nos olhos de Paras que queria matar a mim e a todos durante a guerra.

— Eu estava com tanta raiva. Tão cheio de ódio que mal conseguia ver através disso. Foi uma neblina através da visão. — Seus olhos se focaram novamente, e ele olhou para mim. — Eu segurei a vida dele, literalmente, em minhas mãos.

— Você poderia ter usado a magia de Ezekiel. — E foi uma visão – o fogo que explodiu da boca de Ezekiel. Ele literalmente podia cuspir fogo.

Liam assentiu.

— E ainda, embora o membro do Reveillon tenha tentado matar você, você não o matou.

— Eu poderia facilmente ter feito isso. Eu podia sentir seu pulso sob minhas mãos e ver aquele olhar de repugnância em seus olhos. Mesmo atordoado, ele podia ver o que eu era. O que eu me tornei. E quando ele percebeu o que eu poderia fazer, esse desgosto se transformou em medo. Ele parecia atordoado, sentado lá, esperando para morrer. — Ele ficou quieto, a memória quase envenenando o ar ao nosso redor.

— Você *escolheu* não matá-lo — insisti.

— Não, eu *consegui* não matá-lo. — Ele caminhou em minha direção, estendeu o polegar e o dedo indicador a um milímetro de distância. — Essa é a diferença entre a vida e a morte, Claire.

Ele fez uma pausa, e pareceu se recompor. — Você vale muito para eu arriscar. Então eu me tirei da situação. E saí de Nova Orleans.

Eu olhei para ele. — Você poderia ter me contado.

— Como eu poderia te contar isso? Que eu poderia ter tirado a vida daquele homem tão facilmente, estendendo meus dedos? Que eu poderia ter esse tipo de raiva – e esse tipo de poder – dentro de mim? Quando estou canalizando Ezekiel?

— Ezekiel era um sociopata.

— E eu não sou?

— Não. Ele teria feito o que queria e que se danasse as consequências. Você acabou de salvar minha vida e a sua. Você poderia ter matado aqueles agentes, mas não o fez.

— Você podia sentir a raiva?

Fiz uma pausa, decidi que não adiantava mentir para ele e assenti.

Não sabíamos se alguém havia criado o Véu ou se ele cresceu organicamente entre o nosso mundo e o Outro. Se alguém o criou, talvez seja por isso. Talvez magia fosse muito para nós – muita tentação, muito poder, muito risco. Talvez não se pudesse confiar nela mais do que os Paranormais. Se a magia não era o problema, quem era bom o suficiente, forte o suficiente para manejá-la?

Liam desviou o olhar, suas feições ferozes, travando sua própria batalha. — Eu não podia levar isso para a sua porta.

— Você acha que eu não entenderia? — Eu me levantei, encarando-o. — Essa magia tão maravilhosa e terrível? Isso faz você se sentir invencível... E totalmente vulnerável? Porque eu entendo. — Coloco a mão no meu peito. — Eu entendo, Liam. Entendo isso melhor do que ninguém. Porque, como você, eu não nasci com isso. Eu não estava acostumada com isso. Foi só um dia. E tudo mudou.

— Mas mesmo se você precisasse ir embora para lidar com isso, para garantir que tivesse controle, isso foi semanas, Liam. Você não conseguiu enviar uma mensagem? Não podia tirar cinco minutos para nos avisar onde estava, como você estava?

Ele se virou, voltando para a abertura dos tijolos. — Demorou muito tempo para eu me preparar — disse ele. — Para entender quem eu era. Eu precisava saber quem eu era antes de te colocar em risco novamente. Erida me ajudou... Ajudou-me a descobrir o que eu poderia e não poderia fazer. Ajudou-me a tentar ser eu mesmo novamente. — Ele deu um passo para mais perto e eu não me movi. — Você acha que eu me afastei de você, mas não o fiz. Eu me afastei para poder manter você segura, para que eu pudesse aprender o controle.

Eu olhei em seus olhos, vi as dúvidas que ainda tremulavam lá. — E você pode aprender a viver com o que você é?

Sua mandíbula apertou, remoendo as palavras que ele não conseguia dizer. — Não sei. Eu me preocupo mais se você pode.

— Eu tenho magia. Sou uma inimiga do estado. Eu matei. E um caçador de recompensas uma vez me arrastou para a Ilha do Diabo porque ele achava que havia mais na vida do que se tornar um prisioneiro da minha magia.

Liam considerou isso por um momento. — Eu não me lembro de te arrastar.

Ele disse isso levemente, quase sarcástico. E afrouxou um nó apertado de tensão entre nós.

— Foi principalmente emocional — disse eu, e o observei por um momento. Assisti a batalha em seus olhos. E imaginei que levar esse perigo de mim era exatamente o tipo de coisa que Liam Quinn faria.

— Tudo bem — disse eu.

Suas sobrancelhas arquearam. — Tudo bem o quê?

— Tudo bem, eu aceito sua história.

— Isso é bom, porque é verdade. — Ele engoliu em seco, parecendo juntar sua própria coragem. — E o resto?

Nós, ele quis dizer.

— Eu acho que eu quero que você me diga quando estiver pronto.

Andei em direção a ele. Vi o calor nos olhos dele, mais quente a cada passo que eu dava. Então estendi a mão. — Envelope.

Seus olhos se estreitaram. — Você é cruel, Connolly.

Arqueei uma sobrancelha.

— Tudo bem. — Ele pegou o envelope de sua camisa, e ofereceu.

— Obrigada.

Eu removi a folha de papel, encontrei uma fatura dirigida a Javier Caval de um lugar chamado Henderson Scientific, localizado em Seattle.

— Uma encomenda de pipetas, um refratômetro, polimerase e outras coisas que não entendo. — Passei para Liam. — Isso faz algum sentido para você?

— Nenhum — disse ele, olhando para cima. — Quero dizer, não além do fato de que esse é um equipamento científico. Material de laboratório.

O memorando da fatura dizia que as mercadorias deveriam ser encaminhadas para Laura Blackwell, presidente da ADZ Logistics, e listou outro endereço.

— Javier Caval — disse Liam. — Esse nome parece familiar.

— De Nova Orleans? Contenção?

— Não tenho certeza. Mas acrescente-o à lista de pessoas que sabemos que estão envolvidas.

— E Laura Blackwell? — perguntei, e Liam balançou a cabeça.

— Não a conheço — disse Liam.

— Então, achamos que Broussard encontrou essa fatura. Pegou e escondeu, porque ele achava que era um elo em qualquer cadeia que ele estivesse tentando construir. A pessoa que o matou não achou.

— Eles não encontraram o envelope — concordou Liam. — Mas isso não significa que Broussard não tenha se empolgado com o que encontrou. Esse era o estilo dele.

— Então o que fazemos?

Ele apontou para o endereço de Caval. — Este lugar é mais perto. Então nós verificamos.

Olhei para ele. — Acabamos de deixar dois agentes da Contenção inconscientes. Precisamos sair daqui.

— Uma pessoa já está morta em meu nome — disse ele baixinho. — Você queria parar de olhar quando encontrou o posto de gasolina?

Eu estava pronta para dar uma resposta sarcástica para ele. Mas não pude discutir com isso. Ele estava certo. Eu fui em frente, e ele estava lá comigo.

— Se te pegarem, eles não se incomodarão em fazer perguntas. Alguém quer que você seja o cara caído. Eu sei que você quer parar isso. Consertar isso. Mas não pode se arriscar assim.

— Todo mundo com magia corre risco. Apenas existindo aqui.

Eu olhei para ele por um longo momento. — Tudo bem — disse eu, levantando-me. — Nós seguiremos isto. Mas talvez devesse tentar controlar sua magia.

Um canto de sua boca se levantou. — Eu farei o meu melhor.

Tudo o que uma garota poderia pedir.

* * *

Ficamos nas sombras do outro lado da rua, olhando para a casa. Era uma casa nova pelos padrões de Nova Orleans, provavelmente construída após a Segunda Guerra Mundial, com ripas brancas, uma única mansarda debaixo de um telhado alto. A longa varanda era sustentada por colunas quadradas que se estreitavam quando subiam para o telhado. Os degraus na frente eram de concreto, e nenhuma madeira ou tinta foi desperdiçada na decoração – ou limpadão as marcas

de carvão que ainda manchavam a frente e os lados da casa. O jardim da frente era sujo, exceto por alguns tufo de grama.

— Eu já estive aqui — disse Liam. — Esta é uma casa segura da Contenção.

— Uma casa segura? Para quem?

— Humanos que falam quando não deveriam, Paras que ajudam quando não deveriam, um visitante controverso ocasional. Porque apesar de toda a conversa, a Contenção é politicamente pragmática.

— Mas eles ainda reclamarão sobre Paranormais, pintando-os com o mesmo pincel?

— Isso só os torna humanos — disse Liam, a severidade em sua voz combinando com a minha.

— Esta é outra conexão com a Contenção. Com o que está acontecendo aqui.

— Sim — disse Liam —, eu notei isso também.

— Como você sabia que era uma casa segura?

— Tive que trazer uma recompensa aqui três ou quatro anos atrás. Pós-graduado de Yale que decidiu que contaria a verdade sobre as condições da Ilha do Diabo.

— Você o pegou.

— E o trouxe aqui até que o PCC pudesse tirá-lo da Zona novamente. Eu acho que ele era um garoto bem-intencionado, mas achava que jogar algum dinheiro em Nova Orleans lhe daria acesso especial, tratamento especial. — Liam sorriu, cruzando os braços. — Ele estava errado.

Isso despertou uma lembrança. — Isso foi no verão? E o cara usava um escuro Blusão Capitol Hill todos os dias?

Liam pareceu surpreso. — Isso mesmo. Ele entrou na loja?

— Sim, na verdade. Entrou para obter MREs, tentou conversar com alguns dos clientes e agentes sobre a prisão. — Eu fiz uma careta, lembrando. — Como você sabe o que ele queria fazer?

O sorriso de Liam foi astuto. — Porque eu sou bom no meu trabalho.

— E tão humilde quanto seu irmão.

Estávamos entrando em um ritmo, tendo o tipo de conversa que teríamos antes dele ir embora. Eu senti falta disso da mesma maneira que senti falta de

conversar com Gunnar e Tadjji – eu poderia me envolver com os três, sem pretensões. Apenas confortável em minha própria pele.

Antes de nos afastarmos muito, olhei para a casa.

— Não há muito para olhar.

— Esse é o ponto de uma casa segura — disse Liam com um sorriso. — Nada para olhar significa que a casa não levanta suspeitas de ninguém. Se você estivesse dirigindo, não se preocuparia em olhar duas vezes para este lugar. Isso é bom, *op seg*.

— *Op seg?*

— Segurança operacional — disse ele.

— O que é provável encontrarmos lá?

— Não sei. — Ele lançou um olho na varanda. — Mas a porta da frente está entreaberta. Isso não é bom sinal para alguém que usa este lugar como refúgio.

Ele olhou em volta, e avaliando que a barra estava limpa, subiu os degraus de concreto.

Ficamos em silêncio por um momento, à espera de movimento ou som. E então Liam empurrou a porta para abrir.

O odor que surgiu não deixou muitas perguntas sobre o destino de quem estava dentro.

Coloquei o braço sobre o meu rosto, mas não havia como mascarar o cheiro doce, podre, e tão terrivelmente forte. E de repente eu estava novamente com dezessete anos, em pé na casa do outro lado da nossa. Houve uma enxurrada de lutas na noite anterior e eu queria verificar a mulher que morava lá.

A Sra. McClarty era uma viúva. Seu marido morreu no primeiro ataque à cidade; seu filho se alistou e foi morto na Batalha de Baton Rouge. Ela tinha duas filhas, que ela havia tirado da Zona para morar com parentes antes que a fronteira fosse fechada. Porque ela estava sozinha nós ficamos de olho nela.

— Sra. McClarty? — Eu bati, e quando ela não respondeu depois de alguns toques – e quando não consegui ver nada através da cortina de renda na janela da frente – eu girei a maçaneta e abri a porta.

Moveu-se com um rangido e liberou o cheiro forte da morte. Eu deveria ter fugido, mas não consegui. Eu era muito jovem, muito curiosa.

Ela estava à mesa da cozinha, com a cabeça na toalha de mesa de linho, braços ao lado do corpo. Seus olhos estavam abertos e encarando fixamente. Uma caneca meio bêbada de café, com marca de batom coral, estava na frente dela.

Ela não morreu na batalha na noite anterior; sua casa não foi bombardeada. Ela morreu naturalmente, enquanto a guerra se enfurecia ao redor dela.

Na minha mente naquela época, isso era inspirador e triste. Ela sobreviveu ao pior da guerra, o que foi uma espécie de milagre. Mas ela não saberia naquela época, e sua sobrevivência não valeu muito no final, porque ela ainda acabou como o resto de nós.

Quando voltei para casa, meu pai estava na sala de estar com sanduíche de manteiga de amendoim e uma maçã em um prato. — Almoço? — perguntou ele.

Ele deve ter visto o olhar no meu rosto, porque largou os dois e veio até mim. Quando eu disse a ele o que vi, ele me abraçou.

Eles levaram-na algumas horas depois. Suas filhas não voltaram e ninguém cuidou da casa, então começou a morrer como ela. O telhado desmoronou e a casa caiu sobre si mesma. E, até onde eu sabia, era o fim da presença dos McClartys em Nova Orleans.

Eu não podia olhar para a casa naquele momento, nem pensar nisso agora sem sentir aquele cheiro horrível de novo.

— Claire.

Eu pisquei. A mão de Liam estava no meu braço, me firmando. — Estou bem. Estou bem.

— Flashback?

Assenti. — O cheiro.

Ele assentiu. — Sim. Acho que estamos muito atrasados para questionar alguém, mas quero dar uma olhada. Você pode ficar aqui se precisar.

Balancei a cabeça. — Eu vou.

Eu apenas não respiraria.

Era uma casa simples, com móveis um pouco surrados. Um sofá gasto, poltrona reclinável, mesa de jantar riscada. Era confortável e parecia usada e amada. Muito diferente da ostentação da casa de Broussard.

Um homem estava deitado de costas no chão do quarto dos fundos. Seu corpo estava inchado com a morte e o calor, e os fluidos que ele perdeu na morte

mancharam o chão abaixo dele. Sangue e coisas piores, do ferimento a bala no meio da testa. E ele usava o uniforme da Contenção.

— Assassinado — disse Liam.

Ele se aproximou, e se agachou próximo.

— Suas mãos — disse ele, e olhei para baixo. As palmas das mãos dele, os dedos tinham restos do que eu achava que era sangue, mas não vinha do corpo dele. Não havia sangue em nenhum outro lugar dele, e o sangue no chão não foi perturbado.

Onde mais poderia um homem ter sangue sob as unhas?

— Ele matou Broussard — disse eu baixinho. — Ou colocou o nome de Gracie na parede.

— Parece ser uma possibilidade distinta — disse Liam.

Eu preendi a respiração ao me aproximar, tomando cuidado para não pisar em nada e perturbar a evidência, ou deixar uma marca que qualquer um pudesse me rastrear. J. CAVAL estava bordado em seu bolso.

— Encontramos o Caval — falei, através da manga que eu segurava na boca.

Outra onda de odor me atingiu, e pude sentir minha garganta subindo. — Saindo — disse eu, e não esperei que ele me seguisse. Corri para a porta, cheguei à varanda da frente e perdi o pouco que comi naquela manhã.

Ele me deu um momento, depois saiu, e ofereceu seu lenço em silêncio.

— Desculpe — disse eu, limpando a boca e desejando uma caneca de água gelada. — Me afetou.

— Leve o seu tempo. — Ele colocou a mão nas minhas costas. Ficamos ali por alguns minutos, e eu encostei minha testa no corrimão da varanda enquanto ele esfregava minhas costas em círculos lentos e calmantes.

— Não é o cheiro em si. Não exatamente. É só... Lembranças.

Liam assentiu. — A guerra?

Balancei a cabeça. — Vizinha. Eu a encontrei.

Ele me deu outro momento para me recompor.

— Broussard encontrou a fatura — teorizei quando estava no controle novamente. — Aproximou-se de Caval sobre isso. Caval matou Broussard. E alguém matou Caval.

— É o que parece para mim.

— Alguém está escondendo isso de Gunnar, talvez do Comandante. — Eu queria voltar para ele novamente. Contar a ele o que vimos. Mas nós tomamos um grande risco de ir à casa dele na noite passada. Não poderíamos voltar hoje.

— Vamos voltar para o Moses — disse Liam. — Vamos pensar, reagrupar e chegar a um plano.

Precisávamos de um.

* * *

Dada a batalha que já lutamos, fomos cautelosos no caminho para a casa de Moses. Voltamos duas vezes, paramos mais duas vezes para ter certeza que não estávamos levando ninguém até ele. Quando a barra parecia limpa o suficiente, nós entramos.

Entramos juntos e não estávamos atirando um no outro. Mas provavelmente não havia como confundir as expressões sombrias em nossos rostos.

— E agora? — perguntou Moses. Ele estava do outro lado da sala, de pé em uma cadeira empilhada sobre a mesa e vasculhando uma caixa de peças que eu tinha certeza que não estava lá esta manhã.

— Você trouxe mais coisas aqui?

Seu olhar se estreitou. — Minha maldita casa, minhas malditas regras. — Ele tirou uma boneca Barbie seminua. — Poderia ter algo para você aqui?

A pergunta foi feita com tanta afeição que não pude deixar de sorrir. — Estou cheia de bonecas seminuas, mas obrigada pela gentil oferta.

Havia um rubor em suas bochechas quando ele a jogou de volta na caixa. — Procure você mesma.

— Não sei o que eu faria sem você, Mos.

— Você ouviria muito menos palavrões — disse Liam.

— Tem isso.

— Tem o quê? — perguntou Gavin, entrando na sala com um copo de chá gelado em uma mão e o que eu pensei ser uma coxa de frango frito na outra.

— Onde você conseguiu isso? — perguntou Liam com os olhos estreitados.

— Sua cientista trouxe isso.

— Darby — corrigiu ela, seguindo Gavin para o cômodo, com sua própria coxa de frango e o que parecia ser um jogo de cartas. — O amigo no laboratório fez isso, e nós tínhamos muito. Eu não tinha certeza se Moses estava comendo. — Mão em seu quadril, ela olhou para ele.

Ela era curvilínea, com a pele clara e cabelos escuros em um corte elegante em torno de seu rosto. Ela usava roupas retrô, as quais meu pai adoraria, e isso deixava suas curvas mais exuberantes. Hoje, ela combinou calça rosa na altura do tornozelo com uma camisa verde-clara de mangas curtas que tinha uma gola Peter Pan e pequenos botões de pérola. Ela usava óculos escuros com armação de olho de gato e uma bandana vermelha enrolada segurava seu cabelo para trás.

— Eu como! — protestou Moses. — Hoje comemos duas latas de carne em conserva!

— Mais como carne *podre* — resmungou Gavin. — Estou certo?

Moses apontou para ele. — Essa é a sua palavra. Sua palavra *humana*. Tudo bem. — Ele cheirou o ar. — Aquela coisa, aquela galinha, cheira muito fresca.

Darby revirou os olhos, sorrindo para mim. — Ei, Claire. Como foi o bayou? — Molhado.

Ela sorriu, e olhou para Liam. — E bem-vindo de volta para você. Como está Eleanor?

— Bem, obrigado. Erida está com ela.

— Ela ainda é feroz, eu suponho.

— Você está perguntando sobre Erida ou Eleanor?

Darby sorriu. — Qualquer uma, ou ambos.

— Malachi não está aqui? — perguntei, olhando ao redor. — Nós temos informações.

— Não voltou ainda — disse Gavin, dando uma mordida na carne.

Meu estômago resmungou, e obedeci a demanda. — Segure esse pensamento — disse eu, e fui em direção à comida. A manhã não foi apetitosa, mas a fome e a viagem me deixaram faminta.

A pequena cozinha de Moses era surpreendentemente arrumada para um homem que gostava de comida estragada. Fiel ao estilo retrô de Darby, o frango estava enfiado numa toalha xadrez vermelha e branca dentro de uma pequena cesta, e o chá estava em uma jarra Tupperware cor de abacate.

Servi um copo e voltei para a sala da mesma forma. Como Gavin e Darby fizeram, com frango e chá doce.

Moses encontrou o que procurava – uma caixa preta com fios que pendiam como tentáculos – e se dirigiu para seu banquinho.

— Então, qual é a história? — perguntou ele, dedos curtos unidos como se fossem salsichas criativamente arranjadas.

— Bem — disse eu, falando antes que Liam pudesse fazer. — Eu o achei na casa de Broussard, em frente à cena do crime. Resumindo, ele não fez isso.

— Bem, não há nada de novo nisso — disse Moses.

— Não há nada nisso — concordei. — Entre outras razões, podemos ter encontrado o cara que fez isso, após brigarmos com alguns agentes da Contenção. Ele está morto.

— Os agentes? — perguntou Darby, com os olhos arregalados.

— O homem que achamos ser o assassino de Broussard — disse Liam. — GSW¹³ de baixo calibre na cabeça, e o que estamos supondo ser o sangue de Broussard ainda está em suas mãos.

— Manhã movimentada — disse Gavin, olhando entre nós, provavelmente tentando adivinhar se nós ainda estávamos brigados.

Quando olhei para ele, ele apenas sorriu timidamente. Ele era um Quinn, tão intrometido e teimoso quanto seu irmão, e não estava prestes a se desculpar por isso.

— Como foi isso? — perguntou Moses. — Explique a história para mim.

Liam caminhou para uma das janelas altas, encostou-se à parede para que pudesse olhar para fora e ficar alerta, e cruzou os braços. — Broussard encontrou algo que não devia. Algo relacionado a este projeto Icarus.

— O arquivo — disse Darby, e Liam assentiu.

— Ele foi morto na casa dele, e não passou muito tempo entre olhar para o arquivo e sua morte — disse ele. — O computador dele está faltando, e encontramos um envelope colado atrás de um quadro. — Liam assentiu para mim, e pegando a fatura que dobrei e coloquei no bolso, ofereci para Gavin.

Gavin largou o chá e olhou para o documento. — Fatura para equipamento científico. — Ele passou para Darby. — Para quê?

13 Gun Shot Wound – ferimento à bala.

— Equipamento básico de laboratório— disse ela. — ADZ Logistics. Não conheço essa empresa, mas conheço esse nome. Laura Blackwell. Tenho certeza que ela trabalhou na PCC Research quando eu trabalhava.

— Nós ainda não procuramos pela ADZ — disse Liam. — O nome na parte inferior, Caval, é o homem que encontramos morto. Broussard havia escondido o envelope. Difícil dizer a quanto tempo ele sabia sobre Icarus, mas aparentemente conseguiu juntar algumas peças.

— Ele achou que encontrou uma arma fumegante — disse Gavin. — Algo que ele queria manter seguro.

— E nas proximidades — disse eu. — Mas descobriu-se que ele juntou dois mais dois, ou confrontou as pessoas erradas. Caval decide, ou é instruído, a matar Broussard. Ele mata, deixa uma nota colocando a culpa da morte de Broussard em Liam. Caval vai para a casa segura antes de poder lavar as mãos.

— Ele estava com pressa — disse Gavin.

Liam assentiu. — E foi morto em um estilo diferente. Faca para Broussard, tiro para Caval.

— É mais limpo — falei. — Mais rápido e experiente.

— Profissional — concordou Liam com um aceno de cabeça.

— Isso é algo grande — disse Gavin. — Suficientemente grande para merecer um esconderijo da Contenção e duas mortes.

— Mais evidências de que isso está ligado à Contenção — disse Liam. — Está ficando mais feio.

— Oh, sim — disse Darby. — Isto está. Mas muito interessante cientificamente.

— Fale — disse Liam, quando olhamos para ela.

— Você tem a palavra — disse Gavin.

— Então, eu estive olhando para o seu arquivo. Não é uma molécula. Na verdade, é muito mais complicado do que isso. — Ela fez uma pausa para um efeito dramático. — É uma síntese biológica completa.

Nós éramos aparentemente muito ignorantes para entender a importância dessa avaliação, porque você poderia ter ouvido grilos no silêncio a seguir.

— Ok — disse Liam. — Serei o primeiro a admitir que eu não tenho ideia do que ela está falando. O que isso significa?

— Significa que o arquivo não estava apenas ilustrando a estrutura de uma molécula — disse Darby. — Eles estavam *construindo* algo.

— Elabore — disse Gavin.

— Bem, sem entrar nos detalhes cabeludos, Alguns laboratórios concentram-se na criação de novas estruturas... Novas proteínas, novas bactérias, novos vírus. Não posso te dar muitos detalhes do esboço. Não há muito, mas parece um protocolo para sintetizar algo.

— Você não sabe o quê? — perguntou Gavin.

Ela balançou a cabeça. — Não sobrou o suficiente do arquivo, e o que há é muito confuso?

— O que você usaria para isso? — perguntei com uma carranca. — A coisa biologicamente sintetizada.

— Qualquer coisa. Tecido de substituição, pesquisa, curiosidade, testar drogas. Tanto faz.

— Então, a última coisa que Broussard olhou antes de morrer é algum tipo de arquivo de pesquisa biológica.

— A fatura parece o tipo de coisa que eles precisam para isso?

Darby assentiu. — Criar novo tecido é um processo incrivelmente complicado. Precisa de muito tempo, muito dinheiro, muita gente muito inteligente. E muito equipamento.

— Então... — perguntou Gavin, engolindo frango. — Talvez eles estejam tentando descobrir o que dar aos humanos habilidades Paranormais? Crescer asas ou algo assim?

— Eh, nós estamos vários anos após a guerra. Não posso imaginar que eles são como, *Oh, vamos de repente começar a testar tecidos Paranormais para ver o que faz isso funcionar*. Essa não é uma nova pergunta de pesquisa.

— Se alguém não queria que Broussard soubesse disso, talvez fosse muito caro? — sugeri. — Ou não está indo bem?

— Ou é realmente top secret — disse Liam. — Mas isso é meramente especulação até obtermos mais informações.

A informação veio na forma de uma porta se abrindo. Malachi entrou, vestindo jeans e uma camiseta que desmentia sua verdadeira natureza.

Que algo havia acontecido estava claro em seu rosto. Ele parecia absolutamente sombrio, como um homem desgastado pela exaustão e tristeza.

— O que há de errado? — perguntou Darby, movendo-se em direção a ele.
Ele olhou para mim. — Cinda está morta.



Capítulo 14

— Cinda está morta — disse Malachi novamente. — Junto com outro. Mais dois estão doentes.

— *Sinto muito* parece ser uma coisa totalmente insuficiente para dizer — disse Darby. — Mas isso é tudo que eu tenho.

— As palavras são insuficientes — concordou Malachi. — Dei as minhas para Anh e os outros, e elas pareceram insuficientes também.

— A mesma doença? — perguntei.

Ele assentiu. — A doença parece a mesma... Começa como fadiga. Então calafrios, febre. Batida rápida do coração, respiração rápida. Confusão. Pontos vermelhos em toda a pele.

— Hmm — disse Darby. — Não sou um diagnosticador, mas isso não soa como uma infecção de rotina.

Malachi assentiu. — Nós presumimos que é contagioso, já que eles vivem, trabalham e comem juntos. E não estamos cientes de qualquer outro vetor.

Darby franziu a testa. — Estranhos na propriedade? Novo alimento ou fonte de água? Mudanças ambientais?

— Além de deixar a Ilha do Diabo, não. Anh viveu na propriedade por cinco anos. Ela não esteve doente com algo assim, e ela não sabia de nada na propriedade que causasse um problema de exposição.

— Gunnar conseguiu enviar uma unidade da Contenção para lá?

Malachi assentiu. — Voluntários. O equivalente da Zona de Médicos Sem Fronteiras. Mas sem a hospitalização, há limites para o que eles podem fazer no

campo. — Ele tirou do bolso dois pequenos frascos de líquido carmesim, e ofereceu-os a Darby.

— Exame de sangue? — perguntou ela. Ela girou um dos frascos, segurando-o para a luz.

— Por favor.

— Seu desejo é o meu comando — disse ela, dando um aceno confiante. Em nossos olhares vazios, ela perguntou: — *Jeannie é um gênio?* — Então ela acenou com a mão. — Não importa.

Aparentemente, a ciência não era a única coisa sobre a qual não sabíamos muito bem.

— De que outra forma eu posso ajudá-lo? — perguntou Darby, franzindo a testa enquanto olhava para Malachi. — Eu sou uma pessoa tranquila, não o médico que você precisa, mas talvez eu possa encontrar alguém para ajudar com o diagnóstico?

Malachi balançou a cabeça. — Eu preciso falar com Lizzie, mas não consigo me aproximar da Ilha do Diabo. — Ele olhou para mim.

— Sim — disse eu. — Claro. Eu vou esta noite, depois do anoitecer.

— Hoje, de todos os dias — disse Liam com uma voz firme. — Depois do que aconteceu hoje cedo, você vai tentar se infiltrar na Ilha do Diabo? Você estava em um tiroteio com a Contenção.

Colocando assim, não soou muito inteligente. Mas que escolha nós tínhamos?

— Delta é como a Delta faz — disse eu. — E nós temos o nosso procedimento de entrega, lembra? Eu posso me controlar.

Essa era uma lição que eu estava aprendendo. Que eu poderia me controlar. Eu gostei de aprender isso.

— Eu vou com você.

A preocupação que franziu a testa dele foi clara.

— Não, você não vai. Serei mais silenciosa, mais rápida, menos visível sozinha. Este não é meu primeiro rodeio.

— Liam — disse Gavin calmamente —, este é o pacote que Gunnar falou. Ela está fazendo isso há cinco semanas.

Ela vem fazendo isso desde que você foi embora, ele quis dizer. O que era absolutamente verdade. Mas não era uma verdade que Liam queria encarar, dada a expressão de dor em seu rosto.

— Eu odeio trazer isso durante este momento não-terno — disse Gavin —, mas há uma doença se espalhando entre os Paranormais ao mesmo tempo que a Contenção está executando algum tipo de projeto secreto envolvendo uma coisa biológica.

— Síntese — ofereceu Darby.

— Isso — disse Gavin. — Coincidência?

— Há uma síntese biológica? — perguntou Malachi, e demos a ele a breve descrição de nossa visita a Broussard e Caval, e as descobertas preliminares de Darby.

— Não acho que *ciência* seja um elo suficientemente forte entre a doença e Icarus — concluiu Liam. — Não há evidências de que os Paras estejam doentes por causa de qualquer coisa que a Contenção tenha feito, e não sabemos se a Contenção está trabalhando em qualquer coisa que possa deixar alguém doente. Eles podem estar tentando criar um novo produto para enxertos de pele ou algo assim. — Ele olhou para Darby. — Certo?

— Você entendeu.

Liam olhou para Moses. — Você conseguiu alguma coisa com esse arquivo?

— Oh, estamos nos lembrando de que estou na sala agora? — Sua voz era a mistura perfeita de egoísmo e sofrimento. Isso foi praticamente um Moses perfeito.

— Por favor, prossiga — disse Liam.

Ele se virou para o computador e começou a digitar. — Fiz mais escavações no arquivo Icarus. Como sabemos, Broussard o acessou pouco antes de morrer. Mas essa não foi a primeira vez que ele olhou para ele. Ele abriu 14 vezes nas últimas duas semanas.

— Quatorze vezes o mesmo arquivo? — perguntou Liam, franzindo o cenho. — Isso é um monte de pontos de vista para um arquivo que ele não criou.

— Obcecado — disse Gavin. — O que se enquadra com o que sabemos sobre ele. Ele era obcecado com Liam também.

— Ele era — concordou Liam.

— E há isso. — Moses apertou uma chave, tinha papel cuspindo para fora de uma impressora matricial em uma prateleira sob o teclado. Ele estendeu a mão, arrancou o papel e entregou a Liam. — Mais uma vez, os idiotas que tentaram excluir o arquivo não pensaram nos metadados. Não consigo tirar tudo do arquivo, mas posso lhe dizer o endereço onde foi criado.

— Quero arrancar os picotes — disse Gavin, mas Liam afastou a mão dele.

— Bem, o que você acha? — Ele passou o papel para Gavin e olhou para mim. — O mesmo endereço como ADZ Logistics na fatura de Henderson.

— E há um link na sequência — disse Gavin, arrancando as bordas do papel com um satisfatório *zip*. — Em algum lugar em Gentilly, parece.

Gentilly era um bairro ao lado do lago da Ilha do Diabo.

— Precisamos vigiar o prédio — disse Liam.

Gavin assentiu. — Amanhã de manhã. Logo vai escurecer, e o prédio vai esvaziar. Eles não vão trabalhar à noite; a eletricidade cai com muita frequência.

— E depois do que aconteceu hoje — disse eu —, se esse prédio é importante para a Contenção, eles colocarão pessoal extra do lado de fora.

Gavin acenou para mim. — Ela está certa. Podemos sair de madrugada, conseguir pontos e estar em posição quando as portas se abrirem. Vamos ver quem vem e vai, e isso nos dirá o que está acontecendo lá.

— Tudo bem — disse Liam. — Vamos nos encontrar de manhã, vamos dar uma olhada.

— Alguém precisa mandar uma mensagem para Gunnar hoje à noite — disse eu. — Contar a ele sobre Caval. Assassino ou não, ele precisa ser encontrado. Cuidar do corpo dele.

— E testar o DNA — disse Darby. — Se é mesmo o sangue de Broussard nas mãos dele, isso vai muito bem exonerar Liam do assassinato. E então poderemos apenas lidar com Icarus, e com o que a Contenção está tentando esconder.

— Eu farei isso — disse Gavin, e deu a seu irmão um olhar. — Se ao menos soubéssemos como a maldita faca chegou lá.

— Estou trabalhando nisso — disse Liam.

— Trabalhe mais, por favor, para que possamos exonerar sua bunda.

— Você sabe do que precisamos? — perguntou Darby. — Precisamos de uma pausa. — Ela caminhou para Moses e olhou para as pilhas. — Você tem um DVD player nessa bagunça? Ou um videocassete?

— Sim. Por quê? Você vai reconstruir um?

— Não, eu quero assistir. Eu tenho uma pilha de filmes no UV.

— Você tem um veículo utilitário? — Gavin foi até a janela e olhou para fora. — Darby, isso é um carrinho de golfe. Com um velho refrigerador de Coca-Cola soldado na parte de trás. — Ele soou principalmente confuso.

— Um amigo meu do laboratório fez isso — disse ela com um sorriso. — Estamos chamando de Rogue Lab.

— Bom nome — disse Liam com um sorriso. — E muito criativo o trabalho de soldagem.

O cooler era vermelho, provavelmente a partir dos anos cinquenta, e tinha cantos arredondados e design bem branco. Ele também tinha muita ferrugem, o que me fez sentir melhor sobre o fato de que alguém havia adaptado um carrinho de golfe.

— É bom na chuva — disse ela. — E a Contenção nem sequer olha duas vezes. Checar um carrinho de golfe aparentemente não causa muita preocupação. De qualquer forma, há filmes na caixa. — Ela olhou para o grupo. — Vamos ver se Moses pode fazer um player funcionar. Escurecerá em breve, de qualquer maneira.

O bate-papo e a conspiração começaram. O que eles observariam, o que comeriam, quem ocuparia o espaço limitado do sofá na sala de estar de Moses.

Todos estavam ansiosos por companhia, pela normalidade. Entendi o desejo, e geralmente eu deveria estar preparada para isso. Mas não esta noite. Ainda era cedo, mas eu estava cansada emocional e fisicamente. Assassínatos, batalhas e confissões de Liam me drenaram completamente – sem mencionar a ressaca da magia inesperada de Liam. Isso precisaria de algum tempo próprio.

Eu tinha muito no que pensar e precisava de tempo, espaço e silêncio para fazê-lo.

Eu podia sentir o olhar dele em mim, a esperança nele. Mas ele teria que deixar aquilo ferver um pouco. Deus sabia que ele me fez chorar.

— Outra hora — eu disse. — Eu vou ver Lizzie, lembra?

Moses olhou para mim com a testa franzida de decepção. — Droga. É a noite de cinema da família.

Sorri, mas balancei a cabeça. — Coisas para fazer, pessoas para ver.

Moses franziu o nariz, como se eu tivesse mencionado tirar o lixo. — Desmancha-prazeres.

— Eu sou — concordei. Eu olhei para Gavin, Liam. — Nós vigiamos ao amanhecer?

— Por mim, tudo bem — disse Gavin.

— O mesmo — disse Liam.

— Por que eu não levo você? — disse Darby para mim, gesticulando em direção à janela e ao SUV que estava na calçada. — Eu poderia te deixar onde quer que você precise estar.

— Na verdade — disse Liam, olhando para mim —, eu tenho alguns negócios para atender, e acho que você pode estar interessada nisso. Você joga?

A faísca em seus olhos despertou meu interesse. — Depende. Qual é o negócio?

— Precisamos ver uma garota sobre uma faca.

* * *

Nós escapamos de casa depois que Moses deu a Liam sua própria porcaria sobre matar a noite de cinema, depois paramos na calçada, olhando para o UV de Darby.

Nós carregamos as fitas do videocassete para dentro; em troca, ela nos deu a chave. Mas nós não entramos.

— Seria uma caminhada.

— Quanto tempo?

Ele considerou. — Cerca de uma milha.

Eu fiz as contas, pensando nas três milhas que eu precisava caminhar de ida e volta hoje à noite para Ilha do Diabo, a caminhada que eu já havia feito hoje. — Não posso andar nessa coisa. Vamos lá.

— Concordo. — Liam devolveu a chave para Darby, e então nós começamos a andar.

— Aonde vamos, exatamente?

— Ver Blythe.

Blythe era uma caçadora de recompensas, uma mulher impressionante com cabelos escuros e ossos afiados, lábios generosos e muitas tatuagens prateadas. Muito linda e, se eu tivesse que adivinhar, muito impulsiva.

Ela também era a ex-namorada de Liam.

— Você deu a faca para ela.

— Sim. — Liam passou a mão pelo cabelo, parecia um pouco envergonhado. Eu percebi que foi a resposta correta. — Com todo respeito ao meu irmão, eu odiava aquela faca. O punho era desajeitado, a lâmina não estava equilibrada, e você não podia esconder o quanto valia.

— Então você deu a sua então namorada?

— Tecnicamente, acho que ela roubou.

— Claro que sim. — Eu não sabia muito sobre Blythe, mas isso parecia se encaixar. — E por que eu estou junto para este passeio em particular?

Ele manteve os olhos na estrada à nossa frente. — Você queria que eu confiasse em você, confiasse em mim mesmo. Este parece ser um bom primeiro passo como qualquer outro.

* * *

Em uma cidade de casas lindas e vazias, do histórico ao glamouroso, Blythe vivia em um apartamento no terceiro andar, no meio de um complexo abandonado. Não havia nenhuma arquitetura para falar, a piscina estava vazia, sem contar um enferrujado Chevy Suburban e o pátio cheio de ervas daninhas.

— Por que aqui? — perguntei.

— Anonimato — disse Liam. — Ela está no meio do complexo, no último andar. Dá visibilidade, mas a impede de se destacar.

Em qualquer outro lugar e horário, eu poderia ter dito que ela era paranoica. Mas não na Zona. Nem em Nova Orleans.

Pegamos as escadas até o terceiro andar e o corredor ao ar livre estava lotado de portas. Liam parou na frente de um – número 313 – que não parecia diferente dos outros. Duplo anonimato.

Ele bateu na porta. Houve um baque, depois um arrastar de pés, o barulho de uma tranca.

A mulher que abriu a porta estava com o cabelo despenteado e usava uma blusa sobre um sutiã rosa e leggings prateadas. Seus pés estavam nus, os olhos delineados com kohl. Uma cobra cobria seu biceps direito e um dragão prateado enrolava-se no seu esquerdo.

— Bem, eu declaro — disse ela, com um sotaque exagerado que era mais Bama do que bayou. — Veja quem está aqui. Liam Quinn, o filho pródigo retornou. — Ela deslizou o olhar para mim. — E a pequena Santa Claire, que eu entendo que não é mais tão santa.

Eu sorri. — Você gostaria de ver um exemplo do meu trabalho?

Ela sorriu. — Não, a menos que você queira ver como minhas algemas funcionam. Eu ainda estou no trabalho.

Liam ignorou a isca. — Podemos entrar, Blythe?

— Por quê?

— Broussard. Precisamos de informação.

Ela olhou para ele por um momento. — Você foi seguido?

— Você está com a impressão de que eu esqueci como fazer o meu trabalho?

— Só checando — disse ela. — Uma garota precisa tomar cuidado hoje em dia. — Ela acenou para nós e deu um segundo olhar no corredor antes de fechar novamente a porta.

A entrada se abriu em um corredor estreito que levava a uma pequena sala de estar. Havia uma pequena cozinha do outro lado da entrada e um corredor que dava para a esquerda, que levava a um quarto e banheiro.

A arquitetura era de um apartamento genérico. Com base no que eu sabia sobre ela até agora, a decoração parecia ser completamente Blythe: sulista, rock 'n' roll, pós-guerra, e um pouco ousada.

Havia uma motocicleta na sala de estar espremida ao lado de um sofá desgastado, e uma cadeira bergère coberta de veludo rosa. As paredes tinham enormes pinturas de homens e mulheres extravagantes em uma festa no jardim, todos completamente nus da cintura para baixo. Ironicamente, as roupas de Blythe – camisas, roupas íntimas, vestidos e calças – estavam espalhadas por toda a sala.

— Desculpe pela bagunça — disse ela, e andou em volta da moto para se empoleirar no braço do sofá. — Até muito recentemente, eu estava entretendo uma companhia. — Ela piscou de forma despreocupada, e eu não tinha certeza de

quanto disso foi um ato e quanto foi apenas sua personalidade vibrante. — Vocês querem uma bebida?

— Estamos bem — disse Liam,

— Você matou Broussard?

— Não.

— Eu não imaginei que você tivesse matado. Não era realmente o seu estilo.

Que informação você quer?

— Eu preciso saber o que aconteceu com minha faca.

Seu rosto ficou completamente vazio. — Que faca?

— Punho de chifre. Aquela que meu irmão me deu. Curiosamente, desapareceu uma manhã depois que você me visitou.

— Isso deve significar que foi uma boa visita. — Ela se afastou do sofá e entrou na cozinha. Esvaziou um copo, despejou um dedo de uísque nele e engoliu em seco.

— Droga — disse ela com um estremecimento. — Não é tarde o suficiente para centeio.

— A faca — solicitou Liam.

Ela levantou as mãos. — Eu não estou dizendo que eu peguei. Mas se peguei, eu não tenho mais. Eu tive um namorado, dei para ele. — Ela colocou o copo no chão e olhou para Liam. — Não era uma boa lâmina.

— Eu sei.

— Com quem você estava namorando? — perguntei.

— Um agente muito delicioso chamado Lorenzo. — Ela deu um tapinha na bancada da cozinha. — Passamos por bons momentos.

— Não precisa dar detalhes — disse Liam. — Sobrenome?

— Caval. Lorenzo Caval.

Bingo.

— Eu não acho que ele tem um irmão chamado Javier? — perguntei.

— Na verdade, esse é o irmão mais novo de Lorenzo. — Ela franziu a testa.

— Por que você pergunta?

— Javier está morto.

A voz de Liam era muito séria, mas Blythe não entendeu. — Parem de brincadeira.

Quando Liam ficou quieto, seu sorriso caiu, e assim fez um pouco da arrogância e o sotaque falso. — Você está falando sério.

— Estamos — disse Liam. — O encontramos morto em um esconderijo seguro. Pelo jeito, ele matou Broussard e alguém atirou nele.

— Jesus — disse Blythe, virando-se, recostou-se no armário, cruzando os braços. — Eu sabia que eles estavam envolvidos em algo, mas não algo que os mataria.

— Que tipo de algo? — perguntou Liam.

— Não faço ideia — disse ela, e balançou a cabeça quando Liam deu-lhe um olhar perigoso.

Blythe gemeu, voltou-se para o balcão e despejou outro dedo de uísque no copo. — Não sei. Meu trabalho é ficar no lado bom da Contenção. Não o contrário. Eu recebo recompensas legítimas, e não entro no caminho de ninguém.

— Eles tinham algo acontecendo com a Contenção — disse eu.

— Eles são agentes. É claro que eles tinham algo acontecendo com a Contenção. — Blythe engoliu o uísque como se fosse remédio ruim, bateu o copo com força suficiente para fazê-lo quebrar. Então suspirou. — Como eu disse, não tenho detalhes. Ambos eram impetuosos. Lorenzo mais que Javier. Lorenzo achou que ele era algum tipo de agente especial fodão. — Ela olhou para nós, os olhos estreitados. — Ele era?

— É possível que eles estivessem envolvidos em um projeto de pesquisa da Contenção. Não temos todos os detalhes, também.

— Eu sei que Lorenzo não gosta de Paras — disse ela. — A mãe deles era mãe solteira e ela foi morta na guerra. Lorenzo a idolatrava, pelo que eu poderia dizer. Sofreu muito com a morte dela.

— Você sabe como ou quando ele se envolveu com o projeto?

Blythe balançou a cabeça. — Isso foi antes do meu tempo. Mas eu tive a sensação de que foi por algum tempo, que ele estava bastante envolvido em qualquer coisa que fosse. Ele era o que eu chamaria de soldado de *soldado*. Gostava de lutar, gostava da batalha, gostava de ter inimigos. E então havia o dinheiro.

— Dinheiro? — perguntou Liam. — Da contenção?

— Não sei de onde veio. Só que ele tinha muito. Eu me lembro dele e de Javier brigando sobre isso uma noite. Estávamos de folga, tomando algumas bebidas, e Javier disse algo sobre o dinheiro, como era bom. — Ela franziu a testa,

cruzou os braços, concentrou-se no chão enquanto repassava a lembrança. — Lorenzo se apavorou, começou dizendo que não era sobre o dinheiro, mas sobre o princípio. Começou a jogar merda por aí. Não o meu tipo de cena.

— Violenta?

— Eu diria que Lorenzo gostava de violência, se isso é uma coisa diferente.

Liam assentiu, considerado. — Você falou sobre Broussard para Lorenzo? — perguntei, e ela olhou para mim. Havia uma expressão de perplexidade divertida em seu rosto, como se estivesse tentando descobrir a piada.

Ela encolheu os ombros. — Provavelmente. Somos colegas, afinal de contas.

Ela não entendeu o significado por trás da minha pergunta. Mas Liam sim. — Alguém escreveu *Por Gracie* na parede acima do corpo de Broussard e plantou a faca para me fazer parecer culpado. O que significa que ele sabia que eu tinha uma rixa com Broussard e com quem eu me importava.

O olhar de Blythe caiu nervosamente em torno da sala. — Droga — murmurou. — Não sei. Provavelmente? — Ela olhou para Liam suplicante. — Talvez eu tenha desabafado. Eu não sei. As pessoas falam.

Tomei isso como um sim, e vi o rosto de Liam endurecer em linhas severas.

— Você o viu ultimamente?

Ela balançou a cabeça. — Já faz cinco ou seis meses. — Ela encolheu os ombros. — Perdi o interesse em trabalhar com ele. Ele era um cara muito sério, e eu não sou uma garota séria.

— Endereço?

Blythe revirou os olhos para o teto, então cedeu. — Ele está no quartel no Quarter.

— O ex-Marriott? — perguntou Liam.

Ela acenou com a cabeça. — Tudo bem — disse Liam. — Obrigado pela informação, Blythe. Nós apreciamos isso.

— Não quero que volte em mim.

— Não vai — disse Liam. — Estamos resolvendo tudo.

* * *

— Ela tem problemas — disse eu. Um trovão rugiu ameaçadoramente acima de nós enquanto voltávamos para a casa de Moses. — Essa imagem festeira dela está mais quebrada do que ela quer admitir.

Liam olhou para mim. — Como você conseguiu ver isso em uma conversa de vinte minutos?

Dei de ombros. — Muitos agentes entraram no Royal Mercantile. Todos eles lidam com a pressão, com o estresse, de forma diferente. Alguns ficam quietos. Alguns, como ela, barulhentos. Mas todos tinham os mesmos pontos sensíveis.

— Os irmãos Caval não têm pontos sensíveis.

Levantei a mão para um high five. — Essa é a lição premiada.

Liam bateu na minha mão. — Foi bom. Mas sério. Ambos os irmãos Caval estavam envolvidos nisso. E eram pagos por isso.

— Javier Caval está morto. Lorenzo Caval tinha sua faca. — Eu fiz uma careta. — Javier Caval mata Broussard, Lorenzo Caval mata Javier? Isso é muito sombrio.

— Sim, se foi assim, é sombrio. Mas Lorenzo aparentemente não estava acima de matar o seu irmão por causa de sua alta moral imaginada.

— A guerra criou muitos monstros.

— Sim — disse Liam. — E às vezes isso só dá uma desculpa aos monstros.

— Não podemos ir ao quartel.

— Finalmente um lugar em Nova Orleans que você não irá.

— Há muitos lugares em Nova Orleans que eu não vou. Mas sim, eu não sou idiota. Nós passamos essa informação para Gunnar e o deixamos lidar com isso.

— Isso é muito sábio, Santa Claire.

— Não abuse, Quinn.



Capítulo 15

Estava chovendo quando voltei para o posto de gasolina. Peguei algo para comer e equilibrei minha magia, preparando-me para minha viagem à Ilha do Diabo.

Como já estava indo, eu procurei em meus armários, procurando por algo que pudesse levar para Lizzie. Meu pai havia abastecido o posto de gasolina muito bem. Mas estive aqui por várias semanas, e as coisas que Moses e eu encontramos normalmente iam direto para a clínica, então eu estava trabalhando no meu próprio estoque. E eu não podia confiar na minha horta; um jardim cuidado era outro sinal de atividade. Não podia arriscar colocar um jardim perto o suficiente do posto para realmente tornar isso viável.

Eu ainda tinha muitos MREs, e as coisas que eu não suportava comer era o que eu mais tinha – incluindo a carne enlatada que Moses amava, embora a minha não estivesse estragada. Mas achei que eu poderia poupar outra lata de tomates picados; estava quente demais em Nova Orleans para comer molho ou sopa vermelha. Eu não planejava fazer torta de abóbora, então a abóbora enlatada também poderia ir. Alguns rolos de gaze, uma garrafa de álcool e uma de peróxido.

Não era muito, mas era alguma coisa.

Quando a lua se ergueu sobre uma Nova Orleans encharcada, puxei uma jaqueta por cima de uma camiseta e calças de ganga. Peguei minha bolsa carteiro e tranquei o posto de gasolina.

Era uma distância de cinco quilômetros, mas eu adorava andar no escuro, mesmo que hoje eu estivesse um pouco mais cansada do que poderia estar. A

escuridão me fez sentir invisível, o que me fez sentir poderosa. Eu poderia deslizar pelas casas, pelas velas. Enquanto eu era cuidadosa, podia ver sem ser vista.

Variei minhas rotas em direção à Ilha do Diabo – Bienville, Lafitte, Esplanade, Orleans. Nomes que faziam parte da história da cidade, mesmo que suas ruas estivessem quase vazias agora. Sempre houve algumas casas com luzes acesas ou velas acesas. Mas a maioria estava escura, imóvel e vazia, como se esperasse o momento em que suas famílias voltariam para casa. NOLA era uma cidade que preferia a escuridão. As sombras suavizaram as bordas ásperas e a lua de mel a fez cantar.

Hoje, eu fui pelo Canal, planejando entrar na Avenida St. Louis. Se eu seguisse direto pelo rio, passaria pelo St. Louis Cemetery 2. Como a maioria dos nativos de Nova Orleans, eu adorava os cemitérios mais antigos da cidade, os túmulos altos e estreitos, a história, a estranha dança do vodu e catolicismo.

Quase gritei quando um gato pulou na minha frente, elegante e negro, com olhos que se alternavam entre o verde e o dourado à luz do luar.

Ele sentou-se na calçada e olhou para mim inquisitivamente.

Talvez eu devesse adotar um gato. Talvez ter alguém para voltar para casa no final do dia me faria bem. Meu pai havia guardado latas de comida de gato no posto de gasolina, talvez esperando que ele eventualmente levasse um gato para lá.

Eu teria dito que ter um gato seria muito menos emocionalmente arriscado do que ter um menino, exceto que tive uma gata antes. Seu nome era Majestic e ela se dignou a deixar-me ser sua dona até a guerra começar. Ela fugiu depois do primeiro ataque das Valquírias em Nova Orleans e nunca mais voltou.

O gato que olhou para mim agora não tinha uma coleira ou uma identificação, então eu arrisquei a pergunta.

— Você quer ir para casa comigo, viver em um posto de gasolina?

Essas claramente não foram as palavras mágicas. Com o que parecia ser uma fungada imperiosa, o gato levantou a cauda e correu para a rua silenciosa, depois desapareceu no escuro.

Acho que ele preferiu a liberdade, por mais difícil que fosse, do que ser um prisioneiro.

Ajustei minha bolsa e recomecei a andar. Caminhei quase um quarteirão antes de ouvir os passos atrás de mim.

Meu coração começou a disparar. Mas esta não era a minha primeira noite na cidade. Se fosse a Contenção, não era nem minha primeira luta com a Contenção do dia.

Mas, de qualquer forma, eu precisava saber. Parei, fingi amarrar meu sapato e os passos também silenciaram. Continuei o passeio novamente e os passos voltaram a surgir. Um quarteirão, depois outro, depois outro.

Ele ou ela estava cerca de doze metros atrás de mim. E ou a pessoa não era muito boa em perseguir as pessoas ou não estava preocupada em ser pega.

Infelizmente, os monitores mágicos nesta parte da cidade estavam armados e prontos; quando mais próximo à Ilha do Diabo, melhor eles eram mantidos. Isso significava que era hora do galho de árvore novamente. Ou o equivalente a Nova Orleans.

Parei em um cruzamento de quatro vias marcado por palmeiras e chalés crioulos. Virei na esquina, o que me tirou da linha direta de visão do meu rastreador, depois corri pela casa de campo seguinte até o espaço estreito entre as casas.

Procurei no chão, procurando algo que pudesse usar, peguei um pedaço de ferro forjado que provavelmente era parte de uma janela, dado o metal virado perto do topo e inferior.

Os passos se aproximaram. Julguei o meu tempo, e então pulei, erguendo a barra.

E olhei nos olhos de Liam.

— Você tem um desejo de morte? — Minha voz era tão feroz quanto eu poderia fazer um sussurro. As casas ao nosso redor estavam escuras, mas isso não significava que ninguém estava ouvindo.

— Na verdade, não — disse ele, seu olhar na barra de ferro. Ele usou a ponta de um dedo para afastá-la. — Boa arma

— É o que eu pude encontrar. O que diabos você está fazendo aqui? Decidimos que eu viria sozinha.

— Você decidiu. Eu não fiz nenhum compromisso de qualquer maneira. Você não deveria perambular sozinha.

— Eu posso cuidar de mim.

— Eu sei — disse ele. — Você absolutamente pode. Mas talvez você possa precisar de alguém que gostaria de ajudá-la.

Eu olhei para ele, sem palavras. — Como eu devo responder a isso?

— Positivamente.

Se eu ignorasse a insinuação, eu poderia admitir que seria bom ter outro par de mãos em caso de problemas, e eu tinha uma boa sensação de que a viagem à Ilha do Diabo faria bem a ele.

Suspirei e joguei a barra fora. — Suponho que se eu te disser para ir para casa, você ficará perto de mim de qualquer maneira?

— Basicamente.

— Você tem que ir onde eu te digo. Não se esgueirar para dentro para chegar à sua casa da cidade.

Algo passou por seus olhos. — Eu sei que não posso voltar para lá.

— Certo — disse eu, e comecei a andar. — Você tem alguma ideia de quão barulhento você é? Estou meio surpresa que a Contenção não ouviu você chegando e enviou uma patrulha.

— Acho que você está perto de Moses há muito tempo.

Levantei minhas sobancelhas e ele apenas sorriu. — Você nos apresentou.

— Sim, então parte dessa culpa recai sobre mim.

— Parte disso?

— Não mais do que noventa, noventa e cinco por cento.

* * *

Ele foi projetado para manter os Paranormais dentro, para separá-los dos humanos dentro e fora da Zona, para nos manter seguros de suas maquinações mágicas. Mas também foi projetado para intimidar, e o muro de concreto que cercava o antigo Marigny, a atual Ilha do Diabo, era muito imponente por isso.

Era mais do que sombrio. Concreto, aço e arame farpado, com uma grade eletrificada para mantê-los dentro e à distância. As seções da muralha reparadas depois da batalha eram pouco mais suaves que as antigas, mas a grade ainda brilhava de um verde assustador, refletindo o colorido no asfalto molhado. Se você escutasse bem atentamente, ouviria o zumbido da eletricidade e as partículas de poeira crepitante.

— Vamos para o lado do Quarter — disse eu a Liam, e o conduzi para o lado de cima do triângulo, em vez do recém-reconstruído portão da frente.

Caminhamos em direção ao rio, esperamos do outro lado da rua, sob a sombra de um carvalho, com seus galhos arqueando-se como dedos de guarda.

Os explosivos de Reveillon retiraram grandes segmentos da parede. A Contenção teve a oportunidade de criar a arquitetura, construir uma abertura de concreto na parede, grande o suficiente para acomodar uma doca de carga.

Um caminhão amarelo brilhante estava estacionado na doca, o nariz voltado para a rua e as caixas empilhadas na carroceria. Ao longo da plataforma de concreto. Holofotes iluminavam a doca, mostrando o traço de tinta vermelha no painel frontal do caminhão, e CONTENÇÃO escrito em letras maiúsculas no verso do parabrisa, para que o carro na frente do caminhão pudesse ler o texto no retrovisor.

— Bem — disse Liam quando chegamos à doca —, isso é imponente. — Ele deixou seu olhar subir para o enorme portão de aço que mantinha a doca de carga segura quando não estava em uso.

— Bem-vindo à nova e brilhante porta de entrega — disse eu. — A loucura do terrorismo doméstico os levou a adicionar um.

— Antes eles estavam focados em Contenção literal — disse Liam. — Eles queriam Paras atrás de uma parede, longe de todos os outros. Essa era a principal preocupação. Provavelmente, não teriam imaginado que a prisão ainda estaria aqui sete anos depois.

— Pobre planejamento da parte deles — disse eu.

— Planejamento intencionalmente ruim — disse ele, e observamos os agentes começarem a carregar itens na parte de trás do caminhão.

— Tirando coisas da Ilha do Diabo? — Ele se perguntou enquanto um homem carregava uma caixa laranja neon para o caminhão, a tinta tão brilhante que quase brilhava no escuro.

— Aparentemente sim — disse eu. — Vamos nos mexer.

Liam seguiu-me quatro metros mais abaixo na parede. Então parei e aponte para a pequena porta de metal na parede, colocada sobre três degraus de concreto.

— A porta se abre para um corredor, e esse corredor leva a uma pequena sala em um dos anexos dos fundos — expliquei. — Se a porta for aberta, Lizzie é notificada. Ela é a única com acesso a ela.

— Então ela poderia sair da Ilha do Diabo se quisesse.

— Ela poderia. Poderia ter feito isso durante a batalha também. Mas ela não vai. Não é quem ela é.

— Ela fica do lado de dentro, concorda em continuar cuidando dos pacientes, e eles não colocam câmeras na porta para que você possa fazer entregas — disse Liam. — É um bom sistema.

— É um sistema de compromisso, mas é melhor do que nada. — Lembrou-me porque Moses e eu nos esquivamos em casas empoeiradas e cheias de mofo, cheias de tristeza e esperanças não cumpridas. Porque do outro lado do corredor estavam Paras, com feridas ainda não curadas, Sensitivos que se tornaram espectros. Pessoas que nunca poderíamos salvar.

— Vamos dar um minuto — disse eu. Só porque não havia câmeras perto da porta não significa que não houvesse patrulhas humanas nos vigiando.

— Agentes de nível inferior não deveriam saber sobre isso — murmurei, voltando para as sombras enquanto dois agentes passavam em um jipe. — Apenas Gunnar e alguns dos superiores, e mesmo assim é *não pergunte, não conte*. Eu não sou pega, e eles não vêm procurar.

— Eu não gosto disso — sussurrou Liam. — Eu entendo, mas não gosto disso.

— Há muito para não gostar na Zona — disse eu, puxando a corrente de baixo da minha camisa. — Mas nós ficamos aqui, de qualquer maneira. — Esperei até o jipe virar no canto da prisão, em seguida, toquei o braço dele.

— Vamos — disse eu, e atravessando a rua, subimos as escadas. Não escapou da minha percepção que ele estava nas minhas costas, me protegendo com seu corpo enquanto eu me ocupava da trava. Mas eu não ia discutir sobre isso.

Destranquei a porta e a abri.

Como sempre, eu meio que esperava ver um agente da Contenção esperando, e eu podia sentir Liam tenso atrás de mim, provavelmente com o mesmo pensamento. Mas o corredor, enquanto mal iluminado e não muito acolhedor, estava vazio.

— Pode levar alguns minutos — disse eu baixinho, entrando.

— Devo fechar a porta?

— Você quer estar dentro da Ilha do Diabo atrás de uma porta trancada?

— Não — disse ele. E isso de um homem que morou na Ilha do Diabo. Ele empurrou-a para evitar que agentes do lado de fora suspeitassem, mas não o suficiente para trancar.

— E agora? — perguntou ele.

Eu me inclinei contra a parede de concreto. — Agora esperamos.

* * *

Os minutos passaram. Cinco, depois dez, depois quinze. O mais longo que eu já esperei para ela foi sete minutos. Poderíamos ter saído – deixado o pacote e Lizzie o encontraria – mas precisávamos conversar com ela.

Ainda sim. Quinze minutos pareceram muito tempo. Eu estava quase convencida de que algum agente desonesto havia interceptado Lizzie quando a porta se abriu no outro extremo do corredor. Liam e eu observamos com uma atenção cuidadosa.

Lizzie entrou e a fechou. Ela usava roupas azuis claras, as manchas visíveis de fogo dançando como tatuagens em movimento. Mas isso não era tinta; era realmente um incêndio, uma parte impressionante e perigosa de quem ela era.

Ela acenou para mim e lançou um olhar desconfiado para Liam. Eu havia provado a ela, pelo menos tanto quanto ela estava disposta a confiar em mim. Mas Liam esteve ausente por um longo tempo, e se sua expressão fosse qualquer indicação, ela não estava entusiasmada com o fato dele ter ido embora.

Ela avançou, seus pés silenciosos em grossos rubber clogs¹⁴. — Desculpe o atraso. Uma pequena crise, mas está resolvido agora. — Ela olhou para Liam. — Ouvi dizer que você havia voltado.

— Eu voltei.

— Contenção é todo alvoroço sobre você. — Ela olhou para mim. — E você também. Ouvi dizer que vocês fizeram um show bem impressionante hoje cedo.

— Estávamos verificando a casa de Broussard. Eles nos encontraram.

— E você conseguiu fugir. — Ela inclinou a cabeça para a contusão na bochecha de Liam. — Isso doeu?



— Não me sinto ótimo.

— Eu aposto que não.

— Você ouviu algo novo sobre Broussard? — perguntei. — Sobre por que ele foi morto, ou quem o matou?

Ela balançou a cabeça. — Muita especulação sobre se foi ou não Liam. Muitas reclamações sobre Broussard. Mas tudo conversa. Alguns disseram que foi um membro de Reveillon que não foi capturado, talvez alguém da Contenção que tenha inveja da posição de Broussard, mas nada específico. Sem nomes.

Assenti. — Você já ouviu falar sobre os Paras em Vacherie?

Lizzie assentiu. — A palavra chegou a mim. Não vi nada parecido aqui. Apenas as costumeiras reclamações.

— Alguma ideia do que está acontecendo?

— Baseado no pouco que sei, parece uma espécie de infecção. Uma séria, talvez algo que afete sangue ou osso. Uma infecção sistêmica que eles estão tendo problemas para vencer.

— Isso normalmente seria fatal? — perguntei.

— Certamente poderia ser sem o cuidado certo. Entre outras coisas, as febres são perigosas e podem causar grandes problemas. Mas a bandeira vermelha para mim são as petéquias.

— Diga isso de novo — disse Liam.

— Petéquias — repetiu Lizzie. — As marcas vermelhas. Elas são causadas por sangramento interno que passa pela pele. Pode indicar sepse – quando uma infecção se espalhou pelo corpo, e a resposta imunológica piora a situação.

— Então você acha que é uma infecção?

— A partir daqui — disse Lizzie. — Mas estou a quilômetros de distância, não vi um paciente, e estou trabalhando com base em comunicações de leigos e o único não médico que estive em Vacherie.

— Não médico? — perguntei.

— Médico nômade — disse Lizzie com um sorriso. — Os voluntários que viajam pela Zona. Salva-vidas, mas pessoas muito peculiares.

Aprendia algo novo todos os dias.

— Minha equipe está alerta sobre os sintomas. Se nós virmos algo assim, nós vamos avisá-los. — Suas feições suavizaram. — Diga a Malachi que eu sinto muito.

— Eu vou.

O olhar de Lizzie mudou para Liam, e ela olhou para ele por um tempo longo e silencioso. — Você foi embora por causa da magia?

— Sim — disse ele depois de um momento. — Sim, eu fui.

Ela assentiu, observando-o novamente. — Eu posso vê-la.

Isso me fez sentir idiota. Eu pensei que ela estava olhando para ele porque estava com raiva e magoada, e tentando descobrir exatamente quanta raiva e mágoa estavam lá.

— Como Eleanor? — perguntei.

— Não é bem assim. Eu normalmente não posso fazer isso — disse ela, franzindo a testa para mim. — Não posso ver a sua. Mas há uma aura ao redor de Liam. Uma neblina.

— Era a magia de Ezekiel.

— E ele era um Sensitivo.

Liam assentiu.

Lizzie avançou, os olhos estreitados enquanto o observava. — Sensitivo mais humano não deveria ser igual Sensitivo, deveria? A menos que haja algo nesse seu DNA. Eleanor foi atingida por uma arma, afinal de contas. Não é a maneira usual de obter poder.

— Eu devolveria se pudesse.

— Eu posso ver isso. Posso ver que você está lutando contra isso.

Ele pareceu surpreso com isso. — Não estou lutando contra isso. Eu acho que está lutando comigo.

Desta vez, ela sorriu. — Magia em um corpo humano. É claro que está lutando.

— Porque Ezequiel era mau.

— Ele não era mau. — Ela tirou um estetoscópio do bolso da blusa e enrolou no pescoço. — Ele estava morrendo. Morte por magia.

O destino de todos os Sensitivos que não aprenderam a controlar a magia. E uma diferença importante que Liam precisava ouvir.

— Isso não foi culpa da magia — disse ela. — Ou dele. Não estou tolerando o que ele fez. Ele era um tolo triste e desprezível. Mas se ele tivesse recebido as ferramentas certas? — Ela levantou o ombro. — Poderia ter sido uma história diferente.

Ela deu mais um passo para perto de Liam. — Você tem as ferramentas. Você tem conhecimento e pessoas. Contanto que você fique fora daqui, você ficará bem.

Eu acho que ela me deu o mesmo discurso.

— Estou me esforçando — disse Liam.

— Bom. Isso é tudo o que qualquer um de nós pode fazer. — Lizzie olhou para mim especulativamente. — E falando em tentar o nosso melhor, o que você trouxe para mim?

Abri minha mochila e ofereci as guloseimas. Ela as colocou na sacola de plástico enrugada que tirou do bolso

— Isso será ótimo — disse ela, segurando a garrafa quadrada de peróxido. — Surpreendentemente eficaz em feridas de ferro frio. — Os Paranormais não se saíam bem dos ataques de ferro frio; é por isso que eles foram tão eficazes e mudaram a maré durante a guerra. — Foi estúpido eu não ter tentado mais cedo, mas é um tratamento humano, não um Para. Ainda não existe na vizinhança.

Houve um arranhão na porta da clínica que fez Liam e eu nos virarmos, nos preparando para uma briga. Um agente da Contenção, ou um espectro que escapou do quarto?

— Não se preocupem com isso — disse Lizzie. — Apenas um visitante. — Ela colocou a garrafa na bolsa com o outro equipamento, em seguida, caminhou para a porta. — Alguém quer ver você.

Lizzie abriu a porta, em seguida, saiu do caminho. — Entre — disse ela.

Lá, sentado com expectativa na porta, estava Foster Arsenault, o labrador de Eleanor e muito amigo de Liam.

Liam murmurou algo baixo, algo em Cajun, e ajoelhou-se. Foster correu em direção a ele, cauda abanando como um tornado.

— Oh, amigo — disse Liam, enterrando o rosto no pescoço do cachorro. — Eu sinto muito.

Eu tive que olhar para as luzes fluorescentes no teto, respirando através dos lábios franzidos, tentando segurar as lágrimas. Quando Foster soltou um grasnido que soou como uma reclamação, eu ri e deixei cair as lágrimas de qualquer maneira, e limpei-as.

— Acho que ele está zangado com você — disse Lizzie com um sorriso.

— Ele deveria estar — disse Liam, coçando o queixo de Foster, o que fez com que a perna de trás batesse ruidosamente contra o chão. — Eu o deixei também.

— Sim — concordou ela. — Gavin levou-o para Pike e Pike trouxe-o para mim logo depois da batalha. Ele queria uma chance do lado de fora, estava preocupado em como Foster lidaria com isso. Disse a ele que eu encontraria uma família para ele enquanto você estivesse fora, deixei-o ficar na clínica por alguns dias. Eu esperava que isso fizesse bem aos pacientes.

— E fez?

— Sim — disse ela, acariciando a cabeça de Foster. Com a língua abaixada, ele se esparramou no chão e se concentrou na atenção. — E agora não consigo me livrar dele. Os Paras se divertem com ele. E ele parece acalmar os espectros.

Isso levantou minha cabeça. — Ele acalma?

Ela assentiu. — A terapia animal não é uma cura, mas ajuda. Não sei a razão, mas não me importo. Qualquer coisa que facilite a vida deles e não machuque mais ninguém é bom para mim. — Ela olhou para mim. — Melhor um cachorro do que permanente sedação.

Assenti. Essa era uma escolha fácil de fazer.

— Como está Pike? — perguntou Liam, acariciando o flanco de Foster. — Claire me disse que ele está preso.

Ela sorriu. — Pike? Ele está ótimo. Vivendo na sua casa.

Liam abriu a boca, sabiamente a fechou novamente. — Eu provavelmente devo isso a ele.

— Droga, certamente você deve — suspirou Lizzie, em seguida, olhou para Foster. — Você está pronto para voltar ao trabalho?

Ele soltou um latido que soou como uma concordância, e ficando de pé, se dirigiu para a porta.

— Se todos os nossos funcionários fossem tão eficientes — disse ela com um sorriso. Então ela olhou para Liam. — É bom ver você. Mas você cometeu um grande erro indo embora.

Ela deixou seu olhar passar para mim, depois de volta para ele. — Talvez você tenha a chance de consertar. Se eu fosse você, eu estaria rastejando.

Essa era uma nota que eu estava feliz em deixar.

Foi um mercado, um ponto de encontro, um lugar para discutir e protestar. E foi um lugar para a rebelião da alegria, onde a dança, a música e a camaradagem lutavam, pelo menos por algum tempo, contra as dificuldades da vida.

Congo Square era um parque ao lado do lago do Quarter, perto de Rampart e St. Peter. Fora um campo na periferia da cidade, depois um parque ladeado de tijolos e árvores, e depois, durante algum tempo durante a guerra, o local onde os médicos montavam tendas para ajudar os feridos em batalha. As tendas foram embora e a chuva lavara o sangue que manchara o tijolo durante a guerra. Mesmo agora, os tijolos ainda tinham cicatrizes das grandes fissuras, onde as armas Paranormais perfuraram e os destruíram.

Isso não impediu que as pessoas resistentes que ficaram longe do parque parassem. Porque o Congo Square era para Nova Orleans, para os sobreviventes.

Embora o mundo estivesse escuro, havia três dúzias de pessoas no parque. A mulher vendia yaka mein de uma panela na parte de trás de sua caminhonete, e um homem fazia beignets em uma chaleira enorme nas proximidades. Em um canto, uma linda mulher de pele escura, com um lenço enrolado na cabeça, escutava enquanto a mulher à sua frente, sua minúscula estrutura e pele enrugada, estimando facilmente estar em seus oitenta ou noventa anos, enxugava os olhos com um lenço de papel. A mulher, uma sacerdotisa ou conjuradora, tirou algo de um bolso escondido da saia, apertou-o na mão da mulher mais velha e mandou-a seguir em frente. Um gris-gris talvez, um poderoso feitiço de vodu proibido, como todas as outras formas de magia.

Mas tudo isso eram todas atrações secundárias para a atração principal – a música e a dança. No meio do parque, um círculo de homens e mulheres estava com tambores de todas as formas e tamanhos. Alguns eram de mão, não muito maiores que os pandeiros. Outros tinham mais de um metro e pendiam de largas correias ao redor do pescoço ou dos ombros. Alguns eram grandes demais para conter, os vasos brilhantes em suportes cromados que pareciam belos demais para terem sobrevivido à guerra.

Mas eles sobreviveram e agora construíam – um tambor de cada vez – uma música que era simplesmente tão complexa e fascinante quanto a própria cidade.

Rat tat. Rat tat tat. Rat tat. Rat tat tat.

Foom. Bum bum. Foom Bum bum.

Chik chik chik. Chik chik chik. Chik chik chik. Chik chik chik.

Na frente dos bateristas, as mulheres dançaram. Elas usavam blusas brancas e saias circulares em uma colcha de retalhos de cores, sinos nos tornozelos acrescentando outra camada à música enquanto giravam, batiam os pés, balançavam os braços.

A bateria batia em mim, como se meu coração tivesse adotado seu ritmo. Por um tempo, foi como se a guerra não tivesse chegado à Nova Orleans. Como se os turistas pudessem estar alinhados no Café Du Monde e fora das lojas de vodu, como se a Bourbon Street fosse uma festa gigante e intoxicante.

— É por isso que ficamos — disse Liam em voz baixa. — E é por isso que lutamos.

Eu não podia discutir com isso.

* * *

Já era quase meia-noite quando chegamos ao posto de gasolina. Paramos em frente à rua, tomando precauções.

— Obrigado por me deixar ir junto. Foi bom ver Foster.

— Foi bom para você vê-lo.

Ele assentiu, e ficamos em silêncio que era quase agradável, apesar da tensão no ar.

Nenhum de nós estava pronto para ir embora. Nenhum de nós estava pronto para se aproximar.

— Eu deveria entrar, tentar dormir um pouco.

Ele assentiu, e seu corpo ficou tenso. Ele queria se aproximar, percebi. Queria me tocar, mas estava trabalhando para se conter. Nós estávamos nos contendo, ainda procurando por aquele lugar de conforto e confiança. Mas eu não achei que achássemos isso hoje. Não aqui fora, na escuridão.

— Boa noite, Liam.

— Boa noite, Claire.

E seguimos nossos caminhos separados.



Capítulo 16

Acordei antes do amanhecer, saí da estação antes do sol nascer e pulei na bicicleta irregular que encontrei em um beco atrás da estação que eu consertei. A bicicleta foi um prêmio de consolação; eu encontrei um Simplex motorizado em um armazém perto da Canal Street, mas não tinha as peças para fazê-lo funcionar novamente.

Escolhemos uma casa como ponto de encontro neutro para a vigilância do prédio de Icarus. Estava a meio caminho entre a minha e a de Moses, embora apenas Malachi e Liam soubessem entrar no posto de gasolina para entender essa geometria.

Como Malachi havia ficado para trás hoje – imaginando que alguém precisava ficar com Moses, apenas por precaução – eu encontraria Liam e Gavin lá, na cabana baixa coberta de palmeiras, um sinal de venda de mais de um ano ainda pendurado em um canto no jardim da frente.

— Ninguém comprará este lugar agora — disse Gavin calmamente enquanto eu subia no Range Rover que ele estacionou no meio-fio.

— Não — concordei.

Mesmo na luz leitosa do amanhecer, era óbvio que a casa estava em más condições. O teto desmoronara no meio do que provavelmente era a sala de estar, e as plantas cresceram no vazio, alguns troncos e galhos já se erguendo para o céu, em busca da luz do sol.

Se isso não fosse uma metáfora para nós que ficamos, não sei o que era.

A umidade era opressiva, embora o sol ainda não tivesse se levantado. Como estávamos caminhando para um prédio da Contenção, enfiei meu cabelo debaixo de um boné, os fios que escapavam soprados pela brisa que entrava pelas janelas do SUV.

Liam parecia mais relaxado enquanto nos dirigíamos para a ADZ, mas seus olhos ainda seguravam aquela centelha de intensidade, de interesse, de possessividade.

— Como está o seu braço? — perguntou ele.

— Dolorido e machucado, mas tudo bem. Obrigada. — Eu teria uma cicatriz, mas percebi que isso só aumentava o mistério.

Gavin olhou para mim no retrovisor. — O que há de errado com o seu braço?

— Ela foi baleada ontem.

Os olhos de Gavin se arregalaram, e o veículo balançou quando ele puxou o volante. — Você foi baleada? Pela Contenção?

— Só de raspão. Quero dizer, doeu, mas já tive machucados piores na loja. — Meu pai fizera um bom trabalho ensinando-me a consertar as coisas em vez de deixá-las de lado e comprar algo novo. Aprender a usar serras e martelos trouxe muitos cortes e contusões com ele.

Como não estava pronta para andar na memória com meu pai, eu deixei de lado os pensamentos.

Gavin assobiou. — Imagino que você não contou aos seus guardiões. Eles não teriam deixado você sair da casa.

Eu bufei. — Eles tentaram não fazer isso. — Eu pensei que provavelmente poderia dar a volta no Malachi e Moses, embora Malachi tivesse uma boa chance de me encontrar. Ele podia olhar do céu.

— Você falou com Gunnar? — perguntou Liam.

— Não diretamente — disse Gavin. — Passei uma mensagem sobre Caval, assinei com um pseudônimo que ele reconheceria.

— Beau Q. Lafitte? — imaginei.

— *Mas*, você ainda está usando esse nome? — perguntou Liam.

— Droga, certo, eu estou. Tenho anos de vida sobrando. Ao contrário desta monstruosidade de um edifício — disse ele, passando devagar pelo endereço na fatura.

Ele estava certo; não era muito para olhar. Baixo e atarracado, feito de tijolos pintados de branco com longas janelas horizontais. Provavelmente construído na década de 1970, com muito laranja e verde abacate no interior. Não havia paisagismo para ver, apenas uma longa faixa de grama baixa atrás de uma faixa de vagas de estacionamento. A placa na frente, igualmente atarracada e sem imaginação, lia-se ADZ LOGISTICS em simples letras pretas. Se isso fosse algum tipo de ramo da Contenção, talvez não quisesse ser despretensioso.

— Não parece exatamente um centro de inovação ou pesquisa — murmurou Gavin.

— Não, não parece — disse eu. — Mas se você está envolvido no assassinato de um agente da Contenção, você provavelmente tenta manter o seu trabalho em baixa.

— Provavelmente sim — concordou Gavin.

— Temos mais informações sobre Caval — disse Liam, e disse a ele o que descobrimos com Blythe.

— Blythe deu sua faca para outro? — assobiou Gavin. — Isso é sangue frio.

Ele dirigiu para o próximo sinal de Pare, então atravessou o terreno neutro para as pistas de Elysian. Ele entrou no estacionamento de uma agência de seguros abandonada e posicionou o carro para que pudéssemos ver o prédio.

O estacionamento da ADZ estava vazio e o prédio estava escuro. Difícil dizer se alguém realmente usava o lugar agora. Nós teríamos que esperar para saber a verdade.

E esperar foi o que nós fizemos.

O amanhecer começou a colorir o céu depois de vinte minutos sentados no carro, vinte minutos ouvindo Gavin comer uma barra de granola mais alto do que eu pensava ser possível para um humano.

— Como um maldito esquilo — disse Liam.

— Um garoto tem que ter energia. Nunca sabe no que você vai entrar.

— No fundo dessa embalagem, parece.

— Você é hilário, irmão. Senti falta do seu senso de humor e sagacidade.

Liam deu um soco em Gavin, e ele empurrou e lançou migalhas de granola no ar como flocos de neve deliciosa.

Gavin murmurou algo em francês cajun que não soava lisonjeiro. Mas eu apenas sentei no banco de trás e sorri, meu olhar na rua. Por um tempo que nós

fomos um grupo de amigos – aquele curto período entre ser atacado por um espectro e a batalha – eu me acostumei com as provocações deles. Foi bom ouvi-los se irritarem novamente.

Mas quando um carro virou na rua – o primeiro que vimos desde que estacionamos – ficamos quietos. Todos nos encolhemos um pouco e observamos uma Mercedes branca entrar no estacionamento.

— Droga — disse Gavin. — Rodas bonitas.

— Sem brincadeira — murmurou Liam.

Uma mulher de terno saiu do carro e fechou a porta.

Uma mulher com longos cabelos ruivos. A mulher da fotografia.

— *Merde* — murmurou Liam. Mas eu nem sequer pensei em responder. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, eu estava fora do veículo.

— Claire! — O sussurro de Liam através da janela aberta era feroz e exigente, mas não consegui processá-lo. O som era apenas um zumbido nos meus ouvidos. Eu estava caminhando pela rua, o chão irregular, as outras pistas.

Aquela era minha mãe. E ela estacionou no edifício Icarus.

Comecei a correr e o boné voou da minha cabeça. Não me preocupei em considerar o que eu poderia dizer quando a alcancei. Não parecia importar. Eu só queria respostas. Ou reconhecimento. Ou ambos.

Ela era uma mulher bonita. Alta e esbelta, com cabelos ruivos, olhos verdes e pele clara. Ela usava um terno laranja queimado, uma camisa creme embaixo do casaco, saltos no tom.

Ela estava quase na porta da frente quando entrei na frente dela. Ela não vacilou, apenas me estudou até que a consciência apareceu em seus olhos.

— Você é minha mãe.

Ela olhou para mim com olhos clínicos. — Você é Claire Connolly?

Minha garganta de repente apertou com emoção, eu consegui apenas um aceno de cabeça.

— Então sim. Meu nome é Laura Blackwell. Eu sou sua mãe biológica. — Ela disse isso de forma realista, como se estivesse confirmando o nível de umidade.

Meus pensamentos giraram tão rapidamente que literalmente me deixaram tonta. Laura Blackwell, a presidente da ADZ Logistics, a mulher identificada na fatura do laboratório, era minha mãe.

Quando continuei olhando para ela, ela revirou os olhos e apontou para o prédio. — Sou uma mulher ocupada, Claire, então, enquanto suponho que você tem perguntas, eu preciso voltar para o trabalho. — Ela olhou para mim com expectativa.

— Você nos deixou.

— Se por *nós* você se refere a si mesma e ao seu pai, sim. Eu fiz.

Um total de cinco segundos de silêncio se seguiu sem nenhuma elaboração.

— Por quê? — perguntei.

— Eu não estava preparada para ser cônjuge ou mãe. Os interesses de seu pai divergiram dos meus e eu percebi que não tinha o instinto para a maternidade. Você era uma criança bem-comportada, mas eu simplesmente não estava interessada em você, intelectual ou emocionalmente. Seu pai queria uma criança, e eu poderia admitir alguma curiosidade sobre os processos biológicos. Considerei uma espécie de experimento. Formulei a hipótese de que o sentimento maternal aumentaria, mas não aumentou.

Ela olhou para mim com expectativa, como se tivesse fornecido uma explicação inteiramente razoável, e estava confiante de que eu a compraria imediatamente.

Ela soava como uma cientista, uma mulher que – não diferentemente de Broussard – via o mundo em termos muito claros. Em preto e branco, sem tons de cinza, mesmo quando ela falava sobre emoções e abandono.

— Então era isso? Você decidiu que ser mãe não era para você, então foi embora?

— Você está sendo emocional.

— Eu sou humana.

— Então, tente mais. Como minha filha, você deve ter ampla inteligência à sua disposição. — Ela suspirou. — Como você não parece saber o meu nome, eu assumo que seu pai confirmou a parte dele do acordo.

Meu sangue gelou. — Que barganha?

— Ele não iria discutir comigo, e eu não interferiria com a sua criação, pediria pensão, complicaria o divórcio, ou causaria qualquer uma dessas outras irritações. Não que eu tivesse interferido... Eu não tinha interesse nisso. Mas dar a você uma *infância normal* parecia a única preocupação dele.

Porque ele tinha integridade e sabia amar, pensei. E de alguma forma conseguiu negociar uma vida para mim enquanto seu coração provavelmente estava quebrando.

— Você o amava?

— Eu gostava dele, é claro, mas esse não é o ponto. Não há lógica em se ligar a outra pessoa se você não estiver feliz. Eu não estava feliz, então segui em frente.

Com um dedo esguio e bem cuidado, ela afastou a manga, verificou a hora em um delicado relógio de ouro, depois olhou para mim novamente. — Eu te dei todo o tempo que tenho. Terá que ser o suficiente. Espero que você saiba que não me arrependo de ter tido um filho.

Ela disse como se estivesse fazendo uma oferta, como se sua falta de arrependimento fosse um presente. Como prêmio de consolação, não era muito.

A raiva aumentou tão rapidamente que precisei apertar meus dedos para evitar bater nela, tirando aquele sorriso do rosto dela. Como ela se atrevia a falar de arrependimento? Ela quebrou o coração do meu pai, saiu da vida dele, saiu da minha sem outro olhar. Ela pode não sentir arrependimento, mas aparentemente também não sentia qualquer senso de honra, qualquer senso de obrigação de cumprir o compromisso que ela tinha de ter um filho em primeiro lugar. Aparentemente, ela havia se mudado para coisas melhores.

Não foi a primeira nem a última vez que um pai abandonou um filho. Mas nunca me ocorrera que alguém pudesse ser tão frio assim. Ela era uma tela em branco, e parecia confusa, ou talvez exasperada, por eu não ver do jeito dela.

Por um momento, eu senti como se estivesse flutuando fora do meu corpo, assistindo-me tentar passar por minhas emoções agitadas. Eu sabia, conforme a observava, enquanto eu olhava mãe e filha, que levaria tempo para processar as emoções. Aceitar quem ela era e ser grata por meu pai ter me protegido.

Isso desencadeou outra torrente de emoções – mas dessa vez em nome dele. Ela não tinha ideia o que ele passou como um pai solteiro, para me manter segura, viva e alimentada, especialmente depois que a guerra começou, quando o dinheiro secou e ele teve que conseguir o que podia com a venda de MREs e água engarrafada.

— Como você pode simplesmente ir embora, como se não tivesse responsabilidades?

— Eu tinha responsabilidades. Importante. Eu cumpri aquelas.

— Como Icarus? Essa é uma de suas responsabilidades?

O corpo dela ficou rígido, o rosto muito controlado. E havia algo mais em seus olhos – algo que eu não conhecia bem o suficiente para avaliar. Mas era muito mais sombrio do que a confusão que havia substituído.

— Não tenho mais nada a dizer para você. E desde que você parece ser uma pessoa relativamente inteligente, talvez tenha tido sorte e tenha mais do meu cérebro do que o do seu pai. — Ela colocou um sorriso no rosto, um sorriso amargamente frio. — Icarus não é da sua conta. É meu, e protejo o que é meu com muito cuidado. Você pode ir embora agora mesmo, ou eu posso ligar para um agente da Contenção e você será retirada.

Ela olhou para mim com expectativa.

— Eu vou — disse eu, e levou cada grama de controle que eu tinha para dizer isso civilizadamente.

Ela assentiu. — Suponho que não verei mais você. Não preciso da distração.

As probabilidades de cinco para um disseram que ela estaria ligando para a Contenção, eu indo embora ou não. Então planejei ir na direção oposta de Gavin e Liam, para manter a atenção longe deles.

Mas o plano não importava.

Eles viraram a esquina, três agentes da Contenção com dispositivos de comunicação na mão, atordoadores nos cintos. Eles ficaram à minha frente. Ela os acionou de alguma forma enquanto ainda estava no estacionamento. Enquanto conversávamos, enquanto ela se encontrava com a filha pela primeira vez, ela os chamara.

A traição era uma faca no meu coração, mas ela não se desculpou. Se alguma coisa, ela parecia irritada com a minha resposta. Ela levantou a palma da mão e mostrou o pequeno dispositivo que segurava. Algum tipo de botão de pânico.

— Você está atrapalhando o meu trabalho — disse ela categoricamente. — Não tenho tempo para isso. E se você entrar em conflito com a Contenção, isso não é problema meu. A responsabilidade é sua.

— George! — gritou ela para um deles sem tirar os olhos de mim. — Nós temos um invasor.

— Você ligou para a Contenção por mim? — Eu mal conseguia forçar as palavras.

— Você está interrompendo o meu trabalho. — Novamente, essa irritação.

— Mãos no ar — disse um dos agentes, e pela segunda vez em dois dias, eu ergui minhas mãos. Mas desta vez, mantive meu olhar em minha mãe.

— Estou feliz que você nos deixou.

Seu estremecimento foi tão pequeno, tão suave, que a maioria das pessoas provavelmente não teria notado. Mas eu notei.

— Não tenho tempo para isso. Tenho trabalho a fazer. — Ela olhou para um dos agentes, alto e esbelto, com pele escura e olhos profundamente castanhos. — Você a tem, Chenille?

— Senhora — respondeu Chenille. Seu olhar continuava oscilando entre nós, obviamente notando a semelhança. Mas isso não mudou a determinação na expressão dela.

— Nós não terminamos — gritei quando ela abriu a porta.

Ela olhou para mim, uma perfeita sobrancelha vermelha erguida em dúvida. — Não? Certamente parece-me que você terminou, senhorita Connolly. — Com isso, ela entrou, deixando-me sozinha com os agentes.

Minha mãe me entregou à Contenção.

Fechei os olhos, pensando que era isso – meu último momento de liberdade. Eu seria levada para a Ilha do Diabo para perder tempo até que a magia me levasse. Destruísse.

Eu quis que Gavin e Liam fossem embora, ficassem no veículo e partissem. Para se colocarem em segurança. Talvez eles pudessem chegar a um plano para me pegar também, ou talvez não. Pelo menos eu não teria que me preocupar com eles.

Mas então as coisas ficaram mais complicadas.

Um caminhão passou pela rua e parou no meio-fio. Grande e verde, e com enormes pneus, com guitarras furiosas explodindo pelas janelas. Havia dois homens na cabine, dois homens na carroceria. E dois deles pareciam muito familiares – Crowley e Jimmy, os caçadores que nos atacaram do lado de fora do Vacherie. Eles voltaram para Nova Orleans.

Eles adivinharam que nós apareceríamos aqui? Eles sabiam sobre ela, ou sobre a ADZ? Eles saltaram, o homem do banco do passageiro da frente segurando um pedaço de papel e apontando para mim.

— Eu tenho uma recompensa devidamente autorizada sobre aquela mulher — disse Crowley, naquela voz grave e incomum dele. — Para Claire Connolly!

Todos os nervos do meu corpo pareceram congelar com a palavra *recompensa*.

Antes, eu era apenas uma pessoa de interesse, um ser humano com uma garantia excelente. Criar uma recompensa pela minha captura me acertaria nas listas de prioridades dos caçadores. Não foi uma grande surpresa que eles tivessem feito isso, não depois do que aconteceu na casa de Broussard. Mas ainda enviou uma onda de mal-estar através do meu estômago. Era uma coisa viver calmamente, ficar fora da vista da Contenção. Outra coisa totalmente diferente era saber que os caçadores me procuravam ativamente.

Aparentemente, recusando-se a me abandonar, Liam e Gavin atravessaram a rua correndo. Gavin usou um pedaço de papel no ar como uma recompensa competitiva. Provavelmente o registro do veículo. Mas eu duvidava que isso fosse parar os garotos Quinn. E nem o fato de que havia definitivamente uma recompensa por Liam, e provavelmente uma por Gavin agora também.

— Hey! — gritou Gavin. — Ei! Por aqui! Ela é nossa!

Todos olharam para trás, com expressões surpresas, confusas ou preocupadas conforme eles se aproximavam. Gavin ergueu o papel uma última vez, depois o enfiou no bolso. — Nós temos direito sobre Claire Connolly. O agente Jackson nos ofereceu a recompensa pessoalmente.

Crowley se adiantou. — Você sabe que não é assim que funciona — disse ele, então deslizou um olhar para Liam. — Chegamos aqui primeiro, então recebemos a recompensa.

— Como diabos você saiu de Montagne Désespérée? — perguntou Gavin.

— Camaroeiro — disse Jimmy, assim como Gavin previu.

Os olhos de Crowley e Liam se estreitaram quando olharam um ao outro. — Você os atacou? — perguntou Liam.

— Tentei trazer seus amigos aqui para interrogatório. — O queixo de Crowley estava apertado. — Suponho que este é seu irmão.

— Você teria razão — disse Gavin. — Que chatice você não descobrir isso quando teve sua chance.

O olhar de Crowley não deixou Liam. — Parece que eu tenho uma boa chance agora. Se você não for cuidadoso, os dois, nós vamos levar os outros

prêmios disponíveis para os irmãos Quinn. Eu não farei isso agora devido à cortesia profissional. A menos que você esteja no meu caminho.

As feições de Liam eram duras, os olhos dele mudando de azul e dourado. E isso não escapou do aviso do outro caçador de recompensas. — Você vai querer recuar e ir embora.

O olhar de Crowley permaneceu firme. Isso era apenas um negócio para ele — muito dinheiro e provavelmente um pouco de orgulho. — Por que eu deveria?

— Porque ela é minha.

As sobrelanceiras de Crowley se levantaram. — Então é assim que vai ser, é? E se eu não for embora? Você também vai me matar? — Várias cabeças do grupo se viraram para encarar Liam. — Ou talvez devêssemos ir direto ao assunto e executar todas as nossas recompensas agora mesmo.

— Todos recuem — disse Chenille. — Nós temos a prisioneira, e nós a levaremos.

— Não posso recuar — disse Crowley. — Vocês nem tem um carro aqui. As regras são, acerte um alvo ao mesmo tempo em que a Contenção, aquele com rodas ganha o prêmio. Nós temos transporte, nós recebemos a recompensa.

— Temos uma reivindicação superior — disse Gavin novamente, balançando a cabeça.

— Besteira — disse Crowley, e deslizou seu olhar para Chenille. — Que tal um negócio? Eu levarei Connolly e você pode levar os irmãos Quinn.

Os lábios de Chenille se curvaram no caminho dos vilões em todos os lugares. — Eles também são procurados?

— Eles são — disse Crowley. — Podem até ir sem discussão, se eles forem para a prisão ao mesmo tempo em que a Sra. Connolly aqui.

— Você nos levará por cima do seu corpo morto. — A voz de Liam era feroz.

— Ou o seu — disse Crowley. Ele tirou um palito do bolso, deslizou entre os dentes, e mastigou. — Torna o transporte mais fácil.

Por um momento, não houve nada além de um silêncio tenso, todos avaliando uns aos outros, observando para ver quem atacaria primeiro. Com o sol batendo, eu não ficaria surpresa em ver as ervas daninhas à deriva.

Nós encaramos... Até que Crowley deu o primeiro passo.

Ele pulou, agarrou meu braço, arrastou-me pelo estacionamento e me empurrou para trás, sua mão carnuda ainda ao redor do meu braço. Ele era maior

que eu, mais forte, e eu não ia desalojar seus dedos pela força absoluta. Eu teria que ser criativa.

Seus outros homens tomaram isso como sinal para se moverem. Eles saltaram do caminhão e dois deles começaram a se envolver com os oficiais da Contenção. O terceiro, bravo ou estúpido, foi para Liam e Gavin.

— Eu gosto dessas chances — disse Gavin, balançando quando o homem se lançou para ele. O homem era grande, mas esperto o suficiente para se esquivar do chute.

Ele se abaixou, então agarrou Gavin pela cintura e tentou derrubá-lo. Ele era maior que Gavin, pesado e volumoso se comparado à estrutura magra de Gavin, mas ele conseguiu ficar de pé enquanto se moviam para trás, acertando um poste de luz.

Liam avançou com o queixo abaixado e uma expressão sombria no rosto. Ele agarrou o homem pelos ombros, arrancou-o de Gavin, e jogou-o alguns metros longe.

— Esse é o meu irmãozinho, idiota.

— Oh, agora você vem em meu socorro? — perguntou Gavin, usando uma mão para se levantar, a outra para apoiar o local nas costas, onde foi esmagado no poste de aço.

— Melhor tarde do que nunca — disse Liam, ajustando sua postura enquanto o homem se levantava e fazia outra investida.

— Você precisa melhorar seus movimentos — disse Liam, esquivando-se para o lado e evitando o ataque repentino. Mas o homem derrapou até parar no concreto, voltou e tentou pular nas costas de Liam.

— Filho de uma... — gritou Liam, seu corpo se curvando sob o peso do homem.

Instintivamente, eu puxei meu braço de Crowley, mas mal consegui. — Ainda não, pequena dama — disse ele, e começou a arrastar-me para o caminhão.

De jeito nenhum eu entraria na parte de trás do caminhão.

Que diabos? Eu imaginei. Eles já sabiam que eu era uma Sensitiva. Ver-me fazer magia agora era apenas uma cereja no topo do bolo.

Estendi a mão para o poder, senti alguns delicados tentáculos no ar. Por alguma aberração da geografia, não havia muitos por aí, então eu precisaria fazer isso valer. Melhor maneira de ameaçar um valentão? Com sua própria arma.

Envolvi a magia em torno do cabo de sua arma, puxei-a de seu coldre, em seguida, coloquei em minha mão.

— Você vai querer tirar a sua mão de mim.

Ele instintivamente sentiu seu coldre, e vi o choque quando ele percebeu que estava vazio. Lentamente, ele olhou para mim.

— Bem — disse ele com um sorriso malicioso —, parece que a recompensa estava dizendo a verdade. — Ele deslizou seu olhar sobre mim, fazendo-me sentir suja. — Mas talvez eu tenha algum uso para você.

Retirei a faca de seu outro coldre, e quando estava apoiada em minha mão, eu apontei para suas bolas. — Diga isso para mim de novo, Crowley. Eu te desafio.

— Largue a arma!

Nós olhamos para trás. Dois dos agentes e dois dos homens de Crowley estavam rolando no chão. Liam estava ajudando Gavin a ficar de pé. Chenille tinha uma arma e balançou-a de pessoa para pessoa, não sabia qual de nós era o melhor alvo.

Era hora de nos despedirmos. Eu tinha uma boa ideia de como fazer isso acontecer.

Coloquei a faca no bolso e levantei a arma para Crowley. — Vire-se e fique de frente para ela.

Crowley murmurou baixinho, mas se virou.

Olhei para Liam, dei-lhe um aceno de cabeça, depois usei o resto da magia que eu recolhi para empurrar Crowley em direção a Chenille. Ele bateu nela como um touro, mandando os dois para o chão.

Nós nos arriscamos, correndo pela rua em direção ao SUV. Ao longo do caminho, peguei meu boné, rolei e enfiei no bolso de trás.

Liam estava na liderança. — Chaves! — gritou ele para Gavin, que jogou as chaves sobre a cabeça de Liam e em suas mãos estendidas. Liam abriu a porta e nós pulamos para dentro. As chaves foram para a ignição e estávamos descendo a rua.

Estávamos a um quarto de milha da rua quando o motor deles rugiu atrás de nós. Os caçadores de recompensas estavam caçando. Booms ecoaram pelo ar, e nós nos abaixamos quando silvos de metal soaram contra o exterior do veículo.

— Filho da puta! Este é o meu carro novo!

— Não é nem novo nem o seu carro — apontou Liam, acelerando ao longo da reta.

— Plano? — perguntei.

— Não ser levado para a Ilha do Diabo... — Liam estremeceu quando o carro pegou um buraco —... E não levá-los para Moses.

— Eu gosto de ambos os planos — disse Gavin, agarrando a alça quando o veículo balançou.

— Precisamos de uma vantagem — murmurou Liam, seus olhos mudando entre a rua e o retrovisor. — E então nós estamos feitos.

Ele acelerou, colocando uma meia milha entre nós e o caminhão.

— Agora precisamos de um desvio — disse Liam, e empurrou o carro em uma curva à direita para a rua lateral, o que nos atirou com tudo contra o lado esquerdo do carro.

— Droga — murmurou Gavin. — Eu gostei deste carro.

— Eles o viram.

— Eu sei, mas não significa que eu tenha que gostar disso. Beco subindo à sua esquerda, trezentos metros.

Outra curva apertada, e Liam deslizou o Range Rover para o beco com poucos centímetros de cada lado, em seguida, passou por cima do asfalto e do cascalho.

— Lá! — gritou Gavin. — Há uma caminhonete na garagem a seis metros de distância. À sua direita.

Liam jogou o carro em um golpe que virou o estômago, e nós avançamos como se fôssemos atravessar a faixa estreita, e então paramos bruscamente.

Ele estacionou diagonalmente o Range Rover, bloqueando o beco atrás de nós. Subimos pelo veículo e passamos por uma casa em ruínas e entramos na garagem que Gavin havia visto.

As ervas cresceram no chão de terra da garagem. Mas a caminhonete era... Interessante. Era um Ford, provavelmente dos anos quarenta, relativamente pequena e cheia de curvas, a tinta original enferrujada em vermelho mosqueado.

O olhar de Liam estreitou-se. — Isso não é uma caminhonete. É um peso de papel.

— Provavelmente funciona melhor que a sua — disse Gavin. — Só preciso descobrir se ela se move.

Caminhei em direção à cabine, correndo os dedos sobre o estofado. O banco parecia sólido e os tecidos eram novos. E havia algo que eu gostava no banco estreito, enormes rodas e detalhes cromados.

Havia uma fina camada de poeira na maçaneta da porta. A caminhonete não foi dirigida por algum tempo, então pelo menos não estávamos roubando o carro de alguém. Isso não deu muito conforto à mecânica, mas gostei da aparência. Foi amor na primeira passagem enferrujada.

— Eu a quero.

Ambos olharam para mim.

— Essa coisa? — perguntou Gavin.

— Essa coisa. Eu gosto e a quero. Fique de olho — disse eu, depois abri a porta do motorista. Verifiquei debaixo dos tapetes, atrás dos visores, mas não encontrei um conjunto de chaves. Felizmente, o carro tinha idade suficiente para testar um truque que aprendi com meu pai, que temia que eu me ficasse presa em Nova Orleans sem um caminho para casa.

Peguei meu boné, vesti-o e escondi meu cabelo debaixo dele. — Canivete? — perguntei, estendendo a mão para Liam. Ele me observou com curiosidade enquanto Gavin ficava na beira da garagem, de olho na rua.

Liam tirou uma multi ferramenta do bolso e entregou-a.

— Obrigada — disse eu, e deslizei para o banco da frente.

Ou o couro estava em boa forma, ou fazia parte da aparente restauração. Metade do trabalho também foi feito na rede elétrica. O painel que cobria os fios sob o volante desaparecera, os fios eram novos e rotulados com fita adesiva. Isso era um bom sinal. Mesmo se o corpo fosse áspero, alguém teve tempo para substituir os fios. Isso significava que havia uma boa chance de que os mecânicos fossem bons também.

— Obrigada — murmurei; cuidadosamente tirei um pouco do isolamento dos cabos de ignição, os torci e liguei à bateria.

O motor rugiu para a vida, ecoando como trovão na garagem.

Enfiei os fios na cavidade, então me sentei e liguei o motor. — Espremam-se, e vamos dar o fora daqui.

Gavin subiu e deslizou sobre o banco de couro. — Droga, Claire. Você é fodona.

— Posso consertar as coisas — falei simplesmente, mas notei o orgulho e o interesse nos olhos de Liam.

Dei um tapinha no painel. — Vou chamá-la de Scarlet.

— Ela não é exatamente sutil — disse Liam, mas não havia desaprovação em sua voz. Somente cautela. — Você terá que ser cuidadosa.

— Ah, eu vou. — Porque ela era minha agora.

Coloquei Scarlet em marcha a ré, estiquei um braço no encosto do banco e a levei para a luz novamente.



Capítulo 17

Descobri, quando estávamos voltando para Mid-City, que enquanto eu gostava das curvas de Scarlet, não gostava da suspensão dela.

— Bem — disse Gavin —, foi uma viagem interessante.

— O que era aquele papel que você estava acenando?

— Registro do veículo — disse Gavin com um sorriso.

Acertei em cheio.

— Você quer nos dizer o que aconteceu lá fora? — Gavin fez a pergunta, mas eu podia sentir o olhar de Liam em mim.

Eu forcei palavras a sair, embora meu peito estivesse apertado com emoção. — Ela é Laura Blackwell. A mulher cujo nome estava na fatura da ADZ Logistics. A presidente da companhia.

O carro ficou em silêncio por um momento, e eu supus que eles estivessem debatendo se deveriam pedir mais detalhes. Eu salvei o problema.

— Ela é minha mãe — disse eu, olhando pela janela para ver os prédios passarem.

— Sua mãe? — disse Liam baixinho. — Ela não estava morta.

— Não. Meu pai mentiu para mim. — E eu ainda estava trabalhando meu cérebro em torno daquilo. — Ela aparentemente deixou meu pai, e não queria revisitar essa parte de sua vida. Eu acho que ele queria fechar esse Capítulo.

— Sinto muito, Claire.

Assenti. — Ela não me disse nada sobre Icarus. Ela disse que *protegeria o que era dela*.

— E ainda assim ela chamou a Contenção para sua própria filha — disse Gavin, então assobiou baixo. — Que vadia fria como pedra.

— Não posso discutir com isso. E eu acho que a Contenção emitiu uma recompensa por mim agora.

— E por mim — disse Gavin alegremente, se ajustando em seu assento e apertando seus ombros entre Liam e eu no banco. Talvez as pessoas fossem menores quando este carro foi construído. Ou não foi feito para os meninos altos e de ombros largos da família Quinn. — Já estava na hora. Eu estava começando a me sentir excluído. Agora somos os Três Amigos Procurados.

— Oh, bom — murmurou Liam.

— Aqui está a minha pergunta — disse Gavin. — Como Crowley conseguiu chegar lá na hora certa? Isso é uma grande coincidência.

— Não foi coincidência — disse eu. — Ou eles estavam observando o prédio, achando que poderíamos aparecer se o conectássemos com Icarus, o que parece muito improvável, ou alguém de dentro chamou Crowley quando me viu.

— Guardas da Contenção estavam patrulhando — disse Gavin. — Mais evidências de que isso é um problema da Contenção.

Eu não gostei das implicações. Mas as conexões com a Contenção eram inegáveis.

— Quanto mais descobrirmos — disse Liam —, mais fundo a Contenção vai. Gavin assentiu. — E mais eles tentam nos controlar.

— Estamos ficando sem tempo. — Liam falava dele, Gavin e eu – e todos os outros na corrida. E ele falava de Nova Orleans. E falava dos Paranormais. Todos ainda tocados por uma guerra que nunca havia realmente acabado. Apenas as táticas mudaram.

— Sim — disse eu. — Algo está se formando novamente. E alguém não quer que saibamos o que é.

* * *

Sem uma opção melhor, voltamos à casa de Moses. Nós estarmos lá era o suficiente para colocá-lo em risco, mas não havia nenhuma ajuda para isso.

Entramos no cômodo e encontramos Moses na mesa do computador com uma lata aberta de feijão, com a tampa enferrujada e dentada.

— Almoço? — perguntou ele com um sorriso, mas desapareceu quando olhou para nós. — Que merda aconteceu? Vocês entraram em uma briga novamente?

— A Contenção apareceu no prédio, assim como os bastardos de Crowley. — Liam tirou um lenço do bolso, depois se aproximou e pressionou-o na minha têmpora.

— Vidro, eu acho — disse ele baixinho, sua sobrancelha franzida enquanto tocava cuidadosamente na minha testa. Não senti um corte ali – pelo menos, não separado do milhão de pequenos ferimentos – mas a pressão doeu um pouco.

Eu estremeci, e sibilei o ar através dos meus dentes.

Liam ficou imóvel. — Você está bem?

Balancei a cabeça. — Estou bem. Obrigada.

Ele levantou minha mão, e a segurou no lenço. — Mantenha pressão sobre isso.

— Claro.

Moses estava olhando para mim quando Liam se afastou, e ele ergueu as sobrancelhas comicamente algumas vezes. O olhar de olhos estreitos que eu dei a ele colocou um pouco de rosa em suas bochechas.

Malachi entrou na sala, olhou para nós, então franziu a testa ao nos ver. — O que aconteceu?

— Para encurtar a história — disse Gavin —, Claire acabou de se apresentar para a mãe dela, que trabalha na ADZ, há uma recompensa por todos nós agora, e Crowley e a Contenção entraram em uma briga por causa das recompensas. — Ele ergueu um dedo. — E eu tive que me livrar do Rover, e Claire sabe fazer ligação direta em um carro.

Malachi olhou para mim, uma mistura de pena e raiva em seus olhos. — Isso foi uma coisa perigosa para fazer, confrontá-la. Mas necessário, suponho.

Eu apenas assenti, sentindo-me miserável com a lembrança.

— Não adianta brigar com ela por tentar falar com a família — disse Moses. Ele inclinou a cabeça para o lado. — Ela estava na ADZ, não é?

Assenti. — Indo para o prédio. Ela chamou a Contenção por nossa causa.

— Não admira que seu pai tenha se livrado dela. Boa viagem, eu digo.

Mas meu pai não havia se livrado dela. Ela se livrou dele, e de mim, tão rápido que eu não tinha uma única lembrança clara do rosto dela.

Lágrimas de tristeza, de frustração, de emoção reprimida surgiram em meus olhos, e olhei para longe, piscando os olhos.

— Preciso tomar um pouco de ar — falei, e saí antes que alguém pudesse me impedir.

Eu andei pela rua em plena luz do dia, irritada e machucada o suficiente naquele momento, que eu teria desafiado a Contenção a me levar. E teria jogado tudo que eu tinha. Cada gota de magia.

Eu estava tão cansada de fingir.

Algumas portas abaixo, além da casa amarelada de Moses, havia uma casa de campo com um balanço preso ao teto da varanda da frente. Correntes de plástico, que provavelmente nunca se degradariam, ainda estavam penduradas nos cantos da casa.

Testei a corrente de aço, as ripas de madeira. E quando segurou, sentei-me, e empurrei com meus pés. O balanço balançou para frente e para trás, depois de novo. Fechei os olhos e lamentei, deixei a tristeza me cobrir como a água escura perto de Montagne Désespérée.

Eu o ouvi caminhando em minha direção, seus passos na calçada. Liam andou com propósito. Não devagar, mas intencionalmente. Ele tomou seu tempo.

O pórtico rangeu quando ele pisou nele. Mantive meus olhos fechados, deixe-o olhar para mim.

— Eu perguntaria se você está bem, mas isso parece uma pergunta estúpida.

— Não sei como estou. — Esfreguei minhas mãos contra os meus olhos, minhas bochechas úmidas.

Silêncio, então: — Posso me sentar?

Abri os olhos, deslizei para um lado do balanço, e envolvi uma mão em torno de uma das correntes. O balanço estremeceu quando ele sentou, mas segurou.

— Estou decepcionada — disse eu. — Isso faz sentido?

Ele empurrou o balanço. — Sim.

— Eu me sinto uma idiota dizendo isso. Desapontada com a minha mãe. Eu pensei que ela havia morrido, que eu nunca teria a chance de vê-la. E agora eu tive essa chance, e ela não é o que eu queria. Nem mesmo perto.

— Ela nunca foi — disse Liam calmamente.

— Eu sei. Isso é o que mais dói.

— Não há problema em lamentar.

— Eu acho. — Descansei minha cabeça na parte de trás do balanço, e olhei para o teto da varanda. Alguém pintou um mural lá – uma segunda fila marchando pela rua atrás de uma noiva e noivo, todas as cores fortes e lascas de tinta. Houve danos causados pela água em alguns pontos, e lascas em outros. Mas ainda era uma bela representação do que havia sido.

— Antes da guerra — ouvi-me dizendo —, quando outras crianças iam às compras com as mães, ou as mães as deixavam na escola, ou o que quer que fosse, ficava imaginando como seria. Meu pai se esforçou para impedir que eu me sentisse diferente. Mas eu fiz. Eu me senti diferente, mas não lamentei, porque eu não tinha exatamente perdido nada.

— Já passou — disse Liam.

Eu assenti. — Sim. E agora, eu a tenho de volta, mas isso é quase pior. Eu descobri que meu pai mentiu para mim, provavelmente para me proteger. Que minha mãe era fria e não cuidava de mim. Que ela ainda estava na cidade e aparentemente trabalhando para a Contenção, embora eu não tenha certeza se ele sabia disso. E, além disso, descobri que ele coletava objetos mágicos, era um Sensitivo, e estava namorando Erida. E ele não me contou sobre nada disso.

— Você teve algumas semanas difíceis.

Meu suspiro foi meio esgotamento, meio riso. — Sim. Algo assim.

O silêncio caiu novamente, o único som era do rangido do balanço enquanto Liam o empurrava para trás e para frente, para frente e para trás.

— Magia matou Gracie — disse Liam. — Agora eu sou mágico. Eu tive que lidar com isso, aceitar.

— Você está enganado.

Ele balançou a cabeça. — Você não entende, Claire. Sua magia é diferente.

— Magia é magia. Não é bom nem ruim mais do que essa árvore... — apontei para uma magnólia que fazia o selo postal de um jardim da frente —... É boa ou ruim. É totalmente o que fazemos com ela.

O balanço era perpendicular a varanda, de modo que ficamos de frente para a lateral da casa ao lado, um chalé não muito diferente daquele. Ele manteve o olhar naquela casa, com sua pintura azulada e madeira podre.

— Você não herdou o mal de Ezequiel — disse eu, calmamente. — Não é assim que funciona. E magia não matou Gracie. Ignorância o fez. Ignorância e

medo que mantinham os espectros, que os impediam de obter ajuda quando precisavam. Espectros não lançaram feitiços nela e nenhum feitiço foi lançado neles. Eles foram vítimas da ignorância humana como ela, porque nos recusamos a deixá-los controlar sua magia. Eles foram vítimas da guerra, assim como Gracie.

Eu o cutuquei com um ombro. — Uma vez, você me apresentou a Moses, então eu percebi que nem todos os Paras eram ruins. Eu diria que isso também funciona para os humanos.

— É falta de educação jogar minhas palavras para mim.

— Sim, é.

Nós balançamos em silêncio por mais alguns minutos. E quando Liam colocou a mão sobre a minha, eu não me afastei.

* * *

Quando chegamos à casa de Moses, Darby se juntou a eles, seu veículo utilitário estacionado no espaço estreito entre a casa dele e o vizinho.

Sua roupa – uma blusa vermelha e saia godê com bolinhas brancas – eram um grande contraste para a expressão sombria.

— Estávamos esperando vocês voltarem — disse Malachi gentilmente, depois assentiu para Darby.

Ela não perdeu tempo. — Eles estavam definitivamente sintetizando algo.

— Quem? — perguntou Gavin, obviamente confuso. Eu não podia culpá-lo.

— Quem criou o arquivo Icarus. Eu estava certa sobre isso ser o plano, por falta de uma palavra melhor, para a síntese – a criação – de algo biológico.

As sobrancelhas de Malachi levantaram. — Que tipo de coisa?

— Um vírus.

— Oh, merda — disse Gavin.

Nenhum detalhe era necessário para pensar que um departamento do governo criar um vírus era uma coisa ruim. Uma coisa muito, muito ruim.

— Que tipo de vírus? — perguntou Liam.

— Chame do que você quiser — disse ela. — É um vírus completamente *novo*. Um vírus que foi criado no laboratório a partir do zero. Assim, o termo *sintetizado* tem elementos de outros vírus. Estruturas de proteína emprestadas aqui, estruturas de bactérias emprestadas ali, mas a composição, a totalidade, é

completamente nova. — Ela ergueu o olhar para Malachi e parecia absolutamente sombria. — E a pesquisa não é apenas teórica.

O ar pareceu sair da sala completamente.

— Vacherie — disse Malachi.

Ela assentiu. — Testei os frascos. — Ela puxou uma pasta de uma bolsa de couro vintage em cima de uma das pilhas de Moses, em seguida, pegou uma folha de papel que mostrava dois gráficos.

Ela veio em nossa direção e apontou para o gráfico. — Isso é do esboço do arquivo... O esboço que encontramos na Rede da Contenção. — Então ela apontou para o gráfico à direita. — Esse é o teste do sangue dos Paranormais de Vacherie.

As linhas nos gráficos eram quase exatamente as mesmas.

— *Merde* — disse Liam, juntamente com Gavin.

— Icarus envolve um vírus — disse Malachi. — Um vírus que adoece e mata Paranormais.

Mas não apenas Icarus, eu pensei enquanto a tontura me dominava e as bordas da minha visão escureciam. Estendi a mão para a parede e deixei-me deslizar para o chão para que eu não desmaiasse.

— Claire! — disse Darby, e ouvi sua voz se aproximar. — O que está errado? Você está bem? Você está doente?

— Diga a ela — disse eu, olhando para o chão. — Eu não posso... Apenas diga a ela.

— O pai de Claire disse a ela que sua mãe estava morta — disse Liam calmamente. — Acontece que ela não está. Ela é a presidente da ADZ Logistics. Ela é parte de Icarus.

Até mesmo Darby ficou pálida. — Oh meu Deus. — Ela levantou a mão. — Espere, espere. Não vamos entrar em pânico. Só porque ela dirige ADZ não significa que ela está envolvida nisso.

— Ela está envolvida. Ela é Laura Blackwell.

— Como ela é?

Dei-lhe a descrição.

— PCC Research — disse Darby. — Eu me lembro de ter visto uma mulher assim na PCC Research, ou antes de sair, de qualquer forma. Ela era muito bonita. Uma mulher impressionante. Ela não estava em minha divisão, e nós estávamos muito segmentados, então eu não a conhecia. Apenas de vista.

— Que divisão? — perguntou Liam.

A pele branca leitosa de Darby ficou mais pálida. — Biológica.

Minha mãe estava viva.

Minha mãe era uma cientista.

Minha mãe era uma assassina.

— Preciso de um bom xingamento em Cajun — disse eu miseravelmente.

— Comece com *fijs de putain* — disse Gavin. — Significa *filho da puta*.

Eu repeti para ele, e apenas um pouco deformado.

— Não está ruim — disse ele. — Precisamos trabalhar no sotaque, mas isso não está ruim.

Liam deslizou para o chão ao meu lado. Ele não me tocou, provavelmente podia sentir que eu não estava preparada para isso. Mas o fato de literalmente se mudar para o meu nível apenas para me apoiar, quase me destruiu.

— Como funciona o vírus? — perguntou Malachi. — Como isso os matou?

Darby se levantou, olhou para Malachi. — Dados os sintomas que você descreveu, eu estou pensando que isso age como uma infecção bacteriana, desencadeando a resposta imunológica... Septicemia ou choque séptico.

— Como a Contenção poderia tê-los infectado? — perguntei, olhando para Malachi. — Você disse que eles tiveram reforços antes de saírem da Ilha do Diabo, certo? Não deveria tê-los protegido de doenças, mesmo desta?

— Espere — disse Darby, estendendo a mão. — O que você quer dizer com *reforços*?

— Injeções que aumentam a imunidade — disse Malachi —, dadas aos poucos Paranormais que conseguiram passes pouco antes de saírem da Ilha do Diabo.

— Talvez não fossem reforços da imunidade — disse Liam sombriamente. Depois olhou para Malachi: — Todos os Paras de Vacherie receberam as injeções?

Malachi ficou quieto por um momento, mas sua expressão parecia fria de raiva. — Todos, menos um. Ele se atrasou para o check-in da clínica e perdeu.

— Ele está doente? — perguntou Darby.

Malachi balançou a cabeça. — Não. Mas todos os outros receberam as injeções. E eles estão doentes ou mortos.

— É uma pequena amostra — disse Darby. — Pequena demais para ter certeza, mas seria uma coincidência se o cara que não recebeu a injeção também não adoecesse. Tem alguém doente na Ilha do Diabo?

— Não, de acordo com Lizzie — disse Liam.

— Se você quer ferir os Paras, por que injetar apenas naqueles que estão deixando a Ilha do Diabo? — perguntou Gavin. — Você poderia fazer mais danos administrando injeções para aqueles que ficam para trás.

— Porque a Ilha do Diabo está no meio de Nova Orleans — disse Liam. — Cercada por humanos. E a Contenção não quer que eles fiquem doentes.

— Enquanto que os Paras estando em áreas isoladas — disse Malachi —, há apenas alguns humanos em volta.

— Então, talvez eles ainda estejam testando — disse Gavin —, ou com muito cuidado em implantá-lo.

Liam assentiu. — Primeiro você testa nos Paras que estão saindo de Nova Orleans, até confirmar que não é contagioso, que não se espalhará para humanos.

— Gunnar não teria deixado isso acontecer. — Elas foram as primeiras palavras que eu disse em um tempo, e estavam revirando meu estômago. Eu olhei suplicante para Malachi. — Ele não teria.

— Ela está certa — disse Liam. — Gunnar é um cara bom. Ele faz parte da Contenção, mas a cadeia de comando não é tão importante para ele quanto a integridade. Ele não teria autorizado a infecção intencional de Paras, e certamente, não o assassinato. E se ele não deu autorização, e soubesse que alguém queria fazer isso de qualquer maneira, ele teria espalhado a palavra.

— O que significa que ele provavelmente não sabia disso — disse Gavin. — Então, tanto a Contenção não está nisso, ou está sob os olhos deles, e apenas algumas poucas pessoas têm acesso.

— A Contenção está nisso — disse Liam. — O arquivo estava na rede. Guardas da Contenção estavam do lado de fora do prédio onde Blackwell estava trabalhando. Os irmãos Caval estão envolvidos, assim como a casa segura da Contenção.

— Estou preso à eficiência — disse Gavin. — Por que alguém na Contenção, ou afiliado com a Contenção, faria isso? Você quer tirar Paranormais, tirá-los na Ilha do Diabo. Inferno, eles poderiam ter deixado Reveillon ter o controle do lugar. Por que sequer lutar contra isso?

— Porque Reveillon matou os agentes da Contenção — disse Malachi. — Eles não teriam destruído apenas a Ilha do Diabo e os Paras. Eles teriam tomado o poder completamente. Isso é diferente.

— Talvez — disse eu —, mas se você destruir os Paranormais, você destrói a razão da existência da Contenção. Sem Paranormais, sem dinheiro federal, sem Ilha do Diabo.

Liam olhou para Malachi. — Você sabe quantos receberam as injeções?

Malachi balançou a cabeça. — Não precisamente. Nós sabemos que há aproximadamente quarenta Paras com passes agora.

— Quarenta acusações de assassinato — disse Moses, sua voz baixa e tingida de raiva.

— Quarenta e dois, se você contar Broussard e Caval — disse Liam. — Broussard descobriu sobre Icarus, sobre Caval.

— Eles mataram Broussard porque ele descobriu muito — disse eu a Liam. — E colocaram a morte dele em você porque fazia sentido e comprava algum tempo para eles. Dirigindo a investigação para longe do que Broussard estava investigando.

— É — disse Liam —, isso parece certo.

— Precisamos conversar com a Contenção — disse Darby. — Parar a vacinação imediatamente.

— E como nós ajudamos aqueles que já foram infectados? — perguntei.

— Que tal um antivírus? — perguntou Gavin, olhando para Darby. — Eles foram desenvolvidos para alguns vírus, não foram?

— Antivirais precisam sorte e dinheiro... E, o mais importante, o tempo — disse Darby. — Não temos nenhum desses recursos agora. E esse plano pressupõe que esse vírus em particular seria suscetível a um antiviral. Nem todos os vírus são.

— Talvez tenhamos sorte — disse Gavin. — Você tem cérebro e um laboratório. Vale a pena procurar.

— Eu não me recuso a ajudar — disse Darby —, mas você não pode confiar nisso. Você terá que fazer isso da maneira antiga... Terá que ir até a fonte.

— Temos que contar a Gunnar toda a história — disse eu. — Temos que avisá-lo.

— Quarenta alvos — disse Liam calmamente. — Se Deus quiser, podemos salvar alguns deles.

* * *

Darby passaria a mensagem para Gunnar, desta vez no caminho de volta para seu laboratório. Nós decidimos nos encontrar em nosso antigo ponto de encontro, uma velha igreja no bairro de Freret. Gunnar não esteve lá antes, mas era hora de trazê-lo para aquele círculo em particular, e nós não nos encontramos na igreja em semanas, de qualquer maneira. Gavin ficou com Moses. Malachi poderia sair, como sempre fazia.

Pedi a Moses um pequeno favor antes de partirmos, e ele providenciou sem comentários. Então dirigimos Scarlet para a igreja, simples, bonita e em grande parte abandonada.

Dois passos curtos nos levaram a portas duplas da frente. As paredes eram tábuas de madeira branca, a pintura descascada, as palavras na placa da frente há muito desgastadas, com exceção dos APÓSTOLOS. Talvez essa fosse a única palavra que importava.

Estacionamos na esquina e seguimos o padrão de esperar e assistir antes de se aproximar e caminhar até os degraus da frente. As portas estavam destrancadas, mas pesadas. Liam abriu uma e nós entramos.

A igreja tinha um pequeno vestíbulo e um santuário maior, de madeira do chão ao teto abobadado. O silêncio, a escuridão, a mesmice disso me fizeram sentir um pouco melhor. Quando parecia que tudo estava mudando, os poucos lugares que ficaram eram um conforto.

Caminhei até o púlpito na frente e coloquei as palmas das mãos na superfície, a madeira era suave onde outras pessoas fizeram a mesma coisa ao longo da história da igreja. Deslizei minhas mãos para cada lado da maneira que um pregador poderia ter feito enquanto examinava sua congregação, refletindo sobre seus fardos e pecados, tentando descobrir a melhor maneira de alcançá-los. Cem anos de sabedoria e poder usados como uma mancha na madeira. Talvez alguma coisa se infiltrasse em meus dedos; nós precisávamos de toda a ajuda que pudéssemos conseguir.

— Que show de horror absoluto.

— Não é sua culpa — disse Liam.

— Ela é minha mãe. Meu sangue.

— E, em vez de tomar o tipo de decisão que ela tomou, você está fazendo o que pode para ajudar o mundo, e não para derrubá-lo.

Ouvimos um bater de asas no alto, um arrulhar suave. Um som melancólico, com penas de uma paleta e cinza cintilante, pousou em uma das vigas de madeira expostas que sustentavam o telhado da igreja.

— Sempre achei que o som das pombas era assustador — disse Liam enquanto olhava para cima e estudava o pássaro.

— Concordo. E muito triste.

Sem aviso prévio, as pesadas portas de carvalho começaram a sacudir e estremecer, como se estivessem sendo agredidas do lado de fora.

— Merda — disse Liam, e puxou uma arma do bolso. Era menor que a 44, que ele mantinha em seu caminhão. Negra e elegante, parecia uma arma de serviço da Contenção, aquelas que pareciam mais armas de atordoamento.

Virei ao redor do púlpito, ficando ao lado dele, corpo preparado para uma luta. — A Contenção não deve saber onde estamos. Gunnar não diria.

As portas se abriram, corpos em silhueta contra a luz do sol brilhante do lado de fora.

— *Whoa* — disse Gunnar, suas feições vazias enquanto entrava na sala, mantendo seu corpo na frente da porta para proteger o resto deles de qualquer violência que possamos fazer acidentalmente. — É somente nós.

— Desculpe — disse Liam, guardando a arma. Malachi e Erida entraram atrás de Gunnar.

— A porta ficou presa — disse Gunnar. — Nós achamos que tinham pegado vocês primeiro, ou teríamos batido.

— Eles estão vindo por vocês — disse Malachi.

— O que você quer dizer? — perguntou Liam.

— A Contenção — disse Gunnar. — Eles aumentaram as recompensas de todos vocês.

— Por causa do que aconteceu antes?

— O que aconteceu? — perguntou Gunnar. — Nos disseram para nos encontrarmos aqui, mas não conseguimos detalhes.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Liam a Erida, ignorando a pergunta de Gunnar. Seu tom era tão agudo quanto seu olhar. — Você deveria estar com Eleanor.

— Não recebo ordens de você — disse ela, jogando o cabelo escuro por cima do ombro. Ela usava leggings, botas até o joelho e uma blusa de manga curta, e parecia pronta para uma ação militar ou uma competição de polo. — E eu não teria vindo se Eleanor não estivesse segura. Ela está com Roy, e está segura. Eu apostaria minha vida nisso.

— Com certeza — rosnou Liam.

— Por que precisamos de ajuda? — perguntou Gunnar. — O que está acontecendo?

— Você encontrou Caval? — perguntou Liam.

Os olhos de Gunnar endureceram. — Sim. Recebi uma mensagem do que era possivelmente o pior nome falso que já vi, que o assassino de Broussard era um agente chamado Caval e dizendo onde encontrá-lo. O forense o encontrou, está testando o DNA. — Ele olhou para Liam. — Eu acho que você o encontrou assim?

— Como chegamos lá está envolvido, e nós chegaremos a isso. Quanto tempo durará o teste?

— Devem ter os resultados hoje à tarde, o mais tardar, amanhã. Se for o sangue de Broussard, isso ajudará a limpá-lo. Ajudaria mais se pudéssemos explicar a arma do assassinato.

— Deixe-me esclarecer para você — disse Liam. — Acreditamos que os Paras que estiveram morrendo foram infectados por um vírus... O mesmo vírus encontrado no arquivo Icarus que Broussard localizou na Rede da Contenção. Nós achamos que a Contenção, ou um ramo conectado à Contenção e dirigida por uma cientista chamada Laura Blackwell, sintetizou o vírus. Acreditamos que a Contenção administrou aos Paras com passes através de um *reforço de imunidade*. É a razão pela qual os Paras em Vacherie ficaram doentes e a razão pela qual eles estão mortos agora. É a razão pela qual Broussard está morto.

Gunnar apenas olhou para ele, e vi a rejeição instantânea em seus olhos. A rejeição da possibilidade de que sua organização fosse responsável por algo assim. — Você está errado. Não há nenhuma maneira no inferno de que a Contenção administraria um vírus aos Paras ou a qualquer outra pessoa.

— Nós estamos certos — disse Malachi. — Amostras de sangue foram verificadas. — Ele ofereceu a Gunnar o papel que Darby havia imprimido.

— Três mortos? — Gunnar franziu a testa, passou a mão pelo cabelo ondulado enquanto olhava para o papel.

— Até agora — disse Liam —, dos quarenta que receberam injeções. Eles são todas vítimas em potencial.

— Não há doenças dentro da Ilha do Diabo — disse Gunnar. — Eu sei.

— Os únicos Paras que receberam as injeções, até onde sabemos, têm passes — disse Liam. — Ninguém voltou ainda.

— Não conheço ninguém chamado Laura Blackwell — disse Gunnar. — Se ela é parte disso, quem quer que seja, ela não está na nossa folha de pagamento.

— Se ela não está sendo paga pela Contenção, ela está sendo paga pelo PCC — disse Liam. — A Contenção está nisto até o pescoço. — Ele olhou para mim, hesitante em dar o próximo passo.

Eu poderia muito bem acabar com isso. — E ela é minha mãe.

Gunnar piscou, então olhou para mim. — Ela é sua... Mas sua mãe está morta.

— Não, ela está muito viva e trabalhando em um lugar na Elysian, chamada ADZ Logistics. Ela é minha mãe, casada com meu pai, e foi embora pouco depois de eu nascer porque não estava interessada em ser mãe.

— Oh, Claire — disse Gunnar. — Eu sinto muito. E que movimento idiota.

— Nenhum argumento — consegui dizer.

— O arquivo Icarus que Broussard encontrou foi criado na ADZ — explicou Liam. — Nós fomos vigiá-lo e ela foi a primeira a entrar no estacionamento. Claire a confrontou, e ela chamou a Contenção para nós.

— Darby descobriu que o arquivo era um plano para a síntese de um produto biológico — disse Malachi. — Paras com passe estão ficando doente, e ela combinou com o vírus que os adoeceu com essa síntese e os chamados reforços de imunidade.

— Você tem provas concretas de que as injeções contêm o vírus?

O olhar de Malachi era quente. — Nós temos os resultados do teste dela. Você gostaria de provar a injeção e ver?

— Não estou duvidando de você. Eu gostaria de poder duvidar de você. Eu quero que você esteja errado.

— Mas? — perguntou Liam.

— Mas não consegui encontrar nada sobre Icarus, então eu perguntei a um aliado no departamento. Ele riu, e disse que eu tinha muito a fazer a me preocupar com um projeto de estimação de alguém de DC.

— Interessante — disse Liam.

— Não é? — Gunnar olhou para mim, simpatia em seus olhos. — Eu diria que você não deveria ter confrontado sua mãe. Exceto que eu faria exatamente a mesma coisa na sua situação. Não que isso faça muito bem.

Assenti. — Sim. Não foi o meu movimento mais sábio. Mas precisava ser feito.

— Eu sinto muito mesmo.

— Eu também.

Gunnar olhou para Liam. — E Broussard? Caval?

Liam assentiu. — Broussard foi morto por Javier Caval. Ele e seu irmão, Lorenzo, estavam envolvidos em um projeto da Contenção... Algum tipo de programa de operações secretas que pagava muito, muito bem. E como o destino é uma cadela retorcida, um amigo em comum deu a Lorenzo minha faca... A que foi usada para matar Broussard.

Continuei a história. — Achamos que é possível que ele tenha matado Javier; aparentemente eles tiveram um desentendimento sobre o projeto. Lorenzo mora no quartel no Canal, e isso é tudo o que temos dele.

— Eu conhecia os irmãos Caval — disse Gunnar. — Não muito bem, mas ouvi falar deles. Alguns deméritos menores por causar problemas, começar brigas.

— Impulsivos? — perguntei, e Gunnar assentiu.

— Não estou ciente de que eles estão envolvidos em algo incomum. Mas, novamente, eu provavelmente não estaria. Isso é para seus comandantes de divisão. Preciso enviar alguém ao quartel — disse ele, quase para si mesmo. — Enquadrar Lorenzo, ver o que ele sabe.

Ele considerou por um momento, então olhou para Malachi. — Presumo que você esteja em comunicação com os Paras em Vacherie?

Ele assentiu. — O não médico, como ele é referido, ainda está lá, tratando como pode.

— Bom — disse Gunnar, em seguida, passou a mão pelo cabelo. — Assim que eu sair daqui, eu vou tomar providências para enviar médicos nas outras

instalações. — Ele olhou para Malachi. — E garantirei que isso não acabe com a licença deles. Eles trabalharam duro demais para a pouca liberdade que lhes foi concedida.

— Eu concordo, e agradeço.

Gunnar andou até o final da igreja e voltou, as sobrancelhas franzidas enquanto olhava para o chão, trabalhando em seus passos mentais. — Tenho que falar com o comandante — disse ele quando nos alcançou novamente. — Sobre parar as injeções, sobre parar o projeto, que é contra tantas leis e tratados internacionais, eu levaria uma hora para explicá-lo.

— Sem mencionar, fundamentalmente errado. — A voz de Malachi era um baixo ronco de raiva. Malachi não era o único chateado.

— Não estou dizendo que não seja errado — disse Gunnar. — Estou dizendo que é ilegal. Dentro da minha organização, isso importa.

— Quando lhe convier.

Gunnar deu um passo em direção a ele. — Nós ficamos entre os exércitos que vieram do seu mundo para destruir o nosso. Somos perfeitos? Não. Temos feito o melhor que podemos para manter a paz neste mundo? Para salvar o que poderíamos? Sim.

— Eu não suportarei mais corpos mortos.

— Hey — disse eu, e entrei entre eles. — Vocês dois, recuem. Esta situação é realmente difícil, e pode irritar por várias razões ao mesmo tempo. Não é uma maldita competição.

Eles se encararam por mais um longo minuto antes de se separarem novamente.

— Se as cordas estão sendo puxadas em DC, vai ser complicado.

— Ele não pode simplesmente sentar sobre isso — disse eu. — Ele não pode ficar sem fazer nada.

— Eu não disse que ele não iria agir — disse Gunnar. — Mas há uma cadeia de comando. É militar e faz parte do jogo. Se quisermos que ele contorne esse sistema, teremos que ter um caso muito convincente. Bem, eu terei. Porque esse é o meu trabalho.

— Mencionar o nome de Eleanor pode ajudar a fazer as coisas acontecerem em Washington — disse Liam, olhando para Gunnar. — Ela está conectada o suficiente, e estaria a bordo. Use isso do jeito que precisar.

— Aprecio — disse Gunnar, com uma expressão que confirmava as palavras. — Estamos precisando de toda a ajuda que pudermos conseguir.



Capítulo 18

Esperamos na igreja, aguardando nosso tempo, para saber o que, ou nada, o Comandante faria ou poderia fazer para parar o pesadelo.

Ficamos sentados no chão, onde os bancos estiveram uma vez. Malachi, Erida, Liam, eu. Liam vasculhou garrafas de água da fresta do padre sob o piso e passou para nós. Nós bebemos calmamente, conversando sobre o que sabíamos sobre o projeto e o que ainda não sabíamos.

Ouvi o estrondo primeiro, o som de um motor estrondoso a poucos quarteirões de distância. E então, palavras sussurradas encheram o ar.

— O que é isso? — perguntou Erida. Nós nos levantamos e entramos no foyer; espiamos através do vidro encardido para olhar para fora.

Era um veículo da Contenção, um caminhão pesado com sua carroceria coberta por lona. Um transportador de tropas, provavelmente. Um homem estava na parte de trás do caminhão, com o megafone na mão.

— Atenção! A Contenção emitiu recompensas para Liam Quinn, Claire Connolly, Gavin Quinn. Se você tiver informações em relação a esses indivíduos, comunique-se com um agente da Contenção ou com um capitão do bloco. Atenção! A Contenção emitiu...

O caminhão seguiu em frente, seus passageiros indiferentes ao fato de que acabaram de passar por dois dos três fugitivos que eles mais queriam.

— Alguém está morrendo de medo — disse Malachi, olhando para nós. — Eles não são isolados o suficiente... Ou o projeto não está longe o suficiente, que eles acreditam que estão imunes a reveses. Eles temem que vocês os parem.

— Bom — disse eu. — Porque nós vamos.

Nós precisávamos apenas ficar livres o tempo suficiente para fazê-lo.

O que ele não disse, é claro, foi que essa preocupação também poderia fazer Laura Blackwell e Lorenzo Caval enlouquecerem. E machucar mais pessoas.

* * *

Demorou três horas para a porta estremecer e ser aberta novamente. Gunnar entrou e, uma vez mais, ele não estava sozinho.

Uma mulher entrou atrás dele. Uma mulher bonita. Pele clara e cabelos longos e escuros presos em um nó alto. Seus olhos eram de um azul vítreo que se aproximava do verde, de nariz fino e reto, e lábios exuberantes. Ela era alta e magra, usava jeans e uma camiseta da Tulane com o tipo de autoconfiança que me dizia que ela poderia usar um uniforme ou um vestido de coquetel com a mesma confiança.

— Essa é Rachel Lewis. Ela é uma colega e é confiável — disse Gunnar, as palavras pronunciadas como uma espécie de promessa. O que era bom, porque todos olhavam para ela com óbvia suspeita.

Provavelmente sentindo isso, ela encontrou cada um dos nossos olhos, por sua vez, checando, avaliando e prometendo que não era uma inimiga. E então o olhar dela – líquido e intenso – caiu sobre Malachi, e ela ficou absolutamente parada.

Olhei para ele e encontrei a mesma intensidade em seu rosto, exceto pelo fato de estar marcado com seu temperamento. Normalmente frio, calmo e vazio, Malachi agora parecia aturdido, em alerta, pela mulher que estava parada diante dele.

— Capitã — disse ele, mordendo a palavra como se tivesse deixado um gosto amargo em sua boca.

— General — disse ela. Se suas emoções estavam agitadas como em Malachi, ela estava fazendo um trabalho muito melhor em esconder. E não era interessante? Teríamos encontrado alguém que finalmente desafiava seu controle notável?

— Vocês se conhecem? — perguntou Gunnar.

— Durante a guerra — disse ela, sem tirar os olhos de Malachi. Eu também podia entender isso. Ele era muito intenso. — Havia uma unidade de humanos e Paranormais que auxiliaram no fechamento do Véu.

— Operações negras — acrescentou Gunnar, e ela assentiu com a cabeça.

— Mas nós não nos vimos desde então. — Mesmo com seu lindo sotaque sulista, suas palavras eram entrecortadas.

— Não — disse Malachi, e não havia nada agradável em seu tom agora. — Não vimos.

— Bem — resmungou Gunnar —, vamos contornar o que quer que seja e começar a trabalhar. O Comandante está muito preocupado com o que encontramos. Rachel é a diretora de operações do Comandante, e ela está emprestada para nós por enquanto.

— Acha que o Comandante acredita em nós? — perguntou Liam.

— Não há documentação que confirme que Icarus é um projeto da Contenção em Nova Orleans.

— Nenhuma documentação *oficial* — disse Liam, e Gunnar assentiu.

— Exatamente. Mas os recursos da Contenção estão claramente sendo usados — disse Gunnar. — Vocês encontraram muitas provas disso.

— Como você concilia isso financeiramente? — perguntei.

— As ordens vieram do alto — disse Gunnar. — Resumindo, Icarus começou como um projeto conjunto do Comitê de Serviços Armados do Senado e do FBI. Foi iniciado depois que o Véu foi identificado, antes da guerra. Uma contramedida no caso de alguma coisa acontecer.

— Genocídio preventivo? — perguntou Malachi.

— Eu definitivamente chamaria isso de uma arma biológica — disse Gunnar. — Além disso, estamos assumindo fatos que eles não conheciam. Havia apenas o desconhecido, muito medo e um desejo de proteger o público, para melhor ou pior.

— Os planos não foram muito longe — continuou ele. — Havia ideias vagas sobre a síntese de algo com poder biológico, mas como não sabiam nada sobre o que estava vivendo no Além... Ou especificamente sobre a anatomia Paranormal, eles não passaram da fase de ideias. Quando a guerra começou, o projeto foi suspenso e o material, dinheiro e pessoal transferidos para armas convencionais.

— Como ferro frio — disse eu.

— Como ferro frio — concordou Gunnar. — Laura Blackwell estava na equipe de síntese, mas guardou seu trabalho quando o financiamento foi cortado. E esse foi o fim de Icarus. Ou deveria ser.

— E então o quê? — perguntou Liam.

— A guerra continuou. Dezenas de milhares de mortos, propriedade destruída. Os políticos mais sensatos perceberam que desenvolver um vírus para infectar um mundo inteiro era muito antiético. Mas nem todo mundo era razoável.

— O medo faz as pessoas... Bem, pessoas — disse Liam.

— Sim — concordou Gunnar, com o rosto duro.

O plano era obviamente antiético, mas era compreensível em tempos de guerra, quando os humanos se preocupavam com a própria existência. Eu vi o exército que ainda esperava do outro lado do Véu. Aqueles soldados não estavam muito preocupados com o nosso genocídio; era a motivação primária deles. Por outro lado, os agentes biológicos não eram exigentes. Eles matariam soldados e civis, tanto os culpados quanto os inocentes. Por mais horrível que fosse a guerra, não era tão ruim assim.

— Os políticos irracionais? — perguntei.

— Eles recomeçaram Icarus. Criou a ADZ Logistics como uma empresa fantasma e canalizou o dinheiro diretamente do PCC para aquela entidade.

— E Laura Blackwell estava de volta ao laboratório — disse eu.

Gunnar assentiu com tristeza. — É o que parece.

— Qual é o próximo passo? — perguntou Malachi.

— Muito trabalho em muitos níveis — disse Gunnar. — O Comandante está se comunicando com vários membros do Comitê de Supervisão do Senado, solicitando uma revisão de Icarus.

— Quanto a Broussard — continuou ele, olhando para Liam —, o sangue nas mãos de Caval foi confirmado como sendo de Broussard e a escrita na parede na casa de Broussard incluía uma das impressões digitais de Caval.

— Lorenzo? — perguntei.

Gunnar sacudiu a cabeça. — Ausente. Limpou seu beliche. Nenhuma ligação óbvia com o Icarus deixada para trás. Seus lençóis, travesseiros ainda estavam lá, e eles serão testados. Mas isso não importa agora. Há amplas evidências de que Liam é inocente e o Comandante exigiu que as acusações fossem retiradas imediatamente. Ele não pode rescindir a recompensa por causa da magia

que Liam usou na casa de Broussard, porque havia testemunhas, e a Lei da Magia ainda está em vigor. Mas as acusações de assassinato estão fora da mesa.

Estendi a mão e apertei a mão de Liam. — Bom — disse eu. — Isso é algo, de qualquer maneira.

Gunnar assentiu. — Um passo de cada vez. — Ele olhou para Rachel, dando-lhe a permissão para continuar.

— Estamos trabalhando em mandados agora — disse ela. — Assim que os advogados fizerem seu trabalho, iremos para a ADZ Logistics, onde um grupo de agentes da Contenção e uma equipe do CDC irão inspecionar as instalações e apreender quaisquer produtos biológicos remanescentes.

— Você precisa de mandados para inspecionar um local da Contenção? — perguntou Liam.

— Não — disse Rachel —, mas não é tecnicamente um lugar da Contenção. É de propriedade privada, tanto quanto todos os registros oficiais mostram.

— Está fora dos livros — disse Liam.

— Está — reconheceu Rachel com um aceno de cabeça.

— Como discutimos anteriormente — disse Gunnar —, nós enviamos médicos adicionais para os locais de trabalho. As licenças foram temporariamente suspensas até termos certeza de que é seguro.

— Então você vai punir os Paranormais? — acusou Malachi.

— Vamos mantê-los dentro da Ilha do Diabo — disse Rachel. — Para o bem ou para o mal, é o local mais seguro que podemos oferecer a eles neste momento. Também não há casos de doença dentro da Ilha do Diabo, o que Lizzie confirmou. Você é bem-vindo para confirmar isso diretamente com ela, se puder.

Havia um desafio em sua voz. A capitã Lewis era boa.

— Se isso está sendo dirigido pelos níveis mais altos — disse Liam —, o Comandante está em apuros.

— Ele está ciente disso — disse ela. — Mas enquanto a Ilha do Diabo permanecer sob seu comando, ele agirá de acordo.

— Ajudaremos no que pudermos — disse eu.

Rachel deu uma olhada rápida para Malachi antes de olhar para o relógio. — Eu gostaria de voltar, porque assim posso repassar a operação.

— Claro — disse Gunnar. — Claro. — Ele olhou ao redor da igreja. — Vocês estão bem para esta noite?

— Estamos bem — disse Liam. — Vamos nos encontrar aqui de manhã?

— Vamos fazer na casa de Moses — disse eu. — Ele fica irritado quando não está incluído.

— Não posso discutir com isso — disse Liam. — No amanhecer, então.

Os arranjos foram feitos, e Gunnar e Rachel saíram.

— Eu preciso fazer alguns contatos — disse Malachi. — Eu vou vê-los de manhã.

— Eu também tenho algo que preciso cuidar — disse Liam, em seguida, olhou para mim. — Você pode voltar sozinha?

Eu assenti.

— Então eu verei você.

A promessa, por mais vaga que fosse, foi o suficiente para provocar um rubor em minhas bochechas. Ele falou essas palavras para mim, e meu corpo respondeu avidamente.

Desde que estávamos nos preparando para sair, eu me aproximei de Erida, a única que ainda não havia providenciado sua fuga.

— Posso falar com você antes de sair?

Se o pedido a fez suspeitar, ela não demonstrou. Mas então, seu rosto de pôquer era quase tão bom quanto o de Malachi. — Tudo bem.

— Talvez lá fora?

Suas sobranceiras levantaram, mas ela assentiu, me seguindo pelos fundos da igreja e para o lado de fora novamente. O sol estava se pondo, o céu manchado de laranja e roxo.

Andei a poucos metros de distância, me dando tempo para me preparar, depois me virei para ela. — Eu sei que você e meu pai eram amantes. É por isso que você me odeia?

Seu corpo estremeceu com a pergunta. Não me incomodou que eu a tenha chocado.

— Eu não te odeio, Claire. Eu nem mesmo te conheço.

Considerando o que vi ultimamente, eu não achava que conhecer alguém fosse um requisito para isso. Então fiquei quieta.

— Se você quer dizer — continuou, com a voz mais suave —, que eu odeio você porque você é filha da sua mãe... — ela fez uma pausa, parecendo reunir seus

pensamentos. — Eu não conhecia sua mãe. Eu só sabia o que ele me disse, que ela havia quebrado o coração de seu pai.

— Ele me disse que ela estava morta.

— Você mencionou isso — disse ela. Se ela tivesse julgado meu pai pela mentira, não mostrava no rosto dela.

— E agora eu sei que ela não está. Você também sabe disso agora.

Ela inclinou a cabeça. — Malachi me disse.

— Eu achava que meu pai e eu tínhamos essa vida simples e agradável. Antiguidades e MREs. Que minha mãe morreu, mas sobrevivemos juntos. — Olhei para ela. — Mas isso não é verdade. Ela ainda estava viva. Ele tinha magia, e ele tinha você. — Eu parei. — Por que ele não me contou?

Como se tivesse tempo, Erida foi até a grama que subia pela parede dos fundos da igreja e passou o dedo em um grupo de flores de lavanda. Então ela se virou. — Não sei. Eu pensei que ele havia contado, e que você simplesmente não queria estar perto de uma mulher que você via como uma substituta ruim para sua mãe.

— Ele lhe disse isso?

— Não — disse ela, com um sorriso suave. — Eu pensei que talvez ele tentasse acalmar meus sentimentos. Imagino que ele queria mantê-la segura do jeito que ele sabia... Mantendo-a longe da magia e mantendo a magia longe de você.

O mesmo instinto protetor que levou Liam para o bayou.

— Ele amava você, Claire, e ele queria construir um muro ao seu redor para mantê-la segura. Então, ele compartimentou a vida dele.

— Você protegeu Royal Mercantile dos monitores mágicos. — Era um palpite, mas eu tinha certeza de que estava certa.

Ela assentiu. — Ele estava preocupado que poderia usar sua magia sem pensar, disparar os monitores e trazer a Contenção. Ele não queria que você ficasse sozinha caso ele fosse arrastado para a Ilha do Diabo.

Mas acabei na Ilha do Diabo de qualquer maneira. Não arrastada, mas fui lá porque usei minha magia, me mostrei para a Contenção, e tive que pedir a Moses para apagar a evidência.

— Ele tinha planos para você e para a loja, para a vida quando as coisas voltassem ao normal. Ele estava trabalhando em um segundo local para a loja...

Um antigo posto de gasolina Apollo em Carrollton. — Então ele disse a ela sobre o posto de gasolina, ou pelo menos, parte disso.

— Você não sabe se ele terminou? — Tentei manter a minha voz neutra, mas foi difícil.

O sofrimento estava claro em seus olhos. — Não sei. Eu protegi enquanto ele estava restaurando, mas precisei sair de Nova Orleans. A disputa em Shreveport estava aumentando e eu era necessária. Fiquei fora por dois meses... E ele se foi quando voltei.

— Sinto muito.

— Eu sei que você o perdeu. Mas eu também o perdi.

Eu assenti.

— Não estive no prédio desde que ele morreu. Já faz tanto tempo que nem tenho certeza se poderia encontrá-lo novamente.

Nós duas perdemos meu pai. Talvez fosse hora de encontrar algo novo.

— Eu sei onde está — disse eu. — Ele terminou. Talvez eu possa mostrar para você algum dia.

Ela me olhou por um longo tempo, uma dúzia de emoções passando em seu rosto. — Eu gostaria disso — disse ela finalmente, o acordo entre nós feito, e talvez algo forjado.

* * *

Eu dirigi Scarlet para o posto de gasolina, estacionando-a em um slot estreito no beco atrás dele, e a cobriu com um par de lonas que encontrei em uma garagem próxima. Elas a manteriam em segurança, ou pelo menos a faria parecer desinteressante para os observadores casuais.

Era irônico que eu não pudesse estacionar meu carro recém-adotado no posto de gasolina em que eu morava, mas nenhuma das portas da garagem funcionava. Todas foram fechadas e seladas para manter a temperatura e a umidade consistentes. Então, até chegar a um plano melhor, era o beco para ela.

Dei a volta pelo quarteirão, esperei um pouco para garantir que tudo estava limpo, e então olhei.

A placa de Snoball que eu encontrara na casa amanteigada de Moses – o qual eu deixara lá – estava ao lado da porta do posto de gasolina. A sujeira foi removida, de modo que o metal cintilava, as letras eram brilhantes e sedutoras.

Eu andei em direção a ela, ajoelhei-me e passei um dedo pelo relevo levantado de cada letra. Memórias de outra época, como se inchadas pela história que elas continham.

O ar mudou, levantando o cabelo na parte de trás do meu pescoço.

Lentamente, levantei-me e olhei para trás.

Liam estava a quinze metros de distância, com as mãos ao lado do corpo, o desejo exposto em seu rosto. Seus olhos brilhavam – azuis, depois dourados, depois azuis, suas sobrancelhas unidas com uma intensidade que parecia um guerreiro, um lobo. De um homem em uma missão.

A luxúria subindo tão quente, tão brilhante, que poderia ter sido uma estrela em formação.

— Você parecia querer isso. Daquela casa perto de Moses, quero dizer.

Assenti e me senti como um copo de vidro, frágil e pronto para quebrar. Foram necessárias duas tentativas para conseguir falar. — Obrigada. Ficará bem lá.

Liam assentiu.

— Me desculpe — disse ele, e pude ver a verdade disso em seus olhos. — Eu sinto muito por ter deixado você sozinha.

Eu corri para ele, e ele me recebeu com braços fortes. — Me desculpe — disse ele no meu cabelo. — Eu sinto muito. Pensei que estava fazendo a coisa certa.

Em seus braços, eu quebrei, despedaçando em um milhão de pedaços. — Você nos deixou.

— Eu sei. E sinto muito.

— Eu não conhecia minha mãe. Ela se foi. A guerra chegou e meus amigos foram embora. Meus professores foram embora. Meu pai morreu. Ele se foi. — Eu olhei para ele, o deixei ver a verdade em meus olhos. E quando percebeu, lamento encheu seu rosto. — A batalha chegou e você foi embora. Você partiu quando mais precisamos um do outro.

— Eu pensei que estava nos salvando, protegendo você. Em vez disso, me coloquei longe da pessoa que me fortalece. Porque somos mais fortes juntos. — Ele inclinou meu queixo para cima. — Eu te amo, Claire. Talvez seja cedo demais para

isso; talvez seja tarde demais. Eu nem me importo se você dirá o mesmo. Eu te amo. E eu nunca a deixarei novamente.

Levantei minha cabeça, procurando por sua boca. Ele encontrou meus lábios suavemente, cuidadoso, mas esperançoso. Seus dedos deslizaram em meu cabelo quando se aproximou, fundindo a longa linha de seu corpo com o meu.

Senti meu corpo aquecendo, afrouxando, relaxando pela primeira vez em semanas, derretendo no calor de seus braços.

A chuva caiu de repente, o céu se soltou exatamente como nós fizemos, e imediatamente nos encharcou até os ossos.

Ele se afastou e empurrou o cabelo molhado do meu rosto. — Nós provavelmente deveríamos entrar. Se você estiver bem com isso.

— Eu exijo — disse eu, com um sorriso.

Antes que eu pudesse discutir, e provavelmente porque ele sabia que eu iria, ele me pegou e me carregou até a porta.

Destranquei e acendi as luzes, mas Liam desligou novamente.

— Não precisa de luzes — murmurou ele, fechando a porta, nos deixando na escuridão. A sala estava escura como breu, e houve um momento de antecipação antes que ele encontrasse minha boca novamente e me guiasse para trás, até meus quadris baterem na borda de uma mesa.

Ele me colocou sobre ela, me puxou com força contra seu corpo enquanto a chuva batia no telhado como um grupo de bateristas. Sua boca atingiu a minha, assaltando e possuindo. Ele me beijou como um homem há muito tempo negado, como um homem que retorna da guerra.

E talvez isso não estivesse longe da verdade.

Enterrei meus dedos em seus cabelos e envolvi minhas pernas ao redor de sua cintura, quase gemendo pela sensação dele, duro e pronto, no meu núcleo.

Nossos beijos ficaram brutais, cheios de calor, raiva e promessa. Eu me afastei, puxei a bainha de sua camisa e deslizei minhas mãos contra os músculos do abdômen. Seu corpo era forte, os músculos foram aperfeiçoados pelo trabalho duro e honesto.

Ele puxou a camiseta sobre a cabeça e deixei minhas mãos vagarem contra a pele ainda úmida do aguaceiro, cada centímetro de pele e músculo tensos.

— Seu corpo... É um país das maravilhas — disse eu, quando não conseguia pensar em outra maneira de terminar essa frase.

Liam bufou, e puxou minha camisa sobre a minha cabeça, encontrando meus seios com as mãos. Eu arqueei para frente em seus dedos quando o fogo irrompeu sob a minha pele, fogo que só ele podia controlar.

Então até aquele pedaço de renda se foi, e nós estávamos com os jeans encharcados de chuva. Mordi meu lábio e sorri para ele quando alcancei o botão de sua calça jeans.

— Você tem certeza...?

Eu cortei sua pergunta com um beijo. — Eu preciso de você — murmurei contra seus lábios. — Preciso de você há muito tempo. Eu só não sabia até nos conhecermos. E então eu disse a mim mesma que não precisava. E então você voltou.

— E não partirei de novo.

— Você pode ter mencionado isso.

Então o resto de suas roupas estava no chão, e ele estava quente e pesado na minha mão, seus braços apoiados na mesa enquanto abaixava a testa na minha, lutando para respirar. Ele estendeu a mão e empurrou os artefatos com cuidado, mas decisivamente, e me pressionou contra a mesa. Então sua mão estava no meu núcleo, incitando.

— Agora — disse eu, e suas mãos estavam no meu jeans, e então eu estava exposta para ele também.

Ele já estava duro, seu corpo preparado e pronto. — Agora — concordou ele. Ele empurrou, trancando nossos corpos juntos. Ele fez uma pausa, seu corpo tremendo de desejo, os braços estendidos enquanto procurava ganhar controle.

— Claire — murmurou ele, sua respiração forte na minha têmpora.

— Não pare agora — disse eu, e envolvi meus braços em volta do seu pescoço enquanto ele subia na mesa acima de mim, seu rosto lindo acima do meu, uma mão atrás da minha cabeça para amortecê-la conforme seus quadris trabalhavam.

— Nunca — disse ele, e pressionando a boca na minha, encontrou o meu centro novamente, e nos enviou acima da borda.

A decorative border at the top of the page featuring a repeating pattern of stylized green leaves and vines. The leaves are dark green with lighter green veins, and the vines are a slightly different shade of green, creating a lush, organic feel.

Capítulo 19

Eu acordei com uma missão. Era estúpida, e era perigosa, mas havia um fogo na minha barriga, curiosidade suficiente para matar um gato muito gordo e raiva suficiente para me fazer levantar e me mover antes que o sol nascesse.

E antes que Liam saísse da minha cama, onde ele ainda estava deitado, uma mão jogada sobre a cabeça, a outra em seu abdômen.

Eu comi metade de uma barra de energia que estava em algum lugar entre bolacha e papelão, descendo com uma garrafa de água.

Escondi meu cabelo debaixo de um boné, vesti uma blusa, leggings capris e tênis. Eu ficaria legal com a umidade que já embaçava pela cidade, e no caso de ser notada, eu pareceria uma corredora. Pelo menos, à primeira vista. E se ninguém questionasse se havia muitos corredores no pós-guerra de Nova Orleans.

Ela não morava longe, de acordo com as informações que Moses deixara em uma nota na varanda da frente, entre a porta de tela e a porta principal. Esse foi o favor que eu pedi a ele ontem.

Precisávamos descobrir onde Laura Blackwell poderia atacar, onde poderia tentar implantar sua arma particular. Talvez, se visse isso, eu encontraria alguma pista. Eu não sabia o que isso poderia ser – uma fotografia gigante de um local onde o Véu ficava, um conjunto impresso de instruções do Google acidentalmente descartadas em seu quintal? Eu saberia quando visse o ponto.

Mas não era por isso que eu estava fazendo isso. Esse foi apenas o benefício colateral.

Eu queria saber quem era essa mulher. E talvez, no menor recesso oculto do meu coração, no Canto das Causas Perdidas, eu quisesse provar que estava errada.

Ela morava perto de Tulane, no bairro de Audubon, uma das áreas mais chiques de Nova Orleans. Era longe demais para andar, mas eu não queria ser pega e ter que largar Scarlet. Então eu a deixei em casa, segura e coberta, e andei de bicicleta no centro da cidade.

Cheguei a uma quadra do endereço dela, parei e olhei.

Onde antes havia uma rede de ruas com pequenas casas de campo, caminhadas e espingardas, uma alta parede de tijolos se elevava. Os tijolos estavam limpos e corriam em fileiras perfeitamente alinhadas pela parede, que se curvavam lindamente para longe de mim. Saí da bicicleta, tranquei-a em uma árvore e caminhei em direção ao portão.

Havia uma guarita bem no estilo de cabana no meio da avenida dividida que ficava no lado de dentro. A casa estava escura e o portão estava aberto. Eu não sabia o que acontecia se alguém aparecesse para visitar quando não havia um guarda, ou se a guarita era apenas para mostrar, porque não havia pessoas suficientes em Nova Orleans para causar preocupação.

Tomei minha decisão e me aproximei.

Fiquei perto da parede e caminhei para dentro.

As casas eram de tijolos com telhados de telha. Todos novos, todos imaculados. As ruas não eram mais cascalhos, mas avenidas largas que se curvavam em torno de gramados e jardins paisagísticos marcados por árvores e bancos de ferro forjado.

Eles demoliram as casas que estavam aqui antes e construíram um bairro inteiramente novo. Um que foi fechado e murado a partir da necessidade em torno dele. Era a Ilha do Diabo ao contrário – a renovação de um bairro com uma parede para manter os inúteis do lado de fora.

O sol começava a colorir o céu enquanto eu seguia a estrada principal. As casas não eram apenas novas; elas eram enormes. Dois andares, muitas janelas, duas ou três garagens, enormes janelas com bonitas colunas.

Este era um belo bairro. Antes da guerra, ele teria se encaixado bem em um subúrbio para os ricos que iam à cidade para trabalhar todos os dias. Mas estar aqui? Agora? O único grande negócio em Nova Orleans era a Ilha do Diabo, e a Ilha

do Diabo era administrada pelo PCC – Contenção, especificamente. Talvez o PCC tenha montado o bairro para os figurões do setor da Contenção. Talvez o Comandante morasse aqui, em uma dessas casas com as calçadas de paralelepípedos e samambaias penduradas.

Uma placa de rua no alto de um poste preto aceso – lâmpada de gás montada no topo – me dizia que eu havia chegado ao lugar que eu queria: Hidden Ridge Circle.

Enrolei meus dedos ao redor do poste, o metal pintado frio sob minha mão e tentei recuperar o fôlego. Eu não estive correndo, mas estar perto dela novamente fez com que meus pulmões sentissem que foram amarrados, bem embrulhados e muito apertados.

Eu poderia ir embora agora. Ela quase certamente chamaria a Contenção novamente se me visse, e seria difícil esconder entre esses gramados arrebatadores, especialmente quando minha única saída era a estreita abertura na parede.

Mas eu precisava olhar. Meus pés já me levavam para frente, levando-me ao final do círculo sem saída onde minha mãe morava.

Era uma casa meio alta, com uma pequena varanda de tijolos. As janelas estavam vazias, a casa iluminada mesmo nas primeiras horas da manhã.

Ajustei meu boné, rolei meus ombros e comecei a andar como se eu pertencesse ali.

E então eu estava lá, na frente da casa.

Na frente da casa da minha mãe.

Não havia um único item de decoração do lado de fora, exceto o número da casa. Não havia cadeiras na varanda, nenhuma flor em vasos perto da porta, nenhuma planta estranha na paisagem. Apenas a casa de tijolo maciço em um canto de um bairro fechado de casas fraternalmente semelhantes.

Eu me abaixei para amarrar meu sapato, olhei para o lado para olhar pela janela da frente. Provavelmente seria uma sala de jantar, mas a sala estava vazia, exceto pelo lustre de ferro trabalhado que caía no meio do teto, esperando que uma mesa fosse colocada debaixo dela.

Eu podia ver as bordas de uma cozinha além, mas nada mais.

Eu me levantei, estiquei, dei uma olhada no quintal. Inclina-se suavemente para as costas, uma colina criada onde antes não havia uma; essa

parte de Nova Orleans era tão plana quanto o restante dela. Se eu quisesse outro melhor olhar dentro, eu teria que me aproximar.

Andei até a parte de trás da casa, onde os galhos de um carvalho vivo deslizavam pelo gramado. Como a árvore era dúzias de anos mais velha que as casas, eles devem ter conseguido construir em torno dela.

Havia um deck de madeira na parte de trás. A luz brilhava através das janelas acima dele. Rastejei pelas ripas de madeira através de uma camada de palha, em seguida, ao redor das escadas, a única maneira que eu poderia ficar alta o suficiente para ver. Dei um passo de teste, colocando o peso em um só passo para garantir que estava silencioso, antes de passar para o próximo.

A janela apareceu à metade das escadas. Eu espiei para dentro, fiquei imediatamente desapontada quando não a vi na cozinha. Aproveitei a oportunidade para estudá-la.

Não havia bugigangas, nem arte, nem estilo na cozinha. Sem vasilhas, guardanapos, toalhas ou garrafas. Apenas balcões de granito vazios e armários altos de cerejeira. A mesa da cozinha era da mesma cor, mas não havia bancos, nem peça central. Uma sala de família ladeava a cozinha do outro lado. Eu podia ver um sofá, uma mesa de café e nada mais. Sem fotos, sem televisão.

O vazio deveria ser algo que ela havia escolhido; se conseguiu a casa, poderia comprar o material para colocar nela.

Ela entrou. Alta e magra, os cabelos ruivos caíam sobre os ombros. Era uma bela mulher; em outras circunstâncias, eu poderia ter dito que teria ficado feliz em parecer com ela quando crescesse. Agora? Não tanto.

Ela usava um robe turquesa claro de seda que cobria até o chão. Ela abriu uma enorme geladeira de vidro, tirou um prato de comida e o levou para a mesa. Sobras para o café da manhã, ou algo que ela já havia preparado?

Ela sentou-se à mesa da cozinha, onde já havia colocado um guardanapo, garfo e pequeno copo de suco de laranja. Um laptop estava fechado na frente dela, e uma pasta de papel pardo estava à sua direita. Seus pés, que estavam nus, estavam no chão quando ela colocou o guardanapo no colo, abriu a pasta e começou a comer.

E foi isso. Ela leu e comeu metodicamente. Certamente não parecia triste ou carente. Ela apenas parecia... Focada.

Este não era o tipo de vida que eu disse que queria. E ainda assim era exatamente o tipo de vida que eu tinha. Exceto que eu vivi sozinha pelas circunstâncias. Não por design.

Minha mãe. Vivendo sozinha em sua mansão, em um bairro de mansões, em uma cidade ainda quebrada e manchada pela guerra. Uma mulher que se casou e deu à luz a uma criança e depois foi embora. Uma mulher que criou um assassino que ninguém podia ver.

Sentindo-me repentinamente nauseada, desci as escadas, esperei no fundo com uma mão no corrimão até que minha respiração desacelerou para níveis normais.

Quem quer que ela fosse, eu ainda era eu. Eu ainda era Claire. E isso estava bem. Isso era o suficiente.

Eu apenas continuaria dizendo isso até parecer verdade.

Caminhei em direção ao jardim da frente, parei quando vi um caminhão estacionado na rua.

Era o mesmo caminhão amarelo que vimos na doca de carregamento da Ilha do Diabo, com a mesma faixa de tinta vermelha no painel frontal. Um homem saiu da parte de trás com uma prancheta. Ele caminhou rapidamente até a porta da frente, tocou a campainha, e esperou que Laura a abrisse.

Ela o fez sem sorrir ou dizer *olá*, sem sequer encontrar seu olhar. Ela pegou a prancheta, assinou e olhou para ele com expectativa.

O motorista abriu a traseira do caminhão e tirou o que parecia ser a caixa laranja neon que foi carregada no cais da Ilha do Diabo. Não era menos brilhante hoje, e na luz da manhã eu podia ver números escuros estampados ao longo de um lado.

Minha mãe abriu a porta para ele, deixou-o levar a caixa para sua casa. Então fechou a porta na cara dele.

Ele deu à porta um olhar severo antes de correr para o caminhão e sair correndo.

Então, o que minha mãe recebeu da Ilha do Diabo, e por quê? O que a Ilha do Diabo poderia oferecer a ela?

— Você está procurando por algo?

Eu me virei rapidamente, encontrando o vizinho em sua varanda da frente, o pequeno cachorro enfiado sob o braço dele como uma bola de futebol. Meu coração parou, então bateu forte duas vezes antes de recomeçar.

Eu não sabia o quanto ele viu. Então decidi fingir que não havia nada para ver. Ofereci uma risada nervosa, e não tive que fingir os nervos.

— Sobrecarga no tornozelo — disse eu, apontando para a minha perna. — Só tentando andar um pouco. Eu esperava que o intervalo me ajudasse a relaxar. Correr em concreto apenas me mata. — Apontei para o caminhão com um sorriso. — E então eu fiquei um pouco intrometida. Não é frequente você ver um caminhão de entregas por aqui!

— Claro — disse ele, e não parecia nada convencido.

— De qualquer forma, é melhor eu ir. Tenha um bom dia!

Saí correndo do bairro, encontrei minha bicicleta e corri para casa.

* * *

Entrei no posto de gasolina, esperando a escuridão, o silêncio e a segurança.

Esperando que ele tivesse ido embora.

Eu não esperava muito de Liam Quinn. Esse não foi sempre o meu erro? Meu preconceito?

Ele usava jeans e uma camiseta, seus pés descalços. Estava parado na frente de uma das mesas, com as palmas das mãos apoiadas na mesa enquanto olhava para um livro aberto.

Havia algo de tão certo em sua posição ali, em seus pés descalços e a expressão intensa. Como se ele fosse um poeta guerreiro, um cavalheiro erudito.

Ele olhou para cima quando entrei, seu corpo instantaneamente em alerta. E não relaxou muito quando percebeu que era eu. Ele não me perguntou onde eu estive. Poderia provavelmente ver que eu estava afobada. Poderia ter visto a tristeza em meus olhos. Mas não perguntou sobre isso. Não ainda.

Da minha parte, eu não tinha absolutamente nenhuma ideia do que dizer ou fazer.

Ele preencheu o espaço em branco. — É a sua casa. Mas eu ficarei até você me expulsar. E se você tentar me expulsar, eu posso não ir.

Fechei e tranquei a porta. — Tudo bem.

— Como você se sente sobre isso?

— Eu não tenho ideia.

Ele me observou por um momento. — Justo.

Esperança era como uma brasa na minha barriga. Pequena, calorosa e gananciosa. Mas isso não pensava. Nem sentia. Era antecipação, e a antecipação não passaria por esse momento. Qualquer que fosse esse momento. Então eu ignorei, me concentrei no que era.

Andei na direção dele, e levei algumas tentativas para reunir as palavras. — O que você está lendo?

— Não estou certo. — Ele me mostrou a capa. Era um grande livro com encadernação de couro, o papel dentro era suficientemente fino para enxergar. As páginas estavam cobertas de minúscula caligrafia em uma linguagem que não parecia nem remotamente familiar.

— Um livro de feitiços? — perguntei.

— Os Paras precisam de livros de feitiços?

— Não tenho ideia. Essa seria uma boa pergunta para Malachi.

Liam assentiu, fechando o livro. — Por tudo o que eu sei, poderia ser receitas. Ou um romance.

— Amor no Outro mundo?

— Algo parecido. Eu assumo que isto acontece.

— Você viu a tensão entre Malachi e Rachel? Aquilo foi muito interessante.

— Prefiro não pensar em Malachi no momento.

Seu corpo roçou o meu, e a luxúria correu por mim, deixando-me quase sem ar. Se assim fosse nosso relacionamento, se eu ficasse fraca nos joelhos cada vez que nossos caminhos se cruzassem, eu estava com problemas.

Seus lábios estavam no meu ouvido, rosnando e beliscando, enviando arrepios pelo meu corpo. — Não consigo parar de pensar em você.

Ele estava fazendo um ótimo trabalho de me fazer pensar nele também. — Temos problemas para lidar.

— Como?

— Uma conspiração biomédica?

— Oh. Isso. — Ele virou nossos corpos, prendendo-me contra a mesa, sua coxa entre minhas pernas. E então seus lábios esmagaram os meus, seu corpo quente, duro e pronto, sua boca ansiosa.

— Eu quero você de novo — murmurou ele. — Tenho muita coisa para fazer. E se não podemos ter prazer, se não podemos viver, pelo que estamos lutando?

Eu não conseguia encontrar uma única razão para discutir com ele.

* * *

— Você quer me dizer onde estava esta manhã? — perguntou ele quando estávamos caminhando para a casa de Moses.

— Você não vai gostar.

Sua mandíbula apertou. — Tente-me — disse ele depois de um minuto, em um tom que confirmou que ele não iria gostar.

— Fui ver a minha mãe.

Eu estava certa. Sua mandíbula se contraiu, e todos os outros músculos de seu corpo ficaram tensos também.

— Na casa dela — acrescentei.

— Como você...? Moses — disse ele, respondendo sua própria pergunta. — Você conseguiu o endereço dela com Moses.

— Ele me fez um favor.

— Isso foi... Imprudente — disse ele finalmente.

— Você sabia disso sobre mim. — Ele me disse isso muitas vezes. Embora ele não gostasse de se preocupar, eu tinha certeza que ele não gostava de covardia, e era a fim de qualquer categoria de bravura *imprudente*.

— Eu esperava que tivesse passado.

— Estou morando sozinha em um posto de gasolina cheio de objetos mágicos ilegais enquanto era caçada pela Contenção e saindo com pessoas com magia ilegal, quando eu me tornei menos imprudente?

Ele ficou em silêncio por um momento. — Bom ponto. E o que você descobriu? — Sua voz havia ficado entupida com algo que soou como pena, e me fez querer me enrolar em uma bola desconfortável.

— Eu a encontrei. Sentada em uma mesa, tomando seu café da manhã. Ela estava sozinha em uma casa enorme... Sequer havia uma foto na parede, tudo exatamente assim. Do jeito que ela gosta.

Ele estendeu a mão, pegou minha mão, e apertou.

— Não há espaço para mim na vida dela. Talvez nunca tivesse. Talvez nem meu pai, também.

— Isso corresponde ao que ela disse no prédio.

— Eu sei. Talvez eu achasse que ela estava mentindo. Ou talvez eu só quisesse ver por mim mesma. Quem ela é, por que fez o que fez. Talvez eu tenha pensado que se a visse eu entenderia melhor. Ela é minha mãe. Se essa é a extensão da vida dela, é triste, pelo menos para mim. Mas não sei se é a extensão disso. Não sei mais sobre ela do que ela sobre mim.

— Você quer saber mais?

— Não sei. Eu não esperava entrar em um conto de fadas. Mas não esperava ter pena dela também. Não fui apenas para meu próprio benefício — disse eu, mudando de assunto. — Eu me perguntei se poderia ver algo que fosse útil. E poderia ter encontrado algo.

— Imprudente — disse ele novamente quando chegamos à casa de Moses. — E o que você achou?

Eu quase respondi, mas senti um cheiro de algo no ar. Algo delicioso. Olhei de volta para a rua.

O veículo utilitário de Darby estava estacionado no meio-fio. — Café da manhã — disse eu. — Eu encontrei o café da manhã.

* * *

Tecnicamente, era o segundo café da manhã. Mas eu ganhei com o exercício da manhã. E parecia que valeria a pena.

Darby estava no meio da sala com um vestido verde-claro com uma cintura recortada, o cabelo negro brilhando. E ela segurava uma bandeja de prata com biscoitos de chocolate. Cookies reais com gotas de chocolate. Não industrializados. Não sem leite e sem glúten. Não reidratados.

Cookies.

— Como você faz isso em uma zona de guerra? — perguntei a ela, apontando para o conjunto.

— Prática e negação — disse ela com um sorriso. — E estamos trabalhando em uma coisinha no laboratório que mantém a energia.

— Se haverá comida toda vez que eu vier até aqui — disse Gavin, um biscoito em cada mão —, eu virei para cá muitas vezes. — Ele olhou para nós. — Coincidência, vocês dois chegando ao mesmo tempo.

Liam não mordeu a isca, mas encarou seu irmão.

— Já era o maldito tempo — murmurou Gavin, dando outra mordida. — Mas não se importe comigo.

Liam pegou dois biscoitos e me entregou um. — Obrigado, Darby.

— Você é bem-vindo.

Ela ofereceu a bandeja para Moses, mas o lábio dele se curvou. — Nojento.

Malachi pegou um, tentou morder com cuidado. Seus olhos se iluminaram como uma criança no Natal. Sem palavras, apenas mais uma mordida cuidadosa. E depois outra. Eu não sabia se ele se importava muito com comida humana; os cookies de Darby podem ter mudado de ideia. E por um bom motivo – eles estavam deliciosos.

— Droga — disse Liam, dando uma mordida. — Eles são incríveis.

— Você ficaria surpreso com o que o equipamento de laboratório pode fazer.

Liam engoliu em seco.

— Estou brincando. *Brincadeira*. — Ela colocou a bandeja em uma pilha de eletrônicos. — Quais as últimas notícias?

— Gunnar ainda não está aqui?

— Ele não está — disse Gavin enquanto ele e Malachi pegavam outro biscoito.

— Não estrague o seu jantar — disse Liam a ele, um conselho que Gavin ignorou completamente.

— Eu acho que vi algo esta manhã — disse eu, e disse a eles sobre a minha visita para ver Laura Blackwell. Decidi chamá-la assim. Era a melhor maneira que eu poderia pensar em lidar com isso.

— Na minha saída, um caminhão parou. — Eu olhei para Liam. — Lembra aquele grande caminhão amarelo que vimos na doca de carregamento? Aquele com a tinta no painel frontal?

— Não me lembro da pintura, mas sim.

— O mesmo caminhão estacionou na garagem dela. E o motorista deu a ela algo que ele carregou na Ilha do Diabo.

— O que era? — perguntou Gavin. Ele parou de comer o biscoito.

— Não sei. Não vi o que era. Apenas a caixa. Laranja néon ofuscante. —
Calculei as dimensões com gestos com as mãos. — Tinha números estampados em um lado.

Darby balançou em seus calcanhares, deu um passo para trás antes de dizer: — Oh, merda — disse. — Oh, merda.

Gavin pegou-a pelo cotovelo, firmando-a novamente. — O que há de errado?

— Os números estampados nos lados... Eles eram três-zero-cinco?

Uma onda de mal-estar agitou meu estômago. — Sim. Por quê?

Gavin levou-a para o sofá. — Sente-se. Respire fundo. — Ele olhou de novo para Moses. — Água engarrafada?

— Cozinha — disse Moses. — Vou pegar. — Ele levantou, desaparecendo na cozinha, e todos nós olhamos para Darby.

— Darby — perguntou Malachi —, o que está na caixa?

— Não posso ter certeza, mas... — ela parou, esfregando um dedo sobre os lábios enquanto olhava para a distância, preparando-se para algo. — Nos primeiros anos, como Gunnar disse, o PCC estava tentando aprender sobre o Véu. De onde veio, do que era feito, o que poderia fazer. Quando entrei na PCC Research, éramos jovens, curiosos e estupidamente entusiasmados por termos descoberto essa coisa. Uma das nossas tarefas era descobrir uma maneira de olhar através dele. Algum tipo de dispositivo que pudesse nos deixar ver o que acontecia do outro lado.

— Um periscópio — sugeriu Liam.

— Um vigia através do portal — disse Darby com um sorriso pesaroso. — É assim que nós chamamos, e pensamos que éramos muito inteligentes.

Moses voltou e ofereceu-lhe a garrafa de água. Darby aceitou com um sorriso de agradecimento, mas não girou a tampa.

— Nós passeamos por um tempo, brincamos com lentes ópticas, tentamos colocá-las através do Véu. No começo, não conseguimos, porque o Véu não é uma coisa tangível. É energia... Uma passagem feita de energia. Uma porta do nosso mundo para o deles. Então tivemos essa ideia.

Ela levou um momento para se recompor enquanto o resto de nós esperava, completamente em silêncio. — Nós decidimos que poderíamos usar harmônicos para interromper a energia em uma pequena porção do Véu e fazer uma pequena janela. — Ela imitou empurrando as cortinas de lado. — Criamos essa máquina desajeitada – o carregador – e conseguimos que funcionasse uma vez.

— O que você viu? — perguntei, pensando nos batalhões de guerreiros que eu vi.

Darby sorriu. — Nada além de colinas. O que é uma das razões pelas quais ficamos tão surpresos quando a guerra começou. Percepção tardia.

Vários de nós grunhiram de acordo.

— De qualquer forma, o Véu foi violado logo depois, então não foi mais necessário. E então eu fui demitida, e esse foi o fim do meu trabalho no carregador.

— O carregador estava na caixa laranja — disse eu.

Ela assentiu. — Sim, mas não ouvi nada sobre ele há muito tempo.

— Alguém ouviu falar sobre ele — disse eu. — Laura, talvez porque ela estava no PCC antes.

— Claire e Liam viram pela primeira vez ser tirado da Ilha do Diabo — disse Gavin. — Por que um implemento da PCC Research seria armazenado lá?

— Havia prédios no Marigny usados para armazenamento da Contenção antes que se tornasse a prisão — disse Darby. — Provavelmente estava em um desses. Mas o que ela iria querer com isso?

— Se estivesse funcionando — perguntou Malachi —, poderia ser usado para colocar alguma coisa no Véu? Através da janela?

— Como o quê? — perguntou Darby, mas então sua expressão caiu, e a sala ficou completamente silenciosa.

— Como um vírus — disse Liam.

— Você usa o carregador para abrir o Véu — disse eu —, e usa o vírus que já criou e, o que, basta jogá-lo? — olhei para Darby.

— Aerossol — disse ela, clara tristeza em cada linha de seu rosto. — Ela precisaria de uma versão aerossol do vírus para a implantação real através do Véu.

Gavin estendeu a mão para apertar o ombro de Darby com apoio. Ela colocou a mão sobre a dele, tentando um sorriso fraco.

— Quanto produto ela precisaria para fazer isso? — perguntou ele. — Ela tem o suficiente para causar danos reais?

— O tamanho de um vírus é medido em nanômetros — disse Darby. — Minúsculo. Você pode ajustar muito deles em um pequeno espaço. Em 1979, um filtro perdido em uma fábrica de antraz na União Soviética matou cem pessoas em poucas horas. Essa foi uma liberação *acidental*.

— Presumivelmente ela não teria desejado o carregador a menos que tivesse algo para implantar — disse Gavin.

— Então ela tem um vírus, e tem uma maneira de enviá-lo para o Outro mundo — resumi. — Mas não sabemos o quanto ela tem, ou quantos Paras ela poderia matar.

— Diga aquele xingamento em Cajun novamente — pediu Moses.

— *Fils de putain*. — Desta vez, os meninos Quinn disseram juntos.

— Não — disse Darby, e atravessou a sala, chutou a parede com um salto, em seguida, olhou para nós. — O PCC não faria isso. Não estamos em guerra. Não haveria razão para isso.

— Talvez eles não saibam.

Ela olhou para mim. — O que você quer dizer?

— Gunnar disse que o PCC está financiando a pesquisa — disse eu. — Isso não significa que eles queiram que seja empregado dessa maneira, para genocídio.

— Isso significaria que Blackwell está fazendo. — A voz de Liam era sombria, e ele estendeu a mão, oferecendo o mesmo tipo de apoio que Gavin dera a Darby um momento antes. Um lembrete de que eu não estava sozinha. Que estávamos juntos nisso.

— Ou dela e de Lorenzo Caval — disse eu. — Obviamente não conheço Blackwell muito bem. Mas depois da nossa conversa de ontem e do que vi esta manhã, eu diria que ela está realmente focada em sua ciência, seu trabalho. Solidão. — Esfreguei meu pescoço, tentando aliviar a tensão que havia ali. — Talvez eu esteja projetando, mas ela parece desequilibrada. Não porque ela nos deixou para trabalhar, mas porque ela parece usar viseiras sobre todo o resto. — Eu disse a eles o que vi da casa, sobre seus modos.

— Era apenas um instantâneo, o que eu vi. Mas havia algo realmente, eu acho, *ausente* disso.

— Ela tem uma missão.

Olhei para Liam e disse: — Sim, mas não baseada em algum código moral. Eu não acho que ela se preocupa com os Paras ou humanos, para esse assunto. Ela tem uma tarefa, e não vai parar até que termine.

— E você acrescenta Lorenzo Caval — disse Liam —, quem odeia Paras por causa da morte de sua mãe.

— Sim. Agora, junte-os... Foco científico sincero e ódio sangrento pelos Paranormais.

— E você tem assassinatos — disse Moses.

— Sim. — Fiz uma pausa. — Ela estava em Talisheek quando Nix tentou abrir o Véu.

— Pensei sobre isso — disse Liam.

— Talvez ela quisesse esgueirar-se uma amostra — disse Darby. — Estava esperando por um teste precoce do vírus em aerossol.

Assenti em concordância.

— Se ela faz isso — disse Darby —, infecta o Outro mundo e mata todas essas pessoas, é minha culpa.

— Não é — disse Malachi. — Claire está certa... O contexto importa. Este dispositivo não foi criado para assassinato. Foi criado por curiosidade... Pelo instinto humano básico de aprender. Ela está distorcendo isso, corrompendo-o.

— Temos que fazer alguma coisa — disse Darby. — Precisamos contar a alguém ou...

Houve uma batida na porta de Moses.

Gavin verificou o olho mágico. — Gunnar — disse ele, e abriu a porta.

Desta vez, Gunnar estava sozinho. Ele usava uniforme, sua arma de serviço na cintura. E não parecia ferido, o que significava que ele não foi ferido durante a invasão da ADZ.

Isso tirou um pouco do peso no meu peito.

— O que você achou? — perguntou Darby, levantando-se.

— Nenhuma coisa maldita. ADZ foi totalmente limpo. Um par de mesas, algumas unidades de refrigeração que não podiam ser transportadas rapidamente ou facilmente. Era isso.

Houve muitos palavrões, incluindo mais algumas tentativas em Cajun.

— Como eles se moveram tão rápido? — perguntou Liam.

— Poderia ser que a visita de vocês ontem tenha assustado a eles — disse Gunnar. — Podem ser os contatos de Lorenzo Caval na Contenção, e nós temos um vazamento. Provavelmente ouviram falar sobre o mandado, ou sobre a operação, e fez o movimento.

— Rachel? — perguntou Malachi.

Gunnar mal conseguiu esconder um sorriso. — Ela está bem. Direi a ela que você perguntou.

Malachi não parecia entusiasmado com isso, mas não objetou.

O olhar de Gunnar caiu sobre o prato de cookies. — Gotas de chocolate?

— Sim — disse Darby. Mas a excitação saiu de sua voz. — Sirva-se.

— Obrigado. Estou morrendo de fome.

— Broussard colocou tudo isso em movimento — disse Gunnar. — Encontrei o arquivo, descobri pelo menos parte do resto. Provavelmente imaginaram que eles estavam se aproximando do começo do fim.

— E falando em finais — disse Moses —, nós achamos que Blackwell está realmente enfiada em uma merda.

— Prepare-se — recomendou Gavin, e Gunnar colocou o resto do biscoito na boca.

— Vá em frente — murmurou ele.

— PCC Research construiu uma janela para o Véu uma vez — disse eu. — Há uma boa chance disso agora estar nas mãos de Blackwell, e ela tentará implantar o vírus lá.

Gunnar sufocou, tossiu e não foi ajudado pelo tapa nas costas de Gavin.

— E como sabemos disso? — ofegou Gunnar, e nós o conduzimos através dos detalhes.

— O carregador foi entregue hoje — disse Darby. — Se esteve em um depósito no Marigny, não teve manutenção. Precisarão de trabalho. Talvez um trabalho substancial.

Se nada mais, Laura Blackwell parecia ser uma planejadora. Eu olhei para Gunnar. — O que Caval fazia para a Contenção?

— Engenheiro eletricitista. Trabalhava nos geradores.

Claro que ele era, e é claro que ele trabalhava.

— Droga — murmurou Darby. — Porra, tudo indo para o inferno.

— Se ela vai implantá-lo através do Véu, ela terá que chegar ao Véu.

Mas o Véu, que corria como uma linha de falha ao longo da nonagésima linha de longitude, tinha milhares de quilômetros de extensão.

— É preciso identificar o local de destino dela — disse Liam. — Talisheek?

Era lá que o Véu se abria pela primeira vez, e onde os contratados da defesa quase o abriram no ano passado.

— Está guardado agora — disse Gunnar.

— Ela é uma cientista — disse eu. — Ela vai querer colocar o vírus no lugar mais eficaz, eu acho. O lugar com a maior chance de sucesso. — Olhei para Malachi, meu estômago afundando com uma percepção horrível. — No Outro mundo, o Véu passa por grandes cidades? Centros populacionais?

Uma sombra passou por seus olhos quando ele descobriu o que eu estava sugerindo. — Você acha que ele vai igualar sucesso e mortes Paranormais.

— Eu acho que ela poderia fazer ambos. — E desejei poder pedir desculpas por ela, queria que isso significasse alguma coisa. Eu gostaria que houvesse uma conexão entre Laura Blackwell e eu além de um fino fio biológico – algo que eu pudesse usar para impedir que ela fizesse essa coisa terrível e horrível.

— No Outro mundo, o Véu funciona principalmente em áreas rurais — disse Malachi. — Nós estávamos alertas sobre isso antes de vocês, e evitamos isso quando construímos nossas cidades.

Isso era algo, mas não nos ajudava a limitar a área de ataque. Mesmo dividindo o Véu em seções e tentando designar pessoas para pesquisar todas elas, havia uma boa chance de não encontrá-las a tempo.

Talvez houvesse um prédio em que ela gostaria de estar perto, um campo de batalha significativo. Ou talvez ela escolhesse o local que exigisse o mínimo de esforço – o mais fácil de conseguir.

— Não temos informações suficientes — disse eu.

— Mas é o melhor que temos — disse Gunnar, pegando outro biscoito e indo para a porta. — Estou voltando para o Cabildo. Eu voltarei para você – ou mandarei Rachel – assim que eu puder. Preciso de mais mandados.

Ele olhou para trás e estreitou seu olhar para mim. — E não faça nada precipitado enquanto estou fora.

Ele fechou a porta fortemente atrás dele, enviando uma nuvem de poeira no ar.

— Eu acho que disse isso para mim — disse eu, e houve murmúrios gerais de acordo.

— Claro que ele falava para você, Red — disse Moses com um sorriso. — Você é a única que precisa de supervisão.

— Eu não preciso de supervisão.

Mas até mesmo o olhar de Liam era duvidoso.

Desde que eles estavam tão certos de que eu faria algo imprudente, eu percebi que poderia bem fazer isso.

— Ele está lutando contra a burocracia e pessoas com poder — disse eu, olhando para todos eles. — Ela poderia estar fazendo um movimento agora.

Moses revirou os olhos. — Ela está tramando para você, caso você não saiba. Preparando-se para derrubar o martelo.

— Você quer ir a casa dela — disse Liam, e eu assenti.

— Ela provavelmente não está lá — disse eu. — Mas a evidência aponta que pode estar. E se eu puder ser aquela a impedi-la, eu vou muito bem tentar.



Capítulo 20

— Eu acho podemos ser gratos por você ter sido imprudente da última vez — disse Liam enquanto íamos em direção a casa da minha mãe e seu bairro bem murado. Gavin, Liam e eu estávamos espremidos no banco da frente de Scarlet. — Senão não saberíamos sobre a caixa ou o carregador.

— Você deve ser sempre grato por eu ser imprudente. É uma das minhas melhores qualidades. — Acelerei, o V-8 reconstruído sob o capô rugindo como um trovão, depois dei um tapinha no painel de Scarlet. — Essa é minha garota. Minha doce e doce garota.

— Ela alguma vez tocou você assim? — perguntou Gavin a Liam com um sorriso.

— Sem comentários.

— Vocês são hilários — disse eu. — Talvez pudéssemos conversar sobre o que vamos fazer quando confrontarmos a minha mãe aparentemente má.

Ambos ficaram quietos.

— Isso não foi sarcasmo — disse eu. — Falo sério. Ela é má, e embora eu ainda esteja processando as emoções de saber que minha mãe é a versão científica da Malévola, eu estou muito ansiosa para acabar com ela.

* * *

— Bem — disse Gavin quando chegamos ao bairro. — Ela não poupou despesas para ela.

— Ser moralmente nojento, evidentemente, paga bem — disse eu, estacionando Scarlet a algumas ruas de distância em frente a uma casa que estava obviamente vazia – janelas abertas, pisos e paredes nuas.

— Eu acho que você está certa — disse Liam —, e há uma boa chance de que ela não esteja aqui. Mas, apenas no caso. — Liam puxou seu 44 da cintura, então olhou para mim. — Você está armada?

— Não. Mas eu ficarei bem.

Saímos do carro e tentamos andar tão despreocupadamente quanto possível pela silenciosa rua suburbana. Nós andamos a passos largos até a porta da frente tão casualmente, e encontramos a casa escura.

Eu bati, esperei por uma resposta. E quando nada aconteceu, tentei a porta.

— Trancada — disse eu.

— Você pode usar magia? — perguntou Liam.

— Não. Os monitores mágicos estão ligados — falei, apontando por cima do ombro para os monitores ao longo da calçada.

— Não vale a pena — disse Gavin, depois tirou a arma do coldre. — Afaste-se.

— Isso não é exatamente discreto — disse Liam.

— Sim, nem esta cadela, e nem o plano dela. — Gavin apontou, e nós fomos para o outro lado da varanda.

Dois tiros e a porta se abriu.

— E eu te chamo de imprudente — murmurou Liam.

— Sim — disse eu. — E não sou eu quem tem uma arma.

A casa estava vazia.

Peguei o segundo andar, caminhando lentamente por cada cômodo, absorvendo os tetos altos e as cores atraentes das tintas, as molduras. E a completa ausência de decoração. O quarto principal tinha uma cama, cômoda e mesa de cabeceira. A mesa de cabeceira continha uma única lâmpada e um despertador de corda. Evitava que ela chegasse atrasada, imaginei, quando a eletricidade caísse.

As gavetas da mesinha de cabeceira estavam vazias, a cômoda cheia de roupas cuidadosamente dobradas em meio a pilhas. Até mesmo as meias foram emparelhadas e arrumadas em um organizador que parecia um pouco como um engradado. Não vi nenhuma evidência de que ela fez uma mala, mas como eu saberia?

O banheiro tinha as necessidades usuais. Os produtos de maquiagem e banho eram marcas de alta qualidade, deviam ter sido enviados para a Zona, mas não havia nada estranho. Nada que não tivesse um propósito específico. E aqui, como no andar de baixo, não havia arte, nem flores, mesas de bilhar ou objetos. Havia quatro quartos menores neste andar; todos estavam vazios, exceto por um tapete de ioga na sala mais próxima do quarto principal.

Desci novamente e encontrei Liam na cozinha.

— A cafeteira ainda está quente — disse ele, checando a garrafa de vidro com a ponta do dedo. — Ela não ficou muito tempo.

Gavin entrou por outra porta, a caixa laranja nos braços. — Vazia — disse ele —, mas aqui, confirma que ela está em posse de propriedade do PCC e sua provável intenção.

— Conseguir ver através do Véu — disse Liam, e Gavin assentiu.

— Você encontrou alguma coisa? — perguntou ele.

— Nada útil — respondi.

— Ela fica nervosa, decide abandonar este lugar — disse Liam, as mãos nos quadris enquanto olhava ao redor. — Vai ao vento. Ou ela decide que está pronta e está preparada para implantar. Não importa se sabemos onde ela mora, porque ela está na tarefa, focada.

— Eu não acho que ela tenha corrido — disse eu. — Ela não parece se importar com o que as pessoas pensam, e tem algum tipo de benfeitor federal, talvez ela ache que é intocável.

Liam assentiu. — Concordo.

Olhei para trás e percebi que o laptop ainda estava na mesa.

— Computador — disse eu. Puxei a cadeira, sentei-me no mesmo local onde minha mãe sentou com seu café da manhã e suco de laranja, e liguei a máquina.

Nem sequer era protegido por senha. A área de trabalho do computador piscou, mostrando uma fotografia da Jackson Square depois do anoitecer.

— Ela deixou o computador para trás? — perguntou Gavin, se aproximando. Ele e Liam ficaram atrás da cadeira, olhando por cima do meu ombro.

— Ela estava com pressa — disse eu. E isso me preocupou ainda mais.

A área de trabalho do computador era imaculada. Nenhum arquivo aleatório, nenhum documento armazenado temporariamente ou gifs. Apenas uma linha de links para o disco rígido e pastas importantes.

Passei dez minutos abrindo documentos e pastas, procurando no disco rígido por qualquer coisa que pudesse nos dar uma pista sobre sua localização. Muitos documentos científicos que não entendi, mas imaginei que Darby estaria interessada neles.

Pulando aqueles, abri o navegador da Internet, depois retirei o histórico de buscas. E meu coração gaguejou.

A última frase que ela procurou foi *fluidos sola*.

— O que é um sola?

— Um o quê? — perguntou Liam, aproximando-se.

— Sola. É o que ela procurou por último. — Sola fluidos.

— Não *sola* — disse Gavin, caminhando em nossa direção. — SoLa. Como em *Southern Louisiana*. — Ele espiou sobre meu ombro. — Fluidos SoLa. É um processador de petróleo no rio. Um dos poucos que ainda opera na Zona.

— Onde fica? — perguntei.

— Perto de Belle Chasse.

— O Véu passa por Belle Chasse — disse Liam. — Houve uma escaramuça durante a guerra. Alguns Paras da Corte tentaram voltar.

— Eu me lembro. — O esforço deles não funcionou, mas a luta foi o tema da conversa no Quarter por semanas.

— Belle Chasse — murmurei, pensando nisso. O Véu passava por ele, era perto de Nova Orleans, e provavelmente era um lugar que ela ouviu falar antes. Ela não gostaria de deixar isso ao acaso. E não havia mais nada no computador que parecesse que ela estivesse tentando localizar a parte geográfica da pesquisa.

— Acho que é o melhor que faremos a partir daqui — disse eu. — Vamos encontrar Gunnar.

Gavin já estava caminhando para a porta. — Moral dessa história? — disse ele. — Assassinos deveriam sempre limpar o histórico de seus navegadores.

Peguei o computador e os segui.

Houve dias em que era bom estar livre da carga dos telefones celulares. Não havia e-mails, nenhum estresse nas mídias sociais, nenhuma preocupação com discussões na Internet com estranhos.

E não havia como organizar facilmente a prisão e captura de um maníaco homicida.

Deixamos Gavin perto da casa de Moses para que ele pudesse encontrar um veículo, depois dirigimos diretamente para o Cabildo, o QG da Contenção. Esperamos do lado de fora enquanto Gunnar conversava com o Comandante sobre o que encontramos e onde achávamos que ela poderia atacar.

Os guardas do lado de fora do prédio nos deram uma olhada. Mas o que quer que Gunnar tenha dito a eles quando estavam no caminho os mantinha em posição, armas ainda no coldre.

Quinze minutos depois, ele saiu. E não parecia feliz.

— Senador Jute McLellan — disse ele, subindo na caminhonete e batendo a porta. A caminhonete vibrou da ferocidade de sua raiva. — Volte para a casa de Moses.

— Quem é ele? — perguntou Liam quando coloquei a caminhonete em marcha e fui embora do Cabildo antes que os agentes pudessem mudar de ideia.

— O chefe do subcomitê que está escondendo fundos para a ADZ. A guerra atrapalha a economia e o senador McLellan não se importa com isso. Então ele e seus amigos decidiram que Icarus era um investimento sábio.

— Sem Paranormais, sem guerra? — perguntei.

— Exatamente. — Ele sorriu maliciosamente. — A polícia da capital está agora a caminho de ter uma conversa muito longa com o senador McLellan.

— Bom — disse Liam. — Assumindo que eles possam fazer isso funcionar.

— Nenhuma evidência até o momento que ele está envolvido na pesquisa, apenas o financiamento, então seus advogados provavelmente terão um dia de campo. Mas o dinheiro foi destinado, e tem a marca dele em tudo. Ele terá muito a responder.

— E mais perto de casa? — perguntou Liam.

— O Comandante arranhou jatos de Pensacola — disse Gunnar. — E há alguns porta-aviões no chão com algumas artilharias que o exército está trabalhando. Mas ainda podemos chegar primeiro no local.

— E enquanto isso — adivinhei —, nós fazemos o que podemos.

— Nós fazemos o que podemos — disse Gunnar. — Então, dirija rápido.

* * *

Recusando-se a desistir após a perda de seu amado Range Rover, Gavin estacionou na casa de Moses em um enorme Humvee vermelho.

— Só em uma zona de guerra, onde a gasolina é difícil de conseguir, meu irmão dirigiria algo como aquilo.

— Estou em uma zona de guerra — disse Gavin pela janela aberta. — Estou dirigindo um veículo que já está pronto para a guerra.

Era um bom argumento.

O resto de nós ficou do lado de fora da casa de Moses, preparando-se para parar minha mãe. Moses nos chamou do degrau mais alto da varanda da frente.

— Ela estará lá — disse ele, apontando para o sudeste e para a nonagésima linha de longitude. — Ou em algum lugar aqui. Nós vamos em equipes, protegemos o vírus, a derrubamos. Em qualquer ordem necessária.

Ele olhou para mim, preocupação em seus olhos.

— Estou bem — disse eu. — Sério. Ela não é minha mãe. Não, da maneira que conta.

Foi a primeira vez que eu disse isso, e era absolutamente verdade. Nós tínhamos uma conexão biológica. Material genético compartilhado. Minha história de origem estava ligada a ela, mas essa era a única coisa entre nós. Ela não foi minha mãe de qualquer forma que importasse então, e não era agora. Ela não estava confusa, ou perdida, ou qualquer conto de fadas que eu poderia ter dito a mim mesma quando estava crescendo. Ela era apenas uma mulher.

Dizer em voz alta levantou o resto do peso do meu peito.

Liam estendeu a mão, apertou a minha mão e não soltou.

— Claire, Liam, Darby e eu nos aproximamos dela diretamente — disse Gunnar. — Não temos certeza absoluta de onde ela estará posicionada, mas gostaria que duas equipes – Rachel e Malachi e Erida e Gavin – se aproximassem de outras direções. Estamos às seis horas, vocês estão às duas horas.

A divisão fazia sentido – um Paranormal e um humano em cada uma dessas equipes – mas ninguém parecia feliz com a equipe em particular. O que provavelmente estava bem para Gunnar.

— Darby, diga-nos o que estamos procurando.

— O carregador é bem pequeno — disse ela, e estendeu as mãos para formar um pequeno quadrado. — Talvez quatro por quatro. É um disco preto, com cerca de dois e meio ou três centímetros de espessura. Você o pressiona contra o Véu — disse ela, imitando o movimento. — É alimentado pelo próprio Véu.

— E o vírus? O aerossolizador?

— Ela pode conduzir o vírus em qualquer tipo de recipiente. Depende de como ele precisa ser armazenado e do quanto ela conseguiu processar. Provavelmente uma lata. Algo que se encaixaria em um gerador ou arma. E o mecanismo tem que ser pequeno o suficiente para caber na janela criada pelo carregador.

— Disco, vasilha, gerador, arma — disse Gunnar. — No geral, fiquem de olho no metal e no plástico.

— Muito bem — disse Darby com um aceno de cabeça.

— Nós pegaremos o vírus e o carregador, e os daremos para Darby. Ela vai proteger e transportar.

Darby ergueu um velho e sujo resfriador de gelo, dando um tapinha na lateral. — Transporte de alta segurança, certo.

— Claire, Liam e eu vamos na caminhonete. Gavin levará Darby, Rachel, Erida. Malachi voará. Alguma pergunta?

Todos nós balançamos a cabeça.

— Então vamos pegar a estrada.

* * *

Dez minutos depois, Gunnar praticamente pulava no banco da frente da caminhonete. — Pode andar mais rápido?

— Estou dirigindo oitenta por hora em uma estrada do pós-guerra — disse eu. — A menos que você queira que eu vire a caminhonete... — todos nós fizemos uma careta quando acertei um buraco e fomos momentaneamente para o ar antes de voltar —... Então não, nós não vamos mais rápido.

Como a estrada para Houma, a estrada para Belle Chasse estava quase vazia. Negócios vazios e casas, depois um trecho de verde nos dois lados de uma

rodovia esburacada. E em algum lugar à nossa frente, uma mulher e uma arma de destruição em massa.

Diminuímos à medida que nos aproximamos da área-alvo, as torres brancas e torres da refinaria Apollo pairavam à distância como um retorcido Oz.

Gunnar e Liam espiavam pelas janelas enquanto eu dirigia. Procurando por um veículo, um sinal, uma mulher de cabelo vermelho.

Mas eu a vi primeiro.

— Lá — disse eu, e diminuí a velocidade da caminhonete, apontando para o campo no lado do rio perto da estrada.

Ela estava no dique, a meia milha acima da estrada, o vento chicoteando seus cabelos como as cobras de Medusa. A cientista que ela era, ela trocou o terno afiado por calças de carga e uma blusa em bom estado.

Havia algo pequeno e preto em suas mãos. Também havia uma caixa de plástico aos seus pés e uma lata pendurada em uma tira em volta do pescoço. Aerossolizador e vírus, eu pensei.

Ela olhava na frente dela, como se tentando localizar o Véu, descobrir o que ela estava olhando, como exatamente realizar seu trabalho. Isso significava que não estávamos muito atrasados. Não havia sinal de Lorenzo Caval, mas não havia tempo para esperar por ele.

Nós precisávamos nos mover.

O Hummer desacelerou atrás de nós, então parou ao lado. Uma sombra passou, asas momentaneamente bloqueando o sol, e então Malachi pousou na estrada na nossa frente, asas de marfim lançando sombras afiadas no asfalto.

Com o cabelo despenteado do voo, ele parecia um anjo vingador. E hoje, isso provavelmente não estava longe da verdade.

— Ele é simplesmente... Lindo — disse Gunnar, sua voz um pouco grave.

Isso quebrou a tensão no carro por um longo momento. — Eu pensei que deveríamos nos concentrar na missão — disse eu.

— Ele faz parte da missão — disse Gunnar. — Uma parte muito admirável.

Quando Malachi retraiu suas asas, Rachel e eu abaixamos nossas respectivas janelas. Mas o olhar dela não se afastou dele conforme ele caminhava em nossa direção.

— Você a viu? — perguntei.

— No dique — disse Gavin, inclinando-se para frente.

— Caval? — perguntou Malachi.

— Nenhum sinal dele — disse Liam. — Blackwell poderia ter decidido que ele é descartável.

— Ou talvez ele esteja completamente ausente — disse eu. — Ficou esperto, relativamente falando, e decidiu que era melhor sair antes que ela fizesse isso.

Gunnar não parecia convencido por qualquer opção. — Um homem disposto a matar seu próprio irmão é de um senso de prioridades completamente distorcido, não está preocupado em ser pego. Ele estava preocupado com a missão. Nós seguimos como planejado — decidiu ele —, mas fiquem em alerta.

— Nós continuaremos — disse Gavin —, venha por trás.

— Irei circular ao redor, vindo do lado do rio — disse Malachi.

Gunnar assentiu. — Não vamos esperar você entrar em posição. Vamos agora, proteja o vírus antes que ela tente implantá-lo.

— Me desculpe — disse eu para ninguém em particular quando saímos do carro. — Eu sinto muito por tudo o que ela está prestes a fazer.

— Você não fez suas escolhas por ela.

Eu olhei para Malachi, vi compreensão em seus olhos, e assenti.

— Você está certo — disse eu, olhando para minha mãe novamente. — Mas eu serei a única a impedi-la.

* * *

— Eu quero falar com ela primeiro — disse eu enquanto caminhávamos pelo campo – que era pelo menos um par de acres de largura. Laura descera do dique e andava em pequenos círculos, provavelmente tentando encontrar exatamente onde precisava mirar.

Ela estava perto do Véu em Talisheek, mas não tinha magia, então não seria capaz de sentir isso ou ver. Ela teria que confiar na longitude para encontrá-lo, e mesmo assim ele tremulava através da linha de longitude.

Mas eu podia sentir muito bem. Era difícil entender o tamanho do Véu. Não era linear entre nós. Era uma divisão em nosso mundo, estendendo-se lado a lado infinitamente. Ele brilhava forte o suficiente para alcançar a atmosfera, longe o suficiente para que desaparecesse no horizonte. Era grande e poderoso, e segurava o rio da magia e Paranormais do outro lado.

Em preparação para o seu trabalho, Laura havia retirado o carregador. Ela segurou-a em uma mão e inseriu o cartucho de vírus em um dispositivo em forma parecida com um extintor de incêndio.

— Laura.

Ela congelou e virou para trás, apontando sua arma biológica. Eu não achei que faria qualquer coisa para mim – nenhum humano ficou doente ainda – mas ainda levantei minhas mãos.

Eu estava ficando cansada de fazer isso ultimamente. De me sentir como uma criminosa.

Seu lábio se curvou com raiva. — Não tenho tempo para você. Eu tenho trabalho a fazer.

Eu podia vê-los se movendo na minha visão periférica. — Seu trabalho acabou. Você está cercada, e nós vamos levar o carregador, o vírus e a arma.

— Eu não pararei nada. Tenho trabalho a fazer. Um trabalho para terminar. — Ela se virou para encarar o Véu e levantou o carregador.

— E eu mencionei que as tropas da Contenção estão a caminho? Você os entrega para nós agora, e isso será muito mais fácil para você.

— Droga. — Ouvi a voz de Gunnar atrás de mim. — Senhora. Blackwell, eu não quero atirar, mas vou. Se for entre você e o Véu, eu atirarei.

Ela não se moveu por um momento, então olhou por cima do ombro. — Por que você está sendo irracional? Isso é ciência. O ponto culminante de anos de pesquisa.

— E você destruiria uma civilização que está há milênios em construção.

Ela se virou, ofegou quando Malachi pousou na frente dela, as asas estendidas e fúria em seus olhos dourados.

Ela deu um passo cambaleante para trás, e Gavin estava lá para agarrá-la. Ele imobilizou os braços dela enquanto Malachi avançava, sem se preocupar em esconder as asas, e arrancou o carregador dela.

— Você é uma desgraça para os humanos e sua filha.

— Darby! — chamou Gunnar, e ela correu, segurando o refrigerador aberto, estendeu-o enquanto Liam retirava a lata da arma e a colocou cuidadosamente dentro da caixa.

— Eu o tenho — disse Darby, e colocou a tampa no lugar. — Recipiente de vírus contido.

— Esse é o meu trabalho — disse minha mãe veementemente, lutando contra o aperto de Gavin. — É todo o meu trabalho.

— Isso é suficiente — disse Liam —, você deveria ter se concentrado em algo um pouco menos desagradável.

— E falando em foco — disse Gunnar enquanto a algemava —, cadê Caval?

— Não sei do que você está falando.

— Você sabe — disse Gunnar. — E foi muito idiota da sua parte não deixá-lo ajudá-la hoje. Vocês dois juntos poderiam ter realmente realizado seu genocídio. Mas você não conseguiu. Nós vencemos você. — Ele apontou para Malachi. — Um Para venceu você. — Depois para mim. — E a filha que você abandonou bateu em você. Mas você terá bastante tempo para pensar em como eles te derrotaram quando estiver na prisão.

As palavras que saíam de sua boca foram subjugadas pelo barulho que encheu o ar: as sirenes rugindo em nossa direção enquanto aviões da Contenção e veículos blindados corriam em direção à estrada.

— E aqui vem a cavalaria — gritou Gunnar por cima do barulho. Ele puxou uma unidade de comunicação de seu cinto. — O prisioneiro e o pacote estão contidos — disse ele.

Todos os veículos abrandaram visivelmente – todos, menos um, que disparou em nossa direção, indiferentes à ordem de Gunnar. E então levantou a arma de fogo e apontou diretamente para nós.

— Caval — murmurei, e assisti, hipnotizada, quando uma estrela saindo do focinho voou em nossa direção.

— *Está chegando!* — gritou Gunnar, e empurrando Liam e eu para o chão, agarrou Laura Blackwell e a puxou para baixo também.

Eles caíram no chão juntos, o tiro voando apenas alguns centímetros acima de suas cabeças. E não parou. O disparo prosseguiu, indo para a coisa diretamente atrás deles, o enorme e invisível alvo.

Enquanto observávamos em horror, o disparo acertou em cheio, e o normalmente invisível Véu refletiu e ondulou como água espalhada pelo seixo, estremecendo como um vídeo em câmera lenta.

— Puta merda — disse Gunnar enquanto todos nós prendíamos nossa respiração.

A cicatriz era pequena no início, tão pequena que era quase invisível, um pouco de poeira se espalhou pela minha visão e seria removida quando eu piscasse.

Olhei para trás e observei agentes da Contenção abrir a porta do veículo e arrastar o homem de lá. Um homem que se parecia muito com Javier Caval.

Nós achamos Lorenzo.

Mas o buraco se expandiu, e o chamuscar em torno da borda ficou mais claro, como uma queimadura de cigarro no tecido. E estava crescendo, o círculo se expandindo exponencialmente a cada milissegundo que se passava.

— Malachi! — gritei, e ouvi o bater de asas no vento atrás de mim.

— Não — disse ele, e o horror em sua voz quase me derrubou de joelhos. — Não!

Demorei muito para perceber que, se conseguisse mover objetos, talvez pudesse mover os lados do Véu, juntá-los com magia. Afinal de contas, os limites do rasgo forjado pelos Paranormais foram bloqueados por Sensitivos. Por que não conseguiríamos uni-los agora?

Estendi a mão para o poder. O ar estava nadando com magia, mas não a espécie familiar. Era magia do outro mundo, do mesmo lugar que o resto da magia do nosso mundo. Mas essa magia era real, original. Não foi filtrada pelo Véu, pela atmosfera e objetos deste mundo. Era pura, diferente de qualquer coisa que eu senti antes. E talvez porque não fosse filtrada através do mundo humano, doeu.

Comecei a girar os filamentos de magia ao meu redor, a dor explodindo nos meus braços como agulhas em um membro adormecido.

E a abertura no Véu cresceu ainda mais.

— Não — disse eu, com os dentes cerrados, reunindo cada fragmento de força que eu tinha, com toda a energia em reserva. Enfiei a magia em torno de um lado da brecha do Véu e, em seguida, usei magia para tentar forçá-los juntos.

Suor irrompeu em meus braços, a dor como fogo através deles enquanto eu tentava desesperadamente puxar um lado para o outro, esticar o que restou.

Limpei o suor da testa e tentei novamente. Mas não funcionou. Eu poderia mover o Véu somente quando havia Véu para se mover. Estava se desintegrando mais rápido do que eu poderia aguentar.

— Claire.

— Não — disse eu para Liam, e sacudi a mão dele. — Não. Eu farei isso. Vou consertar isso. Ajude-me, Liam. Você tem que me ajudar.

— Claire, baby, eu faria. Mas você não pode consertar isso.

Eu não queria que ele estivesse certo. Mas ele estava.

Não importa o quanto tentei, o quão forte eu puxei, não havia mais nada do Véu ligado. Não há magia suficiente para consertar o buraco que a Contenção criara.

A distância era grande o suficiente agora para enxergar. Em vez de ver mais da Louisiana, poderíamos ver vislumbres do Outro mundo – e dos uniformes carmesins daqueles que esperavam por nós do outro lado.

Laura Blackwell não havia infectado o Outro mundo.

Ela ajudara a destruir o Véu.



Capítulo 21

As bordas carbonizadas do Véu desapareceram na distância. Se alguma coisa restasse da barreira, estava muito longe para importar agora.

O Outro mundo agora preenchia nossa visão, obscurecendo o que poderíamos ter visto da Louisiana.

Eles estavam montados em cavalos brancos, uma dúzia que eu podia ver. Paranormais, todos eles, e todos em equipamento de batalha. Armadura dourada com longos mantos vermelhos por baixo, adornos dourados, cobertos por pelos ou penas vermelhas, e reluzentes armas douradas nas mãos. Os cavalos eram enormes garanhões brancos com pernas grossas, longas crinas onduladas, narinas largas e fumegantes.

Não vi a comandante que havia esperado no Outro mundo da última vez que o Véu quase foi aberto, a mulher que olhou dentro dos meus olhos com assassinato nos dela. Mas isso não aliviou meus medos. Eles eram de diferentes formas, tamanhos, tons de pele. Mas todos pareciam prontos para lutar.

Alguns dos Paras tinham asas como as de Malachi. Outros tinham estrias de carmesim nas cabeças, narizes e queixos, e o mesmo carmesim ao longo das pontas dos dedos. Eles eram chamados Seelies, membros da Corte da Alvorada, a facção que rompera o Véu e liderou a guerra contra nós.

— A Corte de Alvorada! — gritou Malachi. — Estejam prontos!

Tínhamos alguns humanos e Paras, alguns veículos da Contenção e algumas dúzias de soldados – apenas pessoas suficientes para ameaçar um cientista.

Eles tinham duas dúzias de soldados montados com armaduras que resistiam a armas humanas, ou antes de Contenção ter mexido na artilharia. Só Deus sabia o que aconteceria agora.

— General! — Rachel correu em direção a Malachi. — Você gostaria de liderar?

Ele olhou para ela por um momento. Então sua expressão mudou, endureceu, e ele olhou para suas magras tropas. Os Paranormais tinham um longo caminho a percorrer em direção à igualdade, mas o fato da Contenção dar a Malachi o controle das tropas humanas era um grande negócio, ou me parecia.

— Crie um arco — disse ele, e começou a apontar para os locais. — Soldados na frente, veículos blindados em cada extremidade, apontando para o Outro mundo. Você pega essa ponta — disse ele apontando para a direita. — Eu pegarei a outra. Eles tentarão nos flanquear; é o que eles são treinados para fazer. Não permita, capitã.

Aquela única palavra – dizendo o título dela – continha calor suficiente para queimar. E a aparência de seus olhos dizia que ela sabia disso. Eu tinha a sensação de que um beijo entre Malachi e Rachel teria muito calor.

A promessa disso, a lembrança do amor e da conexão, fez com que eu me sentisse incrivelmente melhor. Eu olhei para o Outro mundo. Ou tão bom como se pode sentir quando se olha para grupo de pessoas que nos queriam mortos e nos arrancar do nosso mundo.

— E quanto a nós? — perguntou Erida.

— Leve o máximo que puder, e não pare de matá-los. Eles não vão parar de matar. — A repugnância nos olhos de Malachi parecia antiga, construída a partir de anos de raiva e desconfiança.

Uma trombeta soou do mundo deles; longa, baixa e oscilante, e levantou o cabelo da minha nuca. Um flashback ameaçou, mas balancei. Não aqui, não agora.

A mulher na frente da fila de cavalos gritou, e eles avançaram.

A Batalha de Belle Chasse havia começado.

* * *

— Nós ficaremos juntos — disse Liam, segurando minha mão enquanto tomávamos posições na linha de frente. Minha mão estava úmida, meu coração batendo como um tambor, enquanto os soldados galopavam em nossa direção.

Os olhos de Liam eram completamente dourados agora, tão densos e cintilantes como os de Malachi. Mas não havia dúvida sobre a fúria humana em seus olhos, ou o olhar de ódio que ele dirigiu àqueles que nos destruiriam.

— Fique comigo — disse ele. — Nós ficamos juntos, trabalhamos juntos, vamos ficar bem.

Mas então o exército cruzou o nosso mundo, e todo o inferno desabou.

Como se adivinhassem o nosso plano, um dos Seelies, seu cabelo branco fluindo sob seu elmo dourado, nos atacou.

— Claire! — gritou Liam quando eu me movi primeiro, correndo para o lado quando ela apontou seu gancho entre nós com um sorriso maligno.

Ela estava perto o suficiente para que meu cabelo agitasse quando ela passou, perto o suficiente para que eu pudesse sentir o cheiro de cravo em sua pele, o cheiro quente de cavalo, sua armadura bem azeitada.

Ela deu a volta e voltou, pegou o arco de suas costas com uma mão e a flecha de seu cavalo com a outra, e disparou.

Eu sorri, e reuni magia, fiz o meu melhor ataque... E parei a flecha no meio do voo.

Ela tremeu no ar a dois metros do meu rosto. Segurando firme, eu me virei, girei com a ponta do dedo e olhei para ela. — Você quer voltar para o Além?

Ela gritou e atacou.

Empurrei a flecha na direção dela, e ela quase não se esquivou, a ponta de metal roçando o ombro dela. Ela gritou novamente, lançando outra flecha, disparou.

Seus movimentos eram tão rápidos que não tive tempo para me preparar para pegar aquela flecha. Atingi o solo em meu estômago, ouvi a flecha zunir sobre minha cabeça, e então seu gancho estava quase em cima de mim.

Gritei quando fui levantada e olhei para os olhos dourados.

Mas desta vez, não era um inimigo.

Liam esmagou sua boca na minha. — Juntos — disse ele.

Minha cabeça estava girando, mas eu assenti. — Vamos tentar de novo. — Tive apenas um momento antes da próxima rodada. — Atrás de você! — gritei, e o puxei para o lado, a centímetros de onde a lança dourada escorregou para o chão.

Vi uma dessas antes, eu sabia que elas eram pesadas. Mas com nós dois juntos...

— Tenho uma ideia. Mas é um pouco sujo.

— Eles vão nos matar se puderem — disse ele. — Sujo está bem.

Olhei para trás. O soldado que jogou a lança – um homem desta vez, um Seelie com pele escura e barba com a mesma faixa carmesim – galopou em nossa direção.

— Um Seelie acabou de entrar — disse eu, e Liam assentiu.

— Bem aí com você — disse ele, e pegou minha mão.

Havia muita magia no ar, especialmente agora que se afunilava através do Véu aberto, mas era estranha e selvagem, e muito mais difícil de manejar. Levou preciosos segundos para arrancar a enorme lança do chão, para que ficasse na horizontal. E nós tivemos apenas dois segundos para mover.

— Em três — disse Liam. — Um, dois, *três*!

Levantamos a lança para a altura do peito do Para.

O cavalo galopou em nossa direção, passando por baixo da lança. Mas o condutor bateu na lança, depois caiu no chão e não se levantou. Nós deixamos a lança cair; era pesada o bastante, e densa, que nem sequer quicou.

A terra tremeu, e nós olhamos para ver a fumaça subindo de um morteiro disparado no outro lado do campo de batalha, onde soldados, cavalos e Paranormais caíram.

Fodida guerra, eu pensei, e me deixei desviar o olhar. Eu necessitava fazer isso se eu fosse passar por isso.

Atrás de nós veio um grito de banshee. Uma fêmea Seelie, espada dourada erguida sobre a cabeça, correndo em nossa direção, seu olhar voltado para mim, talvez porque eu fosse menor e ela acreditasse que eu era mais fraca, o alvo mais fácil.

Mas Liam decidiu que ninguém iria me pegar. Ninguém passaria por ele.

Seus olhos brilhando dourados, ele colocou a mão no chão como um velocista no bloco, então se soltou. Eles correram em direção um ao outro. Liam

saltou, impulsionando seu corpo em um pedacinho desumano no ar – talvez emprestando sua magia para a viagem – braços para trás e prontos para atacar.

Eles se encontraram com uma chama de fogo e o poder enviou uma onda de choque de magia através do ar; depois eles atingiram o solo com força suficiente para colocar um buraco na terra e fazendo sujeira voar.

A Seelie balançou a espada. Liam o bloqueou.

Observei por um momento para intervir, por uma chance de lhe dar uma mão, de agarrar a espada ou a mulher, mas eles eram um borrão de ação enquanto ele se alimentava da magia dela e combinava ataque com ataque.

Estava tão concentrada que o ouvi antes de perceber o que era – o zumbido no ar, o som da velocidade e do perigo. E mesmo quando olhei para cima, tudo que pude ver foi a ponta brilhante da flecha dourada vindo direto para mim.

— Não!

Erida saltou em minha direção, me derrubando.

Ouvi a flecha aterrissar com um horrível golpe de carne e Erida caiu em cima de mim.

— Oh, não — murmurei, saindo de debaixo dela e tentando rolar sobre ela – tanto que eu podia, dada a flecha perfurando seu do peito. — Oh, Jesus, Erida. Por que você fez isso?

Ela sorriu um pouco. — Isso não é muito gentil de sua parte.

— Estou grata e chateada... — parei e olhei para ela, tentando descobrir alguma forma de ajudá-la, de mover a flecha.

Mas havia apenas aceitação em seus olhos. Ela estendeu a mão e apertou a minha. — Eu fiz pelo seu pai. Porque eu o amava mais do que tudo. E você era filha dele. Ele se foi antes que eu quisesse que ele fosse. Mas este é um presente que posso dar a ele, mesmo agora.

Bon dieu, pensei, pegando emprestada uma das frases favoritas de Liam enquanto lágrimas escorriam pelo meu rosto.

Ela estremeceu, com sangue no canto da boca. E eu sabia o que poderia dar dela.

— O posto de gasolina — disse eu. — Lembra-se do que você me contou sobre ele?

A mandíbula se fechou e ela assentiu.

— Ele terminou, Erida. Mas não é apenas um posto de gasolina. É um museu. Todos aqueles artefatos mágicos que a Contenção tentou queimar, tentou se livrar, ele salvou. Livros, armas, objetos. Centenas deles.

Ela apertou minha mão, tentou sorrir contra a dor. — Ele os salvou.

— Sim. — Eu não sabia o porquê, mas eu poderia ter um bom palpite. — E, também, há mais trabalho nele. Comida, camas, uma cozinha. — Engoli as lágrimas, tentando encontrar a força para fazer isso. — Não seria apenas uma loja. Acho que ele salvou os objetos para você, e acho que ele queria que nós três morássemos juntos. Ser uma família. Eu e você e ele.

Lágrimas escorregaram de seus olhos, gratidão clara neles. — Obrigada, Claire. Obrigada, obrigada.

— Obrigada por fazê-lo feliz, Erida. Ainda que não fosse por tempo suficiente.

Ela apertou minha mão novamente, então fechou os olhos fortemente contra uma óbvia explosão de dor. Houve uma súbita inspiração, e então seus olhos se abriram e ela ficou quieta, mesmo quando a batalha se travava atrás de nós.

Liam me protegeu, me observou e esperou. Eu tirei o cabelo de seu rosto, em seguida, uni as mãos em seu peito e me levantei. Eu choraria por Erida, pelo que ela significava para meu pai. Mas eu não podia fazer isso agora.

Havia uma luta para terminar.

* * *

Havia mais sangue. Mais morte. Os Paras, por sua vez, eram guerreiros ferozes. Mas, embora as novas mortalhas da Contenção ainda estivessem sendo testadas, elas eram ferozes. Elas cortavam armaduras da mesma maneira que cortavam o Véu. Infelizmente, apenas meia dúzia foram fabricadas até agora. E todas foram esgotadas hoje.

Quando a fumaça se espalhou como neblina pelo campo, os aromas de pólvora e sangue no ar, o mundo ficou quieto.

Malachi emergiu através da fumaça que girava em torno de suas botas. Suas asas estavam dobradas, mas ainda visíveis. O arco de cima de sua asa

esquerda estava rasgado, seu sangue brilhantemente recortado contra as penas de marfim.

— É isso? — perguntou Liam. — Provavelmente foi uma unidade sentinela designada para vigiar o Véu por violações — disse Malachi.

Liam examinou a devastação. — Eles foram apenas a primeira onda.

— A primeira parte da primeira onda — corrigiu Malachi. — Uma unidade de guarda. Eles teriam passado um sinal, um aviso, no momento em que o Véu começou a se abrir. — Ele enxugou o suor e fumaça de seu rosto. — Um batalhão será o próximo, o que estiver mais próximo. E quando vierem, eles virão com armas e morte. Nós precisamos nos preparar.

Ele caminhou em direção a Gunnar, que conversava com algumas tropas.

Liam estendeu a mão e apertou a minha. — Eu vou falar com eles.

— Vá em frente. — Eu o assisti ir – temporariamente, desta vez – e então voltei para Laura e Caval. Eles estavam ajoelhados a seis metros de distância.

Havia uma contusão na maçã do rosto de Laura, uma mancha de sangue de um corte na bochecha. Mas ao contrário de muitos outros, eles estavam vivos.

Eles eram a razão para tudo isso. Caminhei em direção a eles e olhei para eles. — Como você pode ser tão egoísta?

Ela afastou o cabelo dos olhos. — Eu fiz o que me pediram para fazer.

— Você foi demitida. Icarus foi desmanchado. Mas você decidiu continuar. Continuar desenvolvendo.

Seus olhos estavam claros e totalmente livres de culpa. Livre de consciência, se isso fosse possível. — Eu tinha um trabalho a fazer, uma missão. Eu não pararia porque alguém se assustou. Porque alguém queria ignorar a realidade. Você acha que Paranormais são nossos amigos? Olhe para você.

Ela nunca mudaria de ideia. Ela tinha pelo menos quarenta anos e não conseguia ver o mundo fora de sua visão míope. E isso não importava. Eu não importava para ela, e ela não precisava me importar. Eu não era responsabilidade dela, e ela não era minha.

Eu olhei para o Caval. — Você destruiu o Véu.

Seu sorriso era amplo e totalmente sem dúvida. — Nós os vencemos antes. Nós venceremos novamente.

— Você não vencerá ninguém — disse eu. — Vocês estarão na prisão. Trancados para o resto de suas vidas. Longe do seu dinheiro, longe do seu laboratório. Vocês terão muito tempo para pensar em todas as suas conquistas.

— Temos amigos.

— Não mais — disse eu. — O jogo acabou, e seus amigos estão tão submersos quanto você.

Liam e Gunnar voltaram com meia dúzia de agentes da Contenção.

Um dos agentes, um distintivo do MP em seu uniforme, deu um passo à frente. — Laura Blackwell e Lorenzo Caval. Vocês estão presos por homicídio, várias acusações, atos terroristas e outras cobranças que serão feitas a vocês.

Eles foram puxados, e dois dos agentes levaram os prisioneiros em direção a um dos veículos.

Mas outros agentes ficaram. E eles olharam para Liam e eu com expressões sombrias. Eles nos viram fazer magia. Grande magia. Magia poderosa. Liam foi inocentado do assassinato, mas nós ainda violamos a lei.

Nós ainda éramos criminosos.

Um dos agentes deu um passo à frente. Gunnar tentou se mover na nossa frente, para nos proteger, mas eu estendi a mão e balancei a cabeça.

— Claire Connolly e Liam Quinn, eu sinto muito, mas vocês estão presos por múltiplas violações da Lei da Magia. Vamos precisar levar vocês.

— Não — disse eu —, eu não acredito que vocês irão. — Porque eu estava absolutamente cansada disso.

As sobrancelhas do agente se levantaram.

— Nós não levantaremos nossas mãos. Não vamos com vocês e não vamos entrar na Ilha do Diabo. — Peguei a mão de Liam e sorri para ele. — Uma pequena ajuda?

— Sempre.

Alcancei a magia e ofeguei com o volume dela. Fluía da Terra agora, filamentos enchendo o ar como milhões de vaga-lumes. Tanta magia que eu pude sentir flutuando entre meus dedos.

— Droga — disse Liam, engolindo em seco. — Há muito disso.

E haveria mais do que isso eventualmente. Mais magia em nosso mundo, mais humanidade – se isso fosse uma coisa – na deles. Porque o Véu foi rasgado, e não havia volta.

O agente colocou a mão em sua arma.

— Nem você apontará isso para nós — disse eu, e levantei minha mão.

A magia de Liam se juntou a minha, trançada em torno dela, e juntos, nós levantamos todas as armas do grupo para o alto, deixando-as flutuar seis metros acima de suas cabeças.

Alguns dos agentes saltaram, lutando para manter suas armas. Outros apenas olhavam para nós, boquiabertos e com medo – ou boquiabertos e completamente intimidados.

— Em poucas horas — disse eu —, talvez mais cedo, batalhões de tropas Paranormais passarão por aquela brecha e entrarão em nosso mundo. Eles estão esperando por uma oportunidade de ir à guerra, e Lorenzo Caval acabou de dar uma a eles.

— Liguem para o Comandante — disse Liam a eles. — Diga a ele para se preparar para a guerra.

Apertei a mão dele, meu parceiro e meu amigo. — E diga a ele que estamos prontos para lutar.